J.K. ROWLING

O Ickabog

ROCCO DIGITAL

J.K. ROWLING

O Ickabog

Ilustrado pelos vencedores do
concurso de ilustrações *O Ickabog*

TRADUÇÃO DE RYTA VINAGRE

ROCCO DIGITAL

O Ickabog é dedicado a:

Mackenzie Jean

Cuja história preferida sempre foi esta e
que me estimulou por uma década a escrevê-la direito;

Megan Barnes
e
Patrick Barnes;

Em eterna memória de
Lisa Cheesecake e o Llama;

e, naturalmente, às duas maravilhosas Daisies,

Daisy Goodwin
e
Daisy Murray,

filhas orgulhosas do QSC

Prefácio

Tive a ideia de *O Ickabog* muito tempo atrás. A palavra “Ickabog” deriva de “Ichabog”, que significa “sem glória” ou “a glória partiu”. Creio que você entenderá por que escolhi o nome depois de ter lido a história, que trata de temas que sempre me interessaram. O que os monstros que conjuramos dizem a respeito de nós mesmos? O que deve acontecer para que o mal se apodere de uma pessoa, ou de um país, e o que é necessário para derrotá-lo? Por que as pessoas preferem acreditar em mentiras, mesmo com poucas provas ou na ausência completa delas?

O Ickabog foi escrito aos trancos e barrancos entre os livros Harry Potter. A história nunca passou por nenhuma alteração séria. Sempre começou com a morte da pobre sra. De Pombal e sempre terminou… Bom, não vou contar agora, pode ser que você esteja chegando à história pela primeira vez!

Li a história em voz alta para minhas duas filhas mais novas quando elas eram muito pequenas, mas nunca a terminei, para grande frustração de Mackenzie, porque esta era sua história preferida. Depois que concluí os livros Harry Potter, fiz um intervalo de cinco anos e, quando decidi não publicar outro livro infantil na época, *O Ickabog* foi para o sótão, ainda inacabado. Ali ele ficou por mais de uma década, e provavelmente ainda estaria lá se a pandemia de Covid-19 não tivesse acontecido e

milhões de crianças não ficassem presas em casa, incapazes de ir à escola ou de encontrar os amigos. Foi quando tive a ideia de colocar a história gratuitamente na internet e pedir às crianças que a ilustrassem.

Desceu do sótão a caixa muito empoeirada de folhas de papel digitadas e manuscritas, e parti para o trabalho. Minhas filhas agora adolescentes, que foram o primeiríssimo público de *O Ickabog*, sentaram-se e ouviram um capítulo por noite depois de eu quase ter terminado. De vez em quando, perguntavam por que eu tinha cortado algo de que elas gostaram e, naturalmente, refiz tudo de que sentiam falta, assombrada com o fato de elas se lembrarem.

Além de minha família muito solidária, quero agradecer àqueles que me ajudaram a colocar *O Ickabog* on-line em um espaço de tempo tão curto: meus editores Arthur Levine e Ruth Alltimes, James McKnight, da Blair Partnership, minha equipe gerencial Rebecca Salt, Nicky Stonehill e Mark Hutchinson e meu agente, Neil Blair. Foi de fato uma tarefa hercúlea para todos os envolvidos, e eu não poderia ficar mais agradecida. Também quero agradecer a cada criança (e o ocasional adulto!) que enviou imagens para o concurso de ilustrações. Examinar as obras de arte foi uma alegria, e sei que não sou a única a ficar admirada com o talento exibido. Quero acreditar que *O Ickabog* proporcionou a primeira exposição pública de alguns futuros artistas e ilustradores.

Voltar à terra da Cornucópia e terminar o que comecei tanto tempo atrás foi uma das experiências mais

recompensadoras de minha vida de escritora. Só o que me resta dizer é que espero que você desfrute da leitura da história tanto quanto eu gostei de escrevê-la!

J.K. Rowling
Julho de 2020

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

CAPÍTULO 1

Rei Fred, o Intrépido

Era uma vez um país pequenininho chamado Cornucópia, que há séculos era governado por uma longa linhagem de reis louros. O nome do rei da época em que escrevo esta história era Fred, o Intrépido. A parte do “Intrépido” foi ele mesmo que anunciou, na manhã da coroação, em parte porque parecia combinar com “Fred”, mas também porque uma vez ele conseguiu pegar e matar uma vespa sozinho, se a gente descontar os cinco lacaios e o engraxate.

O rei Fred, o Intrépido, chegou ao trono em uma onda enorme de popularidade. Tinha lindos cachos amarelos, um bigode grande e elegante e ficava magnífico nos calções apertados, no gibão de veludo e na camisa de babados que os ricos usavam naquela época. Diziam que Fred era generoso, sorria e acenava sempre que alguém o avistava, e estava muitíssimo lindo nos retratos distribuídos por todo o reino para serem pendurados na parede das prefeituras. O povo da Cornucópia estava muito feliz com o novo rei, e muitos achavam que ele acabaria sendo um regente ainda melhor do que o pai dele, Ricardo, o Correto, cujos dentes eram bem tortos (mas ninguém gostava de falar nisso na época).

No fundo, o rei Fred ficou aliviado quando descobriu como era fácil governar a Cornucópia. Para falar a verdade, parecia que o país se governava sozinho. Quase todo mundo tinha muita comida, os mercadores ganhavam rios de moedas de ouro e os conselheiros de

Fred cuidavam de qualquer probleminha que aparecesse. O que sobrava para Fred fazer era sorrir para os súditos sempre que saía em sua carruagem para caçar, cinco vezes por semana, com os dois melhores amigos, Lorde Cuspêncio e Lorde Palermo.

Cuspêncio e Palermo tinham suas grandes propriedades de terra no país, mas achavam muito mais barato morar no palácio com o rei, comer a comida dele, caçar os cervos dele e garantir que não se apaixonasse por nenhuma das belas damas da corte. Eles não queriam que Fred se casasse, já que uma rainha poderia acabar com toda a diversão dos dois. Durante um tempo, o rei pareceu interessado em Lady Eslanda, de pele tão escura e bela quanto Fred era louro e elegante, mas Cuspêncio convenceu o rei de que ela era muito séria e inteligente demais para que os súditos a amassem como rainha. Fred não imaginava que Lorde Cuspêncio tinha um ressentimento contra Lady Eslanda. Certa vez ele a pedira em casamento e ela não havia aceitado.

Lorde Cuspêncio era um homem muito magro, astuto e esperto. Seu amigo Palermo tinha a cara vermelha e era tão tremendamente gordo que precisava de seis homens para colocá-lo montado em seu imenso cavalo alazão. Palermo não era tão esperto quanto Cuspêncio, mas ainda assim era mais afiado do que o rei.

Ambos os lordes eram especialistas em bajulação, e fingiam espantar-se com o quão bom Fred era em tudo que fazia, desde cavalgar até as disputas nos jogos de tabuleiro. Cuspêncio tinha um talento especial para persuadir o rei a fazer coisas de que ele próprio, o conselheiro, gostava, enquanto Palermo tinha o dom de convencer o rei de que não havia ninguém na face da Terra mais leal do que seus dois melhores amigos.

Fred considerava Cuspêncio e Palermo uns sujeitos muito agradáveis. Eles o incentivavam a dar festas elegantes, piqueniques sofisticados e banquetes suntuosos. Nunca ninguém viu, nem antes nem depois, banquetes como os que foram dados nas terras da Cornucópia nos primeiros dias do reinado de Fred, o Intrépido, pois a Cornucópia era um país famoso, muito além de suas fronteiras, pela comida. Cada uma das cidades da Cornucópia era conhecida por uma comida diferente, e cada uma delas era a melhor do mundo.

A capital de Cornucópia, Profiterólia, ficava no sul do país, e era cercada por hectares de pomares, campos de trigo dourado e reluzente e uma relva esmeralda em que pastavam vacas leiteiras totalmente brancas. O leite, a farinha e as frutas produzidas pelos fazendeiros dali eram entregues depois aos excepcionais padeiros de Profiterólia, que então faziam bolos, tortas e doces.

Pense, por favor, no bolo ou no biscoito mais delicioso que você já provou. Olha, vou te contar que eles teriam vergonha de servir isso em Profiterólia. Se os olhos de um homem não se enchessem de lágrimas de prazer ao dar uma dentada em uma torta da região, ela era então condenada ao fracasso e nunca mais era feita. Nas vitrines da padaria de Profiterólia, havia pilhas altas de iguarias como Sonhos das Donzelas, Berços das Fadas e as mais famosas de todas, as Esperanças do Paraíso, tão extraordinária e terrivelmente deliciosas que eram poupadas para ocasiões especiais, e todos choravam de alegria ao comê-las. O rei Porfírio, da vizinha Pluritânia, chegou até a mandar uma carta ao rei Fred, oferecendo a mão de uma de suas filhas em casamento em troca de um fornecimento vitalício de Esperanças do Paraíso, mas

Cuspêncio aconselhou que Fred risse na cara do embaixador da Pluritânia.

Ao norte de Profiterólia havia mais campos verdejantes e rios cristalinos e cintilantes, onde vacas pretas como breu e felizes porcos cor-de-rosa eram criados. Estes, por sua vez, serviam às cidades gêmeas de Curdesburgo e Baronópolis, separadas entre si por uma ponte de pedra em arco que cruzava o principal rio da Cornucópia, o Flume, onde barcaças de cores vivas levavam mercadorias de uma extremidade à outra do reino.

Curdesburgo era famosa pelos queijos: rodelas brancas enormes, densas bolas de canhão cor de laranja, grandes barris de queijos farelentos de veios azulados e queijos cremosos miudinhos, mais macios que veludo.

Baronópolis era célebre pelos presuntos defumados e pelo pernil assado no mel, as fatias de bacon, as linguiças picantes, os filés que derretiam na boca e as tortas de carne de cervo.

Os vapores saborosos que subiam pelas chaminés dos fogões de tijolinhos vermelhos de Baronópolis misturavam-se com o aroma perfumado que vagava das portas dos queijeiros de Curdesburgo, e era impossível não salivar ao respirar aquele ar delicioso por uns 60 quilômetros a toda volta.

A algumas horas ao norte de Curdesburgo e Baronópolis você chegava a hectares de vinhedos que sustentavam uvas do tamanho de ovos, cada uma delas madura, doce e suculenta. Siga viagem pelo restante do dia e você chegará à cidade granítica de Jeroboão, famosa pelos vinhos. Sobre o ar de Jeroboão, diziam ser possível ficar tonto só de andar pelas ruas. As melhores safras trocavam de mãos por milhares e milhares de

moedas de ouro, e os mercadores de vinho daquela região estavam entre os homens mais ricos do reino.

Porém, um pouco ao norte de Jeroboão, acontecia uma coisa estranha. Era como se a terra rica da Cornucópia, como que por mágica, tivesse se esgotado de tanto produzir a melhor relva, as melhores frutas e o melhor trigo do mundo. Na pontinha do norte ficava um lugar conhecido como Terra dos Brejos, e só o que crescia naquele lugar pantanoso eram uns cogumelos insossos e borrachudos, além de um matinho ralo e seco que servia apenas para alimentar umas poucas ovelhas sarnentas.

Os habitantes da Terra dos Brejos que criavam ovelhas não tinham a aparência elegante, harmoniosa e bem-vestida dos cidadãos de Jeroboão, Curdesburgo, Baronópolis ou Profiterólia. Eles eram esqueléticos e maltrapilhos. Suas ovelhas desnutridas nunca obtinham preços muito bons, nem na Cornucópia, nem no exterior, e assim pouquíssimos habitantes dali puderam um dia provar os prazeres do vinho, dos queijos, da carne ou dos doces da Cornucópia. O prato mais comum na Terra dos Brejos era um caldo de carneiro gorduroso, feito com os animais velhos demais para serem vendidos.

O restante da Cornucópia achava os brejeiros uma gente esquisita, carrancuda, suja e mal-humorada. Eles tinham uma voz áspera, que os outros cornucopianos imitavam como se fossem ovelhas velhas e roucas. Faziam piada de suas maneiras e de sua simplicidade. Para o restante da Cornucópia, a única coisa memorável que já havia saído da Terra dos Brejos era a lenda do Ickabog.

“Diziam que o Ickabog tinha poderes extraordinários. Podia imitar a voz humana para seduzir os viajantes e pegá-los com suas garras.”

Por Mariana, 8 anos, Manaus, AM

CAPÍTULO 2

O Ickabog

A lenda do Ickabog tem sido transmitida por gerações de brejeiros e espalhada de boca a boca até chegar a Profiterólia. Hoje em dia, todo mundo conhece a história. Naturalmente, ela mudava um pouco dependendo de quem a contava, como acontece com todas as lendas. Apesar disso, todas as histórias concordavam que um monstro vivia bem na pontinha mais ao norte do país, em um largo pedaço de pântano escuro e normalmente nevoento, perigoso demais para um ser humano entrar. Diziam que o monstro comia crianças e ovelhas. Às vezes, ele até pegava homens e mulheres adultos que vagavam perto demais do pântano à noite.

Os hábitos e a aparência do Ickabog mudavam, dependendo de quem o descrevia. Alguns diziam que era parecido com uma cobra, outros com um dragão ou com um lobo. Alguns diziam que ele rugia, outros diziam que soltava silvos e uns diziam ainda que ele flutuava, silencioso como a neblina que se espalhava de repente sobre o pântano.

Diziam que o Ickabog tinha poderes extraordinários. Podia imitar a voz humana para seduzir os viajantes e pegá-los com suas garras. Se você tentasse matar o Ickabog, ele se curava num passe de mágica, ou se dividia em dois Ickabogs; ele sabia voar, cuspir fogo, disparar veneno – os poderes do Ickabog eram tão grandes quanto a imaginação do contador da história.

“Trate de não sair do jardim enquanto eu estiver trabalhando”, diziam os pais de todo o reino aos filhos, “ou o Ickabog vai te pegar e te comer todinho!” E por todo o território, meninos e meninas brincavam de combater o Ickabog, tentavam assustar uns aos outros com a fábula do Ickabog, e, se a história se tornasse convincente demais, tinham até pesadelos com o Ickabog.

Bert Brilhante era um desses garotinhos. Quando a família convidou os De Pombal para jantar certa noite, o sr. De Pombal divertiu a todos com o que ele alegava ser a última notícia sobre o Ickabog. Naquela noite, chorando e apavorado, Bert, de apenas cinco anos, acordou de um sonho em que os imensos olhos brancos da criatura brilhavam para ele através de um pântano nevoento no qual o menino afundava devagarinho.

– Pronto, acabou – sussurrou sua mãe, que entrou pé ante pé em seu quarto com uma vela na mão, e agora embalava o filho no colo, balançando-o de um lado para outro. – Não existe nenhum Ickabog, Bert. É só uma história boba.

– Ma-mas o sr. De Pombal disse que as ovelhas sumiram! – Bert falou entre soluços.

– E sumiram mesmo – confirmou a sra. Brilhante –, mas não porque foram apanhadas por um monstro. As ovelhas são criaturas estúpidas. Elas se afastaram e se perderam no brejo.

– Ma-mas o sr. De Pombal disse que sumiu ge-ente também!

– Só as pessoas que são bobas a ponto de entrarem no pântano à noite – disse a sra. Brilhante. – Agora sossegue, Bert, não existe monstro nenhum.

– Mas o sr. De Pombal falou que as pe-pessoas ouviram vozes do lado de fora da janela e de ma-manhã as galinhas delas tinham sumido!

A sra. Brilhante não conseguiu segurar o riso.

– As vozes que elas ouviram eram de ladrões comuns, Bertinho. Lá na Terra dos Brejos, eles roubam dos outros o tempo todo. É mais fácil colocar a culpa no Ickabog do que admitir que os vizinhos estão roubando deles!

– Roubando? – Bert falou ofegante, sentado no colo da mãe e olhando sério em seus olhos. – Roubar é muito feio, não é, mamãe?

– É muito feio mesmo – disse a sra. Brilhante, levantando Bert, colocando-o carinhosamente em sua cama quente e o cobrindo. – Mas a sorte é que não moramos perto daqueles brejeiros fora da lei.

Ela pegou a vela e foi na ponta dos pés para a porta do quarto.

– Boa noitinha – sussurrou da porta. Normalmente teria acrescentado “não deixe o Ickabog te morder”, porque era assim que os pais na Cornucópia falavam com os filhos na hora de dormir, mas em vez disso ela falou “durma bem”.

Bert adormeceu de novo e não viu mais nenhum monstro em seus sonhos.

O sr. De Pombal e a sra. Brilhante eram grandes amigos. Estudaram na mesma turma na escola, e se conheciam a vida toda. Quando soube que tinha provocado pesadelos em Bert, o sr. De Pombal sentiu-se culpado. Por acaso, ele era o melhor carpinteiro de Profiterólia, então entalhou um Ickabog para o garotinho. Tinha a boca larga e sorridente, cheia de dentes, e pés grandes com garras, e num instante virou o brinquedo preferido de Bert.

Se Bert, ou seus pais, ou a família vizinha De Pombal, ou qualquer outra pessoa em todo o reino fossem informados de que coisas terríveis estavam prestes a abalar a Cornucópia, tudo por conta do mito do Ickabog, eles teriam rido. Viviam no reino mais feliz do mundo. Que mal o Ickabog poderia causar?

CAPÍTULO 3

A morte de uma costureira

As famílias Brilhante e De Pombal moravam em um lugar chamado Cidade-Dentro-da-Cidade. Era a parte de Profiterólia onde ficavam as casas de todas as pessoas que trabalhavam para o rei Fred. Jardineiros, cozinheiros, alfaiates, pajens, costureiras, pedreiros, cavalariços, carpinteiros, lacaios e criadas: todos ocupavam chalezinhos bem arrumados em volta dos terrenos do palácio.

A Cidade-Dentro-da-Cidade era separada do restante de Profiterólia por um muro alto e branco, e os portões desse muro ficavam abertos durante o dia, para que os moradores pudessem visitar amigos e familiares em outras partes de Profiterólia e fazer compras nos mercados. À noite, os portões sólidos eram fechados, e todos na Cidade-Dentro-da-Cidade dormiam, assim como o rei, sob a proteção da Guarda Real.

O major Brilhante, pai de Bert, era o chefe da Guarda Real. Um homem bonito e animado que montava em um cavalo cinza-chumbo, ele acompanhava o rei Fred, Lorde Cuspêncio e Lorde Palermo nas excursões de caça, que costumavam acontecer cinco vezes por semana. O rei gostava do major Brilhante e também gostava da mãe de Bert, porque Berta Brilhante era a confeiteira particular do rei, uma alta honraria naquela cidade de padeiros de primeira classe. Como Berta tinha o hábito de levar para casa os bolos maravilhosos que não saíam totalmente perfeitos, Bert era um garotinho gorducho e às vezes,

lamento dizer isso, as outras crianças o chamavam de "Bola de Banha" e o faziam chorar.

A melhor amiga de Bert era Daisy De Pombal. As duas crianças nasceram com dias de diferença e se comportavam mais como irmãos do que como amigos de infância. Era Daisy que defendia Bert dos valentões. Ela era magrela, porém rápida, e tinha toda a disposição do mundo para brigar com qualquer um que chamasse Bert de "Bola de Banha".

O pai de Daisy, Daniel De Pombal, trabalhava para o rei consertando e substituindo as rodas e os eixos de suas carruagens. Como tinha muita habilidade na carpintaria, ele também fazia móveis para o palácio.

A mãe de Daisy, Dora De Pombal, era a costureira-chefe do palácio, outro emprego de honra, porque o rei Fred gostava de roupas e mantinha ocupada toda uma equipe de alfaiates fazendo novos trajes para ele todo mês.

Foi o grande amor do rei pela elegância que o levou a um horrível incidente, que mais tarde os livros de história da Cornucópia registrariam como o início de todos os problemas que envolveram este pequeno reino feliz. Porém, na época em que aconteceu, apenas algumas pessoas da Cidade-Dentro-da-Cidade sabiam de alguma coisa, mesmo que para alguns tenha sido uma tragédia medonha.

Aconteceu assim:

O rei da Pluritânia iria fazer uma visita formal a Fred (ainda na esperança, quem sabe, de oferecer uma de suas filhas em troca do fornecimento vitalício de Esperanças do Paraíso), e Fred decidiu que deveria ter roupas novas em folha para a ocasião: num tom fechado

de roxo, cobertas de renda prateada, com botões de ametista e punhos com pele cinza.

Acontece que o rei Fred tinha ouvido falar que a costureira-chefe não se sentia muito bem, mas não deu muita atenção. Não confiava em ninguém além da mãe de Daisy para costurar corretamente a renda prateada, assim ordenou que o trabalho não fosse confiado a nenhuma outra pessoa. Por causa disso, a mãe de Daisy ficou sentada três noites seguidas, correndo para terminar a roupa roxa a tempo da visita do rei da Pluritânia e, ao amanhecer do quarto dia, sua assistente a encontrou caída no chão, com o último botão de ametista na mão, morta.

O conselheiro-chefe do rei foi dar a notícia, enquanto Fred ainda tomava o café da manhã. O conselheiro-chefe era um idoso sensato chamado Espinosa, com uma barba prateada que ia quase até os joelhos. Depois de explicar que a costureira-chefe tinha morrido, ele falou:

– Mas tenho certeza de que uma das outras damas poderá costurar o último botão para Vossa Majestade.

O rei Fred não gostou da cara que Espinosa fazia. Fez seu estômago revirar.

Enquanto seus camareiros o ajudavam a vestir a nova roupa roxa naquela mesma manhã, Fred tentou se sentir menos culpado ao tocar nesse assunto com os lordes Cuspêncio e Palermo.

– O que quero dizer é que se eu soubesse que ela estava gravemente doente – Fred estava ofegante, enquanto os servos o vestiam nas pantalonas justas de cetim –, naturalmente teria deixado que outra pessoa costurasse a roupa.

– Vossa Majestade é por demais bondosa – disse Cuspêncio, que olhava sua pele pálida no espelho acima

da lareira. – Nunca existiu um monarca tão generoso!

– A mulher deveria ter deixado claro, se não se sentia bem. – Lorde Palermo arrotou de uma poltrona confortável próxima à janela. – Se não estava bem para trabalhar, deveria ter dito. Considerando bem, é uma deslealdade ao rei. Ou ao seu traje, de qualquer forma.

– Palermo está certo – disse Cuspêncio, afastando-se do espelho. – Ninguém poderia tratar seus servos melhor que Vossa Majestade, senhor.

– Eu os trato *realmente bem*, não trato? – disse o rei Fred, ansioso, encolhendo a barriga enquanto os camareiros fechavam os botões de ametista. – E afinal de contas, amigos, tenho de estar no meu melhor hoje, não é verdade? Vocês sabem como o rei da Pluritânia está sempre elegante!

– Seria uma questão de vergonha nacional se o senhor estivesse menos bem vestido que o rei da Pluritânia – disse com firmeza Cuspêncio.

– Tire da cabeça essa ocorrência infeliz, Alteza – disse Palermo. – Uma costureira morta não é motivo para estragar um dia ensolarado.

Ainda assim, apesar dos conselhos dos dois lordes, o rei Fred não conseguia ficar tranquilo. Talvez fosse imaginação dele, mas achou frios os sorrisos de alguns servos naquele dia, menos inclinadas as reverências das criadas, e, durante o banquete de sua corte naquela noite com o rei da Pluritânia, seus pensamentos voltavam à costureira, morta no chão, com o último botão de ametista apertado na mão.

Antes de Fred ir dormir naquela noite, Espinosa bateu na porta de seu quarto. Depois de se curvar profundamente, o conselheiro-chefe perguntou se o rei pretendia mandar flores ao funeral da sra. De Pombal.

– Ah... ah, sim! – disse Fred, sobressaltado. – Sim, mande uma grande coroa, sabe como, dizendo o quanto eu lamento e assim por diante. Pode providenciar isso, não é, Espinosa?

– Certamente, Alteza – disse o conselheiro-chefe. – E... se me permite perguntar... de qualquer modo, pretende fazer uma visita à família da costureira, não? Como sabe, eles moram a uma curta caminhada dos portões do palácio.

– Visitá-los? – disse o rei, pensativo. – Ah, não, Espinosa, acho que eu não gostaria... quero dizer, tenho certeza de que eles não esperam por isso.

Espinosa e o rei se olharam por alguns segundos, depois o conselheiro-chefe fez uma reverência, de testa franzida, e saiu do quarto.

Ora, como estava acostumado a todo mundo dizendo que ele era um sujeito maravilhoso, o rei Fred não gostou do franzido na testa do conselheiro-chefe ao sair. Agora começava a sentir mais irritação do que vergonha.

– É mesmo uma pena – disse ele ao reflexo, virando-se para o espelho em que penteava o bigode antes de ir para a cama –, mas afinal eu sou o rei e ela era uma costureira. Se *eu* morresse, não ia esperar que *ela*...

Mas então veio a ideia de que se ele morresse, esperaria que a Cornucópia inteira parasse o que estivesse fazendo, se vestisse toda de preto por uma semana, como fizeram para seu pai, Ricardo, o Correto.

– Bom, seja como for – disse ele com impaciência para o próprio reflexo –, a vida continua.

Ele pôs a touca de seda, foi para a cama de dossel, apagou a vela com um sopro e dormiu.

“Havia cortinas pretas nas janelas e na porta de entrada.”

Por Ana Carolina, 12 anos, Sorocaba, SP

CAPÍTULO 4

A casa silenciosa

A sra. De Pombal foi enterrada no cemitério da Cidade-Dentro-da-Cidade, onde jaziam gerações de servos do rei. Daisy e o pai ficaram de mãos dadas olhando a sepultura por muito tempo depois de todos os amigos terem ido embora. Bert olhava insistentemente para Daisy enquanto a mãe chorosa e o pai de expressão séria o levavam embora lentamente. Bert queria dizer algo à melhor amiga, mas o que tinha acontecido era imenso e horrível demais para palavras. Bert nem suportava imaginar como se sentiria se a mãe desaparecesse para sempre na terra fria e dura.

Quando todos os amigos foram embora, o sr. De Pombal afastou da lápide da sra. Pombal a coroa de flores roxas enviada pelo rei e, em seu lugar, colocou um pequeno buquê de campânulas-brancas que Daisy tinha colhido naquela mesma manhã. Depois, os dois De Pombal andaram devagar para uma casa que ambos sabiam que nunca mais seria a mesma.

Uma semana depois do enterro, o rei saiu do palácio a cavalo com a Guarda Real para caçar. Como sempre, todos por seu caminho corriam apressados aos seus jardins para se curvar, fazer reverências e aplaudir. Enquanto retribuía as mesuras e os acenos, o rei notou que não tinha ninguém no jardim de um chalé. Havia cortinas pretas nas janelas e na porta de entrada.

– Quem mora ali? – perguntou ele ao major Brilhante.

– Esta... esta é a casa dos De Pombal, Vossa Majestade – disse Brilhante.

– De Pombal, De Pombal – disse o rei, de testa franzida. – Já ouvi este nome, não ouvi?

– Hmm... sim, Alteza – disse o major Brilhante. – O sr. De Pombal é carpinteiro de Vossa Majestade e a sra. De Pombal é... era... a costureira-chefe de Vossa Majestade.

– Ah, sim – disse o rei às pressas –, eu... eu me lembro.

E esporeando seu corcel branco como leite para fazê-lo galopar, o rei passou rapidamente pelas janelas de cortinas pretas do chalé dos De Pombal, tentando se concentrar na caçada do dia.

Mas, depois disso, todas as vezes em que o rei cavalgava, não conseguia deixar de ter os olhos fixos no jardim vazio e na porta coberta de preto da residência dos De Pombal e, sempre que via o chalé, a imagem da costureira morta agarrada ao botão de ametista voltava a ele. Por fim, o rei não suportou mais e convocou a presença do conselheiro-chefe.

– Espinosa – disse ele, sem olhar nos olhos do velho –, há uma casa na esquina, no caminho para o parque. Na verdade, é um belo chalé. Com um jardim maiorzinho.

– A casa dos De Pombal, Vossa Majestade?

– Oh, é lá que eles moram, é? – disse o rei Fred, com um ar distraído. – Bom, parece-me ser um lugar grande demais para uma família pequena. Creio ter ouvido que ali são só duas pessoas, não estou certo?

– Inteiramente certo, Vossa Majestade. Apenas dois, desde que a mãe...

– Não me parece muito justo, Espinosa – disse em voz alta o rei Fred –, que aquele chalé tão bonito e espaçoso seja dado apenas a duas pessoas, quando existem

famílias de cinco ou seis, imagino, que ficariam felizes com um pouco mais de espaço.

– Gostaria que os De Pombal se mudassem, Vossa Majestade?

– Sim, creio que sim – disse o rei Fred, fingindo estar muito interessado na ponta do seu sapato de cetim.

– Muito bem, Majestade – disse o conselheiro-chefe, com uma mesura profunda. – Pedirei a eles que troquem com a família Barata, que estou certo de que ficará feliz com mais espaço, e colocarei os De Pombal na casa dos Barata.

– E onde esta casa fica exatamente? – perguntou o rei, nervoso, porque a última coisa que queria era ver aquelas cortinas pretas ainda mais próximas dos portões do palácio.

– Bem no limite da Cidade-Dentro-da-Cidade – disse o conselheiro-chefe. – Muito perto do cemitério, na verd...

– Parece-me adequado – interrompeu o rei Fred, levantando-se rapidamente –, não preciso de detalhes. Apenas providencie isto, Espinosa, seja um bom sujeito.

E assim Daisy e o pai foram instruídos a trocar de casa com a família do capitão Barata que, assim como o pai de Bert, era membro da Guarda Real. Quando o rei Fred voltou a sair a cavalo, as cortinas pretas tinham sumido da porta e as crianças Barata – quatro irmãos parrudos, que por acaso eram as crianças que batizaram Bert Brilhante de “Bola de Banha” – foram correndo para o jardim e pularam, aplaudiram e agitaram bandeiras da Cornucópia. O rei Fred sorriu e acenou para os meninos. As semanas se passaram, o rei Fred esqueceu-se inteiramente dos De Pombal e voltou a ser feliz.

CAPÍTULO 5

Daisy De Pombal

Durante alguns meses depois da morte chocante da sra. De Pombal, os servos do rei se dividiram em dois grupos. O primeiro cochichava que tinha sido culpa do rei. O segundo preferia acreditar que tinha havido algum engano e que o rei não tinha como saber quão doente a sra. De Pombal estava antes de lhe dar a ordem de terminar suas roupas.

A sra. Brilhante, a confeiteira-chefe, era do segundo grupo. O rei sempre fora muito gentil com ela, às vezes até a convidava ao salão de jantar para elogiá-la por fornadas particularmente boas de Delícias do Duque ou de Caprichos Disparatados, e assim ela estava certa de que ele era um homem gentil, generoso e atencioso.

– Guarde o que estou dizendo, alguém se esqueceu de entregar uma mensagem ao rei – disse ela ao marido. – Ele *nunca* obrigou um servo doente a trabalhar. Sei que ele deve se sentir péssimo com o que aconteceu.

– Sim – disse o major Brilhante –, certamente ele se sente assim.

Como a esposa, o major Brilhante queria pensar o melhor do rei, porque ele, seu pai e seu avô antes dele foram todos servos leais da Guarda Real. Então, apesar de o major Brilhante ter notado que o rei Fred parecia bem animado depois da morte da sra. De Pombal e que caçava com a regularidade de sempre, e apesar de o major Brilhante saber que os De Pombal tiveram de se mudar da antiga casa para morar perto do cemitério, ele

tentava acreditar que o rei lamentava o que acontecera com a costureira e que não teve influência na mudança do marido e da filha dela.

O novo chalé dos De Pombal era um lugar sombrio. A luz do sol era bloqueada pelos altos teixos que margeavam o cemitério, embora, da janela do seu quarto, Daisy tivesse uma visão clara do túmulo da mãe através de uma brecha entre os galhos escuros. Como ela não era mais vizinha de Bert, Daisy via o amigo com menos frequência no seu tempo livre, mas ele a visitava sempre que podia. O quintal da nova casa era bem menor, mas eles adaptavam as brincadeiras ao espaço.

Mas o que pensava o sr. De Pombal a respeito da nova casa ou do rei, ninguém sabia. Ele nunca falava desses assuntos com os companheiros servos, continuava a trabalhar em silêncio, ganhando o dinheiro de que precisava para sustentar a filha e criar Daisy da melhor forma que podia, sem a mãe.

Daisy, que gostava de ajudar o pai na oficina de carpintaria, sempre ficava mais feliz de macacão. Era do tipo que não se importava de ficar suja e não se interessava muito pelas roupas que vestia. Entretanto, depois do enterro, ela passou a usar um vestido diferente todo dia para levar um ramalhete fresco ao túmulo da mãe. Enquanto estava viva, a sra. De Pombal sempre tentou fazer com que a filha parecesse, como a própria sra. De Pombal dizia, “uma pequena dama”, e fez para ela muitos vestidinhos bonitos, às vezes com sobras de tecido que o rei Fred bondosamente deixava que levasse depois de costurar seus trajes soberbos.

E assim se passou uma semana, depois um mês, depois um ano, até que os vestidos que a mãe tinha costurado ficaram pequenos demais para Daisy, mas ela

ainda os guardava com carinho no guarda-roupa. Outras pessoas tinham se esquecido do que acontecera com Daisy, ou se acostumaram com a ideia da morte de sua mãe. Daisy fingia que estava acostumada também. Nas aparências, sua vida voltou a algo parecido com o normal. Ela ajudava o pai na oficina de carpintaria, fazia o dever de casa e brincava com o melhor amigo, Bert, mas eles nunca falavam na mãe dela e nunca falavam do rei. Todas as noites, Daisy deitava com os olhos fixos na lápide branca distante que brilhava ao luar, até adormecer.

CAPÍTULO 6

A briga no pátio

Havia um pátio atrás do palácio onde pavões andavam, fontes jorravam e estátuas de antigos reis e rainhas vigiavam. Desde que não puxassem a cauda dos pavões, não pulassem nas fontes nem trepassem nas estátuas, os filhos dos servos do palácio podiam brincar no pátio quando saíam da escola. Às vezes Lady Eslanda, que gostava de crianças, vinha fazer guirlandas de margarida com eles, mas o mais empolgante era quando o rei Fred aparecia na sacada e acenava, o que fazia todas as crianças aplaudirem, animadas, fazendo mesuras e reverências, como os pais ensinaram.

A única ocasião em que as crianças ficavam em silêncio, paravam de pular amarelinha e de fingir combater o Ickabog era quando os lordes Cuspêncio e Palermo passavam pelo pátio. Eles achavam que os pirralhos faziam barulho demais no final da tarde, exatamente a hora em que Cuspêncio e Palermo gostavam de tirar uma soneca entre a caçada e o jantar.

Um dia, quando todos estavam brincando como de costume em meio às fontes e aos pavões, a filha da nova costureira-chefe, que usava um lindo vestido de brocado cor-de-rosa, falou:

– Ah, estou *torcendo* para o rei acenar para nós hoje!

– Bom, eu não estou – disse Daisy, que não conseguiu se conter e não percebeu que tinha falado tão alto.

Todas as crianças suspiraram e se viraram para ela. Daisy sentiu calor e frio ao mesmo tempo quando viu

todos encarando.

– Você não deveria ter dito isso – cochichou Bert. Como estava bem ao lado de Daisy, as outras crianças o encaravam também.

– Nem ligo – disse Daisy, ficando vermelha. Agora que tinha começado, podia muito bem terminar. – Se ele não obrigasse minha mãe a trabalhar tanto, ela ainda estaria viva.

Daisy sentia que há muito tempo tinha vontade de dizer isso em voz alta.

Ouviu-se outro suspiro geral de todas as crianças que a cercavam, e uma das filhas da criada chegou a soltar um gritinho de pavor.

– Ele é o melhor rei que já tivemos na Cornucópia – disse Bert, que ouvira a mãe dizer isso muitas vezes.

– Não é, não – Daisy falou em voz alta. – Ele é egoísta, fútil e cruel!

– Daisy! – Bert cochichou, apavorado. – Deixa de ser... deixa de ser *boba*!

Foi a palavra “boba” que surtiu efeito. “Boba”, quando a filha da nova costureira-chefe sorria com maldade e escondia seus cochichos com a mão ao falar com os amigos, enquanto apontava o dedo para o macacão de Daisy? “Boba”, quando o pai enxugava as lágrimas durante a noite, pensando que Daisy não estava vendo? “Boba”, quando sua mãe jazia debaixo daquela lápide fria que Daisy via pela janela do quarto de dormir, todas as noites?

Daisy recuou a mão e deu um tapa bem na cara de Bert.

Em seguida, o irmão Barata mais velho, cujo nome era Rodrigo e que agora ocupava o antigo quarto de Daisy,

gritou: “Não deixa ela se safar dessa, Bola de Banha!”, e liderou os meninos nos gritos de “Briga! Briga! Briga!”.

Apavorado, Bert deu um empurrão desanimado no ombro da amiga, e pareceu a Daisy que a única coisa a fazer era se atirar para cima de Bert, e tudo virou poeira e cotovelos até que de repente as duas crianças foram separadas pelo pai de Bert, o major Brilhante, que veio correndo do palácio para ver o que estava acontecendo.

– Que comportamento medonho – resmungou Lorde Cuspêncio, passando pelo major e pelas duas crianças que choravam e brigavam.

Mas, ao se afastar, um largo e malicioso sorriso se abriu na cara de Lorde Cuspêncio. Ele era um homem que sabia fazer bom uso de um problema, e pensava seriamente ter encontrado um jeito definitivo de livrar o pátio daquelas crianças, ou de parte delas, pelo menos.

“‘Não deixa ela se safar dessa, Bola de Banha!’, e liderou os meninos nos gritos de ‘Briga! Briga! Briga!’.”

Por Bruna, 11 anos, Santos, SP

CAPÍTULO 7

Lorde Cuspêncio conta uma história

Naquela noite, os dois lordes jantavam, como de costume, com o rei Fred. Depois de uma suntuosa refeição de carne de cervo de Baronópolis, acompanhada pelo mais refinado vinho de Jeroboão, seguido por uma seleção de queijos de Curdesburgo e alguns dos mais requintados Berços das Fadas da sra. Brilhante, Lorde Cuspêncio concluiu que a hora tinha chegado. Deu um pigarro, depois falou:

– Espero que Vossa Majestade não tenha sido incomodado por aquela briga repugnante entre as crianças no pátio esta tarde.

– Briga? – repetiu o rei Fred, cujo quarto no palácio ficava do lado oposto aos quartos dos dois amigos. – Que briga?

– Ah, meu Deus... pensei que Vossa Majestade soubesse – disse Lorde Cuspêncio, fingindo se assustar. – Eu... pensei que o major Brilhante tivesse lhe contado sobre isso.

Mas o rei Fred se divertiu mais do que se aborreceu.

– Ah, creio que as escaramuças entre crianças sejam muito comuns, Cuspêncio.

Cuspêncio e Palermo se olharam pelas costas do rei, e Cuspêncio tentou mais uma vez.

– Vossa Majestade, como sempre, é a alma da bondade em pessoa – disse Cuspêncio. – Outros reis, se

soubessem que uma criança falou da coroa de modo tão desrespeitoso...

– Como disse? – O sorriso desapareceu do rosto de Fred. – Uma criança falou de mim... desrespeitosamente?

Fred não conseguia acreditar. Estava acostumado com as crianças gritando de empolgação quando ele se curvava para elas da sacada.

– Acredito que sim, Majestade – disse Cuspêncio, examinando as unhas –, mas, como eu disse... foi o major Brilhante que separou as crianças... ele tem todos os detalhes.

As velas crepitaram levemente nos castiçais de prata.

– As crianças... dizem todo tipo de coisa, por diversão – disse o rei Fred. – Eu presumo que a criança não tenha feito por mal.

– Não foi o que me pareceu – resmungou Palermo.

– Mas – Cuspêncio falou rapidamente – foi o major Brilhante quem ouviu realmente o que foi dito. Pode ser que Palermo e eu tenhamos entendido mal.

Fred bebeu o vinho. Naquele momento, um lacaio entrou na sala para retirar os pratos de pudim.

– Aftílio – disse o rei Fred, porque era esse o nome do lacaio –, traga aqui o major Brilhante.

Ao contrário do rei e dos dois lordes, o major Brilhante não comia sete pratos por jantar toda noite. Tinha terminado sua sopa uma hora antes e se preparava para dormir quando chegou a convocação do rei. Tirando às pressas o pijama e vestindo o uniforme, o major Brilhante correu ao palácio na hora em que o rei Fred, Lorde Cuspêncio e Lorde Palermo haviam se retirado para o Salão Amarelo, onde estavam sentados em poltronas de cetim, bebendo mais vinho de Jeroboão e, no caso de

Palermo, comendo uma segunda porção de Berços das Fadas.

– Ah, Brilhante – disse o rei Fred enquanto o major fazia uma mesura profunda. – Soube que houve um pequeno tumulto no pátio esta tarde.

O major ficou desanimado. Tinha esperanças de que a notícia da briga entre Bert e Daisy não chegasse aos ouvidos do rei.

– Ah, na verdade não foi nada, Vossa Majestade – disse Brilhante.

– Ora, vamos, Brilhante – Cuspêncio falou em voz baixa. – Devia se orgulhar de ter ensinado a seu filho a não tolerar traidores.

– Eu... não foi uma questão de traição – disse o major Brilhante. – São apenas crianças, Vossa Majestade.

– Pelo que soube, seu filho me defendeu, Brilhante? – perguntou o rei Fred.

O major Brilhante encontrava-se em uma situação muito infeliz. Não queria contar ao rei o que Daisy dissera. Independentemente da sua lealdade ao rei, ele entendia muito bem por que a garotinha órfã de mãe se sentia daquele jeito em relação a Fred, e a última coisa que queria era arranjar problemas para ela. Ao mesmo tempo, tinha plena consciência de que existiam vinte testemunhas que podiam contar ao rei exatamente o que Daisy havia falado, e era certo que, se ele mentisse, Lorde Cuspêncio e Lorde Palermo diriam ao rei que ele, o major Brilhante, também era desleal e traiçoeiro.

– Eu... sim, Majestade, é verdade que meu filho Bert defendeu o senhor – disse o major Brilhante. – Porém, devemos levar em consideração a garotinha que disse a... a coisa infeliz sobre Vossa Majestade. Ela passou por

muitos problemas, Alteza, e às vezes até adultos infelizes podem falar loucuras.

– Por quais problemas a menina passou? – perguntou o rei Fred, que não conseguia imaginar nenhum bom motivo para um súdito falar dele com desrespeito.

– Ela... seu nome é Daisy De Pombal, Majestade – disse o major Brilhante, olhando por cima da cabeça do rei Fred para um retrato do pai dele, o rei Ricardo, o Correto. – A mãe dela era a costureira que...

– Sim, sim, eu me lembro – disse o rei Fred em voz alta, interrompendo o major Brilhante. – Muito bem, é só isso, Brilhante. Pode sair.

Um tanto aliviado, o major Brilhante fez outra mesura profunda e quase tinha chegado à porta quando ouviu a voz do rei.

– O que, *exatamente*, a menina disse, Brilhante?

O major Brilhante parou com a mão na maçaneta. Não tinha alternativa senão contar a verdade.

– Ela disse que Vossa Majestade é egoísta, fútil e cruel – disse o major Brilhante.

Sem se atrever a olhar o rei, ele saiu da sala.

CAPÍTULO 8

O Dia da Petição

Egoísta, fútil e cruel. Egoísta, fútil e cruel.

As palavras faziam eco na cabeça de Fred enquanto ele colocava a touca de seda. Não podia ser verdade, podia? Fred custou muito a dormir e, quando acordou pela manhã, sentia-se no mínimo pior.

Ele decidiu que queria fazer alguma bondade, e a primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi recompensar o filho de Brilhante, que o defendera contra aquela garotinha terrível. Então, ele pegou um pequeno medalhão que costumava ficar pendurado no pescoço de seu cão de caça preferido, pediu a uma criada que passasse uma fita pela alça do medalhão e convocou os Brilhante ao palácio. Bert, que a mãe tinha tirado da aula e vestido às pressas com uma roupa de veludo azul, ficou impressionado e mudo na presença do rei, o que agradou a Fred, que passou vários minutos falando gentilmente com o menino gorducho, enquanto o major e a sra. Brilhante quase explodiam de orgulho do filho. Por fim, Bert voltou para a escola, com a medalhinha de ouro no pescoço, e naquela tarde, no pátio de recreio, o presente foi motivo de muita atenção de Rodrigo Barata, que costumava ser seu maior inimigo. Daisy não disse nada, e quando Bert encontrou o seu olhar, ele se sentiu quente e desconfortável, então enfiou a medalhinha por dentro da camisa, fora da vista de todos.

Mas o rei ainda não estava inteiramente feliz. Sentia uma inquietude persistente, como uma indigestão, e

mais uma vez custou a dormir à noite.

Quando acordou no dia seguinte, ele lembrou que era o Dia da Petição.

O Dia da Petição era um dia especial, que acontecia uma vez por ano, quando os súditos da Cornucópia tinham direito a uma audiência com o rei. É claro que aquelas pessoas eram rigorosamente analisadas pelos conselheiros de Fred antes de conseguirem permissão para vê-lo. Fred nunca lidava com grandes problemas. Recebia as pessoas cujos problemas podiam ser resolvidos com algumas moedas de ouro e algumas palavras gentis: um fazendeiro com um arado quebrado, por exemplo, ou uma senhora idosa cujo gato tinha morrido. Fred ansiava pelo Dia da Petição. Era uma chance de vestir suas roupas mais elegantes, e ele achava comovente ver o quanto o rei era importante para o povo da Cornucópia.

Os camareiros de Fred esperavam por ele depois do café da manhã, com uma roupa nova que o rei requisitara no mês anterior: pantalonas de cetim branco e gibão no mesmo tecido, com botões de ouro e pérolas; uma capa com bordas de arminho e de forro escarlate, e sapatos de cetim branco com fivelas de ouro e pérolas. Seu valete esperava com as pinças de ouro, pronto para enroscar seu bigode, e um pajem estava de prontidão com vários anéis valiosos em uma almofada de veludo, aguardando a escolha de Fred.

– Levem tudo embora, não quero isso – disse o rei Fred, irritado, gesticulando para a roupa que os camareiros seguravam para a sua aprovação. Os camareiros ficaram petrificados. Será que tinham ouvido bem? O rei Fred tivera um enorme interesse pelo progresso do vestuário e solicitara ele próprio o

acréscimo de um forro escarlate e de fivelas sofisticadas. – Eu disse para levar isso daqui! – vociferou ele, porque ninguém havia se mexido. – Tragam alguma coisa simples! Tragam aquela roupa que usei no enterro de meu pai!

– Vossa... Vossa Majestade está bem? – perguntou o valete, enquanto os camareiros espantados faziam uma reverência e corriam dali com a roupa branca, voltando rapidinho com a preta.

– É claro que estou bem – explodiu Fred. – Mas eu sou um homem, não um almofadinha frívolo.

Ele vestiu a roupa preta, que era a mais simples que possuía, embora ainda fosse esplêndida, já que tinha bordas prateadas nos punhos e na gola, e botões de ônix e diamante. Depois, para o espanto do valete, só deixou que o homem enroscasse as pontinhas do bigode, em seguida o dispensou e também o pajem que segurava a almofada cheia de anéis.

Pronto, pensou Fred, olhando-se no espelho. *Como posso ser chamado de fútil? O preto, sem dúvida nenhuma, não é uma das cores que combina melhor comigo.*

Fred havia se vestido com uma velocidade tão incomum que Lorde Cuspêncio, que fazia um dos servos de Fred tirar cera de seus ouvidos, e Lorde Palermo, que devorava um prato de Delícias do Duque que pedira da cozinha, foram apanhados de surpresa e dirigiram-se correndo até seus quartos, vestiram os coletes e pularam ao calçar os sapatos.

– Rápido, seus preguiçosos! – chamou rei Fred, enquanto os dois lordes o seguiam pelo corredor. – Há pessoas esperando por minha ajuda!

E um rei egoísta se apressaria para receber pessoas simples que queriam lhe pedir favores?, pensou Fred. *Não, ele não teria pressa!*

Os conselheiros de Fred ficaram chocados ao vê-lo no horário, e vestido com simplicidade, pela primeira vez. Para falar a verdade, Espinosa, o conselheiro-chefe, tinha um sorriso de aprovação ao fazer a reverência.

– Vossa Majestade chegou cedo – disse ele. – O povo ficará encantado. Formaram uma fila desde o amanhecer.

– Que eles entrem, Espinosa – ordenou o rei, acomodando-se no trono e gesticulando para que Cuspêncio e Palermo tomassem seus lugares de cada lado dele.

As portas foram abertas e os solicitantes entraram, um por um.

Em geral, os súditos de Fred ficavam mudos quando se encontravam cara a cara com o rei em carne e osso, aquele cujo retrato bonito era exibido na parede de suas prefeituras. Alguns davam risadinhas, ou se esqueciam do motivo para estarem ali, e uma ou duas pessoas desmaiavam. Ele estava particularmente amável nesse dia, e cada petição terminou com Fred entregando algumas moedas de ouro, ou abençoando um bebê, ou permitindo que uma velhinha beijasse sua mão.

Nesse dia, porém, enquanto ele sorria e distribuía moedas de ouro e promessas, as palavras de Daisy De Pombal seguiam ecoando em sua mente. *Fútil, egoísta e cruel*. O rei queria fazer algo especial para provar que homem maravilhoso ele era – mostrar que estava disposto a se sacrificar pelos outros. Todo rei da Cornucópia distribuía moedas de ouro e pequenos favores no Dia da Petição: Fred queria fazer algo tão esplêndido que ressoaria pelos séculos – e ninguém entra

para os livros de história trocando o chapéu favorito de um fazendeiro.

Os dois lordes de cada lado de Fred estavam ficando entediados. Preferiam muito mais se refestelarem em seus quartos até a hora do almoço a continuar sentados ali, ouvindo camponeses falarem de seus problemas insignificantes. Depois de várias horas, o último solicitante saiu agradecido da sala do trono e Palermo, cuja barriga já roncava havia quase uma hora, desgrudou-se da cadeira com um suspiro de alívio.

– Hora do almoço! – explodiu Palermo, mas neste momento eles ouviram um tumulto nas portas duplas, que os guardas tentavam fechar.

CAPÍTULO 9

A história do pastor de ovelhas

– Vossa Majestade – disse Espinosa, correndo ao rei Fred, que acabara de se levantar do trono. – Um pastor de ovelhas da Terra dos Brejos está aqui para fazer uma petição, Alteza. Ele chegou meio atrasado.... Posso mandá-lo embora, se Vossa Majestade quiser almoçar, pois não?

– Um brejeiro! – disse Cuspêncio, estremecendo. – Imagine, Alteza!

– Um tanto desaforado chegar atrasado para o rei – falou Palermo, soltando um pequeno arroto.

– Não – Fred respondeu, depois de hesitar um pouco. – Não... se o coitado veio de tão longe, devemos recebê-lo. Mande-o entrar, Espinosa.

O conselheiro-chefe ficou encantado com mais esta prova de um novo rei bondoso e atencioso, e foi correndo até as portas duplas para dizer aos guardas que deixassem o pastor de ovelhas entrar. O rei voltou a se sentar no trono e Cuspêncio e Palermo, os dois de cara azeda, sentaram-se de novo em suas cadeiras.

O velho que agora cambaleava pelo tapete vermelho e comprido até o trono estava muito maltratado pelo tempo e bastante sujo, tinha uma barba rala e roupas puídas e remendadas. Ele tirou o gorro ao se aproximar do rei, parecia muito assustado, e quando chegou ao

lugar onde as pessoas costumavam fazer mesuras e reverências, em vez de se curvar, ele se ajoelhou.

– Vossa Majestade! – falou, ofegante.

– Vossa Majestaaaaaaa-de – Cuspêncio o imitou baixinho, fazendo o velho pastor soar como uma ovelha. As papadas de Palermo tremeram com o riso abafado.

– Vossa Majestade – continuou o pastor de ovelhas –, viajei por cinco longos dias para ver vosmecê. Foi uma viagem difícil. Vim montado em montes de feno quando pude e caminhei quando não pude, e meus sapatos estão numa buraqueira só...

– Ah, ande logo com isso, fale – resmungou Cuspêncio, que tinha apanhado seu lenço perfumado e enterrado o nariz nele.

– ... mas na viagem, o tempo todo, eu pensava no velho Retalho, Alteza, e como vosmecê me ajudaria se eu conseguisse chegar no palácio...

– O que é o “velho Retalho”, meu bom homem? – perguntou o rei, com os olhos na calça cheia de remendos do pastor de ovelhas.

– É meu velho cachorro, Alteza... ou era, talvez eu deva falar assim – respondeu o pastor, com os olhos se enchendo de lágrimas.

–Ah – disse o rei Fred, mexendo na bolsa de dinheiro em seu cinto. – Então, meu bom pastor, fique com essas poucas moedas de ouro e compre um cachorro novo para...

– Não, Alteza, brigado, Alteza, mas num é caso de ouro – disse o pastor. – Posso encontrar um filhotinho muito fácil, mas ele nunca vai ser páreo pro velho Retalho.

O pastor de ovelhas enxugou o nariz na manga. Cuspêncio estremeceu.

– Ora, então, por que veio me procurar? – perguntou o rei Fred com a maior gentileza possível.

– Pra contar a vosmecê, Alteza, como o Retalho encontrou seu fim.

– Ah. – Os olhos do rei Fred vagaram para o relógio de ouro em cima da lareira. – Bom, adoraríamos ouvir a história, mas na realidade estávamos indo almoçar...

– Foi o Ickabog que comeu ele, Alteza – disse o pastor.

Fez-se um silêncio de espanto, depois Cuspêncio e Palermo deram uma gargalhada.

Os olhos do pastor de ovelhas ficaram tomados de lágrimas, que caíram cintilantes no tapete vermelho.

– Arre, riram de mim de Jeroboão a Profiterólia, Alteza, quando contei a eles por que vim ver vosmecê. Riram feito uns tontos, eles riram sim, e me falaram que eu estava ruim da cabeça. Mas eu vi o monstro com meus próprios olhos e o pobre Retalho também viu, antes de ser devorado.

O rei Fred sentiu um forte impulso de rir com os dois lordes. Queria seu almoço e queria se livrar do velho pastor de ovelhas, mas, ao mesmo tempo, a vozinha horrenda sussurrava *egoísta, fútil e cruel* em sua cabeça.

– Por que não me conta o que aconteceu? – disse o rei Fred ao pastor, e Cuspêncio e Palermo pararam de rir num estalo.

– Bom, Alteza – disse o pastor de ovelhas, enxugando novamente o nariz na manga –, o sol estava se pondo, tinha muita neblina e o Retalho e eu indo pra casa, dando a volta pela beira do pântano. Até que o Retalho vê um cardo-do-brejo...

– Vê o quê? – perguntou o rei Fred.

– Um cardo-do-brejo, Alteza. É uma coisinha que parece um rato, é careca e vive no pântano. Não cai mal

numa torta, se não fizer caso do rabo.

Palermo parecia sentir enjoo.

– Daí o Retalho vê o cardo-do-brejo – continuou o pastor – e vai perseguir o bicho. Eu grito pro Retalho sem parar, Alteza, mas ele tá ocupado demais pra voltar. E aí, Alteza, escuto um ganido. “Retalho!”, eu chamo. “Retalho! O que cê pegou, rapaz?” Mas o Retalho não volta, Alteza. Depois eu vejo, ali na neblina – disse o pastor de ovelhas em um tom de voz mais baixo. – Enorme, ele é sim, e tem uns olhos que parecem uns lampiões e uma bocona da largura desse trono aí, e os dentes malvados brilhavam pra mim. E eu me esqueço do Retalho, Alteza, e corro e corro sem parar até chegar em casa. E no dia seguinte eu saio, Alteza, pra procurar ele. O Ickabog comeu meu cachorro, Alteza, e quero que ele seja castigado!

Por alguns segundos, o rei olhou de cima o pastor de ovelhas. Depois, bem devagar, ele se levantou.

– Pastor – disse o rei –, viajaremos ao norte hoje mesmo para investigar a questão do Ickabog de uma vez por todas. Se encontrarmos algum vestígio da criatura, pode ficar tranquilo que o rastro será seguido até sua toca e ele será castigado pela imprudência de levar seu cachorro. Agora, tome essas moedas de ouro e pague uma carona para casa em uma carroça de feno!

– Milordes – disse o rei, virando-se para os espantados Cuspêncio e Palermo –, vistam seus trajes de montaria e acompanhem-me aos estábulos. Temos uma nova caçada em curso!

CAPÍTULO 10

A cruzada do rei Fred

O rei Fred saiu do Salão do Trono sentindo-se maravilhado consigo mesmo. Ninguém nunca mais diria que ele era fútil, egoísta e cruel! Por um simples pastor de ovelhas velho e fedorento e seu vira-lata que não valia nada, ele, rei Fred, o Intrépido, ia caçar o Ickabog! É verdade que a coisa não existia, mas ainda era muito bom e nobre de sua parte cavalgar até o outro lado do país pessoalmente só para provar isso!

Esquecendo-se completamente do almoço, o rei subiu correndo a escada até seu quarto, gritando para o valete vir ajudá-lo a tirar a deprimente roupa preta e vestir seu traje de batalha, que ele nunca na vida teve a chance de usar. A casaca era escarlate, com botões de ouro. Tinha uma faixa roxa e muitas medalhas, que ele podia usar porque era o rei, e quando Fred se olhou no espelho e viu como ficava bem com o traje de batalha, perguntou-se por que não o usava o tempo todo. Enquanto o valete baixava o capacete com plumas nos cachos dourados do rei, Fred se imaginava vestido nessas roupas numa pintura, sentado em seu amado corcel branco como leite, atacando com sua lança um monstro que parecia uma cobra. Rei Fred, o Intrépido, sem dúvida nenhuma! Ora essa, agora ele até torcia um pouco para que o Ickabog existisse de verdade.

Enquanto isso, o conselheiro-chefe mandava uma mensagem pela Cidade-Dentro-da-Cidade inteira, dizendo que o rei sairia em uma excursão pelo país e que

todos deveriam estar preparados para aplaudir quando ele partisse. Espinosa não falou no Ickabog porque, se possível, queria evitar que o rei parecesse um tolo.

Infelizmente, o lacaio chamado Aftílio entreouvira dois conselheiros conversando em voz baixa sobre o estranho plano do rei. Aftílio logo contou à criada júnior, que espalhou a notícia por todas as cozinhas, onde um vendedor de linguiça de Baronópolis fofocava com a cozinheira. Para resumir, quando o grupo do rei estava pronto para partir, tinha se espalhado por toda a Cidade-Dentro-da-Cidade a notícia de que o rei iria a cavalo para o norte a fim de caçar o Ickabog, e a novidade também começou a vazar para o restante de Profiterólia.

– É alguma brincadeira? – diziam os habitantes da capital, reunidos nas calçadas, prontos para dar vivas ao rei. – O que quer dizer isso?

Alguns deram de ombros e riram, e disseram que o rei só estava se divertindo. Outros balançaram a cabeça em lamento, e resmungaram que devia haver algo mais naquela história. Nenhum rei iria a cavalo, armado, ao norte do país, sem ter um bom motivo. O que, perguntava o povo preocupado, o rei sabe que nós não sabemos?

Lady Eslanda juntou-se às outras damas da corte em uma sacada para assistir à reunião da Guarda.

Agora vou lhe contar um segredo, que ninguém mais sabia. Lady Eslanda nunca teria se casado com o rei, mesmo que ele tivesse pedido sua mão. Sabe, ela estava secretamente apaixonada por um homem chamado capitão Bueno, que agora conversava com seu velho amigo major Brilhante lá embaixo no pátio. Lady Eslanda, que era muito tímida, nunca foi capaz de se aproximar do capitão Bueno para uma conversa, e ele nunca imaginou

que a mulher mais bonita da corte estivesse apaixonada por ele. O pai e a mãe de Bueno, que já haviam morrido, tinham sido queijeiros em Curdesburgo. Embora Bueno fosse inteligente e corajoso, aquela era uma época em que nenhum filho de queijeiros sonhava em se casar com uma dama de linhagem nobre.

Enquanto isso, todas as crianças foram liberadas da escola mais cedo para ver passar o grupo de batalha, e a sra. Brilhante, a confeiteira-chefe, correu para pegar Bert, para que ele conseguisse um bom local para ver o pai passar.

Quando os portões do palácio enfim se abriram e a cavalgada saiu, Bert e a sra. Brilhante deram vivas a plenos pulmões. Ninguém via um traje de batalha havia muito tempo; que emoção, e como era elegante! O sol batia nos botões de ouro, nas espadas prateadas e nas trombetas cintilantes dos corneteiros, e, lá em cima, na sacada do palácio, os lenços das damas da corte se agitavam em despedida, como pombas.

Na frente, cavalgava o rei Fred em seu corcel branco como leite, segurando rédeas vermelhas e acenando para a multidão. Logo atrás dele, em um cavalo amarelo e magro, e com uma expressão de tédio, vinha Cuspêncio, e logo depois Palermo, furioso por ainda estar sem almoçar, sentado em seu alazão elefantino.

Atrás do rei e dos dois lordes trotava a Guarda Real, toda ela em cavalos cinza malhados, a não ser pelo major Brilhante, que montava o garanhão cinza-chumbo. A sra. Brilhante sentiu palpitar o coração ao ver o marido tão bonito.

– Boa sorte, papai! – gritou Bert, e o major Brilhante acenou (ainda que não devesse ter feito isso) para o filho.

A procissão trotou morro abaixo, passou pela multidão animada da Cidade-Dentro-da-Cidade até que chegou aos portões da cidade maior de Profiterólia. Ali, escondido pela multidão, estava o chalé da família De Pombal. O sr. De Pombal e Daisy tinham ido ao jardim e só conseguiram ver as plumas dos capacetes da Guarda Real que passava a cavalo.

Daisy não se interessava muito pelos guardas. Bert e ela ainda não estavam se falando. Na verdade, Bert passara o intervalo da manhã com Rodrigo Barata, que vivia tentando convencer Daisy a usar vestidos em vez de macacão, e o barulho da gritaria animada e dos cavalos não melhorava o humor da garota.

– Não existe Ickabog nenhum, existe?

– Não, Daisy – o sr. De Pombal suspirou, voltando para a oficina –, não existe Ickabog nenhum, mas se o rei quer acreditar nele, que acredite. Ele não pode causar muito mal lá na Terra dos Brejos.

O que mostra que até homens sensatos podem deixar de ver um perigo terrível e iminente.

O rei Fred, o Intrépido.

Por Anita, 12 anos, Florianópolis, SC

CAPÍTULO 11

A jornada para o norte

O estado de espírito do rei Fred melhorava conforme ele cavalgava, saindo de Profiterólia e entrando na área rural. Agora a notícia sobre a repentina expedição do rei já havia se espalhado aos fazendeiros que trabalhavam nos campos verdes e planos, e eles correram com as famílias para aplaudir o rei quando ele passasse.

Sem ter almoçado nada, o rei decidiu parar e comer em Curdesburgo.

– Demos duro até aqui, camaradas, sendo os soldados que somos! – gritou ele a seu grupo ao entrarem na cidade famosa pelos queijos. – E partiremos novamente à primeira luz do dia!

Mas é claro que não havia dúvida de que o rei estava dando duro. Os visitantes hospedados na mais requintada estalagem de Curdesburgo foram jogados na rua para dar lugar a ele, e naquela noite o rei dormiu em uma cama de bronze com colchão de penas de pato, depois de uma farta refeição com queijo tostado e fondue de chocolate. Os lordes Cuspêncio e Palermo, por outro lado, passaram a noite em um quartinho perto dos estábulos. Os dois estavam bem doloridos. Você até pode perguntar o porquê disso, já que eles caçavam cinco vezes por semana, mas a verdade era que os dois, depois de meia hora de caçada, costumavam escapulir para sentar embaixo de uma árvore, onde devoravam sanduíches e vinho até chegar o momento de voltar ao palácio. Nenhum dos dois estava habituado a passar

horas em uma sela, e o traseiro ossudo de Cuspêncio já começava a criar calo.

No dia seguinte, bem cedinho, o rei soube pelo major Brilhante que os cidadãos de Baronópolis tinham ficado muito aborrecidos porque o rei escolhera dormir em Curdesburgo e não em sua cidade esplêndida. Ansioso para não manchar sua popularidade, o rei Fred instruiu o grupo a dar uma imensa volta pelos campos em torno da cidade, sendo aplaudido por fazendeiros por todo o trajeto, para que terminassem em Baronópolis ao anoitecer. O cheiro delicioso de linguiças chiando nas frigideiras recebeu o grupo real, e uma multidão satisfeita, segurando tochas, acompanhou o rei ao melhor quarto da cidade. Ali, serviram a ele búfalo assado e presunto no mel, e ele dormiu em uma cama de carvalho entalhado com colchão de penas de ganso, ao passo que Cuspêncio e Palermo tiveram de dividir um quartinho miudinho no sótão. A essa altura, o traseiro de Cuspêncio doía demais e ele estava furioso, porque foi obrigado a cavalgar sessenta quilômetros em um círculo só para fazer a felicidade dos fabricantes de linguiça. Enquanto isso, Palermo, que tinha comido queijo demais em Curdesburgo e consumido três filés em Baronópolis, passou a noite toda acordado, gemendo de indigestão.

No dia seguinte, o rei e seus homens partiram novamente, desta vez para o norte, e logo passavam pelos vinhedos dos quais ávidos apanhadores de uvas agitavam bandeiras cornucopianas e recebiam acenos do rei exultante. Não demorou muito e Cuspêncio estava quase chorando de dor, apesar da almofada que tinha amarrado no traseiro, e os arrotos e gemidos de Palermo podiam ser ouvidos até com a batida dos cascos dos cavalos e os sininhos das rédeas.

Na chegada a Jeroboão naquela noite, eles foram recebidos por trompetes e pela cidade inteira cantando o hino nacional. Fred teve um banquete de champanhe e trufas naquela noite, antes de se deitar em uma cama de dossel, de seda, com colchão de penas de cisne. Mas Cuspêncio e Palermo foram obrigados a dividir com dois soldados um quarto acima da cozinha da estalagem. Os moradores embriagados de Jeroboão trocavam as pernas pela rua, comemorando a presença do rei. Cuspêncio passou a maior parte da noite sentado em um balde de gelo e Palermo, que tinha bebido vinho tinto demais, passou o mesmo período vomitando em um segundo balde no canto.

Ao amanhecer, o rei e seu grupo partiram para a Terra dos Brejos, inebriados pela despedida do povo de Jeroboão, que os saudava pelo caminho com um estourar ribombante de rolhas que fez o cavalo de Cuspêncio empinar e jogá-lo na estrada. Depois que espanaram a poeira de Cuspêncio e recolocaram a almofada em seu traseiro, e depois que o rei Fred parou de rir, o grupo seguiu viagem.

Logo eles deixaram Jeroboão para trás e ouviram o canto dos passarinhos. Pela primeira vez em toda a jornada, as laterais da estrada estavam vazias. Aos poucos, as terras verdejantes e fartas davam lugar à relva mirrada e seca, a árvores tortas e rochedos.

– Lugar extraordinário, não? – o rei, animado, gritou para Cuspêncio e Palermo. – Estou muito feliz por enfim conhecê-lo, vocês não estão?

Os dois lordes concordaram, mas, depois que Fred se virou para a frente, eles fizeram gestos feios e murmuraram nomes mais feios ainda para a nuca do rei.

Por fim, o grupo real passou por alguns brejeiros, e como eles olhavam! Eles se ajoelharam como o pastor de ovelhas no Salão do Trono e se esqueceram totalmente de dar vivas ou aplaudir, mas ficaram boquiabertos como se nunca tivessem visto nada parecido com um rei e a Guarda Real – e, para falar a verdade, não tinham visto mesmo, porque, embora o rei Fred tivesse visitado todas as grandes cidades da Cornucópia depois da coroação, ninguém achou que valia a pena ir à longínqua Terra dos Brejos.

– Um povo simples, sim, mas verdadeiramente comovente, não? – disse o rei alegremente a seus homens, enquanto algumas crianças maltrapilhas suspiravam para os cavalos magníficos. Nunca tinham visto animais tão lustrosos e bem-alimentados.

– E onde passaremos esta noite? – resmungou Palermo a Cuspêncio, olhando os chalés de pedra em ruínas. – Não tem tabernas aqui!

– Bom, pelo menos temos um conforto – respondeu Cuspêncio aos cochichos. – Ele terá de sofrer como nós, e veremos se vai gostar disso.

Eles cavalgaram por toda a tarde e finalmente, quando o sol começava a se pôr, viram o pântano onde supostamente vivia o Ickabog: um largo trecho de escuridão crivado de estranhas formações rochosas.

– Majestade! – chamou o major Brilhante. – Sugiro montarmos acampamento agora e explorarmos o pântano pela manhã! Como sabe Vossa Majestade, o pântano pode ser traiçoeiro! A neblina aparece por aqui de repente. É melhor nos aproximarmos com a luz do dia!

– Que absurdo! – disse Fred, que quicava na sela como um garotinho animado. – Não podemos parar agora,

quando ele está à vista, Brilhante!

O rei tinha dado sua ordem e, assim, o grupo cavalgou até que finalmente, quando a lua surgiu e o céu estava preto como breu, chegaram à beira do pântano. Era o lugar mais sinistro que qualquer um deles vira na vida, selvagem, vazio e desolado. Uma brisa gelada fazia os arbustos sussurrarem, mas, fora isso, o lugar era morto e silencioso.

– Como vê, Alteza – disse por fim Lorde Cuspêncio –, o terreno é muito lamacento. Ovelhas e homens seriam sugados por ele se avançassem demais. E, além de tudo, quem tem miolo mole pode tomar por monstros essas pedras e rochedos gigantescos no escuro. O farfalhar desse mato pode até ser confundido com o silvo de alguma criatura.

– Sim, é verdade, é bem verdade – disse o rei Fred, mas seus olhos ainda vagavam pelo pântano cada vez mais escuro, como se esperasse que o Ickabog pipocasse de trás de uma pedra.

– Acamparemos aqui, então, Alteza? – perguntou Lorde Palermo, que tinha poupado algumas tortas frias de Baronópolis e estava ansioso para jantar.

– Não é possível encontrar nem mesmo um monstro imaginário no escuro – disse Cuspêncio.

– É verdade, é verdade – disse o rei Fred com pesar. – Vamos... Pela graça divina, como a neblina ficou pesada!

E, de fato, enquanto estavam parados e olhavam o pântano, uma névoa branca e densa cobria os três tão rápida e silenciosamente que ninguém chegou a notar.

“Lady Eslanda juntou-se às outras damas da corte em uma sacada para assistir à reunião da Guarda.”

Por Maitê, 10 anos, Ribeirão Preto, SP

CAPÍTULO 12

A espada perdida do rei

Segundos depois, era como se cada integrante do grupo do rei usasse uma venda branca e grossa nos olhos. A neblina era tão densa que eles não enxergavam a própria mão diante do rosto. A névoa tinha o cheiro fétido do pântano, da água escurecida e do lodo. O terreno macio parecia se mexer debaixo dos pés quando boa parte dos homens, insensatamente, se virava para tentar enxergar os demais, perdendo assim todo o senso de direção. Cada homem se sentiu à deriva em um mar branco e ofuscante, e o major Brilhante foi um dos poucos a manter a cabeça fria.

– Cuidado! – gritou ele. – O terreno é traiçoeiro. Fiquem parados, não tentem se mexer.

Mas o rei Fred, que de repente ficou muito assustado, não deu atenção. Partiu de pronto para o que ele pensava ser a direção do major Brilhante, só que, alguns passos depois, sentiu que afundava no pântano gelado.

– Socorro! – gritou ele, enquanto a água enregelante do pântano encharcava a parte de cima de suas botas reluzentes. – Socorro! Brilhante, cadê você? Estou afundando!

Houve um imediato clamor de vozes em pânico e tilintar de armaduras. Os guardas correram para todo lado, procuravam pelo rei, esbarravam uns nos outros e escorregavam, mas a voz do rei, que se debatia, era tragada pelas outras vozes.

– Perdi minhas botas! Por que ninguém me ajuda? *Onde estão vocês todos?*

Os lordes Cuspêncio e Palermo foram os únicos que seguiram o conselho de Brilhante e ficaram imóveis no lugar em que já estavam quando a neblina se acumulou sobre eles. Cuspêncio se agarrava a uma dobra da ampla pantalona de Palermo, e Palermo se segurava bem na bainha da capa de montaria de Cuspêncio. Nenhum dos dois fez a menor tentativa de ajudar Fred, mas esperaram, tremendo, pela volta do bom senso e da ordem.

– Pelo menos, se o tolo for engolido pelo lodo, poderemos ir para casa – disse Cuspêncio em voz baixa a Palermo.

A confusão se agravou. Agora vários membros da Guarda Real tinham ficado presos no lodo tentando encontrar o rei. O ar ficou tomado de guinchos, estrondos e gritos. O major Brilhante berrava, numa vã tentativa de restaurar alguma ordem, e a voz cada vez mais fraca do rei parecia se afastar na noite invisível, como se ele estivesse se distanciando dos outros aos tropeços.

E então, do coração da escuridão, veio um grito aterrorizante:

– *BRILHANTE, SOCORRO, ESTOU VENDO O MONSTRO!*

– Estou indo, Majestade! – gritou o major Brilhante. – Continue gritando, Alteza, vou encontrá-lo!

– *SOCORRO! ME AJUDE, BRILHANTE!* – gritava o rei Fred.

– O que houve com o idiota? – perguntou Palermo a Cuspêncio, mas, antes que Cuspêncio pudesse responder, a neblina em volta dos dois lordes se dispersou com a mesma rapidez com que chegou, e eles se viram juntos em uma pequena clareira, capazes de

enxergar um ao outro, mas ainda cercados de todos os lados por uma muralha alta de névoa branca e densa. Agora as vozes do rei, de Brilhante e dos outros soldados soavam cada vez mais indiscerníveis.

– Não se mexa ainda – Cuspêncio alertou Palermo. – Assim que a neblina se dissipar mais um pouco, conseguiremos encontrar os cavalos e nos retirar para um lugar segu...

Neste exato momento, uma figura escura e gosmenta explodiu da muralha de névoa e se atirou sobre os dois lordes. Palermo soltou um grito agudo e Cuspêncio atacou a criatura, errando a pancada só porque ela se jogou no chão, aos prantos. Só então Cuspêncio notou que o monstro gosmento, ofegante e balbuciante era, na realidade, o rei Fred, o Intrépido.

– Graças aos céus o encontramos, Vossa Majestade, estivemos procurando em toda parte! – exclamou Cuspêncio.

– Icka... Icka... Icka... – o rei gaguejava.

– Ele está com soluços – disse Palermo. – Dê um susto nele.

– Icka-Icka-Ickabog! – Fred gemeu. – E-eu v-vi! Um monstro gigante... ele quase me pegou!

– Como disse, Majestade? – perguntou Cuspêncio.

– O mo-monstro é real! – Fred engoliu em seco. – É uma sorte eu estar vi-vivo! Aos cavalos! Precisamos fugir, e rápido!

O rei Fred tentou se levantar subindo pela perna de Cuspêncio, mas o lorde deu rapidamente um passo de lado para evitar ser coberto de lodo, querendo, em vez disso, dar apenas um tapinha consolador no alto da cabeça de Fred, que era a parte mais limpa dele.

– Erm... acabou, está tudo bem, Majestade. O senhor teve uma experiência deveras angustiante ao cair no pântano. Como estávamos dizendo antes, os rochedos de fato assumem formas monstruosas na neblina densa...

– Mas que diabos, Cuspêncio, eu sei o que vi! – gritou o rei, levantando-se trôpego, sem a ajuda de ninguém. – Com a altura de dois cavalos, isso mesmo, e com olhos que pareciam lampiões imensos! Puxei minha espada, mas eu tinha as mãos tão escorregadias que ela me escapuliu, então não havia nada a ser feito além de tirar os pés das minhas botas encalhadas, e fugir!

Justo nessa hora, um quarto homem chegou à pequena clareira na neblina: o capitão Barata, pai de Rodrigo, que era o segundo em comando do major Brilhante, um homem corpulento com um bigode bem preto. O que o capitão Barata de fato era, nós ainda vamos descobrir. Tudo o que você precisa saber agora é que o rei ficou muito feliz ao vê-lo, porque ele era o maior integrante da Guarda Real.

– Viu algum sinal do Ickabog, Barata? – perguntou o rei, ofegante.

– Não, Majestade – respondeu Barata, com uma reverência respeitosa –, só o que vi foi névoa e lama. Fico feliz em saber que Vossa Majestade está a salvo, seja como for. Cavalheiros, fiquem aqui, vou reunir os soldados.

O capitão Barata fez menção de sair, mas o rei Fred gritou:

– Não, você fica comigo, Barata, para o caso de o monstro aparecer por aqui! Ainda tem seu rifle, não tem? Excelente... veja bem, perdi minha espada. Minha elegantíssima espada, aquela com punho de pedras preciosas!

Embora se sentisse muito mais seguro com o capitão Barata a seu lado, o rei, trêmulo, não se lembrava de ter sentido tanto frio e tanto medo na vida. Também tinha uma sensação desagradável de que ninguém acreditava que ele realmente vira o Ickabog, uma sensação que aumentou quando ele flagrou Cuspêncio revirando os olhos para Palermo.

O rei ficou com o orgulho ferido.

– Cuspêncio, Palermo – disse ele –, quero minha espada de volta! Está por aí, em algum lugar – acrescentou ele, agitando o braço para a neblina que os cercava.

– Não seria... não seria melhor esperar até que a neblina se dissipe, Vossa Majestade? – perguntou, nervoso, Cuspêncio.

– Quero minha espada agora! – explodiu o rei Fred. – Era de meu avô e é muito valiosa! Vão procurá-la, os dois. Esperarei aqui com o capitão Barata. E não voltem sem a minha espada!

*“Excelente... veja bem, perdi minha espada.
Minha elegantíssima espada, aquela com
punho de pedras preciosas!”*

Por Luiz Guilherme, 11 anos, Camaçari, BA

CAPÍTULO 13

O acidente

Os dois lordes não tiveram alternativa senão deixar o rei e o capitão Barata na pequena clareira na neblina e seguir para o pântano. Cuspêncio tomou a frente, tateando o caminho com os pés, procurando as partes mais sólidas do terreno. Palermo vinha bem atrás dele, ainda segurando firme a bainha da capa de Cuspêncio e afundando muito a cada passo, pois era pesado demais. A neblina era pegajosa na pele e os deixava quase completamente cegos. Apesar dos esforços de Cuspêncio, as botas dos dois lordes logo ficaram encharcadas até a borda com aquela água fétida.

– Aquele maldito paspalhão! – resmungou Cuspêncio, enquanto eles seguiam no chape-chape. – Aquele bufão delirante! É tudo culpa dele, o debiloide com cérebro em miniatura!

– Bem-feito para ele se essa espada estiver perdida para sempre – disse Palermo, agora quase até a cintura no pântano.

– É melhor torcer para que não esteja, ou ficaremos aqui a noite toda – disse Cuspêncio. – Ah, maldita neblina!

Era uma luta para eles avançarem. A névoa ficava mais rala durante alguns passos, depois se fechava de novo. Rochedos se agigantavam de repente do nada, como elefantes fantasmagóricos, e o farfalhar do junco lembrava serpentes. Embora Cuspêncio e Palermo

soubessem muito bem que não existia Ickabog nenhum, em seu íntimo não pareciam ter tanta certeza.

– Me solta! – Cuspêncio rosnou para Palermo, cujos puxões constantes o faziam pensar em garras ou mandíbulas monstruosas presas na parte de trás da sua capa.

Palermo o soltou, mas também tinha sido contagiado por um medo insensato e, com isso, usando a mão livre, afrouxou o bacamarte do coldre e o deixou preparado.

– O que foi isso? – sussurrou ele a Cuspêncio, quando, da escuridão à frente, veio um barulho estranho.

Os dois lordes ficaram petrificados para escutar melhor.

Um rosnado baixo e sons de algo sendo arranhado vinham da neblina. Uma visão medonha foi conjurada na mente dos dois homens, de um monstro se banqueteando com o corpo de um soldado da Guarda Real.

– Quem está aí? – disse Cuspêncio numa voz aguda.

De algum lugar ao longe, o major Brilhante respondeu aos gritos:

– É o senhor, Lorde Cuspêncio?

– Sim – gritou Cuspêncio. – Estamos ouvindo algo estranho, Brilhante! Você ouviu?

Parecia aos dois lordes que o estranho rosnado e os arranhões ficavam mais altos.

E então a neblina mudou. Uma silhueta preta monstruosa, com olhos brancos cintilantes, foi revelada bem na frente deles, emitindo um uivo prolongado.

Com um estouro ensurdecedor que pareceu estremecer o pântano, Palermo disparou seu bacamarte. Os gritos assustados de seus companheiros fizeram eco pela paisagem oculta e depois, como se o tiro de Palermo

a assustasse, a neblina se abriu feito uma cortina diante dos dois lordes e lhes deu uma visão clara do que havia à frente.

À intensa luz da lua, eles viram um imenso rochedo de granito com uma massa de galhos cheios de espinhos em sua base. Emaranhado nesse espinheiro estava um cachorro esquelético e apavorado, que gania e arranhava para se libertar, com os olhos faiscando no luar refletido.

Pouco depois do rochedo, de cara para o lodo, estava o major Brilhante.

– O que há? – gritaram várias vozes na neblina. – Quem disparou?

Nem Cuspêncio, nem Palermo responderam. Cuspêncio andou com a maior rapidez que pôde até o major Brilhante. Bastou fazer um exame rápido: o major estava morto, baleado no coração por Palermo, no escuro.

– Meu Deus, meu Deus, o que vamos fazer? – berrou Palermo, chegando ao lado de Cuspêncio.

– Silêncio! – sussurrou Cuspêncio.

Ele agora raciocinava com mais intensidade e rapidez do que em toda a sua vida de esperteza e intrigas. Seus olhos foram lentamente de Palermo e da arma ao cachorro emaranhado do pastor de ovelhas, depois à espada cravejada de pedras preciosas que, ele agora notava, estava enterrada até a metade no lodo, a uma curta distância do rochedo gigantesco.

Cuspêncio andou pelo pântano para pegar a espada do rei e a usou para cortar o espinheiro que prendia o cachorro. Depois, dando um bom pontapé no coitado do bicho, mandou-o ganindo para a neblina.

– Escute com atenção – disse Cuspêncio em voz baixa, voltando a Palermo. Mas, antes que pudesse explicar seu

plano, outra figura grande surgiu da neblina: o capitão Barata.

– O rei me enviou – disse o capitão, ofegando. – Ele está apavorado. O que aconte...

E então Barata viu o major Brilhante prostrado e morto no chão.

Cuspêncio logo percebeu que o capitão Barata precisava saber do plano e que, na verdade, ele seria muito útil.

– Não diga nada, Barata – falou Cuspêncio –, enquanto lhe conto o que houve.

"O Ickabog matou nosso corajoso major Brilhante. Em vista de sua morte trágica, precisaremos de um novo major e, naturalmente, será você, Barata, por ser o segundo em comando. Recomendarei um polpudo aumento em seu salário, porque você foi muito valente... escute com atenção, Barata... *muito* valente ao perseguir o pavoroso Ickabog, que fugia para a neblina. Veja bem, o Ickabog devorava o corpo de nosso pobre major quando Lorde Palermo e eu chegamos. Assustado com o bacamarte de Lorde Palermo, que ele sensatamente descarregou no ar, o monstro largou o corpo de Brilhante e fugiu. Você o perseguiu corajosamente, tentando recuperar a espada do rei, que estava enterrada até a metade no couro grosso do monstro... mas não conseguiu recuperá-la, Barata. Que tristeza para o pobre rei. Creio que a espada inestimável era do avô dele, mas suponho que agora esteja perdida para sempre na toca do Ickabog."

Assim dizendo, Cuspêncio colocou firmemente a espada com pedras preciosas na mão grande de Barata. O recém-promovido major baixou os olhos para o punho

de pedras preciosas e um sorriso cruel e astuto, igual ao sorriso de Cuspêncio, se abriu em sua cara sombria.

– Sim, é mesmo uma pena que eu não tenha conseguido recuperar a espada, milorde – disse Barata, tirando-a de vista por baixo de sua casaca. – Agora, vamos enrolar o corpo do pobre major, porque seria terrível para os outros homens verem as marcas das presas do monstro nele.

– Quanta sensibilidade de sua parte, major Barata – disse Lorde Cuspêncio, e os dois homens rapidamente tiraram as capas e enrolaram o corpo, observados por um Palermo muito aliviado pelo fato de que ninguém precisaria saber que ele havia acidentalmente matado Brilhante.

– Pode me lembrar como era o Ickabog, Lorde Cuspêncio? – perguntou Barata, quando o corpo do major Brilhante já estava bem escondido. – Porque nós três o vimos juntos, e naturalmente tivemos impressões idênticas.

– É bem verdade, Barata – disse Lorde Cuspêncio. – Bem, segundo o rei, a fera tem a altura de dois cavalos, com olhos feito lampiões.

– Na verdade – disse Palermo –, tem uma forte semelhança com este grande rochedo, com os olhos de um cachorro brilhando na base.

– A altura de dois cavalos, com olhos feito lampiões – repetiu Barata. – Muito bem, milordes. Se me ajudarem e colocar Brilhante no ombro, eu o levarei ao rei e poderemos explicar como o major encontrou a morte.

CAPÍTULO 14

O plano de Lorde Cuspêncio

Quando enfim clareou, a neblina revelou um grupo muito diferente de homens se comparados aos que haviam chegado à beira do pântano uma hora antes.

Além do choque que sentiram com a repentina morte do major Brilhante, alguns soldados da Guarda Real ficaram confusos com a explicação que lhes foi dada. Aqui estavam os dois lordes, o rei e Barata, apressadamente promovido a major, todos jurando terem ficado cara a cara com um monstro que, durante anos, todos, tirando os mais tolos, consideravam ser uma fantasia. Seria realmente verdade que, por baixo das capas bem enroladas, o corpo de Brilhante trouxesse marcas de dentes e garras do Ickabog?

– Está me chamando de mentiroso? – o major Barata rosnou na cara de um jovem soldado.

– Está chamando *o rei* de mentiroso? – rosnou Lorde Palermo.

O soldado não se atreveu a questionar a palavra do rei, então fez que não com a cabeça. Capitão Bueno, um amigo particular do major Brilhante, ficou calado. Porém, havia uma expressão de tanta raiva e desconfiança em seu rosto que Barata ordenou que ele providenciasse a instalação do acampamento no terreno mais firme que pudesse encontrar, o mais rapidamente possível, pois a neblina perigosa poderia voltar.

Apesar de ter um colchão de palha, e de cobertores terem sido retirados de soldados para garantir seu

conforto, o rei Fred nunca na vida passara uma noite tão desagradável. Estava cansado, sujo e, acima de tudo, assustado.

– E se o Ickabog vier atrás de nós, Cuspêncio? – cochichou o rei no escuro. – E se ele nos localizar pelo cheiro? Já teve uma prova do pobre Brilhante. E se ele vier atrás do resto do corpo?

Cuspêncio tentou tranquilizar o rei.

– Não tema, Vossa Majestade, Barata ordenou ao capitão Bueno que mantenha um guarda em sua barraca. Se mais alguém for devorado, o senhor será o último.

Estava escuro demais para o rei enxergar o sorriso malicioso de Cuspêncio. Longe de querer tranquilizá-lo, Cuspêncio tinha esperanças de atiçar os temores do rei. Todo o seu plano dependia de um rei que não só acreditava em um Ickabog, como também tinha medo que o monstro saísse do pântano para caçá-lo.

Na manhã seguinte, o grupo do rei partiu de volta a Jeroboão. Cuspêncio mandou antes uma mensagem ao prefeito de Jeroboão, contando que tinha havido um acidente horrível no pântano, por isso o rei não queria outra recepção arrebatadora. E assim, quando o grupo do rei chegou, a cidade estava silenciosa. O povo, que espremia a cara em suas janelas ou espiava pela porta, ficou chocado ao ver o rei tão sujo e arrasado, mas isso não passou perto do que sentiram ao verem um corpo enrolado em capas, preso ao cavalo cinza-chumbo do major Brilhante.

Quando chegaram à estalagem, Cuspêncio puxou de lado o proprietário.

– Requisitamos um lugar frio e seguro, talvez um porão, onde possamos guardar um corpo esta noite, e vou precisar guardar a chave comigo.

– O que aconteceu, milorde? – perguntou o estalajadeiro, enquanto Barata carregava Brilhante pela escada de pedra até o porão.

– Eu lhe contarei a verdade, meu bom homem, sabendo que cuidou tão bem de nós, mas não deve passar adiante – disse Cuspêncio, em uma voz baixa e séria. – O Ickabog é real e matou com selvageria um de nossos homens. Você compreende, como tenho certeza, por que isto não deve ter ampla divulgação. Haveria pânico imediato. O rei está voltando o mais rapidamente ao palácio, onde ele e seus conselheiros... inclusive eu mesmo, é claro... começaremos a trabalhar prontamente em uma série de medidas para garantir a segurança do país.

– O Ickabog, real? – disse o proprietário, espantado e com medo.

– Real, vingativo e feroz – disse Cuspêncio. – Mas, como eu disse, isto não deve ser passado adiante. Espalhar um alerta não fará bem a ninguém.

Na verdade, Cuspêncio queria exatamente espalhar esse alerta, porque era essencial para a fase seguinte de seu plano. Como ele esperava, o proprietário só aguardou até os hóspedes terem ido dormir, depois correu para contar à esposa, que correu para contar às vizinhas, e, quando o rei partiu para Curdesburgo na manhã seguinte, a maioria das pessoas em Jeroboão tinha ouvido boatos sobre o monstro, e o pânico fermentava com a mesma rapidez do vinho.

Cuspêncio mandou antecipadamente uma mensagem a Curdesburgo, avisando à cidade de queijeiros para não fazer estardalhaço com o rei, para que também estivesse escuro e silencioso quando o rei e sua Guarda Real entrassem em suas ruas. Uma diferença foi que muitos

rostos nas janelas já estavam assustados. Por acaso, um mercador de Jeroboão, com um cavalo particularmente veloz, havia levado o boato sobre o Ickabog a Curdesburgo uma hora antes.

Mais uma vez, Cuspêncio requisitou o uso de um porão para o corpo do major Brilhante e mais uma vez confidenciou ao proprietário que o Ickabog tinha matado um de seus homens. Depois de ver que o corpo de Brilhante estava trancado e em segurança, Cuspêncio subiu a escada para dormir.

Ele passava pomada nas bolhas que tinha no traseiro ossudo quando recebeu uma convocação urgente para ver o rei. Com um sorriso cínico, Cuspêncio vestiu a pantalona, pegou a vela e foi pelo corredor até o quarto do rei Fred.

O rei estava encolhido na cama com sua touca de seda e, assim que Cuspêncio fechou a porta do quarto, Fred falou:

– Cuspêncio, não paro de ouvir cochichos sobre o Ickabog. Os cavalariços estavam falando, até a criada que passou agorinha pela porta de meu quarto. Por que tudo isso? Como eles podem saber o que aconteceu?

– Ai, Majestade – suspirou o astuto Cuspêncio –, era minha esperança esconder a verdade de Vossa Majestade até que estivéssemos na segurança do palácio, mas eu devia saber que Vossa Majestade é sagaz demais para ser enganado. Desde que saímos do pântano, o Ickabog, como Vossa Majestade temia, ficou muito mais agressivo.

– Ah, não! – gemeu o rei.

– Receio que sim, Alteza. No fim das contas, atacá-lo acabou deixando o monstro mais perigoso.

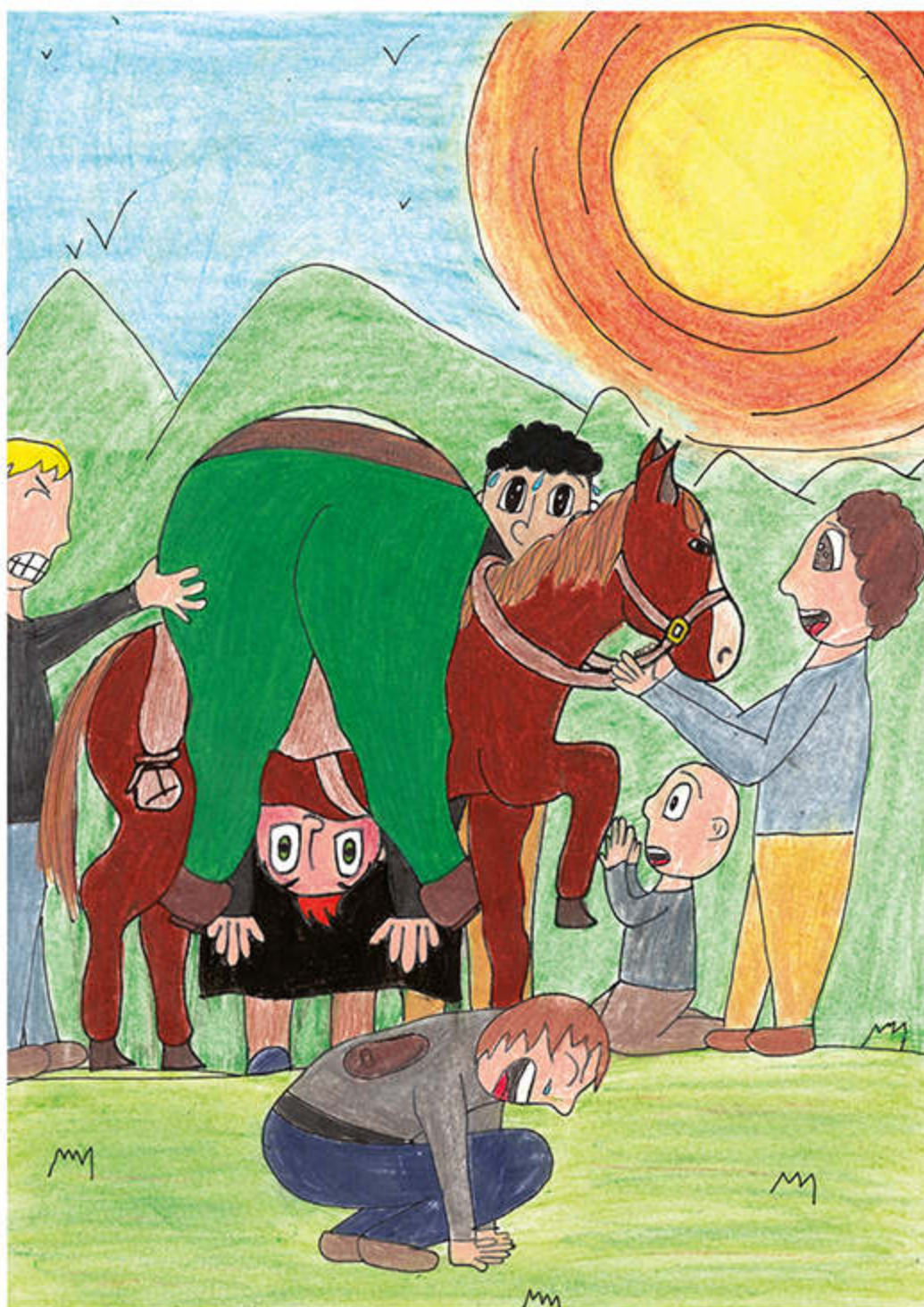
– Mas quem o atacou? – perguntou Fred.

– Vossa Majestade fez isso – disse Cuspêncio. – Suponho que sim. Barata me contou que sua espada estava cravada no pescoço do monstro quando ele fugiu. Desculpe, Alteza, disse alguma coisa?

O rei, de fato, tinha soltado um “hum”, mas depois de um ou dois segundos, fez que não com a cabeça. Pensou em corrigir Cuspêncio, mas sua horrível experiência na neblina parecia muito melhor da maneira como Cuspêncio a contava: que ele ficou firme e lutou com o Ickabog, em vez de simplesmente deixar cair a espada e fugir.

– Mas isto é medonho, Cuspêncio – sussurrou Fred. – O que será de todos nós se o monstro tiver ficado mais feroz?

– Não tema, Alteza – disse Cuspêncio, aproximando-se da cama do rei, com a luz da vela iluminando de baixo para cima seu nariz comprido e seu sorriso cruel. – Pretendo dedicar minha vida a proteger Vossa Majestade e o reino desse monstro.

– Ob-obrigado, Cuspêncio. Você é um amigo de verdade – disse o rei, profundamente comovido, e se atrapalhou ao soltar o edredom para apertar a mão do astuto lorde.

Lorde Palermo e seu cavalo.

Por Isabela, 12 anos, Rio de Janeiro, RJ

CAPÍTULO 15

O rei retorna

Quando o rei partiu para Profiterólia na manhã seguinte, os boatos de que o Ickabog havia matado um homem não só tinham atravessado a ponte para Baronópolis, como tinham até chegado de mansinho na capital, cortesia de um grupo de vendedores de queijo que tinha partido em viagem antes do amanhecer.

Acontece que Profiterólia não era só a cidade mais distante do pântano ao norte, ela também sempre se considerou muito mais informada e instruída do que as outras cidades da Cornucópia e então, quando a onda de pânico chegou à capital, ela foi recebida por um turbilhão de descrença.

As tabernas e os mercados da cidade repicavam com discussões animadas. Os céticos riam da ideia ridícula de o Ickabog existir, enquanto outros diziam que as pessoas que nunca foram à Terra dos Brejos não deviam se fingir de especialistas.

Os boatos do Ickabog adquiriram muita vivacidade ao viajarem para o sul. Algumas pessoas diziam que o Ickabog tinha matado três homens; outras, que ele apenas arrancara o nariz de alguém.

Na Cidade-Dentro-da-Cidade, porém, havia uma pitadinha de ansiedade. As esposas, os filhos e os amigos da Guarda Real ficaram preocupados com os soldados, mas tranquilizavam-se, pensando que, se algum dos homens tivesse sido morto, as famílias teriam sido informadas por mensageiro. Foi este o conforto que a sra.

Brilhante deu a Bert quando ele a procurou na cozinha do palácio, depois de ter ficado assustado com os boatos que circulavam entre os colegas de escola.

– Se alguma coisa tivesse acontecido com o papai, o rei teria nos contado – disse ela a Bert. – Pronto, agora vou te dar um presentinho.

A sra. Brilhante tinha preparado Esperanças do Paraíso para a volta do rei, e deu a Bert uma que não estava muito simétrica. Ele suspirou, já que só ganhava Esperanças do Paraíso no seu aniversário, e mordeu o bolinho. De imediato seus olhos se encheram de lágrimas de felicidade, enquanto o paraíso subia ao céu da boca e derretia ao descer. Ele pensou, animado, no pai chegando em casa com seu uniforme elegante, e como ele, Bert, seria o centro das atenções na escola amanhã, porque iria saber exatamente o que tinha acontecido com os homens do rei na longínqua Terra dos Brejos.

O crepúsculo caía em Profiterólia quando, enfim, o grupo do rei foi visto. Desta vez, Cuspêncio não enviara um mensageiro para dizer ao povo que ficasse em casa. Ele queria que o rei sentisse toda a força do pânico e do medo de Profiterólia quando o povo visse Sua Majestade voltando ao palácio com o corpo de um membro da Guarda Real.

O povo de Profiterólia viu os rostos abatidos e infelizes dos homens que voltavam, e observou em silêncio a aproximação do grupo. Depois localizaram o corpo enrolado e pendurado no cavalo cinza-chumbo e suspiraram e cochicharam. Pelas estreitas ruas calçadas com pedras de Profiterólia, o grupo do rei andou, homens tiraram os chapéus e mulheres fizeram reverências, e eles nem sabiam se prestavam seus respeitos ao rei ou ao morto.

Daisy De Pombal foi uma das primeiras a perceber quem faltava. Espiando entre as pernas de adultos, ela reconheceu o cavalo cinza-chumbo do major Brilhante. Imediatamente esquecendo que Bert e ela não estavam se falando desde sua briga da semana anterior, Daisy soltou da mão do pai e começou a correr, abrindo caminho entre a multidão, suas tranças castanhas voando. Precisava alcançar Bert antes que ele visse o corpo no cavalo. Precisava avisar o amigo. Mas as pessoas estavam tão próximas umas das outras que, por mais rápido que corresse, Daisy não conseguia acompanhar o ritmo dos cavalos.

Bert e a sra. Brilhante, que estavam do lado de fora de seu chalé, na sombra dos muros do palácio, perceberam que havia algum problema devido aos suspiros da multidão. Apesar de ficar angustiada de vez em quando, a sra. Brilhante ainda tinha certeza de que estava prestes a ver seu belo marido, pois o rei teria mandado avisar caso ele tivesse sido ferido.

E então, quando a procissão virou a esquina, os olhos da sra. Brilhante foram de um rosto a outro, na expectativa de ver o major. E quando ela percebeu que não sobrava mais rosto nenhum, a cor de seu próprio rosto foi sumindo lentamente. E então seu olhar caiu sobre o corpo amarrado no cavalo cinza-chumbo do major Brilhante e, ainda segurando a mão de Bert, ela desmaiou num átimo.

CAPÍTULO 16

Bert diz adeus

Lorde Cuspêncio notou um tumulto perto dos muros do palácio e se esforçou para ver o que acontecia. Quando localizou a mulher no chão e ouviu os gritos de assombro e pena, percebeu de repente que havia deixado uma ponta solta que poderia se tornar a sua forca: a viúva! Ao passar a cavalo pelo pequeno grupo de pessoas que abanavam o rosto da sra. Brilhante, Cuspêncio percebeu que o banho quente há muito desejado deveria ser adiado, e seu cérebro astuto voltara a disparar.

Depois que o grupo do rei estava em segurança no pátio e os criados se apressaram para ajudar Fred a desmontar, Cuspêncio puxou de lado o major Barata.

– A viúva, a viúva Brilhante! – disse ele em voz baixa. – Por que não mandou avisar a ela da morte dele?

– Nunca me passou pela cabeça, milorde – disse Barata.

Barata passou toda a viagem de volta pensando na espada cravejada de pedras preciosas: como seria melhor vendê-la, ou se não seria melhor quebrá-la em pedaços para que ninguém a reconhecesse.

– Maldito seja, Barata, será que preciso pensar em tudo? – disse Cuspêncio. – Vá, cubra o corpo de Brilhante com uma bandeira da Cornucópia e o coloque no Salão Azul. Ponha guardas na porta e depois traga a sra. Brilhante a mim, no Salão do Trono.

“E também dê aos soldados a ordem de não irem para casa, nem falarem com os familiares antes de eu falar

com eles. É fundamental que todos nós tenhamos a mesma história para contar! Agora ande rápido, seu tolo, rápido... a viúva Brilhante pode estragar tudo!”

Cuspêncio passou aos empurrões pelos soldados e cavalariços até onde Palermo estava sendo retirado do cavalo.

– Mantenha o rei longe do Salão do Trono e do Salão Azul – cochichou Cuspêncio no ouvido de Palermo. – Encoraje-o a ir para a cama!

Palermo acatou a ordem e Cuspêncio passou às pressas pelos corredores mal-iluminados do palácio, tirando a casaca de montaria empoeirada e berrando com os criados para que lhe trouxessem roupas limpas.

Agora no Salão do Trono deserto, Cuspêncio vestiu seu casaco limpo, ordenou a uma criada que acendesse um único lampião e lhe trouxesse uma taça de vinho. Depois, ele esperou. Por fim, ouviu uma batida alta na porta.

– Entre! – gritou Cuspêncio, e entrou o major Barata, acompanhado por uma pálida sra. Brilhante e pelo jovem Bert.

– Minha cara sra. Brilhante... minha *caríssima* sra. Brilhante – disse Cuspêncio, andando na direção dela e segurando sua mão livre. – O rei me pediu que lhe transmitisse seus sentimentos. Acrescento meus próprios pêsames. Que tragédia... que tragédia pavorosa.

– Por que... por que ninguém me avisou? – A sra. Brilhante soluçava. – Por que... por que tivemos de descobrir vendo seu pobre... seu pobre corpo?

Ela vacilou um pouco e Barata apressou-se a pegar uma pequena cadeira dourada. Quando a chorosa sra. Brilhante ia se sentar, Cuspêncio falou:

– Minha cara senhora, na realidade mandamos avisar. Enviamos um mensageiro... não enviamos, Barata?

– É verdade – disse Barata. – Enviamos um jovem chamado...

Mas, nessa, Barata empacou. Era um homem de muito pouca imaginação.

– Norberto – disse Cuspêncio, dizendo o primeiro nome que lhe passou pela cabeça. – O pequeno Norberto... Botões – acrescentou, porque a luz bruxuleante do lampião tinha acabado de iluminar um dos botões dourados de Barata. – Sim, o pequeno Norberto Botões se ofereceu para o trabalho e partiu a galope. O que terá sido feito dele? Barata – disse Cuspêncio –, precisamos enviar um grupo de busca imediatamente para ver se encontramos algum rastro de Norberto Botões.

– Imediatamente, milorde – disse Barata com uma reverência profunda, e saiu do salão.

– Como foi que... Como meu marido morreu? – sussurrou a sra. Brilhante

– Bem, senhora – Cuspêncio falava com cuidado, porque sabia que a história que contasse agora se tornaria a versão oficial e que ele teria de se prender a ela para sempre. – Como a senhora deve ter sabido por alguém, viajamos à Terra dos Brejos porque ouvimos o relato de um cão que tinha sido levado pelo Ickabog. Logo depois da chegada, lamento dizer que todo o nosso grupo foi atacado pelo monstro.

“Ele primeiro atacou o rei, mas o rei lutou com muita bravura, enterrando sua espada no pescoço do monstro. Para o Ickabog com seu couro duro, porém, aquilo não passou de uma ferroada de abelha. Enfurecido, ele procurou outras vítimas e, embora o major Brilhante tenha lutado heroicamente, lamento dizer que ele perdeu a vida pelo rei.

“Depois, Lorde Palermo teve a excelente ideia de disparar seu bacamarte, o que assustou o Ickabog. Retiramos o pobre Brilhante do pântano e pedimos a um voluntário para levar a notícia de sua morte aos familiares. O pequeno e estimado Norberto Botões disse que faria isso, e ele montou no cavalo, e até chegarmos a Profiterólia, nunca duvidei de que tivesse chegado e avisado a senhora desta tragédia horrível!”

– Eu posso... posso ver meu marido? – disse, chorando, a sra. Brilhante.

– Claro, claro que sim – respondeu Cuspêncio. – Ele está no Salão Azul.

Lorde Cuspêncio levou a sra. Brilhante e Bert, que ainda estava agarrado à mão da mãe, até as portas do salão, onde parou.

– Lamento – disse Cuspêncio –, mas não podemos retirar a bandeira que o recobre. Seus ferimentos seriam por demais aflitivos para a senhora ver... as marcas das presas e das garras, como sabe...

A sra. Brilhante vacilou de novo e Bert segurou firme sua mão, para mantê-la de pé. Agora Lorde Palermo juntava-se ao grupo, segurando uma bandeja de tortas.

– O rei está dormindo – disse ele seriamente a Cuspêncio. – Ah, olá – acrescentou, olhando a sra. Brilhante, uma das poucas criadas cujo nome ele sabia, porque era ela quem assava os bolos e tortas. – Sinto muito pelo major – disse Palermo, espirrando farelos de massa de torta na sra. Brilhante e em Bert. – Sempre gostei dele.

Palermo afastou-se de novo e Cuspêncio abriu a porta do Salão Azul para a entrada da sra. Brilhante e de Bert. Ali jazia o corpo do major Brilhante, escondido embaixo da bandeira da Cornucópia.

– Posso pelo menos lhe dar um último beijo? – soluçou a sra. Brilhante.

– Receio que seja impossível – disse Cuspêncio. – Metade de seu rosto se foi.

– A mão dele, mãe – Bert falou pela primeira vez. – Tenho certeza de que não vai ter problema com a mão dele.

E antes que Cuspêncio pudesse impedir o menino, Bert tinha alcançado por baixo da bandeira a mão do pai, que não tinha marca nenhuma.

A sra. Brilhante se ajoelhou e beijou a mão sem parar, até ela brilhar de tantas lágrimas, como se fosse feita de porcelana. Depois Bert ajudou a mãe a se levantar e os dois saíram do Salão Azul sem dizer nem mais uma palavra.

“Bert e a sra. Brilhante, que estavam do lado de fora de seu chalé, perceberam que havia

algum problema devido aos suspiros da multidão.”

Por Nina, 11 anos, São Paulo, SP

CAPÍTULO 17

Bueno toma uma atitude

Com os Brilhante fora de vista, Cuspêncio agora saía às pressas para a Sala da Guarda, onde encontrou Barata vigiando o restante da Guarda Real. Havia espadas penduradas nas paredes da sala e um retrato do rei Fred, cujos olhos pareciam observar tudo que estava acontecendo.

– Eles estão ficando indóceis, milorde – disse Barata em voz baixa. – Querem ir para casa, para suas famílias, querem dormir.

– E eles irão, depois que tivermos uma conversinha – disse Cuspêncio, ficando de frente para os soldados cansados e sujos da viagem.

– Alguém tem alguma pergunta sobre o que aconteceu na Terra dos Brejos? – indagou ele aos homens.

Os soldados se entreolharam. Alguns lançaram olhares furtivos a Barata, que se afastou e agora estava encostado na parede, polindo um rifle. Em seguida, o capitão Bueno levantou a mão, seguido de outros dois soldados.

– Por que o corpo de Brilhante estava enrolado antes que qualquer um de nós pudesse vê-lo? – perguntou o capitão Bueno.

– Quero saber onde a bala foi parar, aquela que ouvimos ser disparada – disse o segundo soldado.

– Como é que só quatro pessoas viram esse monstro, se ele era tão grande? – perguntou o terceiro, para um aceno geral e murmúrios de concordância.

– São todas excelentes perguntas – respondeu tranquilamente Cuspêncio. – Deixem-me explicar.

E ele repetiu a história do ataque que tinha contado à sra. Brilhante.

Os soldados que fizeram perguntas ainda não estavam satisfeitos.

– Ainda acho estranho um monstro imenso lá fora e nenhum de nós ter visto – disse o terceiro.

– Se Brilhante foi semidevorado, por que não havia mais sangue? – perguntou o segundo.

– E quem, em nome de tudo que é sagrado – disse o capitão Bueno –, é o soldado Norberto Botões?

– Como sabe a respeito de Norberto Botões? – Cuspêncio deixou escapar, falando sem pensar.

– Quando eu vinha dos estábulos para cá, encontrei uma das criadas, Henriqueta – disse Bueno. – Foi ela que lhe serviu o vinho, milorde. De acordo com ela, o senhor tinha acabado de falar com a pobre esposa de Brilhante sobre um membro da Guarda Real chamado Norberto Botões. De acordo com o senhor, Norberto Botões levou a mensagem à esposa de Brilhante, dizendo que ele tinha sido morto.

“Mas não me lembro de nenhum Norberto Botões. Nunca na vida conheci alguém de nome Norberto Botões. Então eu lhe pergunto, milorde, como pode ser isso? Como um homem pode cavalgar conosco, e acampar conosco, e receber ordens de Vossa Senhoria bem na nossa frente, sem que nenhum de nós tenha sequer posto os olhos nele?”

A primeira coisa que Cuspêncio pensou foi que teria de fazer algo a respeito dessa criada bisbilhoteira. Depois disse num tom de voz perigoso:

– O que lhe dá o direito de falar por todos, capitão Bueno? Talvez alguns destes homens tenham uma memória melhor do que a sua. Talvez eles se lembrem claramente do pobre Norberto Botões. O caro e pequeno Norberto Botões, em cuja memória o rei acrescentará uma gorda bolsa de ouro ao soldo de todos esta semana. O altivo e corajoso Norberto, cujo sacrifício... pois temo que o monstro o tenha devorado, assim como devorou Brilhante... significará um aumento no pagamento de todos os seus camaradas soldados. O nobre Norberto Botões, para cujos amigos mais íntimos certamente está reservada uma rápida promoção.

Outro silêncio se seguiu às palavras de Cuspêncio, e este silêncio tinha um caráter pesado e frio. Agora toda a Guarda Real entendia a decisão que tinha a tomar. Eles pesaram mentalmente a imensa influência que sabiam ter Cuspêncio com o rei e o fato de que o major Barata agora passava a mão no cano do rifle de um jeito ameaçador, e se lembraram da morte repentina de seu antigo líder, o major Brilhante. Eles também consideraram a promessa de mais ouro, e de uma rápida promoção, caso concordassem em acreditar no Ickabog e no soldado Norberto Botões.

Bueno levantou-se tão de repente que derrubou a cadeira no chão.

– Nunca existiu um soldado Norberto Botões, e que um raio caia em mim se existe um Ickabog; não participarei de uma mentira!

Os outros dois homens que tinham feito perguntas também se levantaram, mas o restante da Guarda Real continuou sentado, em silêncio, só olhando.

– Muito bem – disse Cuspêncio. – Vocês três estão presos pelo crime torpe de traição. E tenho certeza de

que seus camaradas se lembram: vocês fugiram quando o Ickabog apareceu pela neblina. Vocês se esqueceram do dever de proteger o rei e só pensaram em salvar a própria e covarde pele! A pena é de morte por fuzilamento!

Cuspêncio escolheu oito soldados para levar embora os três honestos homens, que, apesar de terem lutado muito, estavam em menor número e foram dominados, e logo arrastados para fora da Sala da Guarda.

– Muito bem – disse Cuspêncio aos poucos soldados que restaram. – Muito que bem. Teremos aumentos de salário para todos e me lembrarei de seus nomes para as promoções. Agora, não se esqueçam de contar a suas famílias exatamente o que aconteceu na Terra dos Brejos. Pode cair mal para suas esposas, seus pais e seus filhos se forem ouvidos questionando a existência do Ickabog, ou de Norberto Botões.

“Agora, podem voltar para casa.”

CAPÍTULO 18

O fim de um conselheiro

Assim que os soldados puseram os pés no chão para voltar para casa, Lorde Palermo entrou explosivamente na sala, com cara de preocupado.

– O que foi agora? – disse Cuspêncio num gemido, porque queria demais um banho e sua cama.

– O conselheiro-chefe! – Palermo ofegava.

E prontamente Espinosa, o conselheiro-chefe, agora entrava na sala com seu camisolão e uma expressão de revolta.

– Exijo uma explicação, milorde! – exclamou o conselheiro-chefe. – Que histórias são essas que chegaram a meus ouvidos? O Ickabog, real? O major Brilhante, morto? E acabo de passar por três soldados do rei sendo retirados à força sob sentença de morte. A minha instrução foi, evidentemente, que eles fossem levados às masmorras para aguardar julgamento.

– Posso explicar tudo, conselheiro-chefe – disse Cuspêncio com uma reverência, e pela terceira vez naquela noite relatou a história do Ickabog atacando o rei e matando Brilhante, depois o sumiço misterioso do soldado Norberto Botões, que, como temia Cuspêncio, também morrera caçado pelo monstro.

Espinosa, que sempre lastimou a influência que Cuspêncio e Palermo tinham sobre o rei, esperou Cuspêncio terminar sua mistureba de mentiras com o ar de uma velha raposa astuciosa que espera o coelho do jantar sair da toca.

– Uma fábula fascinante – disse ele, quando Cuspêncio terminou. – Mas declaro que agora eu o eximo de qualquer outra responsabilidade nesta questão, Lorde Cuspêncio. A partir de agora, assumirão os conselheiros. Existem leis e protocolos na Cornucópia para lidar com emergências como esta.

“Primeiramente, os homens nas masmorras terão um julgamento justo, e poderemos ouvir a versão deles dos acontecimentos. Em segundo lugar, os registros de soldados do rei devem ser examinados para localizarmos a família desse Norberto Botões e lhes informar de seu falecimento. Em terceiro lugar, o corpo do major Brilhante deve ser atentamente examinado pelos médicos do rei, de modo que possamos saber mais sobre o monstro que o matou.”

Cuspêncio escancarou a boca para falar, mas não saiu nada. Viu todo o seu glorioso esquema desmoronar em cima dele, e ele encurralado embaixo, aprisionado pela própria astúcia.

E então o major Barata, que estava atrás do conselheiro-chefe, baixou lentamente seu rifle e pegou uma espada na parede. Um olhar que parecia um clarão de luz em águas sombrias foi trocado entre Barata e Cuspêncio, que falou:

– Acho que esse, Espinosa, é o momento certo para você se aposentar.

O aço faiscou e a ponta da espada de Barata apareceu saindo da barriga do conselheiro-chefe. Os soldados arfaram, mas o conselheiro-chefe não pronunciou uma palavra sequer. Simplesmente se ajoelhou, depois tombou, morto.

Cuspêncio olhou na direção dos soldados que tinham concordado em acreditar no Ickabog. Ele gostou de ver o

medo em cada rosto. Podia sentir seu próprio poder.

– Todo mundo ouviu o conselheiro-chefe me nomear para seu cargo antes de se aposentar? – perguntou suavemente.

Os soldados fizeram que sim com a cabeça. Eles mal decidiram apoiá-lo e testemunharam um assassinato, sentiam-se envolvidos demais para protestar. Agora, o que todos queriam era apenas escapar desta sala vivos e proteger suas famílias.

– Muito bem, então – disse Cuspêncio. – O rei acredita que o Ickabog é real, e eu apoio o rei. Sou o novo conselheiro-chefe e vou elaborar um plano para proteger o reino. Todos que são leais ao rei descobrirão que suas vidas vão permanecer como sempre foram. Qualquer um que ficar contra o rei, sofrerá a punição dos covardes e traidores: a prisão... ou a morte.

“Agora preciso que um de vocês, cavalheiros, ajude o major Barata a enterrar o corpo do nosso querido conselheiro-chefe. E garanta que será um lugar em que ele não será encontrado. Os demais estão livres para voltar a suas famílias e informar a todos do perigo que ameaça nossa amada Cornucópia.”

CAPÍTULO 19

Lady Eslanda

Agora Cuspêncio andava a passos firmes para as masmorras. Com a morte de Espinosa, não havia nada que o impedisse de matar os três soldados honestos. Sua intenção era ele mesmo atirar. Haveria bastante tempo para inventar alguma história depois – talvez ele pudesse colocar os corpos no cofre, onde eram guardadas as joias da coroa, e fingir que eles tentavam roubá-las.

Entretanto, assim que Cuspêncio tocou a porta das masmorras, uma voz baixa vinda da escuridão falou às suas costas:

– Boa noite, Lorde Cuspêncio.

Ele se virou e viu Lady Eslanda, séria, os cabelos pretos como um corvo, descendo de uma escura escada em caracol.

– Está acordada até tarde, milady – disse Cuspêncio, com uma reverência.

– Sim – disse Lady Eslanda, cujo coração batia muito rápido. – Eu.... não consegui dormir. Pensei em dar uma voltinha.

Isto era mentira. Na verdade, Eslanda tinha adormecido rapidamente em sua cama quando foi despertada por uma batida frenética na porta do quarto. Ao abri-la, encontrou Henriqueta parada ali: a criada que serviu o vinho a Cuspêncio e ouviu as mentiras que ele contou sobre Norberto Botões.

Henriqueta ficou tão curiosa sobre o que tramava Cuspêncio depois de sua história sobre Norberto Botões

que foi de mansinho até a Sala da Guarda e, com o ouvido colado na porta, escutou tudo o que aconteceu lá dentro. Henriqueta correu e se escondeu quando os três soldados honestos foram arrastados dali, em seguida subiu a escada às pressas para acordar Lady Eslanda. Queria ajudar os homens que estavam prestes a ser fuzilados. A criada não sabia que Eslanda, secretamente, era apaixonada pelo capitão Bueno. Simplesmente gostava mais de Lady Eslanda do que das outras damas da corte, e sabia que ela era bondosa e inteligente.

Lady Eslanda colocou apressadamente algum ouro nas mãos de Henriqueta e a aconselhou a partir do palácio naquela noite, porque tinha medo de que agora a criada corresse um grave perigo. Em seguida, Lady Eslanda, com as mãos trêmulas, vestiu-se, pegou um lampião e desceu lépida a escada em caracol ao lado de seu quarto. Porém, antes de chegar ao pé da escada, ouviu vozes. Apagando o lampião com um sopro, Eslanda ouviu Espinosa dar a ordem de levar o capitão Bueno e seus amigos às masmorras, em vez de serem fuzilados. Desde então esteve escondida na escada, pois tinha a sensação de que o perigo que ameaçava os homens ainda não passara – e aqui, vejam só, estava Lorde Cuspêncio, dirigindo-se às masmorras com uma pistola.

– O conselheiro-chefe está por aqui? – perguntou Lady Eslanda. – Pensei ter ouvido a voz dele mais cedo.

– Espinosa se aposentou – disse Cuspêncio. – Está diante do novo conselheiro-chefe, milady.

– Ah, meus parabéns! – disse Eslanda, fingindo satisfação, embora estivesse horrorizada. – Então o julgamento dos três soldados nas masmorras estará sob a sua supervisão, certo?

– Está muito bem informada, Lady Eslanda – disse Cuspêncio, olhando-a atentamente. – Como sabe que temos três soldados nas masmorras?

– Por acaso, ouvi Espinosa falar neles – disse Lady Eslanda. – Ao que parece, são homens respeitáveis. Ele dizia como será importante que eles tenham um julgamento justo. Sei que o rei Fred concordará, porque ele se importa profundamente com sua popularidade... como deve ser, pois, para que um rei seja eficiente, ele precisa ser amado.

Lady Eslanda se saía muito bem fingindo pensar apenas na popularidade do rei, e creio que nove entre dez pessoas acreditariam nela. Infelizmente, Cuspêncio ouviu o tremor em sua voz e desconfiou de que ela estivesse apaixonada por um daqueles homens, a ponto de descer a escada às pressas, na calada da noite, na esperança de salvar a vida deles.

– Eu me pergunto – disse ele, observando-a com atenção – qual dos três é aquele com quem milady mais se importa?

Lady Eslanda teria impedido seu rubor se pudesse, mas infelizmente não conseguiu.

– Não creio que seja Ogden – Cuspêncio refletia –, porque ele é um homem muito simples e, de qualquer modo, já tem esposa. Poderá ser o Saraiva? É um sujeito divertido, mas tende a ser esquentado. Não – disse Lorde Cuspêncio baixinho –, creio que deve ser o belo capitão Bueno que a faz corar, Lady Eslanda. Mas milady desceria assim tão baixo? Como sabe, os pais dele eram fabricantes de queijo.

– Para mim, não faz diferença se um homem é fabricante de queijo ou um rei, desde que se comporte com dignidade – disse Eslanda. – E o rei será desonrado

se estes soldados forem fuzilados sem julgamento, e assim lhe direi, quando ele acordar.

Tremendo, Lady Eslanda então se virou e subiu a escada em caracol. Não sabia se tinha dito o bastante para salvar a vida dos soldados, por isso passou a noite em claro.

Cuspêncio continuou parado no corredor gelado até os pés ficarem tão frios que ele mal conseguia senti-los. Tentava decidir o que fazer.

Por um lado, Cuspêncio realmente queria se livrar daqueles soldados, que sabiam demais. Por outro, temia que Lady Eslanda tivesse razão: as pessoas culpariam o rei se os homens fossem fuzilados sem julgamento. Então, Fred ficaria com raiva de Cuspêncio e poderia até tirar dele o cargo de conselheiro-chefe. Se isto acontecesse, todos os sonhos de poder e riqueza que Cuspêncio alimentara na viagem de volta da Terra dos Brejos seriam frustrados.

E, assim, Cuspêncio deu as costas à porta das masmorras e foi para cama. Ficou profundamente ofendido com a ideia de Lady Eslanda, com quem antigamente tinha esperanças de se casar, preferir o filho de fabricantes de queijo. Ao soprar a vela para apagá-la, Cuspêncio decidiu que, um dia, ela pagaria por este insulto.

Lady Eslanda.

Por Isadora, 12 anos, São Paulo, SP

CAPÍTULO 20

Medalhas para Brilhante e Botões

Quando o rei Fred acordou na manhã seguinte e foi informado de que seu conselheiro-chefe se aposentara neste momento crítico da história do país, ficou furioso. Foi um alívio saber que Lorde Cuspêncio assumiria o cargo, porque Fred sabia que Cuspêncio entendia o imenso perigo que o reino enfrentava.

Embora estivesse se sentindo melhor agora, de volta ao palácio, com seus muros altos e torreões com canhões, a ponte levadiça e o fosso, Fred seguia incapaz de se livrar do choque da viagem. Ele ficou trancado em seus aposentos particulares, todas as refeições lhe eram levadas em bandejas de ouro. Em vez de sair para caçar, andava de um lado a outro em seus grossos tapetes, revivendo a pavorosa aventura no norte e recebendo apenas seus dois melhores amigos, que cuidavam de atiçar ao máximo os temores do rei.

No terceiro dia depois que voltaram da Terra dos Brejos, Cuspêncio entrou nos aposentos particulares do rei com uma expressão sombria e anunciou que os soldados enviados de volta ao pântano no intuito de descobrir o que acontecera com o soldado Norberto Botões não tinham encontrado nada além de suas botas manchadas de sangue, uma única ferradura e alguns ossos muito roídos.

O rei empalideceu e se sentou pesadamente no sofá de cetim.

– Oh, que coisa medonha, que coisa medonha... o soldado Botões... pode me lembrar qual deles era o Botões?

– Um jovem sardento, filho único de uma mãe viúva – disse Cuspêncio. – O mais novo recruta da Guarda Real e um rapaz muito promissor. É de fato uma tragédia. E o pior é que, depois de Brilhante e Botões, parece que o Ickabog criou gosto por carne humana... *exatamente* como Vossa Majestade havia previsto. É de fato assombroso, se posso dar minha opinião, como Vossa Majestade entendeu o perigo desde o começo.

– Ma-mas o que será feito, Cuspêncio? Se o monstro tem fome de mais presas humanas...

– Deixe tudo por minha conta, Majestade – falou Cuspêncio num tom tranquilizador. – Sou o conselheiro-chefe, como sabe, e trabalho dia e noite pela segurança do reino.

– Que bom que Espinosa nomeou você o sucessor dele, Cuspêncio – disse Fred. – O que eu faria sem você?

– Ora bolas, Majestade, é uma honra servir a um rei tão bondoso. Agora, precisamos discutir os funerais de amanhã. Pretendemos enterrar os restos mortais de Botões ao lado do major Brilhante. Deve ser uma ocasião de Estado, como sabe, com muita pompa e circunstância, e acredito que seria um belo toque se Vossa Majestade pudesse entregar aos parentes dos mortos a Medalha por Bravura Notável Contra o Mortal Ickabog.

– Ah, existe uma medalha? – perguntou Fred.

– Certamente existe, Alteza, e isso me lembra de uma coisa... Vossa Majestade ainda não recebeu a sua.

De um bolso interno do paletó, Cuspêncio retirou a mais linda medalha de ouro, quase do tamanho de um pires. Gravado na medalha, havia um monstro com olhos reluzentes de rubi, que era combatido por um homem musculoso e belo, de coroa na cabeça. Tudo isso pendurado em uma fita de veludo escarlate.

– Minha? – disse o rei, de olhos arregalados.

– Mas naturalmente, Alteza! – disse Cuspêncio. – Vossa Majestade não enterrou sua espada no pescoço abominável do monstro? Todos nos lembramos deste acontecimento, Alteza!

O rei Fred passou os dedos na pesada medalha de ouro. Embora não falasse nada, travava uma luta silenciosa.

A honestidade de Fred se manifestou em uma voz baixa, mas nítida: *"Não foi assim que aconteceu. Você sabe que não foi. Você viu o Ickabog na neblina, largou a espada e fugiu. Você nunca o atingiu. Nunca chegou perto para tanto!"*

Mas a covardia de Fred falou mais alto que sua honestidade: *"Você já concordou com Cuspêncio que foi o que aconteceu! Que bobalhão vai parecer confessar que fugiu!"*

E a vaidade de Fred falou mais alto que tudo: *"Afinal, fui eu que liderei a caçada ao Ickabog! Fui eu que o vi primeiro! Eu mereço esta medalha, e ela ficará linda com aquele traje preto para funerais."*

E então Fred falou:

– Sim, Cuspêncio, aconteceu exatamente como você disse. Naturalmente, uma pessoa não deve se gabar.

– A modéstia de Vossa Majestade é lendária – disse Cuspêncio, com uma mesura para esconder o sorriso malicioso.

O dia seguinte foi declarado feriado nacional em homenagem às vítimas do Ickabog. Multidões ladeavam as ruas para ver os caixões do major Brilhante e do soldado Botões passarem em carroças puxadas por cavalos pretos emplumados.

O rei Fred seguiu atrás dos caixões em um cavalo preto como breu, a Medalha por Bravura Notável Contra o Mortal Ickabog quicando em seu peito e refletindo o sol com tanta intensidade que doía nos olhos do povo. Atrás do rei, vinham a pé a sra. Brilhante e Bert, também vestidos de preto, e atrás deles uma senhora gritona de peruca ruiva, que fora apresentada a eles como a sra. Botões, a mãe viúva de Norberto.

– Ai, o meu Norberto – ela lamentava ao caminhar. – Ai, acabem com o medonho Ickabog, que matou meu pobre filho!

Os caixões foram baixados em sepulturas e o hino nacional foi tocado pelos corneteiros do rei. O caixão de Botões era particularmente pesado, porque foi recheado de tijolos. A esquisita sra. Botões seguia chorando e xingando o Ickabog, enquanto dez homens suarentos baixavam o caixão de seu filho na terra. A sra. Brilhante e Bert ficaram parados ali, chorando.

Em seguida, o rei Fred chamou os parentes enlutados para receberem as medalhas de seus homens. Cuspêncio não estava disposto a gastar tanto dinheiro com Brilhante e o imaginário Botões como gastou com o rei, assim as medalhas eram feitas de prata, e não de ouro. Porém, acabou por ser uma cerimônia comovente, em particular quando a sra. Botões se emocionou a ponto de se jogar no chão e beijar as botas do rei.

A sra. Brilhante e Bert foram para casa a pé depois do enterro, e as pessoas na multidão abriram

respeitosamente passagem para os dois. A sra. Brilhante parou uma única vez, quando o seu velho amigo sr. De Pombal se destacou da multidão para lhe dizer que sentia muito. Os dois se abraçaram. Daisy queria falar algo para Bert, mas todo mundo estava olhando e ela mal conseguiu encontrar o olhar do amigo, porque Bert encarava o chão. Quando Daisy percebeu, seu pai havia soltado a sra. Brilhante, e a menina observou seu melhor amigo e a mãe dele ficarem fora de vista.

Assim que voltaram ao chalé, a sra. Brilhante se jogou de cara na cama e chorou sem parar. Bert tentou reconfortá-la, mas nada dava certo, então levou para seu quarto a medalha que tinham recebido e a colocou acima da lareira.

Foi só quando se ergueu para olhar que Bert percebeu ter colocado a medalha do pai bem ao lado do Ickabog de madeira que o sr. De Pombal entalhara para ele há tanto tempo. Até aquele momento, Bert não tinha relacionado o Ickabog de brinquedo com o jeito como o pai morreu.

Agora ele tirou o modelo de madeira da prateleira, colocou no chão, pegou um atiçador da lareira e esmagou o Ickabog de brinquedo, fazendo-o em pedacinhos. Depois pegou o que restava do brinquedo espatifado e jogou no fogo. Conforme via as chamas saltando cada vez mais altas, ele jurou que um dia, quando tivesse idade, caçaria o Ickabog e se vingaria do monstro que matou o pai.

CAPÍTULO 21

O professor Fraudevindo

Na manhã seguinte aos funerais, Cuspêncio voltou a bater na porta dos aposentos do rei e entrou carregando muitos pergaminhos, que largou na mesa em que Fred se sentava.

– Cuspêncio – disse Fred, que ainda estava com sua Medalha por Bravura Notável Contra o Mortal Ickabog sobre um traje escarlate, que a deixava mais evidente –, esses bolos não estão bons como costumam ser.

– Ah, lamento saber disto, Alteza – disse Cuspêncio. – Julguei correto a viúva Brilhante tirar alguns dias de folga. Estes foram feitos pela confeiteira-assistente.

– Bom, estão borrachudos – disse Fred, largando metade de seu Capricho Disparatado no prato. – E o que são esses pergaminhos?

– Estas, Alteza, são sugestões para melhorar as defesas do reino contra o Ickabog – disse Cuspêncio.

– Excelente, excelente. – O rei Fred empurrou de lado os bolos e o bule de chá para abrir mais espaço, enquanto Cuspêncio puxava uma cadeira para perto.

– A primeiríssima coisa a ser feita, Majestade, seria descobrir o máximo que pudermos a respeito do Ickabog e, melhor ainda, descobrir como derrotá-lo.

– Ora, sim, mas *como*, Cuspêncio? O monstro é um mistério! Todo mundo o considerou uma fantasia por todos esses anos!

– É aí, com seu perdão, que Vossa Majestade se engana – disse Cuspêncio. – Por força de uma pesquisa

incessante, consegui encontrar o maior especialista em Ickabog em toda a Cornucópia. Lorde Palermo está aguardando com ele no corredor. Com a permissão de Vossa Majestade...

– Traga-o, traga-o aqui, ande! – disse Fred, empolgado.

E assim Cuspêncio saiu do quarto e voltou logo em seguida com Lorde Palermo e um velho baixinho de cabelos brancos como a neve e óculos tão grossos que seus olhos quase desapareciam.

– Este, Alteza, é o professor Fraudevindo – disse Palermo, enquanto o baixinho com cara de toupeira fazia uma reverência profunda para o rei. – O que ele não sabe sobre Ickabogs não vale a pena saber!

– Como é possível que eu nunca tenha ouvido falar do senhor, professor Fraudevindo? – perguntou o rei, imaginando que se um dia soubesse que o Ickabog era real o bastante para ter seu próprio especialista, nunca teria ido procurá-lo, para começo de conversa.

– Tenho uma vida reclusa, Majestade – disse o professor Fraudevindo, com uma segunda reverência. – Tão pouca gente acredita no Ickabog que me habituei a guardar meu conhecimento para mim.

O rei Fred ficou satisfeito com a resposta, o que foi um alívio para Cuspêncio, pois o professor Fraudevindo não era mais real do que o soldado Norberto Botões ou, efetivamente, a viúva Botões uivando no funeral de Norberto com sua peruca ruiva. A verdade era que, por baixo da peruca e dos óculos, o professor Fraudevindo e a viúva Botões eram a mesma pessoa: o mordomo de Lorde Cuspêncio, que se chamava Oto Trajano e que cuidava das propriedades de Lorde Cuspêncio enquanto ele morava no palácio. Como seu patrão, Trajano fazia

qualquer coisa por ouro, e concordara em se passar pela viúva e pelo professor em troca de cem ducados.

– Então, o que pode nos dizer sobre o Ickabog, professor Fraudevindo? – perguntou o rei.

– Bem, vejamos – disse o pretenso professor, que soube por Cuspêncio o que deveria falar. – Ele tem a altura de dois cavalos...

– Se não for mais alto – interrompeu Fred, cujos pesadelos mostravam um Ickabog gigantesco desde que ele voltara da Terra dos Brejos.

– Se não for mais alto, como diz Vossa Majestade – concordou Fraudevindo. – Eu estimaria que um Ickabog de tamanho mediano teria a altura de uns dois cavalos, enquanto um espécime maior pode chegar ao tamanho de... vejamos...

– Dois elefantes – sugeriu o rei.

– Dois elefantes – concordou Fraudevindo. – E os olhos parecem lampiões...

– Ou bolas de fogo radiantes – sugeriu o rei.

– Exatamente a imagem que eu ia usar agora, Alteza! – disse Fraudevindo.

– E o monstro sabe falar uma língua humana? – perguntou Fred, em cujos pesadelos o monstro sussurrava “o rei... quero o rei... onde você está, reizinho?”, enquanto se arrastava pelas ruas escuras na direção do palácio.

– Sem dúvida alguma – disse Fraudevindo, com outra mesura muito inclinada. – Acreditamos que o Ickabog tenha aprendido a falar como um humano ao aprisionar pessoas. Antes de estripar e comer suas vítimas, acreditamos que ele as obrigue a lhe dar aulas de nossa língua.

– Pelos Santos Mártires, que selvageria! – sussurrou Fred, que empalideceu.

– Além disso – disse Fraudevindo –, o Ickabog tem uma memória longa e vingativa. Se for ludibriado por uma vítima... como Vossa Majestade o ludibriou, Alteza, escapando de suas garras mortais... às vezes ele sai furtivamente do pântano, sob o manto da escuridão, e reclama sua vítima enquanto ele ou ela dorme.

Mais branco que o glacê nevado de seu Capricho Disparatado deixado pela metade, Fred murmurou:

– O que podemos fazer? Estou condenado!

– Mas que absurdo, Majestade! – Cuspêncio falou em um tom revigorante. – Elaborei toda uma série de medidas para sua proteção.

Assim dizendo, Cuspêncio pegou um dos pergaminhos que trouxera e o desenrolou. Ali, cobrindo a maior parte da mesa, estava uma ilustração colorida de um monstro que parecia um dragão. Era imenso e feio, tinha escamas pretas e grossas, olhos brancos reluzentes, um rabo que terminava em um espinho peçonhento, uma boca com presas e tamanho para engolir um homem, e garras compridas e afiadas feito navalhas.

– Existem vários problemas a serem superados na defesa contra o Ickabog – disse o professor Fraudevindo, agora pegando uma vareta e apontando as presas, as garras e o rabo venenoso. – Mas o maior desafio é que matar um Ickabog faz com que outros dois novos Ickabogs surjam do cadáver do primeiro.

– Será possível? – disse Fred com a voz fraca.

– Ah, sim, Vossa Majestade – disse Fraudevindo. – Estudei a vida inteira o monstro e posso lhe garantir que minhas descobertas estão corretas.

– Vossa Majestade deve se lembrar de muitas histórias antigas do Ickabog que fazem menção a este fato curioso – intrometeu-se Cuspêncio, que precisava muito que o rei acreditasse nesta característica específica do Ickabog, já que a maior parte de seu plano dependia disto.

– Mas parece tão... tão improvável! – disse Fred debilmente.

– *Parece* improvável à primeira vista, não é verdade, Alteza? – disse Cuspêncio com outra mesura. – Na verdade, é uma daquelas ideias extraordinárias e inacreditáveis que só as pessoas mais inteligentes conseguem compreender, enquanto o povo comum... o povo *parvo*, Alteza... ri e gargalha da ideia.

Fred olhou de Cuspêncio para Palermo e deste para o professor Fraudevindo; os três homens pareciam querer que ele provasse o quanto era inteligente, e ele naturalmente não queria parecer um parvo, então falou:

– Sim... bem, se o professor diz assim, basta para mim... mas se o monstro se transforma em dois sempre que morre, como vamos matá-lo?

– Bom, na primeira fase de nosso plano, não matamos – disse Cuspêncio.

– Não matamos? – perguntou Fred, desanimado.

Cuspêncio agora desenrolou um segundo pergaminho, que mostrava um mapa da Cornucópia. A pontinha mais ao norte tinha um desenho de um Ickabog gigantesco. Por toda a volta do largo pântano, destacavam-se centenas de bonecos de palito, portando espadas. Fred olhou atentamente para ver se algum deles usava uma coroa, e ficou aliviado ao ver que ninguém usava.

– Como pode ver, Majestade, nossa primeira proposta é uma Brigada de Defesa Contra o Ickabog. Esses homens patrulharão a beira da Terra dos Brejos para

garantir que os Ickabogs fiquem contidos ali. Estimamos que o custo de uma brigada dessas, incluindo uniformes, armas, cavalos, salários, treinamento, alimentação, alojamento, auxílio-doença, adicional de insalubridade, presentes de aniversário e medalhas fique em torno de dez mil ducados de ouro.

– Dez mil ducados? – repetiu o rei Fred. – É muito ouro. Entretanto, quando se trata de minha proteção... quero dizer, quando se trata da proteção da Cornucópia...

– ... dez mil ducados por mês é um preço pequeno a pagar – concluiu Cuspêncio.

– Dez mil *por mês*! – Fred deu um grito.

– Sim, Alteza – disse Cuspêncio. – Se quisermos verdadeiramente defender o reino, a despesa será considerável. Porém, se Vossa Majestade sente que pode tratar do problema com menos armas...

– Não, não, eu não disse isso...

– Naturalmente, não esperamos que Vossa Majestade vá arcar com esta despesa sozinho – continuou Cuspêncio.

– Não esperam? – perguntou Fred, de súbito esperançoso.

– Ah, não, Alteza, isto seria de uma injustiça gritante. Afinal, o país inteiro se beneficiará da Brigada de Defesa Contra o Ickabog. Sugiro instituirmos um imposto do Ickabog. Pediremos a cada lar da Cornucópia que pague um ducado de ouro por mês. É claro que isto significará o recrutamento e o treinamento de muitos outros coletores de impostos, mas se aumentarmos a quantia para dois ducados, cobriremos o custo destes também.

– Admirável, Cuspêncio! – disse o rei Fred. – Mas que cérebro você tem! Ora, dois ducados por mês... as pessoas mal vão notar essa perda.

Daisy De Pombal.

Por Maria Clara, 9 anos, Rio de Janeiro, RJ

CAPÍTULO 22

A casa sem bandeira nenhuma

E foi assim que um imposto mensal de dois ducados de ouro foi instituído a cada lar da Cornucópia para proteger o país do Ickabog. A presença de coletores de imposto logo se tornou algo corriqueiro nas ruas de Cornucópia. Eles usavam uniformes pretos com grandes olhos brancos arregalados como lampiões pintados nas costas. Isso deveria lembrar aos súditos do rei para que servia o imposto, mas, nas tavernas, as pessoas cochichavam que os olhos eram do próprio Cuspêncio, sempre vigiando para garantir que todos pagassem seus impostos.

Depois de coletar dinheiro suficiente, Cuspêncio decidiu erigir uma estátua em memória a uma das vítimas do Ickabog, para lembrar ao povo que a fera era mesmo selvagem. Inicialmente, Cuspêncio planejou uma estátua do major Brilhante, mas seus espiões nas tavernas de Profiterólia contaram que era a história do soldado Botões que mais cativava a imaginação popular. O jovem e corajoso Botões, que se ofereceu para ir a galope noite adentro com a notícia da morte do major, só para acabar ele mesmo nas mandíbulas do Ickabog, era percebido de modo geral como uma figura nobre e trágica que merecia uma estátua bonita. O major Brilhante, por outro lado, parecia apenas ter morrido por acidente, às cegas e insensatamente pelo pântano

nevoento, no escuro. Na verdade, os bebedores de Profiterólia tinham um forte ressentimento contra Brilhante, por ter sido o homem que obrigou Norberto Botões a arriscar a vida.

Feliz em se curvar à vontade do povo, Cuspêncio mandou fazer uma estátua de Norberto Botões e a colocou no meio da maior praça pública de Profiterólia. Sentado em um corcel magnífico, com a capa de bronze voando às costas e uma expressão de determinação no rosto juvenil, Botões foi petrificado para sempre no ato de galopar de volta à Cidade-Dentro-da-Cidade. Virou moda deixar flores ao redor da base da estátua todo domingo. Uma jovem bem simples, que colocava flores todos os dias da semana, alegou ter sido namorada de Norberto Botões.

Cuspêncio também decidiu que valia a pena gastar algum dinheiro num esquema para manter o rei distraído, porque Fred ainda estava muito assustado para ir caçar, temendo que o Ickabog tivesse escapado do brejo e esperasse por ele na floresta. Já cansado de ficar distraindo Fred, Cuspêncio e Palermo bolaram um plano.

– Precisamos de um retrato de Vossa Majestade lutando com o Ickabog, Alteza! – declarou Cuspêncio. – A nação exige isto!

– Exige mesmo? – disse o rei, mexendo em seus botões; os daquele dia eram feitos de esmeraldas. Fred lembrou-se da ambição que projetara, na manhã em que experimentou o traje de batalha, de ser pintado matando o Ickabog. Ele gostou muito da ideia de Cuspêncio, tanto que passou as duas semanas seguintes escolhendo e provando um novo traje de batalha, porque o antigo estava muito manchado do pântano, e mandou fazer uma espada com pedras preciosas para substituir a

antiga. Depois, Cuspêncio contratou o melhor retratista da Cornucópia, Malik Lorido, e Fred posou semanas a fio para um quadro com tamanho suficiente para cobrir toda uma parede do Salão do Trono. Atrás de Malik sentavam-se cinquenta artistas menores, todos copiando o trabalho do primeiro, para haver cópias menores do retrato prontas para serem entregues a cada cidade, povoado e vilarejo da Cornucópia.

Enquanto era pintado, o rei divertia Malik e os demais artistas lhes contando a história de seu famoso combate com o monstro e, quanto mais contava a história, mais se via convencido de sua veracidade. Tudo isso mantinha Fred feliz e ocupado, deixando Cuspêncio e Palermo livres para governar o país e para dividir os baús de ouro que sobravam a cada mês, e que eram enviados na calada da noite para suas propriedades rurais, no interior.

Mas você pode se perguntar: e os outros onze conselheiros que trabalhavam com Espinosa? Eles não estranharam que o conselheiro-chefe tivesse se demitido no meio da noite e nunca mais sido visto? Eles não fizeram perguntas quando acordaram e encontraram Cuspêncio no lugar de Espinosa? E mais importante do que tudo: eles acreditavam na existência do Ickabog?

Bom, são todas excelentes perguntas e as responderei agora.

Os homens certamente resmungavam entre si que Cuspêncio não poderia ter assumido sem uma eleição adequada. Alguns, inclusive, consideraram reclamar com o rei. No entanto, decidiram não agir por um simples motivo: estavam com medo.

Veja bem, decretos reais agora estavam espalhados por cada cidade e praça da Cornucópia, todos redigidos por Cuspêncio e assinados pelo rei. Era traição

questionar as decisões do rei, era traição dizer que o Ickabog talvez não fosse real, era traição questionar a necessidade de um imposto do Ickabog, assim como não pagar seus dois ducados por mês. Também havia uma recompensa de dez ducados se uma pessoa denunciasse alguém que afirmasse que o Ickabog não existia.

Os conselheiros estavam com medo de serem acusados de traição. Eles não queriam ficar presos num calabouço. De fato, era muito mais agradável seguir morando nas adoráveis mansões que vinham com o cargo de conselheiro e continuar usando seus trajes especiais de conselheiros, que permitiam que eles passassem na frente nas filas das confeitarias.

Então eles aprovavam todas as despesas da Brigada de Defesa Contra o Ickabog, cujos integrantes usavam uniformes verdes, uniformes que Cuspêncio alegava serem melhores para camuflá-los entre as plantas do brejo.

Alguns poderiam questionar por que a Brigada desfilava pelas ruas acenando para o povo, em vez de permanecer ao norte, onde o monstro deveria estar, mas eles guardavam esses pensamentos para si. Enquanto isso, a maioria dos demais cidadãos competia entre si para demonstrar sua crença apaixonada no Ickabog. Escoravam cópias baratas do retrato do rei Fred combatendo o Ickabog nas janelas e penduravam placas de madeira nas portas que traziam mensagens do tipo ORGULHO DE PAGAR O IMPOSTO DO ICKABOG e ABAIXO O ICKABOG, VIVA O REI! Alguns pais até ensinaram os filhos a fazer mesuras e reverências aos coletores de impostos.

A casa da família Brilhante era decorada com tantos cartazes anti-Ickabog que ficava difícil dizer como era

sua aparência por baixo deles. Bert havia finalmente voltado para a escola, mas, para a decepção de Daisy, ele passava todos os intervalos com Rodrigo Barata, conversando sobre quando chegaria a hora dos dois integrarem a Brigada de Defesa Contra o Ickabog para matar o monstro. Ela nunca tinha se sentido tão sozinha, e ficava pensando se Bert sentia alguma saudade dela.

A casa de Daisy era a única na Cidade-Dentro-da-Cidade que não tinha nenhuma bandeira ou placa dando as boas-vindas aos coletores de impostos. O pai de Daisy também mantinha a filha dentro de casa sempre que a Brigada de Defesa Contra o Ickabog passava a cavalo, em vez de incitá-la a correr ao jardim e dar vivas, como as crianças vizinhas.

Lorde Cuspêncio notou a ausência de bandeiras e placas no chalé minúsculo ao lado do cemitério e arquivou esta observação no fundo de sua cabeça astuta, onde guardava informações que um dia poderiam ser úteis.

CAPÍTULO 23

O julgamento

Tenho certeza de que você não se esqueceu daqueles três corajosos soldados trancafiados nas masmorras, aqueles que se recusaram a acreditar no Ickabog ou em Norberto Botões.

Bom, Cuspêncio também não se esqueceu deles. Desde a noite em que os prendeu, ele ficou pensando em um jeito de se livrar dos três sem levar a culpa por isso. A última ideia que teve foi envenenar a sopa dos soldados e fingir que eles tinham morrido de causas naturais. Cuspêncio ainda tentava decidir sobre o melhor veneno a usar quando alguns parentes dos soldados apareceram nos portões do palácio, exigindo falar com o rei. Pior ainda, Lady Eslanda estava com eles, e Cuspêncio teve a vaga suspeita de que tinha sido ela que organizou a coisa toda.

Em vez de levá-los ao rei, Cuspêncio fez o grupo comparecer a seu novo e esplêndido gabinete de conselheiro-chefe, onde os convidou educadamente a se sentarem.

– Queremos saber quando nossos rapazes irão a julgamento – disse o irmão do soldado Ogden, que era um criador de porcos residente nos arredores de Baronópolis.

– O senhor já os mantém presos há meses – disse a mãe do soldado Saraiva, que era garçonete em uma taberna de Jeroboão.

– E gostaríamos de saber de que eles são acusados – disse Lady Eslanda.

– Eles são acusados de traição – respondeu Cuspêncio, passando o lenço perfumado embaixo do nariz, com os olhos no criador de porcos. O homem estava inteiramente limpo, mas era intenção de Cuspêncio fazer com que ele se sentisse diminuído, e lamento dizer que Cuspêncio conseguiu.

– Traição? – repetiu a sra. Saraiva, atônita. – Ora essa, em lugar nenhum do mundo se pode encontrar súditos mais leais ao rei do que esses três!

Os olhos astutos de Cuspêncio vagaram entre os parentes preocupados, que claramente amavam profundamente seus irmãos e filhos, e Lady Eslanda, cuja expressão era muito ansiosa, e uma ideia brilhante faiscou como um raio em seu cérebro. Ele não entendia por que não tinha pensado nisso antes! Nem precisava envenenar os soldados! Precisava apenas arruinar a reputação deles.

– Seus homens irão a julgamento amanhã – disse ele, levantando-se. – O julgamento acontecerá na maior praça de Profiterólia, porque quero que o maior número possível de pessoas ouça o que eles têm a dizer. Um bom dia para vocês, senhoras e senhores.

E com um sorriso malicioso e uma reverência, Cuspêncio deixou os parentes atônitos e desceu às masmorras.

Os três soldados estavam muito mais magros do que da última vez que os vira e, como não puderam se barbear nem se limpar muito bem, formavam uma imagem deprimente.

– Bom dia, cavalheiros – disse alegremente Cuspêncio, enquanto o carcereiro bêbado cochilava num canto. –

Tenho uma boa notícia! Vocês irão a julgamento amanhã.

– E do que exatamente estão nos acusando? – perguntou, desconfiado, o capitão Bueno.

– Já passamos por isso, Bueno – disse Cuspêncio. – Vocês viram o monstro no brejo e fugiram, em vez de ficar e proteger seu rei. Depois alegaram que o monstro não era real, para acobertar sua covardia. Isto é traição.

– Que mentira suja – disse Bueno em voz baixa. – Faça o que quiser comigo, Cuspêncio, mas eu contarei a verdade.

Os outros dois soldados, Ogden e Saraiva, concordaram com o capitão, mexendo a cabeça.

– Podem não se importar com o que eu fizer *com vocês* – disse Cuspêncio, sorrindo –, mas e com suas famílias? Não seria terrível, Saraiva, se aquela sua mãe garçonete escorregasse ao descer ao porão e rachasse o crânio? Ou então, Ogden, se seu irmão criador de porcos se furasse por acidente com a própria foice e fosse devorado pelos próprios porcos? Ou – sussurrou Cuspêncio, aproximando-se mais das grades e olhando fixo nos olhos de Bueno – se Lady Eslanda tivesse um acidente ao cavalgar e quebrasse seu fino pescoço?

Como você pode perceber, Cuspêncio acreditava que Lady Eslanda fosse a amada do capitão Bueno. Nunca ocorreria a ele que uma mulher tentasse proteger um homem a quem ela jamais tinha dirigido a palavra.

O capitão Bueno perguntou-se por que diabos lorde Cuspêncio o ameaçava com a morte de Lady Eslanda. É verdade que ele a achava a mulher mais adorável do reino, mas Bueno sempre escondeu isso, porque filhos de queijeiros não se casavam com damas da corte.

– E o que Lady Eslanda tem a ver comigo? – perguntou ele.

– Pare de fingir, Bueno – estourou o conselheiro-chefe. – Eu a vi ruborizar quando seu nome foi mencionado. Você me toma por tolo? Ela esteve fazendo de tudo para proteger você e, devo admitir, é graças a ela que ainda está vivo. Porém, será Lady Eslanda que irá pagar se amanhã você contar alguma verdade que não seja a minha. Ela salvou sua vida, Bueno: você vai sacrificar a dela?

Bueno ficou mudo de choque. A ideia de que Lady Eslanda fosse apaixonada por ele era tão maravilhosa que quase obscurecia as ameaças de Cuspêncio. Mas, então, o capitão percebeu que, para salvar a vida de Eslanda, ele teria de confessar traição publicamente no dia seguinte, o que certamente mataria de vez o amor dela por ele.

Pelo jeito como a cor sumiu da cara dos três homens, Cuspêncio entendeu que suas ameaças tinham surtido efeito.

– Coragem, cavalheiros! – disse ele. – Estou certo de que nenhum acidente terrível acontecerá com seus entes queridos, desde que digam a verdade amanhã...

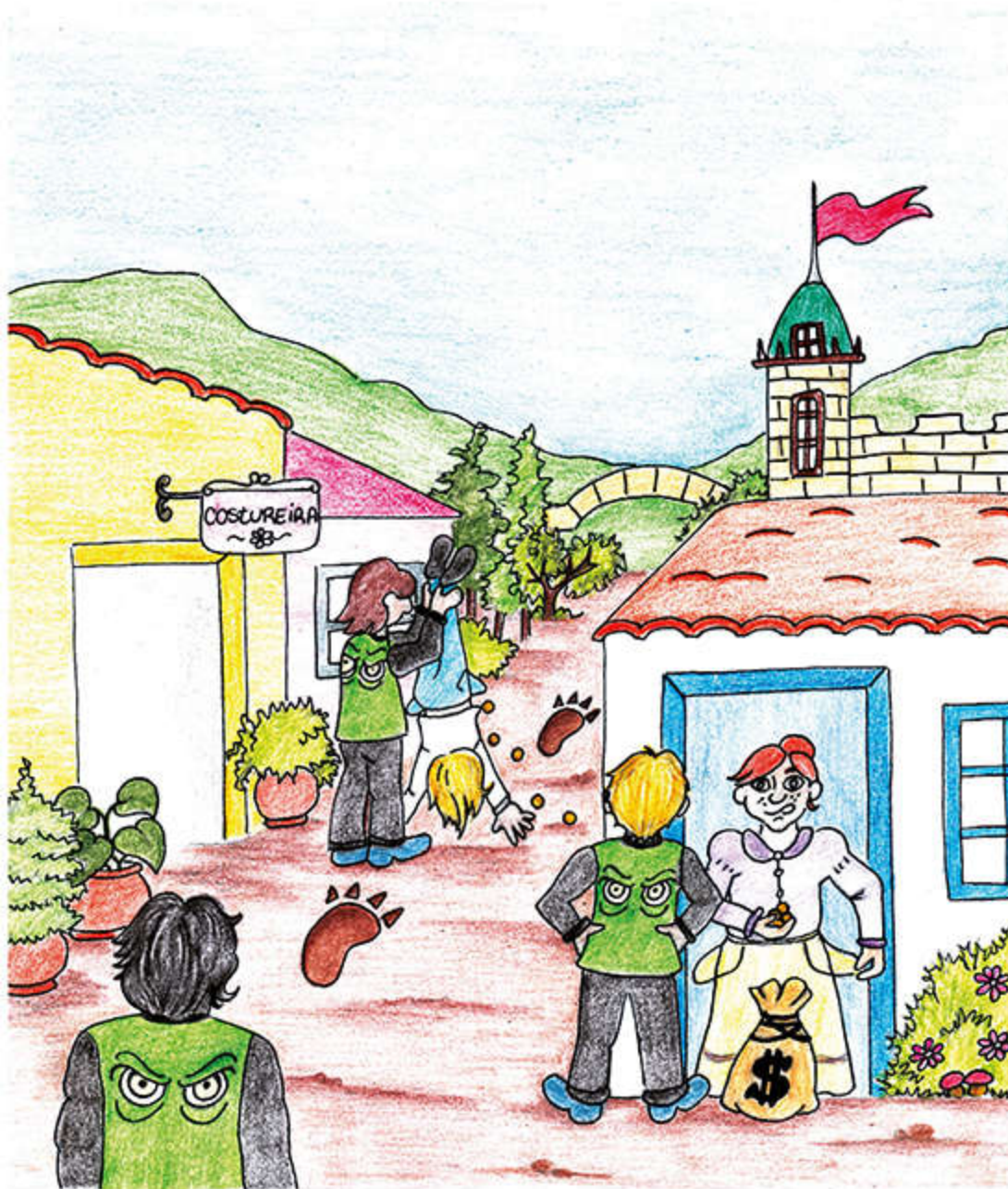
Assim, foram pendurados avisos por toda a capital anunciando o julgamento, e no dia seguinte uma enorme multidão se espremia na maior praça de Profiterólia. Cada um dos três corajosos soldados revezaram-se de pé na plataforma de madeira, enquanto amigos e familiares assistiam, e, um por um, eles confessaram que tinham encontrado o Ickabog no pântano e fugiram como covardes em vez de defender o rei.

A multidão vaiou tão alto os soldados que ficou difícil ouvir o que dizia o juiz (Lorde Cuspêncio). Mas durante todo o tempo em que Cuspêncio lia a sentença – prisão perpétua nas masmorras do palácio –, o capitão Bueno

olhava bem nos olhos de Lady Eslanda, que estava sentada, assistindo, no alto da arquibancada, com as outras damas da corte. Às vezes, duas pessoas conseguem dizer mais entre si com um olhar do que outros conseguiriam dizer em uma vida inteira de palavras. Não contarei a você tudo que Lady Eslanda e o capitão Bueno disseram com os olhos, mas agora ela sabia que o capitão correspondia a seus sentimentos e, embora fosse passar o resto da vida na prisão, ele entendeu que Lady Eslanda sabia de sua inocência.

Os três prisioneiros foram conduzidos das plataformas, acorrentados, enquanto a multidão atirava-lhes repolhos até se dispersar aos gritos. Muitos acharam que Lorde Cuspêncio deveria ter sentenciado os traidores à morte, e Cuspêncio riu por dentro ao voltar ao palácio, porque era sempre melhor, se possível, aparentar ser um homem razoável.

O sr. De Pombal assistiu ao julgamento do fundo da multidão. Não vaiou os soldados, nem levou Daisy à praça, deixou-a entalhando em sua oficina. Enquanto o sr. De Pombal voltava a pé para casa, perdido em pensamentos, viu a mãe chorosa de Saraiva sendo seguida pela rua por uma gangue de jovens, que vaiavam e atiravam legumes.

– Se seguirem esta mulher por mais um passo que seja, terão de se entender comigo! – gritou o sr. De Pombal para a gangue, que, vendo o tamanho do carpinteiro, foi embora de fininho.

“Eles usavam uniformes pretos com grandes olhos brancos arregalados como lampiões pintados nas costas.”

Por Elisa, 11 anos, Tietê, SP

CAPÍTULO 24

O bandalore

Daisy estava prestes a completar oito anos, então decidiu convidar Bert Brilhante para um chá em sua casa.

Desde a morte do pai dele parecia ter se erguido um denso muro de gelo entre os grandes amigos de outrora. Bert estava sempre com Rodrigo Barata, que tinha um orgulho especial de ter como amigo o filho de uma vítima do Ickabog, mas, com a proximidade do aniversário de Daisy, que era três dias antes do dele, haveria uma chance de descobrir se eles podiam reatar a amizade. Então ela pediu ao pai para escrever um bilhete à sra. Brilhante, convidando ela e Bert para o chá. Para a alegria de Daisy, chegou a ela um bilhete em resposta aceitando o convite, e, embora Bert ainda não falasse com ela na escola, Daisy tinha a esperança de que tudo se ajeitaria durante seu aniversário.

Embora fosse bem pago como carpinteiro do rei, até mesmo o sr. De Pombal sentiu o aperto por ter de pagar o imposto do Ickabog, então ele e Daisy compravam menos doces que de costume, e o sr. De Pombal parou de comprar vinho. Entretanto, para honrar o aniversário de Daisy, o sr. De Pombal pegou a sua última garrafa do vinho de Jeroboão, e Daisy recolheu todas as suas economias e comprou duas Esperanças do Paraíso, para ela e para Bert, porque sabia que era o doce preferido do amigo.

O chá de aniversário de Daisy não começou bem. Primeiro, o sr. De Pombal sugeriu um brinde ao major Brilhante, o que fez a sra. Brilhante chorar. Depois, os quatro se sentaram para comer, mas parecia que ninguém conseguia pensar no que dizer, até que Bert se lembrou de ter trazido um presente para Daisy.

Bert vira um bandalore na vitrine da loja de brinquedos, o que as pessoas antigamente chamavam de ioiô, e gastou nele toda a sua mesada. Daisy nunca tinha visto um, mas Bert a ensinou a usar e ela rapidamente ficou melhor que ele; a sra. Brilhante e o sr. De Pombal beberam uma taça de vinho de Jeroboão cada um, e a conversa fluiu com uma facilidade muito maior.

A verdade era que Bert sentia muita falta de Daisy, mas achara difícil fazer as pazes com ela tendo Rodrigo Barata sempre por perto. Logo parecia que a briga no pátio nunca tinha acontecido, e Daisy e Bert bufavam de tanto rir da mania do professor de tirar meleca do nariz pensando que não tinha nenhuma criança olhando. Os assuntos dolorosos dos pais mortos, ou de brigas que saíram de controle, ou do rei Fred, o Intrépido, foram todos esquecidos.

As crianças eram mais sensatas que os adultos. O sr. De Pombal não sentia o gosto de vinho havia muito tempo e, ao contrário da filha, não parou para considerar que talvez fosse má ideia falar do monstro que supostamente tinha matado o major Brilhante. Daisy só percebeu o que o pai fazia quando ele elevou a voz para que ficasse mais alta que o riso das crianças.

– Estou lhe dizendo, Berta – dizia o sr. De Pombal, agitando a taça de vinho –, onde está a prova? Queria ver a prova, é só isso!

– Não considera uma prova, então, que meu marido tenha sido morto? – disse a sra. Brilhante, cujo rosto gentil de repente parecia ameaçador. – Ou o coitadinho do Norberto Botões?

– O coitadinho do Norberto Botões? – repetiu o sr. De Pombal. – *O coitadinho do Norberto Botões?* Agora que falou nisso, queria uma prova do pequeno Norberto Botões! Quem era ele? Onde morava? Para onde foi aquela velha mãe viúva, que usava aquela peruca ruiva? Já conheceu alguém da família Botões na Cidade-Dentro-da-Cidade? E já que insiste – disse o sr. De Pombal, brandindo a taça de vinho –, já que *insiste*, Berta, vou lhe perguntar o seguinte: por que o caixão de Norberto Botões era tão pesado, quando só o que restou dele foram seus sapatos e um osso da canela?

Daisy fez uma cara furiosa para o pai, para tentar fazê-lo se calar, mas ele não percebeu. Tomando outro longo gole do vinho, ele falou:

– Essa conta não bate, Berta! Não bate! Quem pode… e isso é só uma ideia, veja bem… mas quem pode dizer que o pobre Brilhante não caiu do cavalo e quebrou o pescoço, e Lorde Cuspêncio viu uma oportunidade de fingir que o Ickabog o matou para nos cobrar um monte de ouro?

A sra. Brilhante se levantou lentamente. Não era uma mulher alta, mas, em sua raiva, parecia se elevar incrivelmente sobre o sr. De Pombal.

– Meu marido – sussurrou ela em uma voz tão fria que Daisy ficou arrepiada – era o melhor cavaleiro de toda a Cornucópia. Meu marido seria ainda menos capaz de cair do cavalo do que você seria capaz de decepar sua perna com o machado, Daniel De Pombal. Nada menos que um monstro terrível pode ter matado meu marido, e você

deveria cuidar de sua língua, porque dizer que o Ickabog não é real por acaso é traição!

– Traição! – exclamou o sr. De Pombal. – Sem essa, Berta, você não vai ficar parada aí me dizendo que acredita nessa asneira de traição, vai? Ora essa, alguns meses atrás não acreditar no Ickabog fazia de você uma pessoa mentalmente sã, e não um traidor!

– Isso foi antes de sabermos que o Ickabog é real! – gritou a sra. Brilhante. – Bert... vamos para casa!

– Não... não... por favor, não vá! – exclamou Daisy.

Ela pegou uma caixinha embaixo da cadeira e correu ao jardim atrás dos Brilhante.

– Bert, por favor! Olha... eu comprei Esperanças do Paraíso para a gente, gastei toda a minha mesada com elas!

Daisy não tinha como saber que, ultimamente, quando via Esperanças do Paraíso, de imediato Bert se lembrava do dia em que descobriu que o pai tinha morrido. A derradeira Esperança do Paraíso que ele tinha comido fora na cozinha do rei, quando a mãe garantiu que eles teriam recebido notícias se algo tivesse acontecido com o major Brilhante.

Ao mesmo tempo, Bert não pretendia jogar as Esperanças do Paraíso de Daisy no chão. Só quis empurrá-las. Por falta de sorte, Daisy deixou escapulir a caixa e os doces caros despencaram no canteiro de flores e ficaram cobertos de terra.

Daisy caiu em prantos.

– Bom, se tudo que importa para você são uns bolinhos! – Bert gritou, abriu o portão do jardim e saiu dali antes da mãe.

O bandalore.

Por Maria Clara, 10 anos, Taquara, RS

CAPÍTULO 25

O problema de Lorde Cuspêncio

Infelizmente para Lorde Cuspêncio, o sr. De Pombal não era o único a expressar dúvidas sobre o Ickabog.

Cornucópia estava ficando mais e mais pobre. Os mercadores ricos não tiveram problema em pagar o imposto do Ickabog. Eles davam aos coletores dois ducados por mês e depois, para recuperar a perda, aumentavam os preços de seus bolos e tortas, seus queijos, os presuntos e vinhos. Entretanto, para as pessoas mais pobres estava ficando difícil economizar dois ducados por mês, em particular com a comida mais cara nos mercados. Enquanto isso, na Terra dos Brejos, as crianças passaram a ficar com o rosto encovado.

Cuspêncio, que tinha espiões em cada cidade e vilarejo, começou a ouvir dizer que as pessoas queriam saber em que o ouro delas estava sendo gasto e até exigiam provas de que o monstro ainda representava perigo.

Dizia-se que os habitantes de cada cidade da Cornucópia tinham naturezas diferentes: os jeroboanenses deviam ser arruaceiros e sonhadores, os curdesburguenses pacíficos e corteses, enquanto os cidadãos de Profiterólia eram considerados orgulhosos, até esnobes. Mas o povo de Baronópolis tinha a fama de falar com franqueza e negociar com honestidade, e foi

onde aconteceu o primeiro sério foco de incredulidade a respeito do Ickabog.

Um açougueiro chamado Rolício Lombo pediu uma reunião na prefeitura. Rolício teve o cuidado de não dizer que não acreditava no Ickabog, mas convidou todos na reunião a assinar uma petição ao rei, solicitando comprovações de que a taxa do monstro ainda era necessária. Assim que acabou a reunião, o espião de Cuspêncio, que naturalmente estava presente, montou no cavalo e foi para o sul, chegando ao palácio à meia-noite.

Despertado de seu sono por um lacaio, Cuspêncio, às pressas, convocou Palermo e o major Barata de suas camas e os convidou a seu quarto para ouvir o que o espião tinha a dizer. O espião contou sobre a reunião traiçoeira, depois desenrolou um mapa em que prestativamente circulara as casas dos líderes, inclusive aquela de Rolício Lombo.

– Excelente trabalho – grunhiu Barata, tomando nota dos nomes e endereços dos líderes. – Prenderemos todos por traição e os jogaremos na prisão. É simples!

– Não é nada simples – disse Cuspêncio com impaciência. – Eram duzentas pessoas nesta reunião, e não podemos trancafiar duzentas pessoas. Não temos espaço, para começo de conversa, e mais, todos simplesmente dirão que isto prova que não podemos mostrar que o Ickabog é real!

– Podemos atirar neles – sugeriu Palermo –, embrulhá-los como fizemos com Brilhante, e deixar que sejam encontrados perto do pântano, e o povo vai pensar que o Ickabog os pegou.

– E por acaso agora o Ickabog tem uma arma? – estourou Cuspêncio. – E duzentas capas para embrulhar

as vítimas?

– Bom, se pretende zombar de nossos planos, milorde – disse Barata –, por que não pensa em algo inteligente o senhor mesmo?

Mas era exatamente isso que Cuspêncio não conseguia fazer. Por mais que exigisse de seus miolos matreiros, não conseguia pensar em um jeito de amedrontar os cornucopianos para que voltassem a pagar os impostos sem reclamar. O que ele precisava era uma prova de que o Ickabog realmente existia, mas onde poderia conseguir isso?

Andando para lá e para cá sozinho depois que os outros voltaram para a cama, Cuspêncio ouviu uma leve batida na porta.

– O que é? – rosnou ele.

No quarto, entrou o lacaio Aftílio.

– O que você quer? Ande logo com isso, estou ocupado! – disse Cuspêncio.

– Se me permite, Vossa Senhoria – disse Aftílio –, por acaso eu estava passando por seu quarto antes e não pude deixar de ouvir sobre a reunião traiçoeira em Baronópolis de que o senhor, Lorde Palermo e o major Barata estavam falando.

– Ah, não *pôde* deixar de ouvir, é? – disse Cuspêncio, zangado.

– Achei que devia lhe dizer, milorde, que tenho provas de que existe um homem aqui na Cidade-Dentro-da-Cidade que pensa do mesmo jeito que os traidores de Baronópolis – disse Aftílio. – Ele quer provas, como os açougueiros. Pra mim, pareceu traição, quando eu ouvi.

– Ora, é claro que é traição! – berrou Cuspêncio. – Quem tem a ousadia de dizer essas coisas, bem na

sombra do palácio? Que servo do rei se atreve a questionar a palavra do rei?

– Bom... quanto a isso... – disse Aftílio, remexendo os pés. – Alguns diriam que é informação valiosa, alguns até...

– Vai me dizer quem é – rosnou Cuspêncio, pegando o lacaio pela frente do paletó –, depois verei se você merece ser pago! O nome dele... *me dê o nome!*

– É Da-Da-Daniel De Pombal! – disse o lacaio.

– De Pombal... De Pombal... conheço esse nome – disse Cuspêncio, soltando o lacaio, que cambaleou de lado e caiu em uma mesa lateral. – Não tinha uma costureira...?

– A esposa, senhor. Ela morreu – disse Aftílio, endireitando-se.

– Sim – Cuspêncio falou lentamente. – Ele é dono daquela casa perto do cemitério, onde nunca hasteiam uma bandeira e não há um só retrato do rei nas janelas. Como sabe que ele expressou essas opiniões traiçoeiras?

– Por acaso ouvi a confeiteira-chefe falando com a copeira – disse o lacaio.

– Você ouve muita coisa *por acaso*, não é, Aftílio? – comentou Cuspêncio, apalpando algum ouro no colete. – Muito bem. Aqui tem dez ducados para você.

– Muitíssimo obrigado, milorde – disse o lacaio com uma bela reverência.

– Espere aí – disse Cuspêncio quando Aftílio se virou para sair. – O que ele faz, esse De Pombal?

O que Cuspêncio realmente queria saber era se o rei sentiria falta do sr. De Pombal, se ele fosse jogado na prisão.

– De Pombal, milorde? É carpinteiro – disse Aftílio, e saiu do quarto com uma mesura.

– Um carpinteiro – repetiu Cuspêncio em voz alta. – Um *carpinteiro*...

E enquanto a porta se fechava com a saída de Aftílio, despencou na cabeça de Cuspêncio um outro esquema de tal brilhantismo que ele precisou se segurar no encosto do sofá porque sentiu que poderia cair.

CAPÍTULO 26

Uma tarefa para o sr. De Pombal

Na manhã seguinte, Daisy tinha ido para a escola e o sr. De Pombal estava ocupado na oficina quando o major Barata bateu na porta do carpinteiro. O sr. De Pombal sabia que Barata era o homem que morava em sua antiga casa e que tinha assumido o lugar do major Brilhante como chefe da Guarda Real. O carpinteiro convidou Barata a entrar, mas o major declinou.

– Temos uma tarefa urgente para você no palácio, De Pombal – disse ele. – Um eixo da carruagem do rei quebrou e ele precisa do veículo amanhã.

– Mas já? – disse o sr. De Pombal. – Consertei no mês passado mesmo.

– Foi escoiceado – disse o major Barata – por um dos cavalos da carruagem. Você vem?

– Claro que sim – disse o sr. De Pombal, que não rejeitaria uma tarefa para o rei. Assim, ele trancou a oficina e acompanhou Barata pelas ruas ensolaradas da Cidade-Dentro-da-Cidade, falando banalidades, até chegarem à parte dos estábulos reais onde guardavam as carruagens. Meia dúzia de soldados estava à toa perto da porta, e todos ergueram o olhar quando viram a aproximação do sr. De Pombal com o major Barata. Um soldado tinha um saco de farinha vazio nas mãos e outro, uma corda.

– Bom dia – disse o sr. De Pombal.

Ele ia passar pelo grupo, mas, antes de entender o que estava acontecendo, um soldado jogou o saco de farinha na cabeça do sr. De Pombal e outros dois prenderam seus braços às costas e amarraram seus pulsos com a corda. O sr. De Pombal era um homem forte – ele lutou e se debateu, mas Barata sussurrou em seu ouvido:

– Dê um pio e será sua filha que pagará por isso.

O sr. De Pombal calou a boca. Permitiu que os soldados o levassem diretamente ao palácio, embora não conseguisse enxergar aonde ia. Mas ele logo deduziu, porque o fizeram descer dois lances de escada, depois um terceiro, que era de uma pedra escorregadia. Quando sentiu um arrepio na pele, suspeitou que estivesse nas masmorras, e teve certeza disso quando ouviu o giro de uma chave de ferro e o barulho de grades.

Os soldados jogaram o sr. De Pombal no piso frio de pedra. Alguém tirou seu capuz.

O local estava quase inteiramente às escuras, e de início o sr. De Pombal não conseguiu distinguir nada à volta. Depois, um dos soldados acendeu uma tocha e o sr. De Pombal se viu olhando duas botas muito bem engraxadas. Ele levantou a cabeça para olhar. De pé, acima dele, estava um sorridente Lorde Cuspêncio.

– Bom dia, De Pombal – disse Cuspêncio. – Tenho um trabalhinho para você. Se for bem-feito, você estará em casa com sua filha em breve. Recuse-se... ou faça um trabalho ruim... e nunca mais a verá. Estamos nos entendendo?

Seis soldados e o major Barata estavam enfileirados juntos à parede da cela, todos portando espadas.

– Sim, milorde – disse o sr. De Pombal em voz baixa. – Entendi.

– Excelente – disse Cuspêncio. Dando um passo de lado, ele revelou um enorme pedaço de madeira, parte de uma árvore caída, grande como um pônei. Ao lado da madeira havia uma mesinha em que se encontravam algumas ferramentas de carpintaria.

– Quero que entalhe para mim um pé gigantesco, De Pombal, um pé monstruoso, com garras afiadas feito navalhas. Em cima do pé, quero uma alça comprida para que um homem a cavalo possa pressionar o pé em terra fofa e deixar uma pegada. Entende qual é sua tarefa, carpinteiro?

O sr. De Pombal e Lorde Cuspêncio se olharam com intensidade. É claro que o sr. De Pombal entendia exatamente o que estava acontecendo. Ordenavam que ele forjasse provas da existência do Ickabog. O que apavorava o sr. De Pombal era não conseguir imaginar por que Cuspêncio o libertaria após a fabricação desse pé monstruoso, pois ele poderia acabar contando sobre o que tinha feito.

– Jura, milorde – disse em voz baixa o sr. De Pombal –, Vossa Senhoria *jura* que se eu fizer isto, minha filha não sofrerá mal nenhum? E que terei permissão de ir para casa ficar com ela?

– Naturalmente, De Pombal – disse Cuspêncio despreocupadamente, já se dirigindo à porta da cela. – Quanto mais rápido você concluir a tarefa, mais cedo verá sua filha de novo.

“Mas toda noite recolheremos estas ferramentas e toda manhã elas serão devolvidas a você, porque não podemos ter prisioneiros com meios para cavar uma saída daqui, não é mesmo? Boa sorte, De Pombal, e trabalhe bem. Não vejo a hora de ver meu pé!”

E, assim, Barata cortou a corda que amarrava os pulsos do sr. De Pombal e enfiou em um suporte na parede a tocha que carregava. Em seguida, Cuspêncio, Barata e os outros soldados saíram da cela. A porta de ferro se fechou com um estrondo, uma chave foi girada na fechadura e o sr. De Pombal foi deixado a sós com aquele enorme pedaço de madeira, seus formões e suas lâminas.

CAPÍTULO 27

Sequestrada

Quando Daisy chegou da escola naquela tarde, brincando com seu bandalore pelo caminho, foi, como sempre, à oficina do pai para lhe contar sobre o dia. Mas, para sua surpresa, encontrou a oficina trancada. Supondo que o sr. De Pombal tivesse terminado o trabalho cedo e voltado ao chalé, ela entrou pela porta da frente com os livros escolares debaixo do braço.

Daisy parou de repente na soleira, olhando fixamente em volta. Toda a mobília havia sumido, assim como os quadros das paredes, o tapete do chão, os lampiões, até o fogão.

Ela abriu a boca para chamar o pai, mas neste instante um saco foi jogado em sua cabeça e a mão de alguém tapou sua boca. Os livros escolares e o bandalore caíram com uma série de pancadas no chão. Daisy foi levantada, se debatendo como louca, depois carregada da casa e jogada na traseira de uma carroça.

– Se fizer qualquer barulho – disse uma voz rude em seu ouvido –, vamos matar seu pai.

Daisy, que tinha tomado fôlego para gritar, deixou que o ar saísse em silêncio. Sentiu a carroça arremeter e ouviu o tilintar de arreios e cascos trotando enquanto eles se moviam. Pela volta que aquela carroça deu, Daisy sabia que eles saíam da Cidade-Dentro-da-Cidade e, pelo barulho dos mercadores e de outros cavalos, percebeu que entravam na Grande Profiterólia. Embora estivesse mais assustada do que nunca na vida, Daisy ainda assim

se obrigou a se concentrar em cada guinada, cada som e cada cheiro, para poder ter uma ideia do destino ao qual era levada.

Depois de um tempo, os cascos dos cavalos não batiam mais em calçamento de pedra, mas em uma estrada de terra, e o ar açucarado de Profiterólia ficara para trás, substituído pelo cheiro verde e limoso do campo.

O homem que sequestrara Daisy era um integrante parrudo e violento da Brigada de Defesa Contra o Ickabog chamado soldado Altivo. Cuspêncio dissera a Altivo para “se livrar da garotinha De Pombal”, e Altivo entendeu que Cuspêncio quisera dizer matá-la. (Altivo tinha razão em pensar assim. Cuspêncio escolhera Altivo para o trabalho de assassinar Daisy porque o homem gostava de usar os punhos e parecia não se importar com aqueles que machucava.)

Porém, enquanto conduzia a carroça pelo interior, passando por matas e florestas onde podia facilmente estrangular Daisy e enterrar seu corpo, aos poucos ocorreu ao soldado Altivo que ele não conseguiria fazer isso. Por acaso, tinha uma sobrinha pequena, da idade de Daisy, de quem ele gostava muito. Na verdade, sempre que se imaginava estrangulando Daisy, parecia ver a sobrinha Rosinha em sua mente, suplicando pela vida. Assim, em vez de sair da estrada de terra e entrar na mata, Altivo conduziu a carroça adiante, quebrando a cabeça quanto ao que fazer com Daisy.

Dentro do saco de farinha, Daisy sentiu o cheiro de linguiça de Baronópolis misturado ao aroma dos queijos de Curdesburgo e se perguntou à qual das duas cidades estava sendo conduzida. De vez em quando, o pai a levava para comprar queijo e carne nessas cidades

famosas. Ela acreditava que se pudesse, de algum jeito, passar uma rasteira no condutor quando ele a retirasse da carroça, conseguiria voltar a Profiterólia em dois dias. Sua mente frenética insistia em retornar ao pai, e onde estaria ele, e por que todos os móveis da casa foram retirados, mas ela se obrigou a ficar concentrada no trajeto da carroça, para ter certeza de encontrar o caminho de volta para casa.

Só que, por mais que ela se esforçasse para ouvir o barulho de cascos de cavalos na ponte de pedra sobre o rio Flume, que ligava Baronópolis a Curdesburgo, o barulho nunca chegava, porque em vez de entrar na cidade, o soldado Altivo seguiu direto. Ele tinha acabado de ter uma inspiração sobre o que fazer com Daisy. Assim, contornando a cidade dos fabricantes de linguiça, ele foi para o norte. Lentamente, os cheiros de carne e queijo desapareceram do ar e a noite começou a cair.

O soldado Altivo se lembrara de uma velha que morava na periferia de Jeroboão, que por acaso era a cidade natal dele. Todo mundo chamava esta velha de Mãe Ranzinza. Ela aceitava órfãos e recebia um ducado ao mês por cada criança que morava com ela. Nenhum menino ou menina chegou a conseguir fugir da casa de Mãe Ranzinza, e foi isso que fez Altivo decidir levar Daisy para lá. A última coisa que queria era que Daisy encontrasse o caminho de volta a Profiterólia, porque Cuspêncio provavelmente ficaria furioso se Altivo não tivesse obedecido a suas ordens.

Apesar de muito assustada, e do frio e desconforto na traseira da carroça, o balanço acabou por fazer Daisy adormecer, mas de súbito ela acordou, sobressaltada. Agora sentia no ar um cheiro diferente, algo de que não gostava muito, e depois de um tempo ela identificou

como os vapores do vinho, que reconheceu das raras ocasiões em que o sr. De Pombal tinha bebido. Eles deviam estar se aproximando de Jeroboão, uma cidade que ela não conhecia. Pelos buraquinhos do saco, ela conseguia ver a luz do dia. Logo, a carroça mais uma vez se sacudia em um calçamento de pedra e, depois de um tempo, parou.

Prontamente, Daisy tentou fugir da traseira da carroça para o chão, mas foi apanhada pelo soldado Altivo antes que conseguisse chegar à rua. Ele a carregou, com dificuldade, até a porta da casa de Mãe Ranzinza, onde bateu com um punho pesado.

– Tudo bem, tudo bem, já vou – esganiçou uma voz de dentro da casa.

Ouviu-se, então, o barulho de muitos ferrolhos e correntes sendo retirados para revelar Mãe Ranzinza na soleira, apoiando seu peso em uma bengala com castão de prata – embora Daisy ainda estivesse no saco sem conseguir vê-la, é claro.

– Uma criança nova para você, Mãe – disse Altivo, carregando o saco contorcido para o hall de entrada de Mãe Ranzinza, que tinha cheiro de repolho cozido e vinho barato.

Veja bem, você pode pensar que Mãe Ranzinza ficaria alarmada ao ver uma criança em um saco sendo carregada para dentro de sua casa, mas a verdade é que filhos sequestrados de supostos traidores já haviam sido mandados a ela. Mãe Ranzinza não ligava para a história das crianças; só se importava com o ducado por mês que as autoridades lhe pagavam para ficar com elas. Quanto mais crianças espremesse em seu casebre em ruínas, mais vinho podia comprar, e era só com isso que ela se importava. Assim, ela estendeu a mão e grasnou:

– Taxa de entrada de cinco ducados. – Que era o que Mãe Ranzinza sempre pedia, se percebesse que alguém queria se livrar de uma criança.

Altivo fechou a carranca, entregou cinco ducados e foi embora sem dizer mais nada. Mãe Ranzinza bateu a porta depois que ele partiu.

Ao subir na carroça, Altivo ouviu o chocalhar das correntes da casa de Mãe Ranzinza e os ferrolhos rangendo. Mesmo que tenha lhe custado metade do soldo mensal, Altivo ficou feliz por ter se livrado do problema Daisy De Pombal, e conduziu os cavalos com a maior velocidade que pôde de volta à capital.

“Pelos buraquinhos do saco, ela conseguia ver a luz do dia.”

Por Lis, 10 anos, São Paulo, SP

CAPÍTULO 28

Mãe Ranzinza

Depois de se certificar de que a porta estava bem trancada, Mãe Ranzinza tirou do saco sua nova incumbência.

Piscando sob a luz repentina, Daisy se viu em um hall estreito e bem sujo, cara a cara com uma velha muito feia, vestida toda de preto e com uma grande verruga marrom e peluda saindo da ponta do nariz.

– João! – grasnou a velha, sem tirar os olhos de Daisy, e um menino carrancudo, bem maior e mais velho que Daisy, veio se arrastando pelo corredor, estalando os nós dos dedos. – Vá dizer às Joaninhas lá em cima para colocarem outro colchão no quarto delas.

– Mande um dos pirralhos fazer isso – resmungou João. – Ainda nem tomei o café da manhã.

Mãe Ranzinza de repente virou a pesada bengala de castão de prata em direção à cabeça do menino. Daisy esperava ouvir uma horrível pancada da prata no osso, mas o garoto se esquivou com habilidade da bengala, como se tivesse muita prática, estalou os nós dos dedos de novo e falou, de mau humor:

– Tá bom, tá bom. – E desapareceu escada bamba acima.

– Qual é o seu nome? – perguntou Mãe Ranzinza, virando-se para Daisy.

– Daisy – disse Daisy.

– Não é, não – disse Mãe Ranzinza. – Seu nome é Joana.

Daisy logo descobriria que Mãe Ranzinza fizera a mesma coisa com cada criança que chegou a sua casa. Toda menina era rebatizada de Joana e todo menino recebia o nome de João. A reação de uma criança ao receber seu nome dizia a Mãe Ranzinza exatamente o que ela precisava saber sobre a dificuldade que teria para domar o temperamento da criança.

É claro que as crianças muito pequenininhas que chegavam a Mãe Ranzinza simplesmente concordavam que seu nome era João ou Joana, e rapidamente se esqueciam de que já haviam sido chamadas por outro nome. Crianças sem-teto e crianças perdidas, que sabiam que ser João ou Joana era o preço para ter um teto sobre suas cabeças, também aprendiam a concordar rapidamente com a mudança.

De vez em quando, porém, Mãe Ranzinza encontrava uma ou outra criança que não aceitava sem briga seu novo nome, e ela percebeu, antes mesmo de Daisy abrir a boca, que a menina seria uma delas. Havia uma expressão antipática e orgulhosa na recém-chegada e, embora magricela, ela parecia forte, parada ali de macacão e punhos cerrados.

– Meu nome – disse Daisy – é Daisy De Pombal. Fui batizada com o nome da flor preferida da minha mãe, a margarida.

– Sua mãe morreu – disse Mãe Ranzinza, porque ela sempre dizia às crianças de sua casa que seus pais tinham morrido. Era melhor que os diabinhos não pensassem que havia alguém para quem fugir.

– É verdade – disse Daisy, com o coração batendo muito acelerado. – Minha mãe morreu *mesmo*.

– E seu pai também – disse Mãe Ranzinza.

Parecia que a velha horrorosa boiava diante dos olhos de Daisy. Não tinha comido nada desde o almoço anterior e passara uma noite de terror na carroça de Altivo. Ainda assim, ela falou em uma voz fria e inequívoca:

– Meu pai está vivo. Eu sou Daisy De Pombal e meu pai mora em Profiterólia.

Ela precisava acreditar que o pai ainda estava no mundo. Não podia se permitir duvidar disto, porque, se o pai tivesse morrido, toda luz desapareceria do planeta, para sempre.

– Não está, não – disse Mãe Ranzinza, levantando a bengala. – Seu pai está mortinho da silva, e seu nome é Joana.

– Meu nome... – Daisy começou a falar, mas, com um *zuuum* repentino, a bengala de Mãe Ranzinza veio zunindo para sua cabeça. Daisy se esquivou como vira o menino maior fazer, mas a bengala voltou a atacar e desta vez bateu dolorosamente na orelha de Daisy, derrubando-a de lado.

– Vamos tentar de novo – disse Mãe Ranzinza. – Repita o que eu disser: "Meu pai morreu e me nome é Joana."

– Não – gritou Daisy e, antes que a bengala voltasse, passou correndo por baixo do braço de Mãe Ranzinza, adentrando a casa, na esperança de que a porta dos fundos talvez não tivesse ferrolhos. Na cozinha, encontrou duas crianças pálidas, parecendo assustadas, um menino e uma menina, servindo um líquido verde e sujo em tigelas, e uma porta com tantas correntes e cadeados como a outra. Daisy se virou e voltou correndo ao hall, esquivou-se de Mãe Ranzinza e de sua bengala, depois disparou para o andar de cima, onde mais crianças pálidas e magras limpavam e arrumavam as

camas com lençóis puídos. Mãe Ranzinza já subia a escada atrás dela.

– Diga – grasnou Mãe Ranzinza. – Diga: “Meu pai morreu e meu nome é Joana.”

– Meu pai está vivo e meu nome é Daisy! – gritou Daisy, agora vendo uma portinhola no teto que ela supôs levar ao sótão. Apanhando um espanador da mão de uma menina assustada, ela cutucou a portinhola e a abriu. De lá caiu uma escada de corda, pela qual Daisy subiu, puxando-a logo em seguida e batendo a porta do sótão, para que Mãe Ranzinza e sua bengala não pudessem alcançá-la. Daisy ouvia a voz esganiçada da velha abaixo, ordenando a um menino que montasse guarda na portinhola para garantir que Daisy não saísse dali.

Mais tarde, Daisy descobriria que as crianças davam nomes diferentes umas às outras, assim saberiam de que João ou Joana estavam falando. O garoto grande que agora montava guarda embaixo da portinhola do sótão era o mesmo que Daisy tinha visto no térreo. Seu apelido entre as outras crianças era João Brigão, devido ao jeito como ele atormentava as crianças menores. João Brigão estava em vias de ser assistente de Mãe Ranzinza e agora chamava Daisy, dizendo que as crianças morriam de fome naquele sótão e que ela poderia encontrar seus esqueletos, se olhasse com bastante atenção.

O teto do sótão de Mãe Ranzinza era tão baixo que Daisy teve de se agachar. Também era muito sujo, mas havia um buraquinho no teto por onde caía uma nesga de sol. Daisy se esticou até ali e pôs o olho no buraquinho. Agora podia ver a silhueta de Jeroboão. Ao contrário de Profiterólia, onde a maioria das construções era branca como açúcar, esta era uma cidade de pedra

cinza escura. Dois homens cambaleavam pela rua, berrando uma cantiga popular dos bêbados.

“Se bebo uma garrafa, penso que Ickabog não há,
Se bebo outra garrafa, ouço o Ickabog suspirar,
Agora que bebi outra, vejo o bicho se esgueirar,
O Ickabog vem aí, bebamos antes de empacotar!”

Daisy ficou sentada com o olho no buraquinho por uma hora, até Mãe Ranzinza aparecer e bater na portinhola com a bengala.

– Qual é o seu nome?

– Daisy De Pombal! – berrou Daisy.

E a cada hora depois disso, lá vinha a pergunta, e a resposta continuava a mesma.

Porém, com o passar das horas, Daisy ficava tonta de fome. Sempre que gritava “Daisy De Pombal” em resposta à Mãe Ranzinza, sentia sua voz mais fraca. Por fim, ela viu pelo buraquinho do sótão que já ia escurecendo. Agora sentia muita sede e tinha de encarar a realidade de que, se continuasse se recusando a dizer que seu nome era Joana, um esqueleto no sótão podia mesmo aparecer para que João Brigão assustasse outras crianças.

Então, na vez seguinte em que Mãe Ranzinza bateu na portinhola do sótão com a bengala e perguntou qual era o nome de Daisy, ela respondeu:

– Joana.

– E seu pai está vivo? – perguntou Mãe Ranzinza.

Daisy cruzou os dedos e falou:

– Não.

– Muito bem – disse Mãe Ranzinza, puxando a portinhola para que a escada de corda caísse. – Desça

aqui, Joana.

Quando Daisy ficou novamente ao seu lado, a velha lhe deu um puxão de orelha.

– Isso é por ser uma pirralha malvada, mentirosa e suja. Agora vá tomar a sua sopa, lave a tigela e depois vá para a cama.

Daisy devorou uma tigelinha de sopa de repolho, que foi a coisa mais nojenta que comeu na vida, lavou a tigela no barril sebento que Mãe Ranzinza mantinha para lavar a louça, depois foi ao segundo andar. Havia um colchão a mais no chão do quarto das meninas, assim ela entrou de mansinho enquanto todas as outras a olhavam e se meteu embaixo do cobertor puído, de roupa e tudo, porque o quarto era muito frio.

Daisy se viu diante dos olhos azuis e gentis de uma menina de sua idade, com uma cara esquelética.

– Você durou muito mais que a maioria – disse a menina, aos sussurros. Tinha um sotaque que Daisy nunca ouvira na vida. Mais tarde, Daisy saberia que a menina era uma brejeira.

– Qual é o seu nome? – cochichou Daisy. – Seu nome *de verdade*?

A menina olhou para Daisy com aqueles imensos olhos de miosótis.

– Não temos permissão para dizer.

– Prometo que não vou contar – cochichou Daisy.

A menina a encarou. Justo quando Daisy pensava que não fosse responder, a outra cochichou:

– Marta.

– É um prazer conhecê-la, Marta – sussurrou Daisy. – Meu nome é Daisy De Pombal e meu pai ainda está vivo.

Mãe Ranzinza.

Por Theo, 12 anos, Novo Hamburgo, RS

CAPÍTULO 29

As preocupações da sra. Brilhante

Em Profiterólia, Cuspêncio cuidou para que circulasse a história de que a família De Pombal tinha feito as malas no meio da noite e se mudado para o país vizinho, a Pluritânia. O antigo professor de Daisy contou a notícia a seus antigos colegas de turma e Aftílio, o lacaio, informou a todos os servos do palácio.

Depois de chegar da escola naquele dia, Bert foi se deitar na cama, de olhos fixos no teto. Pensava nos tempos em que era um garoto gorducho e baixinho que as outras crianças chamavam de “Bola de Banha”, e em como Daisy sempre o defendia. Ele se lembrou da briga que tiveram há muito tempo no pátio do palácio e da expressão no rosto de Daisy quando ele derrubou, sem querer, as suas Esperanças do Paraíso no chão, no dia do aniversário dela.

E então Bert pensou em como passava seu tempo livre naquela época. No início, Bert meio que gostava de ser amigo de Rodrigo Barata, porque antigamente Rodrigo o atormentava e ele ficou feliz por isso ter acabado, mas, para ser sincero consigo mesmo, Bert na verdade não gostava das mesmas coisas que Rodrigo: por exemplo, tentar atingir cães de rua com estilingues, ou procurar sapos vivos para esconder na bolsa das meninas. Na verdade, quanto mais se lembrava de como se divertia com Daisy, mais pensava na dor que sentia no rosto

depois de um dia inteiro forçando o riso com Rodrigo, e mais se arrependia de nunca ter tentado reatar a amizade com Daisy. Mas agora era tarde demais. Daisy tinha ido embora para sempre: foi para a Pluritânia.

Enquanto Bert estava deitado na cama, a sra. Brilhante sentava-se sozinha na cozinha. Sentia-se quase tão mal quanto o filho.

Desde que o fizera, a sra. Brilhante se arrependia de ter contado à copeira o que o sr. De Pombal falara sobre o Ickabog não ser real. Ela ficou com tanta raiva da insinuação de que o marido pudesse ter caído do cavalo que só percebeu que denunciava uma traição quando as palavras saíram de sua boca e já era tarde demais para engolir o que falou. Ela sinceramente não queria criar um problema desses para um velho amigo, então pediu à copeira para esquecer o que disse, e Mabel concordou.

Aliviada, a sra. Brilhante tinha se virado para tirar do forno uma grande assadeira com Sonhos das Donzelas e então viu Aftílio, o lacaio, escondido no canto. Aftílio era conhecido por todos que trabalhavam no palácio como furtivo e fofoqueiro. Tinha o dom de entrar em silêncio nos cômodos e espiar pelos buracos de fechadura sem que ninguém visse. A sra. Brilhante não se atreveu a perguntar a Aftílio há quanto tempo ele estava parado ali, mas agora, sentada sozinha à mesa da cozinha, um medo terrível se apoderou de seu coração. Será que a informação da traição do sr. De Pombal foi levada a Lorde Cuspêncio por Aftílio? Será possível que o sr. De Pombal tenha partido, não para a Pluritânia, mas para a prisão?

Quanto mais pensava nisso, mais assustada ela ficava, até que finalmente a sra. Brilhante gritou para Bert que ia dar uma caminhada noturna, e saiu apressada de casa.

Ainda havia crianças brincando nas ruas, e a sra. Brilhante passou por entre elas até chegar ao pequeno chalé que ficava entre os portões da Cidade-Dentro-da-Cidade e o cemitério. As janelas estavam às escuras e a oficina, trancada, mas quando a sra. Brilhante empurrou delicadamente a porta de entrada, ela se abriu.

Toda a mobília tinha sumido, assim como os quadros nas paredes. A sra. Brilhante soltou um longo e lento suspiro de alívio. Se tivessem metido o sr. De Pombal na prisão, não teriam colocado toda a mobília lá com ele. Parecia realmente que ele fizera uma mudança e levara Daisy para a Pluritânia. A sra. Brilhante tinha o espírito um pouco mais tranquilo ao voltar caminhando pela Cidade-Dentro-da-Cidade.

Algumas garotinhas pulavam corda na rua mais à frente, cantando uma cantiga que agora era repetida nos pátios de recreação de todo o reino:

“Ickabog, Ickabog, se parar ele dá bote,
Ickabog, Ickabog, pule mais e dê um pinote,
Não olhe para trás, nem que seja intrigante,
Porque ele pegou o major...”

Uma das garotinhas que batia a corda para a amiga viu a sra. Brilhante, soltou um gritinho e largou a ponta da corda. As outras meninas se viraram também e, ao ver a confeiteira-chefe, todas ficaram vermelhas. Uma soltou uma risadinha apavorada e outra abriu o berreiro.

– Está tudo bem, meninas – disse a sra. Brilhante, esforçando-se para sorrir. – Não tem importância.

As crianças continuaram bem quietinhas enquanto ela passava, até que de repente a sra. Brilhante se virou

para olhar de novo a menina que tinha largado a ponta da corda.

– Onde você conseguiu esse vestido? – perguntou a sra. Brilhante.

A garotinha de cara vermelha olhou o vestido, depois para a sra. Brilhante.

– Meu pai me deu, dona – disse a menina. – Quando chegou do trabalho ontem. E ele deu um bandalore para o meu irmão.

Depois de olhar o vestido por mais alguns instantes, a sra. Brilhante virou-se lentamente e foi para casa. Disse a si mesma que devia estar enganada, mas tinha certeza de se lembrar de Daisy De Pombal usando um vestidinho lindo igualzinho àquele – amarelo solar, com margaridas bordadas em volta da gola e dos punhos –, quando a mãe dela estava viva e fazia todas as roupas de Daisy.

CAPÍTULO 30

O pé

Um mês se passou. No fundo das masmorras, o sr. De Pombal trabalhava de modo frenético. Tinha de terminar o monstruoso pé de madeira, assim poderia rever Daisy. Ele se obrigou a acreditar que Cuspêncio cumpriria sua palavra e o deixaria sair das masmorras depois que completasse a tarefa, embora uma voz em sua cabeça insistisse em dizer: *Eles nunca o deixarão sair depois disto. Nunca.*

Para se livrar do medo, o sr. De Pombal começou a cantar o hino nacional, e cantava sem parar:

"Cooooor-nucópia, nós louvamos o rei,
Cooooor-nucópia, bem alto cantarei..."

Sua cantoria constante irritou os outros prisioneiros ainda mais que o barulho do formão e do martelo. O agora magro e maltrapilho capitão Bueno lhe pediu que parasse, mas o sr. De Pombal não deu atenção. Ele estava meio delirante. Tinha a ideia confusa de que, mostrando-se um súdito fiel do rei, Cuspêncio talvez pensasse que ele não representava nenhum perigo e o libertasse. Então, a cela do carpinteiro soava com as batidas e o arranhar de suas ferramentas e o hino nacional, e lentamente, mas de maneira evidente, um pé entalhado monstruoso tomou forma, com uma alça comprida saindo do alto, para que um homem a cavalo pudesse pressioná-lo na terra fofa.

Quando finalmente o pé de madeira estava concluído, Cuspêncio, Palermo e o major Barata desceram às masmorras para uma inspeção.

– Sim – disse Cuspêncio devagar, examinando o pé de cada ângulo possível. – De fato, muito bom. O que acha, Barata?

– Acho que servirá muito bem, milorde – respondeu o major.

– Bom trabalho, De Pombal – disse Cuspêncio ao carpinteiro. – Direi ao carcereiro para lhe dar uma porção a mais de comida esta noite.

– Mas Vossa Senhoria disse que eu estaria livre quando terminasse – disse o sr. De Pombal, caindo de joelhos, pálido e exausto. – Por favor, milorde, preciso ver minha filha... *por favor.*

O sr. De Pombal estendeu o braço para a mão ossuda de Lorde Cuspêncio, mas Cuspêncio retirou a mão rapidamente.

– Não toque em mim, traidor. Deveria me agradecer por não ter sido sentenciado à morte. Ainda posso fazer isso, se este pé não surtir efeito... Por isso, se eu fosse você, eu rezaria pelo sucesso de meu plano.

CAPÍTULO 31

O sumiço de um açougueiro

Naquela noite, sob o manto da escuridão, um grupo de cavaleiros vestidos totalmente de preto saiu de Profiterólia, liderados pelo major Barata. Escondido embaixo de um saco de estopa grande em uma carroça entre eles, estava o gigantesco pé de madeira, com os entalhes das escamas e das garras longas e afiadas.

Por fim, eles chegaram aos arredores de Baronópolis. Agora os cavaleiros – integrantes da Brigada de Defesa Contra o Ickabog que Cuspêncio selecionara para o trabalho – desmontaram e forraram os cascos dos animais com estopa para abafar o barulho e o formato das pegadas. Depois retiraram o pé gigante da carroça, voltaram a montar e o levaram entre eles à casa onde Rolício Lombo, o açougueiro, morava com a esposa, que, por sorte, ficava a uma curta distância do bairro em que estavam.

Agora vários soldados amarraram os cavalos, dirigiram-se furtivamente à porta dos fundos de Rolício e forçaram a entrada, enquanto os demais pressionavam o pé gigante na lama em volta do portão dos fundos.

Cinco minutos depois de chegarem, os soldados retiraram de casa Rolício e sua esposa, que não tinham filhos, amarraram e amordaçaram os dois e os jogaram na carroça. A essa altura, eu posso muito bem lhe dizer que Rolício e a esposa estavam prestes a ser mortos, os corpos enterrados na mata, exatamente como o soldado Altivo deveria livrar-se de Daisy. Cuspêncio só mantinha

vivas as pessoas que lhe eram úteis: o sr. De Pombal poderia precisar consertar o pé do Ickabog caso fosse danificado, e algum dia o capitão Bueno e seus amigos talvez tivessem de ser arrastados para fora de novo, para repetir as mentiras sobre o Ickabog. Mas Cuspêncio não conseguia imaginar um dia precisar de um traiçoeiro fabricante de linguiças, por isso ordenou seu assassinato. Quanto à pobre sra. Lombo, Cuspêncio nem a levou em consideração, mas quero que você saiba que ela era uma pessoa muito boa, que cuidava dos filhos dos amigos e cantava no coral local.

Depois que os Lombo foram levados, os demais soldados entraram na casa e quebraram a mobília como se uma criatura gigantesca a tivesse destroçado, enquanto os outros homens derrubavam a cerca dos fundos e pressionavam o pé gigante na terra macia em volta do galinheiro dos Lombo, para dar a impressão de que o monstro que zanzou por ali tinha atacado as aves. Um dos soldados até tirou as meias e as botas e fez pegadas descalço na terra fofa, como se Rolício tivesse corrido para fora para proteger as galinhas. Por fim, o mesmo homem decepou a cabeça de uma das aves e garantiu que muito sangue e muitas penas fossem espalhados em volta, depois quebrou a parede lateral do galinheiro para permitir a fuga das galinhas restantes.

Após pressionar muitas outras vezes o pé gigantesco na lama do lado de fora da casa de Rolício, para fazer parecer que o monstro teve de correr para terreno sólido, os soldados levaram a criação do sr. De Pombal de volta à carroça, pondo-a ao lado do açougueiro e sua esposa, que logo seriam assassinados, voltaram a montar nos cavalos e desapareceram na noite.

CAPÍTULO 32

Um defeito no plano

Quando os vizinhos do sr. e da sra. Lombo acordaram no dia seguinte e descobriram galinhas tomando toda a rua, eles correram para contar a Rolício que suas aves tinham fugido. Imagine o pavor dos vizinhos quando encontraram pegadas imensas, o sangue e as penas, a porta dos fundos quebrada e nenhum sinal nem do marido, nem da esposa.

Em menos de uma hora, uma enorme multidão se agrupava em volta da casa desocupada de Rolício, todos examinando as pegadas monstruosas, a porta quebrada e os móveis destroçados. Instalou-se o pânico e, algumas horas depois, a notícia do ataque do Ickabog à casa do açougueiro de Baronópolis espalhou-se para o norte, ao sul, a leste e a oeste. Arautos tocaram seus sinos nas praças das cidades e, em dois dias, apenas os brejeiros não teriam conhecimento de que o Ickabog tinha se esgueirado para o sul no meio da noite e levado duas pessoas.

O espião de Cuspêncio em Baronópolis, que se misturara à multidão o dia todo para observar a reação das pessoas, mandou a seu senhor o recado de que o plano tivera um resultado magnífico. Porém, no início da noite, justo quando o espião pensava em ir à taberna para um pão com linguiça e um caneco de cerveja de comemoração, ele notou um grupo de homens trocando cochichos enquanto examinavam uma das pegadas gigantescas do Ickabog. O espião se aproximou deles.

– Apavorante, não? – perguntou-lhes o espião. – O tamanho desse pé! O tamanho dessas garras!

Um dos vizinhos de Rolício endireitou o corpo, franzindo a testa.

– É perneta – disse ele.

– Como disse? – falou o espião.

– É *perneta* – repetiu o vizinho. – Olhe bem. É o mesmo pé esquerdo, só ele, o tempo todo. Ou o Ickabog é perneta, ou...

O homem não terminou a frase, mas sua expressão alarmou o espião. Em vez de seguir para a taberna, ele voltou a montar no cavalo e partiu a galope para o palácio.

“Algumas garotinhas pulavam corda na rua mais à frente, cantando uma cantiga.”

Por Maria Clara, 11 anos, Carapicuíba, SP

CAPÍTULO 33

O rei Fred fica preocupado

Pouco sabendo da nova ameaça a seus esquemas, Cuspêncio e Palermo tinham acabado de se sentar para um dos costumeiros jantares suntuosos tarde da noite com o rei. Fred ficou muito alarmado ao saber do ataque do Ickabog em Baronópolis, porque isso significava que o monstro tinha vagado para mais perto do palácio do que nunca.

– Uma coisa pavorosa – disse Palermo, colocando no prato um chouriço inteiro.

– É de fato um choque – disse Cuspêncio, cortando uma fatia de faisão.

– O que não entendo – disse Fred, aflito – é como ele conseguiu passar pelo bloqueio!

Porque, naturalmente, informaram ao rei que uma divisão da Brigada de Defesa Contra o Ickabog ficava permanentemente acampada na beira do pântano para impedir que o Ickabog escapasse para outras regiões do país. Cuspêncio, que esperava que Fred levantasse esta questão, tinha uma explicação pronta.

– Lamento dizer que dois soldados adormeceram em seu turno de vigilância, Majestade. Apanhados desprevenidos pelo Ickabog, eles foram devorados vivos.

– Pelos Santos Mártires! – disse Fred, apavorado.

– Depois de passar pela linha – continuou Cuspêncio –, o monstro foi para o sul. Acreditamos que tenha sido atraído a Baronópolis pelo cheiro de carne. Lá, ele

devorou algumas galinhas, assim como o açougueiro e a esposa.

– Medonho, medonho – disse Fred, estremecendo e afastando dele o prato. – E depois ele voltou de mansinho para o pântano, não?

– Foi o que disseram nossos batedores, Alteza – disse Cuspêncio –, mas agora que sentiu o gosto de um açougueiro recheado de linguiça de Baronópolis, devemos nos preparar para o monstro tentar passar regularmente pelas linhas dos soldados... por isso creio que precisamos dobrar o número de homens posicionados lá, Alteza. Infelizmente, isto significará dobrar o imposto do Ickabog.

Para sorte deles, Fred olhava para Cuspêncio, então não viu o sorriso maldoso de Palermo.

– Sim... *suponho* que isto faça sentido – disse o rei.

Ele se levantou e passou a andar, indócil, pelo salão de jantar. A luz dos lampiões fazia suas roupas, que hoje eram de seda azul-celeste com botões verdes-água, assumirem um lindo brilho. Ao parar e se admirar no espelho, a expressão de Fred ficou sombria.

– Cuspêncio – disse ele –, o povo *ainda gosta* de mim, não gosta?

– Como Vossa Majestade pode fazer uma pergunta dessas? – disse Cuspêncio, arquejando. – Vossa Majestade é o rei mais amado de toda a história da Cornucópia!

– É só que... voltando a cavalo da caçada, ontem, não pude deixar de pensar que as pessoas não pareciam tão felizes como antigamente, quando me viram – disse o rei Fred. – Quase não ouvi nenhum viva e só vi uma bandeira.

– Me dê os nomes e endereços dessas pessoas – disse Palermo com a boca cheia de chouriço, e apalpou os bolsos à procura de um lápis.

– Não sei os nomes e endereços, Palermo – disse Fred, que agora brincava com uma borla da cortina. – Eram só pessoas, sabe como é, por quem passei. Mas isso me incomodou, e muito, e então, quando voltei ao palácio, soube que o Dia da Petição tinha sido cancelado.

– Ah – disse Cuspêncio –, sim, eu ia explicar isso a Vossa Majestade...

– Não precisa – disse Fred. – Lady Eslanda já conversou comigo sobre isso.

– *O quê?* – disse Cuspêncio, olhando feio para Palermo. Ele dera ao amigo instruções estritas de nunca deixar que Lady Eslanda chegasse perto do rei, pois tinha receio do que ela poderia dizer a ele. Palermo fez uma careta e deu de ombros. A verdade é que Cuspêncio não podia esperar que ele ficasse ao lado do rei em cada minuto do dia. Afinal, um homem precisava ir ao banheiro de vez em quando.

– Lady Eslanda me disse que o povo está reclamando que o imposto do Ickabog é alto demais. Ela disse que há muitos boatos de que não existe nenhum soldado no posto ao norte!

– Que disparate – disse Cuspêncio, mas na verdade era inteiramente verídico que não havia soldado algum estacionado no norte, e também era verídico que surgiram ainda mais queixas sobre o imposto do Ickabog, e foi por isso que ele cancelou o Dia da Petição. A última coisa que queria era que Fred ouvisse que estava perdendo popularidade. Ele podia meter naquela cabeça tola a ideia de baixar os impostos ou, pior ainda, mandar alguém investigar o acampamento imaginário no norte.

– Evidentemente, existem ocasiões em que dois regimentos fazem a troca da guarda – disse Cuspêncio, pensando que agora teria de posicionar alguns soldados próximos ao pântano para impedir que enxeridos fizessem perguntas. – É possível que algum brejeiro tolo tenha visto um regimento partindo a cavalo e imaginado que não sobrara mais ninguém por lá... por que não *triplicamos o imposto*, Alteza? – perguntou Cuspêncio, pensando que seria bem-feito para quem reclamava. – Afinal, o monstro *atravessou mesmo* as barreiras na noite passada! Deste modo, nunca haverá escassez de homens na beira da Terra dos Brejos e todo mundo ficará feliz.

– Sim – disse o rei Fred, apreensivo. – Sim, isto faz sentido. Quero dizer, se o monstro pode matar quatro pessoas e algumas galinhas numa noite só...

Neste momento, Aftílio, o lacaio, entrou no salão de jantar e, com uma mesura profunda, cochichou a Cuspêncio que o espião de Baronópolis tinha acabado de chegar com uma notícia urgente da cidade de fabricantes de linguiça.

– Vossa Majestade – disse Cuspêncio com suavidade –, preciso deixá-lo. Não é nada com que se preocupar! Um problema de menor monta com meu, hmm, com meu cavalo.

CAPÍTULO 34

Mais três pés

– É melhor que isto valha meu tempo – anunciou Cuspêncio rispidamente cinco minutos depois, ao entrar no Salão Azul, onde esperava o espião.

– Vossa... Senhoria – disse o homem sem fôlego –, estão dizendo que... o monstro é... perneta.

– Estão dizendo *o quê*?

– Perneta, milorde... *perneta*! – ele falou, ofegante. – Eles notaram que... todas as pegadas... são feitas pelo mesmo... pé... esquerdo!

Cuspêncio ficou parado ali, mudo. Nunca passou pela cabeça dele que a plebe podia ter inteligência suficiente para notar uma coisa dessas. Na verdade, ele, que nunca precisou cuidar de uma criatura viva na vida, nem mesmo do próprio cavalo, não tinha parado para pensar no fato de que os pés de uma criatura talvez não deixassem pegadas idênticas no chão.

– Será que tenho de pensar em tudo? – berrou Cuspêncio, e saiu intempestivamente do salão para a Sala da Guarda, onde encontrou o major Barata bebendo vinho e jogando cartas com uns amigos. O major se levantou de um salto ao ver Cuspêncio, que gesticulou para ele sair.

– Quero que você reúna a Brigada de Defesa Contra o Ickabog imediatamente, Barata – disse Cuspêncio ao major, em voz baixa. – Vocês irão para o norte, e tratem de fazer muito barulho pelo caminho. Quero que todo mundo, de Profiterólia a Jeroboão, veja vocês passarem.

Depois, quando chegarem lá, espalhem-se e montem uma guarda na beira do pântano.

– Mas... – começou o major Barata, que tinha se acostumado com a vida boa e a fartura do palácio, com cavalgadas ocasionais por Profiterólia em uniforme completo.

– Não quero “mas”, quero ação! – gritou Cuspêncio. – Estão espalhando boatos de que não tem ninguém estacionado no norte! Vá agora e trate de acordar a maior quantidade de gente pelo caminho... mas deixe dois homens comigo, Barata. Só dois. Tenho outro trabalhinho para eles.

Assim, um irritado Barata partiu para reunir os soldados, e Cuspêncio desceu sozinho às masmorras.

A primeira coisa que ouviu ao chegar lá foi o sr. De Pombal, que ainda cantava o hino nacional.

– Silêncio! – berrou Cuspêncio, sacando a espada e gesticulando para o carcereiro abrir a porta da cela do sr. De Pombal.

O carpinteiro parecia muito diferente da última vez em que Lorde Cuspêncio o vira. Desde que soube que não seria libertado das masmorras para ver Daisy, uma expressão desvairada surgiu no olhar do sr. De Pombal. É claro que ele também não conseguia se barbear havia semanas, e seu cabelo tinha ficado bem comprido.

– Eu disse: silêncio! – berrou Cuspêncio, porque o carpinteiro, que parecia incapaz de se conter, ainda cantarolava o hino nacional. – Preciso de mais três pés, está me ouvindo? Mais um pé esquerdo e dois pés direitos. Está me entendendo, carpinteiro?

O sr. De Pombal parou de cantarolar.

– Se eu os entalhar, vai me deixar ver minha filha, milorde? – perguntou ele com a voz rouca.

Cuspêncio sorriu. Para ele, estava claro que o homem enlouquecia aos pouquinhos, porque só um louco imaginaria que poderia sair depois de fazer mais três pés do Ickabog.

– Claro que vou – disse Cuspêncio. – Farei com que a madeira seja entregue a você amanhã cedo. Trabalhe bem, carpinteiro. Quando terminar, deixarei que saia para ver sua filha.

Quando Cuspêncio deixou as masmorras, encontrou dois soldados esperando por ele, como havia solicitado. Cuspêncio levou os homens a seus aposentos particulares, verificou se Aftílio, o lacaio, não estava escondido por ali, trancou a porta e se virou para dar instruções aos homens.

– Haverá cinquenta ducados para cada um de vocês, se tiverem sucesso nesta tarefa – disse ele, e os soldados ficaram animados.

– Vocês seguirão Lady Eslanda de manhã, à tarde e à noite, estão me entendendo? Ela não deve perceber que é seguida. Vocês esperarão até o momento em que ela estiver completamente a sós, para que possam raptá-la sem que alguém ouça ou veja qualquer coisa. Se ela escapar, ou se vocês forem vistos, negarei que dei esta ordem e sentenciarei os dois à morte.

– E o que vamos fazer depois de pegá-la? – perguntou um dos soldados, que não parecia mais animado, mas muito assustado.

– Hmmm – disse Cuspêncio, virando-se para olhar pela janela enquanto pensava no melhor a fazer com Eslanda. – Bom, uma dama da corte não é igual a um açougueiro. O Ickabog não pode entrar no palácio e devorá-la... Não, acho melhor – disse Cuspêncio, com um lento sorriso se abrindo na cara astuta – que vocês levem Lady Eslanda à

minha propriedade no campo. Mandem avisar quando chegarem lá e eu irei ao encontro de vocês.

“Quando finalmente o pé de madeira estava concluído, Cuspêncio, Palermo e o major

Barata desceram às masmorras para uma inspeção."

Por Pedro Augusto, 10 anos, Guaratinguetá, SP

CAPÍTULO 35

A proposta de Lorde Cuspêncio

Alguns dias depois, Lady Eslanda andava sozinha no jardim de roseiras do palácio quando os dois soldados escondidos em um arbusto viram sua chance. Eles a agarraram, amordaçaram, amarraram suas mãos e a levaram à propriedade de Cuspêncio no campo. Depois mandaram um recado a Cuspêncio e esperaram que ele os encontrasse ali.

Cuspêncio prontamente convocou a camareira de Lady Eslanda, Marilda. Sob a ameaça de matar a irmã mais nova de Marilda, ele a obrigou a entregar mensagens a todos os amigos de Lady Eslanda, dizendo-lhes que sua senhora tinha decido virar freira.

Todos os amigos de Lady Eslanda ficaram chocados com esta notícia. Ela nunca havia falado a nenhum deles que queria virar freira. Na verdade, vários desconfiavam de que Lorde Cuspêncio tivesse alguma coisa a ver com seu desaparecimento repentino. Porém, lamento contar a você que Cuspêncio agora era temido por tanta gente que, fora cochicharem sobre suas suspeitas, os amigos de Eslanda nada fizeram para localizá-la, nem perguntaram a Cuspêncio o que ele sabia. Talvez pior ainda tenha sido o fato de que nenhum deles tentou ajudar Marilda, que foi apanhada por soldados tentando fugir da Cidade-Dentro-da-Cidade e aprisionada nas masmorras.

Em seguida, Cuspêncio partiu para sua propriedade no campo, onde chegou no final da tarde seguinte. Depois de dar cinquenta ducados a cada um dos sequestradores de Eslanda e de lembrar a eles que seriam executados caso falassem qualquer coisa, Cuspêncio alisou o bigode em um espelho, depois foi encontrar Lady Eslanda, que estava sentada na biblioteca muito empoeirada, lendo um livro perto de uma vela acesa.

– Boa noite, milady – disse Cuspêncio, fazendo-lhe uma reverência.

Lady Eslanda o olhou em silêncio.

– Tenho uma boa notícia para você – continuou Cuspêncio, sorrindo. – Você se tornará esposa do conselheiro-chefe.

– Prefiro morrer – disse Lady Eslanda delicadamente e, virando uma página do livro, continuou a ler.

– O que é isso, o que é isso – disse Cuspêncio. – Como pode ver, minha casa precisa bastante dos cuidados ternos de uma mulher. Você será muito mais feliz aqui, tornando-se útil, do que se lamentando pelo filho do queijeiro que, de todo modo, deve morrer de inanição a qualquer momento.

Lady Eslanda, que já esperava que Cuspêncio falasse no capitão Bueno, tinha se preparado para este momento desde que chegou àquela casa fria e suja. Então, sem ruborizar nem chorar, ela falou:

– Deixei de me importar com o capitão Bueno há muito tempo, Lorde Cuspêncio. A visão dele confessando traição deixou-me enojada. Jamais poderia amar um homem traiçoeiro... Por isso jamais poderia amar você.

Ela disse isso de um jeito tão convincente, que Cuspêncio acreditou. Tentou uma ameaça diferente e lhe disse que mataria seus pais se ela não se casasse com

ele, mas Lady Eslanda lembrou a ele que ela, assim como o capitão Bueno, era órfã. Depois Cuspêncio disse que tomaria todas as joias que a mãe havia deixado a Lady Eslanda, mas ela deu de ombros e disse que preferia os livros, de qualquer forma. Por fim, Cuspêncio a ameaçou de morte, e Lady Eslanda sugeriu que ele acabasse logo com aquilo, porque seria muito melhor a morte do que ouvi-lo falar.

Cuspêncio ficou enfurecido. Tinha se acostumado a ter sempre sua vontade satisfeita, e ali estava algo que ele não podia ter, e isto só o fez desejar ainda mais. Finalmente, ele disse que se ela gostava tanto assim dos livros, ele a deixaria trancada na biblioteca para sempre. Mandaria instalar grades nas janelas e Trajano, o mordomo, levaria comida para ela três vezes por dia, mas ela só sairia daquela sala para ir ao banheiro – a menos que concordasse em se casar com ele.

– Então, morrerei nesta sala – disse Lady Eslanda calmamente – ou talvez... quem sabe?... no banheiro.

Como não arrancou nem mais uma palavra dela, o conselheiro-chefe, furioso, foi embora.

“A Cornucópia era um país famoso, muito além de suas fronteiras, pela comida.”

Por Vinícius, 12 anos, Natal, RN

CAPÍTULO 36

Fome em Cornucópia

Um ano se passou… depois dois… depois três, quatro e cinco.

O pequenino reino da Cornucópia, que antigamente fazia a inveja dos vizinhos por seu solo de uma fertilidade mágica, pela habilidade de seus queijeiros, produtores de vinho e confeiteiros, e pela felicidade do povo, tinha mudado tanto que quase não podia ser reconhecido.

É verdade que Profiterólia continuava mais ou menos como sempre foi. Cuspêncio não queria que o rei percebesse que algo havia mudado, então gastou muito ouro na capital para que as coisas corressem como de costume, em particular na Cidade-Dentro-da-Cidade. Nas cidades mais ao norte, porém, as pessoas passavam por dificuldades. Um número cada vez maior de empreendimentos – lojas, tabernas, serralherias, carpintarias, fazendas e vinhedos – fechava as portas. O imposto do Ickabog empurrava o povo para a pobreza e, como se não bastasse, todos tinham medo de que pudessem ser os próximos a receber uma visita do Ickabog – ou o que quer que fosse a coisa que tinha quebrado portas e deixado rastros de monstro por casas e fazendas.

Em geral, as pessoas que verbalizavam suas dúvidas se o Ickabog estava de fato por trás daqueles ataques eram as próximas a receberem uma visita da Infantaria Sombria. Foi este o nome que Cuspêncio e Barata deram aos esquadrões de homens que assassinavam os

descrentes à noite, deixando pegadas em volta da casa das vítimas.

Em alguns casos, porém, pessoas que duvidavam do Ickabog moravam no centro de uma cidade, onde era complicado fingir um ataque sem que os vizinhos vissem. Neste caso, Cuspêncio armava um julgamento e, com ameaças às famílias dessas pessoas, como tinha feito com Bueno e seus amigos, fazia os acusados concordarem que tinham cometido traição.

O número crescente de julgamentos se traduzia em Cuspêncio supervisionando a construção de mais prisões. Ele também precisou de mais orfanatos. Por que precisava de orfanatos, você deve estar perguntando?

Bom, para começar, muitos pais eram mortos ou presos. Como todo mundo agora achava difícil alimentar suas famílias, as pessoas não eram capazes de acolher crianças abandonadas.

Em segundo lugar, os pobres estavam morrendo de fome. Como os pais costumavam dar comida aos filhos antes de se alimentarem, em geral as crianças eram as únicas sobreviventes na família.

E, em terceiro lugar, algumas famílias arrasadas e sem-teto entregavam os filhos a orfanatos, porque era o único jeito que encontravam de garantir que as crianças tivessem comida e abrigo.

Será que você se lembra da criada do palácio, Henriqueta, que tão corajosamente avisou a Lady Eslanda que o capitão Bueno e seus amigos estavam a ponto de ser executados?

Bom, Henriqueta usou o ouro de Lady Eslanda para pegar um coche até o vinhedo de seu pai, nos arredores de Jeroboão. Um ano depois, casou-se com um homem

chamado Horta e deu à luz gêmeos, um menino e uma menina.

Mas o esforço de pagar o imposto do Ickabog foi demais para a família Horta. Eles perderam seu pequeno armazém e os pais de Henriqueta não podiam ajudá-los, porque logo depois de perder o vinhedo, eles morreram de inanição. Agora sem-teto, com os filhos chorando de fome, Henriqueta e o marido, desesperados, foram ao orfanato de Mãe Ranzinza. Os gêmeos foram arrancados, chorando, dos braços da mãe. A porta bateu, os ferrolhos se fecharam e a pobre Henriqueta Horta e seu marido foram embora, chorando tanto quanto os filhos e rezando para que Mãe Ranzinza os mantivesse vivos.

CAPÍTULO 37

Daisy e a lua

O orfanato de Mãe Ranzinza mudou muito desde que Daisy De Pombal foi levada para lá dentro de um saco. O casebre em ruínas agora era uma enorme construção de pedra, com grades nas janelas, trancas em cada porta e espaço para cem crianças.

Daisy ainda estava lá, muito mais alta e mais magra, mas ainda com o macacão que vestia quando foi sequestrada. Ela costurou extensões nos braços e nas pernas para que a roupa ainda coubesse, e remendava cuidadosamente quando se rasgava. O macacão era a última coisa que tinha de sua casa e do pai, assim ela o continuou usando em vez de fazer vestidos com os sacos de repolho que chegavam, como faziam Marta e as outras meninas maiores.

Durante os vários longos anos depois do sequestro, Daisy se agarrou à ideia de que o pai ainda estivesse vivo. Era uma menina inteligente e sempre soube que o pai não acreditava no Ickabog, então se obrigou a acreditar que ele estava em uma cela em algum lugar, olhando através da janela com grades a mesma lua que ela via toda noite, antes de adormecer.

E então, uma noite, em seu sexto ano na casa de Mãe Ranzinza, depois de colocar os gêmeos Horta para dormir e lhes prometer que eles logo veriam de novo a mamãe e o papai, Daisy se deitou ao lado de Marta e, como sempre, olhou o claro círculo dourado no céu e percebeu que não acreditava mais que o pai estivesse vivo. Esta

esperança havia deixado seu coração como um pássaro fugindo de um ninho saqueado e, embora as lágrimas escorressem de seus olhos, ela disse a si mesma que o pai agora estava em um lugar melhor, lá em cima, no glorioso paraíso, com a mãe. Tentou encontrar conforto na ideia de que os pais, por não estarem mais presos à terra, podiam viver em qualquer lugar, inclusive no coração da própria Daisy, e que ela devia manter a memória deles viva dentro de si, como uma chama. Ainda assim, era complicado ter pais que viviam dentro de você, quando só o que você realmente queria é que eles voltassem para lhe dar um abraço.

Ao contrário da maioria das crianças do orfanato, Daisy conservava uma lembrança nítida dos pais. A lembrança do amor dos pais a sustentava, e todo dia ela ajudava a cuidar dos pequeninos no orfanato, garantindo que eles tivessem os abraços e a bondade que lhe faziam tanta falta.

Mas não era só pensar na mãe e no pai que permitia a Daisy seguir adiante. Ela tinha também uma estranha sensação de que estava destinada a algum feito importante – algo que mudaria não só a própria vida, mas o destino da Cornucópia. Daisy nunca contou a ninguém sobre esta sensação estranha, nem mesmo à melhor amiga, Marta, mas era de onde tirava forças. Sua sorte, Daisy tinha certeza, um dia ia chegar.

“Sua sorte, Daisy tinha certeza, um dia ia chegar.”

Por Gabriel, 12 anos, Porto Alegre, RS

CAPÍTULO 38

A visita de Lorde Cuspêncio

Mãe Ranzinza era uma das poucas cornucopianas a enriquecer cada vez mais nos últimos anos. Ela atulhou o casebre com crianças e bebês até que o lugar estivesse a ponto de explodir, depois exigiu ouro dos dois lordes que agora governavam o reino, para ampliar a casa caindo aos pedaços. Ultimamente o orfanato era um negócio próspero, o que significava que Mãe Ranzinza podia jantar iguarias que só os mais ricos podiam pagar. A maior parte de seu ouro era destinado a garrafas do mais refinado vinho de Jeroboão, e lamento dizer que Mãe Ranzinza, quando bebia, era muito, mas muito má. As crianças dentro do orfanato tinham cortes e hematomas visíveis devido ao mau gênio de Mãe Ranzinza quando ela se embriagava.

Sob seus cuidados, algumas crianças não duravam muito com uma dieta de sopa de repolho e crueldade. Enquanto crianças famintas eram continuamente despejadas na porta da frente, um pequeno cemitério nos fundos da construção ficava cada vez mais cheio. Mãe Ranzinza não se importava. Para ela, todos os Joãos e Joanas do orfanato eram iguais, com seus rostos pálidos e esqueléticos, e seu único valor era o ouro que ela obtinha por acolhê-los.

Porém, no sétimo ano de Lorde Cuspêncio no governo da Cornucópia, ao receber outra solicitação de ouro do orfanato de Mãe Ranzinza, o conselheiro-chefe decidiu fazer uma inspeção no lugar, antes de liberar mais

fundos à velha. Mãe Ranzinza colocou seu melhor vestido de seda preta para receber Sua Senhoria e teve o cuidado de não deixar que ele sentisse cheiro de vinho em seu hálito.

– Uns pequerruchos tão coitadinhos, não são, Vossa Senhoria? – perguntou Mãe Ranzinza, enquanto Cuspêncio olhava todas as crianças magras e pálidas, com seu lenço perfumado colado às narinas. Mãe Ranzinza abaixou-se para pegar no colo um brejeiro pequenininho, cuja barriga estava inchada de fome. – Veja o quanto eles precisam da ajuda de Vossa Senhoria.

– Sim, sim, evidentemente – disse Cuspêncio, com o lenço colado ao rosto. Não gostava de crianças, em particular crianças sujas como aquelas, mas sabia que muitos cornucopianos eram estupidamente apegados aos pirralhos, portanto era má ideia deixar que muitos deles morressem. – Muito bem, serão aprovados mais fundos, Mãe Ranzinza.

Ao se virar para ir embora, o lorde notou uma menina abatida ao lado da porta, segurando um bebê em cada braço. Usava um macacão remendado que tinha sido alargado e alongado. Havia algo naquela menina que a destacava das outras crianças. Cuspêncio teve até a estranha impressão de que já a havia visto. Ao contrário dos outros fedelhos, ela não demonstrou ficar impressionada com os trajes deslumbrantes do conselheiro-chefe, nem com as medalhas tilintantes que ele conferiu a si mesmo por ser coronel de regimento da Brigada de Defesa Contra o Ickabog.

– Qual é o seu nome, menina? – perguntou Cuspêncio, parando ao lado de Daisy e baixando o lenço perfumado.

– Joana, milorde. Todas nós aqui nos chamamos Joana, como sabe – disse Daisy, examinando Cuspêncio com um

olhar sério e indiferente. Lembrava-se dele no pátio do palácio onde antigamente ela brincava, lembrava-se de que ele e Palermo faziam as crianças se calarem de medo quando passavam de cara amarrada.

– Por que não faz uma reverência? Sou o conselheiro-chefe do rei.

– Um conselheiro-chefe não é um rei – disse a menina.

– O que ela está dizendo? – grasnou Mãe Ranzinza, mancando mais para perto a fim de evitar que Daisy criasse problemas. De todas as crianças do orfanato, Daisy De Pombal era a que menos agradava a Mãe Ranzinza. O espírito da menina nunca foi domado, embora Mãe Ranzinza se esforçasse ao máximo para isso. – O que está dizendo, Joana Feia? – perguntou ela. Daisy não era nem um pouquinho feia, mas este nome era uma das maneiras usadas por Mãe Ranzinza para desanimá-la.

– Ela está explicando por que não faz uma reverência para mim – disse Cuspêncio, ainda encarando Daisy diretamente em seus olhos negros e se perguntando onde os havia visto.

Na verdade, ele vira aqueles mesmos olhos no rosto do carpinteiro que visitava com frequência nas masmorras, mas como o sr. De Pombal agora estava completamente louco, de cabelo e barba brancos e compridos, e esta menina parecia inteligente e calma, Cuspêncio não fez a ligação entre eles.

– Joana Feia sempre foi impertinente – disse Mãe Ranzinza, jurando para si mesma castigar Daisy assim que Lorde Cuspêncio fosse embora. – Um dia desses eu a boto para fora, milorde, e ela poderá ver como é bom ser mendiga nas ruas, em vez de ficar abrigada sob meu teto e comer minha comida.

– Ai, *como* vou sentir falta de sopa de repolho – disse Daisy num tom frio e duro. – Sabia que é o que comemos aqui, milorde? Sopa de repolho, três vezes ao dia?

– Estou certo de que é muito nutritiva – disse Lorde Cuspêncio.

– Mas às vezes temos uma guloseima – disse Daisy –, temos Bolos de Orfanato. Sabe como são esses bolos, milorde?

– Não – respondeu Cuspêncio, a contragosto. Tinha algo nessa menina... *mas o que era?*

– São feitos de ingredientes estragados – disse Daisy, com os olhos escuros cravados nele. – Ovos podres, farinha mofada, restos de coisas que ficaram tempo demais no armário... as pessoas não têm outra comida para nos dar, então elas misturam as coisas que não querem e deixam na escada da frente. Às vezes os Bolos de Orfanato deixam as crianças doentes, mas elas comem mesmo assim, porque sentem muita fome.

Cuspêncio não estava verdadeiramente ouvindo o que dizia Daisy, ele prestava atenção em seu sotaque. Embora tivesse passado muito tempo em Jeroboão, a voz da menina ainda trazia vestígios de Profiterólia.

– De onde você veio, menina? – perguntou ele.

Agora as outras crianças ficaram em silêncio, todas olhando o lorde que conversava com Daisy. Embora Mãe Ranzinza a detestasse, Daisy era a favorita das crianças mais novas, porque ela as protegia de Mãe Ranzinza e de João Brigão e nunca roubava seus restinhos de pão, ao contrário de algumas crianças maiores ali. Ela também era famosa por surrupiar para eles pão e queijo da despensa particular de Mãe Ranzinza, embora este fosse um negócio arriscado e às vezes levasse Daisy a ser espancada por João Brigão.

– Vim da Cornucópia, milorde – disse Daisy. – Deve ter ouvido falar. Um país que existia antigamente, onde ninguém era pobre nem passava fome.

– Já basta – rosnou Lorde Cuspêncio e, virando-se para Mãe Ranzinza, falou: – Concordo com a senhora. Esta criança parece mal-agradecida diante da sua bondade. Talvez ela deva se defender sozinha, aí fora, no mundo.

E com isso, Lorde Cuspêncio foi embora do orfanato, batendo a porta ao sair. Assim que ele partiu, Mãe Ranzinza quis bater em Daisy com a bengala, mas a longa prática permitiu que Daisy se esquivasse do golpe. A velha saiu arrastando os pés, zunindo a bengala à frente, dispersando todos os pequeninos, depois entrou em sua sala confortável ao fundo e bateu a porta. As crianças ouviram o estouro da rolha de uma garrafa.

Mais tarde, depois que foram para a cama à noite, Marta disse a Daisy de repente:

– Sabe de uma coisa, Daisy, não é verdade o que você disse ao conselheiro-chefe.

– Que parte do que eu disse, Marta? – cochichou Daisy.

– Não é verdade que todo mundo era bem-alimentado e feliz nos velhos tempos. Minha família nunca teve o suficiente na Terra dos Brejos.

– Me desculpe – disse Daisy baixinho. – Eu me esqueci.

– É claro – suspirou a sonolenta Marta –, o Ickabog vivia roubando nossas ovelhas.

Daisy se torceu mais embaixo do cobertor fino, tentando se aquecer. Em todo o tempo que passaram juntas, nunca conseguiu convencer Marta de que o Ickabog não existia. Esta noite, porém, Daisy também queria acreditar em um monstro no brejo, e não na maldade humana que vira nos olhos de Lorde Cuspêncio.

CAPÍTULO 39

Bert e a Brigada de Defesa Contra o Ickabog

Agora voltamos a Profiterólia, onde algumas coisas importantes estão prestes a acontecer.

Tenho certeza de que você se lembra do funeral do major Brilhante, quando o pequeno Bert voltou para casa, espatifou seu Ickabog de brinquedo e jurou que, quando crescesse, ia caçar o Ickabog e se vingar do monstro que matou o pai.

Bom, Bert estava para completar quinze anos. Pode ser que não pareça assim tão velho para você, mas naquele tempo era o suficiente para ser soldado, e Bert ouvira dizer que a Brigada estava se expandindo. Então, em uma manhã de segunda-feira, sem contar à mãe o que pretendia fazer, Bert saiu de seu chalezinho na hora de costume, mas, em vez de ir à escola, escondeu os livros didáticos na cerca viva do jardim, onde poderia pegar mais tarde, e foi ao palácio; ele pretendia se candidatar à Brigada. Por baixo da camisa, para dar sorte, estava com a medalha de prata que o pai ganhara por bravura notável contra o Ickabog.

Bert nem tinha ido muito longe quando viu um tumulto mais à frente na rua. Uma pequena multidão se reunia em volta de uma diligência do correio. Como estava ocupado demais tentando pensar em boas respostas para as perguntas que o major Barata certamente lhe

faria, Bert passou pela diligência do correio sem prestar muita atenção.

O que Bert não percebeu foi que a chegada daquele veículo viria a ter consequências muito importantes, que o levariam a uma aventura perigosa. Vamos deixar Bert caminhar sem nós por alguns minutos, assim posso contar a você sobre a carruagem.

Desde que Lady Eslanda informou ao rei Fred que a Cornucópia estava infeliz com o imposto do Ickabog, Cuspêncio e Palermo tomaram medidas para garantir que ele nunca recebesse notícia nenhuma de fora da capital. Como Profiterólia continuava rica e efervescente, o rei, que nunca mais saiu da capital, supunha que o restante do país também estivesse. Na verdade, todas as outras cidades cornucopianas estavam repletas de mendigos e lojas cobertas de tapumes, pois os dois lordes e Barata tinham roubado muito ouro do povo. Para garantir que o rei nunca soubesse de tudo isso, Lorde Cuspêncio, que por precaução lia toda a correspondência do rei, contratou gangues de bandoleiros para ficar nas estradas e impedir que qualquer carta entrasse em Profiterólia. As únicas pessoas que sabiam disso eram o major Barata, porque foi ele quem contratou os salteadores, e Aftílio, o lacaio, que estava escondido junto da porta da Sala da Guarda quando o plano foi elaborado.

Até agora, o plano de Cuspêncio tinha dado certo. Só que hoje, pouco antes do amanhecer, alguns dos assaltantes fizeram um trabalho mal feito. Como sempre, armaram uma tocaia para a diligência, arrastando o pobre condutor de seu banco, mas, antes que pudessem roubar os sacos de correspondência, os cavalos assustados fugiram. Quando os bandidos dispararam as armas nos cavalos, eles simplesmente galoparam ainda

mais rápido, e assim a diligência do correio logo entrava em Profiterólia e, numa corrida pelas ruas, finalmente foi parar na Cidade-Dentro-da-Cidade. Um ferreiro tinha conseguido segurar as rédeas e deter os cavalos. Logo os servos do rei estavam abrindo cartas há muito esperadas de familiares do norte. Vamos descobrir mais sobre essas cartas depois, porque agora está na hora de voltarmos a Bert, que acaba de chegar aos portões do palácio.

– Por favor – disse Bert aos guardas –, quero ingressar na Brigada de Defesa Contra o Ickabog.

O guarda pegou o nome de Bert e disse que esperasse, depois levou a mensagem ao major Barata. Porém, quando chegou à porta da Sala da Guarda, o soldado parou, porque ouviu gritos. Ele bateu e as vozes se calaram instantaneamente.

– Entre! – gritou Barata.

O guarda obedeceu e se viu cara a cara com três homens: o major Barata, que parecia extremamente zangado; Lorde Palermo, cujo rosto estava vermelho acima do camisolão de seda listrado; e Aftílio, que, com seu oportunismo habitual, estava a caminho do trabalho quando a diligência do correio entrou a galope na cidade, e correu para contar a Palermo que as cartas tinham conseguido passar pelos salteadores. Ao saber desta notícia, Palermo disparou pela escada de seu quarto até a Sala da Guarda com a intenção de culpar Barata pelo fracasso dos salteadores, daí estourou uma guerra de gritos. Nenhum dos dois homens queria ser responsabilizado por Cuspêncio quando ele voltasse da inspeção ao orfanato de Mãe Ranzinza e soubesse do ocorrido.

– Major – disse o soldado, com uma saudação aos dois homens –, há um garoto no portão, senhor, chamado

Bert Brilhante. Quer saber se pode ingressar na Brigada de Defesa Contra o Ickabog.

– Diga a ele para ir embora – berrou Palermo. – Estamos ocupados!

– *Não* diga ao garoto Brilhante para ir embora! – esbravejou Barata. – Traga-o a mim imediatamente. Aftílio, deixe-nos a sós!

– Era minha esperança – começou Aftílio, com seu jeito de fuinha – que os cavalheiros quisessem me recompensar por...

– Qualquer imbecil pode ver uma diligência do correio passando a toda! – disse Palermo. – Se queria uma recompensa, deveria ter embarcado e retirado o veículo da cidade!

Assim, o decepcionado lacaio saiu de mansinho e o guarda foi buscar Bert.

– Por que se incomodar com esse garoto? – Palermo quis saber de Barata, depois que ficaram a sós. – Precisamos resolver o problema do correio!

– Ele não é um garoto qualquer – disse Barata. – É filho de um herói nacional. Deve se lembrar do major Brilhante, milorde. Vossa Senhoria deu um tiro nele.

– Tudo bem, não precisa se alongar nisso – disse Palermo, irritadiço. – Todos ganhamos um pouquinho de ouro com essa história, não foi? O que acha que o filho dele quer...? Uma indenização?

Mas antes que o major Barata pudesse responder, entrou Bert, nervoso e ansioso.

– Bom dia, Brilhante – disse o major Barata, que conhecia Bert há muito tempo, graças à amizade dele com Rodrigo. – O que posso fazer por você?

– Por favor, major – disse Bert –, por favor, quero ingressar na Brigada de Defesa Contra o Ickabog. Soube

que estão precisando de mais homens.

– Ah – disse o major Barata. – Entendo. E o que o levou a ter essa vontade?

– Quero matar o monstro que matou meu pai – disse Bert.

Houve um breve silêncio, em que o major Barata desejou ter a habilidade de Lorde Cuspêncio para pensar em mentiras e desculpas esfarrapadas. Ele olhou para Lorde Palermo, procurando ajuda, mas não veio nada dali, embora Barata soubesse que Palermo também tinha notado o perigo. A última coisa que a Brigada de Defesa Contra o Ickabog precisava era de alguém que realmente quisesse encontrar um Ickabog.

– Existem testes – disse Barata, ganhando tempo. – Não deixamos qualquer um entrar. Você sabe cavalgar?

– Ah, sim, senhor – disse Bert, e falava a verdade. – Aprendi sozinho.

– Sabe usar uma espada?

– Tenho certeza de que posso aprender bem rápido – disse Bert.

– Sabe atirar?

– Sim, senhor, posso acertar uma garrafa do outro lado do pasto!

– Hmmm – disse Barata. – Sim. O problema, Brilhante... veja bem, o problema é que você pode ser por demais...

– Burro – disse Palermo com maldade. Ele sinceramente queria que esse garoto sumisse, assim ele e Barata podiam pensar em uma solução para o problema da diligência do correio.

O rosto de Bert foi tomado de rubor.

– Co-como?

– Sua professora me contou – mentiu Palermo. Nunca na vida ele falara com a professora da escola. – Ela disse

que você é meio burrinho. Não é nada que o impeça de fazer algum trabalho fora do meio militar, mas é perigoso ter alguém burro no campo de batalha.

– Minhas... minhas notas são ótimas – disse o pobre Bert, esforçando-se para que a voz não tremesse. – A srta. Frade nunca me disse que achava que eu era...

– É claro que ela não *disse* a você – falou Palermo. – Só um *tonto* pensaria que uma mulher amável como ela diria a um tonto que ele é um tonto. Aprenda a ser confeiteiro, como sua mãe, menino, e esqueça o Ickabog. É este o meu conselho.

Bert sentiu um medo horrível de ter os olhos cheios de lágrimas. Fechando a cara num esforço para não chorar, ele falou:

– Eu... apreciaria a chance de provar que não sou.... não sou um tonto, major.

Barata não teria colocado a questão com a grosseria de Palermo, mas, afinal, o importante era não deixar que o garoto ingressasse na Brigada, então Barata disse:

– Lamento, Brilhante, mas não creio que você seja talhado para a vida militar. Porém, como sugere Lorde Palermo...

– Agradeço por seu tempo, major – disse Bert apressadamente. – Peço desculpas pelo incômodo.

E com uma reverência profunda, ele saiu da Sala da Guarda.

Lá fora, Bert desatou a correr. Sentia-se muito pequeno e humilhado. A última coisa que queria era voltar à escola, não depois de ouvir o que sua professora realmente pensava dele. Assim, supondo que a mãe teria saído para trabalhar nas cozinhas do palácio, ele correu todo o caminho até sua casa, mal notando os grupos de

pessoas que agora estavam paradas nas esquinas, falando das cartas que tinham nas mãos.

Quando entrou em casa, Bert encontrou a sra. Brilhante ainda de pé na cozinha, olhando fixamente uma carta que ela própria recebera.

– Bert! – disse ela, assustada com o repentino aparecimento do filho. – O que está fazendo em casa?

– Dor de dente – inventou Bert no ato.

– Ah, coitadinho... Bert, recebemos uma carta do primo Haroldo – disse a sra. Brilhante, mostrando a carta. – Ele diz que está com medo de perder a taberna... aquela estalagem maravilhosa que ele construiu do zero! Me escreve perguntando se consigo um emprego para ele com o rei... Não entendo o que pode ter acontecido. Haroldo diz que ele e a família estão passando fome de verdade!

– Deve ser o Ickabog, não é? – disse Bert. – Jeroboão é a cidade mais próxima da Terra dos Brejos. As pessoas devem ter parado de ir às tabernas à noite, para não encontrarem o monstro pelo caminho!

– Sim – disse a sra. Brilhante, com um ar perturbado –, sim, talvez seja por isso... Deus do céu, estou atrasada para o trabalho! – Colocando a carta do primo Haroldo na mesa, ela falou: – Coloque um pouco de óleo de cravo-da-índia nesse dente, querido. – E, dando um beijo rápido no filho, correu porta afora.

Depois que a mãe saiu, Bert foi se jogar de cara na cama e chorou de raiva e decepção.

Enquanto isso, a ansiedade e a fúria se espalhavam pelas ruas da capital. Profiterólia, enfim, descobrira que os parentes do norte estavam tão pobres que passavam fome e não tinham onde morar. Quando Lorde Cuspêncio

voltou à cidade naquela noite, encontrou sérios problemas se formando.

“Cuspêncio agora desenrolou um segundo pergaminho, que mostrava um mapa da Cornucópia.”

Por Carolina, 10 anos, Brasília, DF

CAPÍTULO 40

Bert encontra uma pista

Quando soube que uma diligência do correio tinha chegado ao centro de Profiterólia, Cuspêncio pegou uma cadeira pesada de madeira e jogou na cabeça do major Barata. Barata, que era muito mais forte que Cuspêncio, rebateu a cadeira para o lado tranquilamente, mas sua mão voou ao punho da espada e, por alguns segundos, os dois homens ficaram ali de dentes arreganhados na Sala da Guarda, enquanto Palermo e os espiões assistiam à cena, boquiabertos.

– Você mandará um grupo da Infantaria Sombria aos arredores de Profiterólia esta noite – Cuspêncio ordenou a Barata. – Você fingirá um ataque... precisamos *apavorar* essa gente. Eles devem entender que o imposto é necessário, que qualquer dificuldade sofrida pelos parentes é culpa do Ickabog, não minha, nem do rei. Vá e conserte o mal que você causou!

O major furioso saiu da sala, pensando em todas as formas como gostaria de machucar Cuspêncio, se pudesse ficar dez minutos sozinho com ele.

– E vocês – disse Cuspêncio aos espiões –, quero que me informem amanhã se o major Barata fez seu trabalho direito. Se a cidade ainda estiver cochichando sobre a miséria e a penúria dos parentes, teremos de ver se o major Barata gostará das masmorras.

E, assim, um grupo da Infantaria Sombria do major Barata esperou até que a capital adormecesse, depois partiu pela primeira vez com o intuito de fazer Profiterólia

acreditar que o Ickabog tinha aparecido. Escolheram um chalé, bem na margem da cidade, que ficava meio distante dos vizinhos. Os homens que eram mais habilidosos em invasão de domicílio entraram no chalé, onde, é doloroso contar, mataram a velhinha que morava ali e que, talvez você saiba, tinha escrito vários livros lindamente ilustrados sobre o peixe que vivia no rio Flume. Depois que seu corpo fora levado para ser enterrado em algum lugar remoto, um grupo de homens pressionou quatro dos pés muito bem entalhados pelo sr. De Pombal no terreno em volta da casa da especialista em peixes, quebrou sua mobília e seus aquários e deixou que os espécimes morressem, sufocados, no chão.

Na manhã seguinte, os espiões de Cuspêncio informaram que o plano parecia ter dado certo. Profiterólia, por tanto tempo evitada pelo temível Ickabog, enfim fora atacada. Como agora a Infantaria Sombria aperfeiçoara a arte de fazer com que os rastros parecessem naturais, derrubava portas como se um monstro gigantesco as tivesse destruído, e usava ferramentas pontiagudas de metal para imitar marcas de dentes na madeira, os moradores de Profiterólia que foram aos bandos ver a casa da pobre velhinha ficaram inteiramente convencidos.

O jovem Bert Brilhante continuou na cena do ataque mesmo depois de a mãe ter saído para preparar o jantar dos dois. Ele estava guardando, como um tesouro, cada detalhe das pegadas da fera e das marcas das presas, para imaginar melhor como seria quando, enfim, ficasse frente a frente com a criatura malévola que tinha matado seu pai, porque de jeito nenhum ia abandonar a ambição de vingá-lo.

Quando teve certeza de que cada detalhe das marcas do monstro tinha sido memorizado, Bert foi para casa, ardendo de fúria, e se trancou no quarto, onde pegou a Medalha por Bravura Notável Contra o Mortal Ickabog do pai e a medalhinha que o rei tinha lhe dado depois de ele ter brigado com Daisy De Pombal. Ultimamente, a medalha menor deixava Bert triste. Ele nunca mais teve uma amizade tão boa quanto a de Daisy desde que ela foi para a Pluritânia, mas, pelo menos, pensou ele, ela e o pai estavam além do alcance do cruel Ickabog.

Lágrimas de raiva encheram os olhos de Bert. Ele queria tanto ingressar na Brigada de Defesa Contra o Ickabog! Ele *sabia* que daria um bom soldado. Nem se importava se morresse lutando! É claro que seria extremamente aflitivo para sua mãe se o Ickabog matasse o filho como tinha matado o marido, mas, por outro lado, Bert seria um herói, como o pai!

Perdido em pensamentos de vingança e glória, Bert foi recolocar as duas medalhas em cima da lareira, mas a menor delas escorregou pelos dedos e foi parar, rolando, embaixo da cama. Bert se abaixou e apalpou, mas não conseguiu alcançá-la. Ele se esticou mais embaixo da cama e, enfim, a encontrou no cantinho mais empoeirado e mais distante, junto com algo afiado que parecia estar ali há muitíssimo tempo, já que tinha teias de aranha.

Bert tirou do canto a medalha e a coisa afiada e se sentou, agora todo coberto de pó, para examinar o objeto desconhecido.

À luz da vela, ele viu um pé de Ickabog perfeitamente entalhado, o último pedaço restante do brinquedo esculpido há tanto tempo pelo sr. De Pombal. Bert pensou que tinha queimado cada pedacinho do brinquedo, mas este pé deve ter voado para baixo da

cama quando ele esmagou o resto do Ickabog com o atiçador.

Ele estava a ponto de jogar o pé na lareira de seu quarto quando de repente mudou de ideia e passou a examiná-lo com mais atenção.

CAPÍTULO 41

O plano da sra. Brilhante

– Mãe – disse Bert.

A sra. Brilhante tinha se sentado à mesa da cozinha, remendando um furo em um suéter de Bert e parando de vez em quando para enxugar os olhos. O ataque do Ickabog em seu bairro em Profiterólia trouxe lembranças terríveis da morte do major Brilhante, e ela esteve pensando na noite em que beijou sua pobre mão fria no Salão Azul do palácio, enquanto o restante do corpo estava oculto pela bandeira da Cornucópia.

– Mãe, veja isso – disse Bert numa voz estranha, e colocou na frente dela o minúsculo pé de madeira entalhada que tinha encontrado embaixo da cama.

A sra. Brilhante o pegou e examinou através dos óculos que usava quando costurava à luz de velas.

– Ora essa, é um pedaço daquele brinquedinho que você tinha – disse a mãe de Bert. – O seu Icka...

Mas a sra. Brilhante não terminou a palavra. Ainda de olhos fixos no pé entalhado, ela se lembrou das pegadas monstruosas que ela e Bert tinham visto naquele mesmo dia, mais cedo, no terreno macio em volta da casa da velhinha desaparecida. Embora fosse muito, mas muito maior, o formato do pé era idêntico a este, até no ângulo dos dedos, nas escamas da pele e nas garras compridas.

Por vários minutos, o único som era o crepitar da vela, enquanto a sra. Brilhante virava o pezinho de madeira nos dedos trêmulos.

Foi como se uma porta tivesse se aberto em sua mente, uma porta que ela havia mantido bloqueada com uma barricada por muito tempo. Desde a morte do marido, a sra. Brilhante recusou-se a admitir qualquer dúvida ou suspeita sobre o Ickabog. Leal ao rei, confiando em Cuspêncio, ela acreditava que quem alegava que o Ickabog não existia era traidor.

Agora, porém, ela era tomada pelas lembranças desagradáveis que tentara calar. Ela se lembrou de contar à copeira tudo sobre a fala traiçoeira do sr. De Pombal a respeito do Ickabog, e de virar-se e ver Aftílio, o lacaio, ouvindo nas sombras. Lembrou-se de que, logo depois disso, o sr. De Pombal desapareceu. Lembrou-se da garotinha que pulava corda com um dos antigos vestidos de Daisy De Pombal, e do bandalore que ela alegou que o irmão tinha ganhado no mesmo dia. Ela pensou em seu primo Haroldo passando fome e na estranha ausência do correio do norte, que ela e todos os vizinhos tinham notado nos últimos meses. Pensou, também, no desaparecimento repentino de Lady Eslanda, fato que desnorteou muita gente. Estes e outros cem acontecimentos estranhos somaram-se na cabeça da sra. Brilhante enquanto ela olhava o pezinho de madeira e, juntos, eles formavam um esboço monstruoso, que a assustava mais do que o Ickabog. O que, ela imaginou, tinha realmente acontecido com o marido no brejo? Por que ela não teve permissão de olhar por baixo da bandeira da Cornucópia que cobria seu corpo? Pensamentos horríveis agora despencavam um sobre o outro enquanto a sra. Brilhante se virava para o filho e via suas suspeitas refletidas no rosto dele.

– Não é possível que o rei saiba – ela falou aos sussurros. – Não é possível. Ele é um bom homem.

Mesmo que tudo em que ela acreditava estivesse errado, a sra. Brilhante não suportava abrir mão da crença na bondade do rei Fred, o Intrépido. Ele tinha sido sempre muito gentil com ela e Bert.

A sra. Brilhante se levantou, com o pezinho de madeira firme na mão fechada, e largou o suéter de Bert remendado pela metade.

– Procurarei o rei – disse ela, com a expressão mais determinada que Bert já vira na mãe.

– Agora? – perguntou ele, olhando o escuro.

– Esta noite – disse a sra. Brilhante –, enquanto há uma chance de nenhum dos dois lordes estarem com ele. Ele me receberá. Ele sempre gostou de mim.

– Quero ir também – disse Bert, porque um estranho pressentimento o dominara.

– Não – disse a sra. Brilhante. Ela se aproximou do filho, pôs a mão em seu ombro e olhou bem no rosto dele. – Preste atenção, Bert. Se eu não voltar do palácio em uma hora, você deve partir de Profiterólia. Vá para o norte, para Jeroboão, encontre o primo Haroldo e conte tudo a ele.

– Mas... – disse Bert, de repente com medo.

– Prometa que irá, se eu não voltar em uma hora – disse a sra. Brilhante com firmeza.

– Eu... eu irei – disse Bert, mas o garoto, que antes imaginava ter uma morte heroica sem se importar com o quanto isso afligiria sua mãe, de repente estava apavorado. – Mãe...

Ela o abraçou brevemente.

– Você é um rapaz inteligente. Nunca se esqueça, você é filho de um soldado e de uma confeiteira-chefe.

A sra. Brilhante foi rapidamente à porta e calçou os sapatos. Depois de dar um último sorriso a Bert, entrou

sorrateiramente na noite.

CAPÍTULO 42

Atrás da cortina

As cozinhas estavam vazias e às escuras quando a sra. Brilhante entrou sozinha pelo pátio. Andando pé ante pé, ela espiava os cantos antes de prosseguir, porque sabia que Aftílio, o lacaio, gostava de se esconder nas sombras. Lenta e cautelosamente, a sra. Brilhante dirigiu-se aos aposentos particulares do rei, segurando o pezinho de madeira com tanta força que as garras afiadas se enterravam na palma da sua mão.

Por fim, ela chegou ao corredor de tapetes vermelhos que levava aos aposentos de Fred. Agora ouvia risos que vinham de trás das portas. A sra. Brilhante deduziu, corretamente, que Fred não tinha sido informado do ataque do Ickabog nos arredores de Profiterólia, pois tinha certeza de que ele não estaria rindo caso soubesse. Porém, alguém claramente estava com o rei, e ela queria se encontrar com Fred a sós. Enquanto estava parada ali, perguntando-se o que seria melhor fazer, a porta se abriu.

Com uma arfada, a sra. Brilhante meteu-se atrás de uma longa cortina de veludo e se esforçou para que ela não balançasse. Cuspêncio e Palermo riam e brincavam com o rei enquanto davam boa-noite.

– Excelente piada, Majestade, ora essa, acho que rasguei minha pantalona! – Palermo gargalhava.

– Rebatizaremos Vossa Majestade de rei Fred, o Folgazão, Alteza! – disse Cuspêncio, rindo.

A sra. Brilhante prendeu a respiração e tentou encolher a barriga. Ouviu a porta do quarto de Fred se fechar. Os dois lordes pararam de rir prontamente.

– Maldito idiota – disse Palermo em voz baixa.

– Conheci bolas de queijo de Curdesburgo mais inteligentes que ele – resmungou Cuspêncio.

– Não pode se revezar comigo para entretê-lo amanhã? – grunhiu Palermo.

– Ficarei ocupado com os coletores de impostos até as três – disse Cuspêncio. – Mas se...

Os dois lordes se calaram. Seus passos também cessaram. A sra. Brilhante ainda prendia a respiração, de olhos fechados, rezando para que eles não notassem o volume na cortina.

– Bom, boa noite, Cuspêncio – disse a voz de Palermo.

– Sim, durma bem, Palermo – disse Cuspêncio.

Com muito cuidado, e o coração disparado, a sra. Brilhante soltou a respiração. Estava tudo bem. Os dois lordes iam dormir... E ela não conseguia mais ouvir passos...

E então, de maneira tão brusca que ela não teve tempo de puxar o ar para os pulmões, a cortina foi puxada. Antes que ela conseguisse gritar, a imensa mão de Palermo tapava sua boca e Cuspêncio tinha prendido seus pulsos. Os dois lordes arrastaram a sra. Brilhante de seu esconderijo e a fizeram descer a escada mais próxima; embora lutasse e tentasse gritar, ela não conseguiu emitir nenhum som através dos dedos grossos de Palermo, nem foi capaz de se libertar. Por fim, eles a empurraram para o mesmo Salão Azul onde antes ela havia beijado a mão do marido morto.

– Não grite – Cuspêncio a alertou, puxando um punhal que costumava portar mesmo dentro do palácio – ou o

rei precisará de uma nova confeiteira-chefe.

Ele gesticulou para Palermo tirar a mão da boca da sra. Brilhante. A primeira coisa que ela fez foi puxar uma golfada de ar, porque sentia que desfalecia.

– Você criou um belo calombo naquela cortina, cozinheira – Cuspêncio escarneceu dela. – Exatamente o que fazia escondida ali, tão perto do rei, depois de as cozinhas estarem fechadas?

A sra. Brilhante podia ter inventado alguma mentira, naturalmente. Podia ter fingido que queria perguntar ao rei Fred que bolos ele queria que ela fizesse no dia seguinte, mas ela sabia que os dois lordes não acreditariam nela. Assim, em vez disso ela estendeu a mão que segurava o pé do Ickabog e abriu os dedos.

– Eu sei – disse ela em voz baixa – o que vocês estão fazendo.

Os dois lordes aproximaram-se, olharam na palma de sua mão e viram a réplica perfeita e minúscula do enorme pé que a Infantaria Sombria usava. Cuspêncio e Palermo se entreolharam, depois olharam para a sra. Brilhante, e tudo o que a confeiteira-chefe pôde pensar, quando viu a expressão deles, foi *fuja, Bert... fuja!*

A medalha de Bert Brilhante.

Por Marina, 11 anos, Olinda, PE

CAPÍTULO 43

Bert e o guarda

A vela na mesa ao lado de Bert queimava e diminuía lentamente enquanto ele via o ponteiro dos minutos se arrastar pelo mostrador do relógio. Ele disse a si mesmo que a mãe, sem dúvida, chegaria em casa logo. Ela entraria a qualquer minuto, pegaria o suéter remendado pela metade como se nunca o tivesse largado e contaria o que tinha acontecido quando viu o rei.

E então pareceu que o ponteiro dos minutos acelerava, quando Bert teria feito qualquer coisa para ele ir mais devagar. Quatro minutos. Três minutos. Restavam dois minutos.

Bert se levantou e foi à janela. Olhou os dois lados da rua. Não havia sinal do retorno da mãe.

Mas, espere aí! Seu coração deu um pulo. Ele vira algo se mover bem na esquina! Por alguns segundos esplendorosos, Bert teve certeza de que estava prestes a ver a sra. Brilhante entrar no trecho de luar, sorrindo ao ver o rosto ansioso do filho na janela.

E então pareceu que seu coração caía como um tijolo no estômago. Não era a sra. Brilhante que se aproximava, mas o major Barata, acompanhado por quatro membros parrudos da Brigada de Defesa Contra o Ickabog, todos carregando tochas.

Bert deu um salto para se afastar da janela, pegou o suéter na mesa e correu para o quarto. Apanhou os sapatos e a medalha do pai, escancarou a janela, passou por ela, depois delicadamente a deslizou para fechá-la de

fora. Enquanto se jogava no canteiro de legumes, ouviu o major Barata bater na porta da frente, e em seguida uma voz rude falou: “Vou verificar os fundos.”

Bert se jogou no solo atrás de uma fileira de beterrabas, passou terra no cabelo claro e ficou paradinho no escuro.

Através das pálpebras fechadas, ele viu a luz bruxulear. Um soldado segurava bem alto a tocha na esperança de ver Bert correndo pelo jardim dos outros. O soldado não notou a figura terrosa de Bert escondida atrás das folhas de beterraba, que lançavam sombras longas e oscilantes.

– Bom, ele não saiu por aqui – gritou o soldado.

Houve um estrondo e Bert entendeu que Barata tinha arrombado a porta de entrada. Ele ouviu os soldados abrindo armários de louça e guarda-roupas. Bert continuou completamente imóvel na terra, porque a luz da tocha ainda brilhava através de suas pálpebras fechadas.

– Talvez ele tenha dado no pé antes de a mãe ir ao palácio.

– Bom, temos de encontrar o garoto – rosnou a voz conhecida do major Barata. – Ele é o filho da primeira vítima do Ickabog. Se Bert Brilhante começar a contar ao mundo que o monstro é uma mentira, as pessoas vão ouvir. Espalhem-se e procurem, ele não pode ter ido muito longe. E, se o apanharem – disse Barata, enquanto os passos pesados de seus homens soavam pelo piso de madeira da casa dos Brilhante –, matem-no. Pensaremos em que história contar depois.

Bert ficou totalmente achatado e imóvel, ouvindo os homens correrem para os dois lados da rua, depois uma parte fria do seu cérebro disse:

Mexa-se.

Ele pôs a medalha do pai no pescoço, pegou o suéter meio remendado e os sapatos, e passou a se arrastar na terra até chegar à cerca do vizinho, onde cavou no solo um túnel de tamanho suficiente para passar se contorcendo. Continuou se arrastando até chegar a uma rua com calçamento de pedras, mas ainda podia ouvir as vozes dos soldados ecoando pela noite, batendo em portas, exigindo dar buscas nas casas, perguntando às pessoas se tinham visto Bert Brilhante, o filho da confeiteira-chefe. Ouviu ser descrito como um traidor perigoso.

Bert pegou outro punhado de terra e passou no rosto. Depois se levantou e, agora agachado, disparou para uma soleira escura do outro lado da rua. Um soldado passou correndo, mas Bert agora estava tão sujo que ficou bem camuflado contra a porta escura e o homem não percebeu nada. Quando o soldado desapareceu, Bert correu descalço de uma porta a outra, levando na mão os sapatos, escondendo-se em nichos sombreados e se aproximando cada vez mais dos portões da Cidade-Dentro-da-Cidade. Quando chegou perto, porém, Bert viu um guarda de sentinela, e, antes que conseguisse pensar num plano, teve de deslizar para trás de uma estátua do rei Ricardo, o Correto, porque Barata e outro soldado se aproximavam.

– Você viu Bert Brilhante? – gritaram ao guarda.

– Quem, o filho da confeiteira-chefe? – perguntou o homem.

Barata segurou o homem pelo uniforme e o sacudiu como um terrier sacode um coelho.

– Claro que é o filho da confeiteira-chefe! Você o deixou passar por estes portões? Fale!

– Não, não deixei – disse o guarda. – E o que o menino fez, para vocês estarem atrás dele?

– Ele é um traidor! – rosnou Barata. – E atirarei pessoalmente em qualquer um que o ajudar, entendido?

– Entendido – disse o guarda. Barata soltou o homem e correu novamente com o seu companheiro, as tochas dos dois lançando poças oscilantes de luz em todas as paredes, até que foram tragados mais uma vez pela escuridão.

Bert viu o guarda endireitar o uniforme e balançar a cabeça. O menino hesitou, depois, sabendo que isto podia lhe custar a vida, saiu furtivamente do esconderijo. Bert tinha se camuflado tão completamente e com tanta terra que o guarda só notou que tinha alguém a seu lado quando o branco dos olhos do menino brilhou à luz da lua, e então soltou um grito apavorado.

– Por favor – sussurrou Bert. – Por favor... não me entregue. Preciso sair daqui.

Por debaixo do suéter, ele pegou a pesada medalha de prata do pai, limpou a superfície suja de terra e mostrou ao guarda.

– Eu lhe darei isto... É prata de verdade! Se me deixar passar pelos portões e não contar a ninguém que me viu. Não sou um traidor – disse Bert. – Não traí ninguém, eu juro.

O guarda era um velho, com uma barba grossa e grisalha. Por um ou dois segundos, ele olhou para o rapaz coberto de terra, depois falou:

– Fique com sua medalha, filho.

Ele abriu o portão o suficiente para Bert passar por ali.

– Obrigado! – Bert falou, arquejando.

– Fique sempre nas estradas secundárias – aconselhou o guarda. – E não confie em ninguém. Boa sorte.

"A sra. Brilhante tinha requisitado a própria cozinha exclusiva."

Por Suzana, 10 anos, Miracema, TO

CAPÍTULO 44

A sra. Brilhante revida

Enquanto Bert escapulia pelos portões da cidade, a sra. Brilhante era jogada por Lorde Cuspêncio em uma cela nas masmorras. Uma voz de taquara rachada perto dela cantava o hino nacional no ritmo dos golpes do martelo.

– Silêncio! – gritou Lorde Cuspêncio para a parede. A cantoria parou.

– Quando eu terminar este pé, milorde – disse a voz destroçada –, vai me deixar ver minha filha?

– Sim, sim, você verá sua filha – respondeu Cuspêncio, revirando os olhos. – Agora fique calado, porque quero conversar com sua vizinha!

– Bom, antes que comecem – disse a sra. Brilhante –, tenho umas coisinhas que quero dizer *aos senhores*.

Cuspêncio e Palermo encararam a baixinha roliça. Nunca tinham colocado nas masmorras alguém com um ar tão soberbo e tão despreocupado ao ser atirado naquele lugar úmido e escuro. Cuspêncio se lembrou de Lady Eslanda, que ainda estava trancada em sua biblioteca e continuava se recusando a casar com ele. Nunca imaginou que uma cozinheira pudesse ser altiva como uma dama.

– Primeiramente – disse a sra. Brilhante –, se me matar, o rei saberá. Ele vai perceber que não estou fazendo seus bolos e tortas. Ele pode sentir a diferença no gosto.

– Isto é verdade – disse Cuspêncio, com um sorriso cruel. – Porém, como o rei acreditará que você foi morta

pelo Ickabog, ele simplesmente terá de se acostumar com outro gosto em seus bolos e tortas, não acha?

– Minha casa fica à sombra dos muros do palácio – contra-atacou a sra. Brilhante. – Será impossível fingir um ataque de Ickabog ali sem acordar umas cem testemunhas.

– Isto tem uma solução fácil – disse Cuspêncio. – Diremos que você fez a tolice de dar uma caminhada noturna pela margem do rio Flume, onde o Ickabog estava matando a sede.

– O que poderia dar certo – disse a sra. Brilhante, inventando uma história sem parar para pensar –, se eu não tivesse deixado determinadas instruções a serem levadas a cabo caso a notícia de que fui morta pelo Ickabog se espalhe.

– Que instruções e quem as recebeu? – perguntou Palermo.

– O filho dela, eu diria – falou Cuspêncio –, mas ele logo estará em nosso poder. Tome nota, Palermo... só mataremos a cozinheira depois de termos matado o filho dela.

– Nesse meio-tempo – disse a sra. Brilhante, fingindo que não havia sentido uma punhalada gelada de pavor à ideia de Bert caindo nas mãos de Cuspêncio –, o senhor pode muito bem equipar esta cela com um fogão e todos os meus utensílios de costume, assim posso fazer bolos para o rei.

– Sim... por que não? – disse Cuspêncio lentamente. – Todos nós apreciamos seus dotes de confeiteira, sra. Brilhante. Pode continuar a cozinhar para o rei, até seu filho ser apanhado.

– Ótimo – disse a sra. Brilhante –, mas precisarei de assistentes. Sugiro treinar alguns de meus companheiros

de prisão, que pelo menos podem bater as claras de ovo e untar as assadeiras.

"Isto exigirá que o senhor alimente um pouco mais os pobres coitados. Notei, enquanto me trazia para cá, que alguns parecem esqueletos. Não posso admitir que comam todos os meus ingredientes crus porque estão famintos.

"E por fim", disse a sra. Brilhante, dando uma olhada rápida na cela, "precisarei de uma cama confortável e alguns lençóis limpos, para dormir bem e produzir bolos e tortas com a qualidade exigida pelo rei. O aniversário dele está chegando. Ele estará esperando alguma coisa muito especial."

Cuspêncio olhou esta surpreendente prisioneira por alguns segundos, depois falou:

– Não a deixa alarmada, madame, pensar que a senhora e seu filho logo serão mortos?

– Ah, se há uma coisa que se aprende na escola de confeitaria – disse a sra. Brilhante, dando de ombros –, é que crostas queimadas e massas soladas podem acontecer com os melhores entre nós. Arregace as mangas e comece outra coisa, é o que eu diria. Não tem sentido lamentar o que não pode ser consertado!

Como não conseguiu pensar em uma boa réplica a isto, Cuspêncio gesticulou para Palermo, os dois lordes saíram da cela e a porta se fechou com estrondo.

Assim que eles saíram, a sra. Brilhante parou de fingir coragem e arriou na cama dura, que era o único móvel na cela. Todo o seu corpo tremia e, por um momento, ela teve medo de ter um ataque histérico.

Mas uma mulher não ascendia até tornar-se a encarregada das cozinhas do rei, em uma cidade dos melhores confeiteiros do planeta, sem ser capaz de

controlar os nervos. A sra. Brilhante respirou fundo, acalmou-se e depois, ouvindo a voz de taquara rachada da cela ao lado recomeçar o hino nacional, encostou o ouvido na parede e procurou saber de onde vinha o barulho. Por fim, ela encontrou uma rachadura perto do teto. De pé na cama, ela chamou em voz baixa:

– Daniel? Daniel De Pombal? Sei que é você. Aqui é Berta, Berta Brilhante.

Mas a voz destroçada apenas continuou a cantar. A sra. Brilhante arriou de novo na cama, envolveu o corpo com os braços, fechou os olhos e rezou com cada parte doída do coração para que Bert, onde quer que se encontrasse, estivesse são e salvo.

CAPÍTULO 45

Bert em Jeroboão

No começo, Bert não tinha percebido que toda a Cornucópia fora avisada por Lorde Cuspêncio para ficar de olho nele. Seguindo o conselho do guarda, ele se manteve nas estradas rurais e nas secundárias. Nunca tinha ido tão ao norte quanto Jeroboão, mas, seguindo o curso aproximado do rio Flume, ele sabia que devia estar viajando na direção certa.

Com o cabelo emaranhado e os sapatos entupidos de lama, ele atravessou campos arados e dormiu em valas. Foi só quando entrou furtivamente em Curdesburgo na terceira noite, para procurar o que comer, que ficou cara a cara pela primeira vez com uma imagem de si mesmo em um cartaz de *Procura-se* preso na janela de um queijeiro. Por sorte, o desenho era de um jovem sorridente e arrumado, nada parecido com o reflexo do vagabundo sujo que ele viu o encarando pelo vidro escuro ao lado. Ainda assim, foi um choque saber que havia uma recompensa de cem ducados por sua cabeça, vivo ou morto.

Bert andou às pressas pelas ruas escuras, passando por cães magricelas e janelas cobertas por tábuas. Por uma ou duas vezes, encontrou outras pessoas maltrapilhas e sujas que também procuravam comida nas lixeiras. Pelo menos ele conseguiu pegar um pedaço de queijo duro e meio mofado antes que outra pessoa o agarrasse. Depois de beber água da chuva de um barril

atrás de uma leiteria abandonada, ele saiu às pressas de Curdesburgo e voltou às estradas rurais.

Durante toda a caminhada, os pensamentos de Bert insistiam em voltar à mãe. *Eles não a matar*ão, disse Bert a si mesmo, sem parar. *Eles nunca a matarão. Ela é a serva preferida do rei*. *Eles não teriam essa audácia.* Bert teve de bloquear da mente a possibilidade da morte da mãe porque, se pensasse que ela estava morta, talvez não tivesse forças para sair da próxima vala em que dormisse.

Os pés de Bert logo criaram bolhas, porque ele se desviava por quilômetros para não encontrar outra pessoa. Na noite seguinte, roubou as poucas maçãs apodrecidas que restavam em um pomar e na noite depois desta pegou na lixeira de alguém a carcaça de uma galinha e roeu o pouco que restava de carne. Quando avistou a silhueta cinza escura de Jeroboão no horizonte, teve de roubar um barbante do pátio de um ferreiro para usar como cinto, porque tinha emagrecido tanto que as calças caíam.

Por toda a sua jornada, Bert dizia a si mesmo que, se conseguisse encontrar o primo Haroldo, tudo ficaria bem: ele colocaria seus problemas sob a responsabilidade de um adulto e Haroldo daria um jeito em tudo. Bert ficou à espreita fora dos muros da cidade até escurecer, depois foi mancando para a cidade de fabricantes de vinho, os pés agora doendo terrivelmente, e se dirigiu à taberna de Haroldo.

Não havia luzes na janela e Bert, quando se aproximou, entendeu o motivo. Todas as portas e janelas tinham sido cobertas por tapumes. A taberna tinha encerrado suas atividades e parecia que Haroldo e a família tinham partido.

– Por favor – perguntou o desesperado Bert a uma mulher que passava –, sabe me dizer para onde foi Haroldo? Haroldo, que era dono desta taberna?

– Haroldo? – disse a mulher. – Ah, ele foi para ao sul há uma semana. Tem parentes em Profiterólia. Ele tem esperanças de conseguir um emprego com o rei.

Atordoado, Bert viu a mulher se afastar na noite. Um vento frio soprou em volta do menino e, pelo canto do olho, ele viu um de seus próprios cartazes de *Procura-se* tremulando em um poste de luz próximo. Exausto e sem ter ideia do que fazer, imaginou se sentar naquela soleira fria e simplesmente esperar que os soldados o encontrassem.

Foi aí que ele sentiu a ponta de uma espada nas costas e uma voz em seu ouvido falou:

– *Te peguei*.

“Um vento frio soprou em volta do menino e ele viu um de seus próprios cartazes de Procura-se.”

Por Valeska, 10 anos, Goiânia, GO

CAPÍTULO 46

A história de Rodrigo Barata

Você pode pensar que Bert ficaria apavorado ao ouvir essas palavras, mas, acredite se quiser, a voz o encheu de alívio. Ele a reconheceu, veja só. Então, em vez de levantar as mãos ou suplicar pela própria vida, ele se virou e se viu olhando para Rodrigo Barata.

– Está sorrindo por quê? – rosnou Rodrigo, encarando o rosto sujo de Bert.

– Sei que você não vai me apunhalar, Rod – disse Bert em voz baixa.

Embora fosse Rodrigo quem portasse a espada, Bert sabia que o outro garoto estava bem mais assustado que ele. Trêmulo, Rodrigo vestia um casaco por cima do pijama e os pés estavam enrolados em trapos ensanguentados.

– Você fez toda essa viagem de Profiterólia até aqui assim? – perguntou Bert.

– Isso não é da sua conta! – declarou Rodrigo, tentando parecer bravo, embora batesse os dentes. – Vou levar você, Brilhante, seu traidor!

– Não vai, não – disse Bert, e tirou a espada da mão de Rodrigo. Nisso, Rodrigo caiu aos prantos.

– Vamos lá – falou Bert com gentileza, e pôs o braço nos ombros de Rodrigo, levando-o a um beco longe do cartaz tremulante de *Procura-se*.

– Sai – Rodrigo falou aos soluços, desvencilhando-se do braço de Bert. – Me larga! É tudo culpa sua!

– O que é culpa minha? – perguntou Bert, enquanto os dois meninos paravam ao lado de algumas lixeiras repletas de garrafas vazias de vinho.

– Você fugiu do meu pai! – disse Rodrigo, enxugando os olhos com a manga.

– Ora essa, claro que fugi – disse Bert com sensatez. – Ele queria me matar.

– Mas ag-agora *ele* é que foi... morto! – Rodrigo chorava.

– O major Barata morreu? – perguntou Bert, perplexo. – Como?

– Cusp-Cuspêncio – soluçou Rodrigo. – Ele fo-foi na no-nossa casa com soldados quando ni-ninguém conseguia te encontrar. Estava com tanta raiva do papai por não ter apanhado você... que pegou a arma de um soldado... e ele...

Rodrigo se sentou em uma lixeira e chorou. Um vento frio soprou no beco. Isto, pensou Bert, mostrava o quanto Cuspêncio era perigoso. Se podia matar a tiros seu fiel chefe da Guarda Real, ninguém estava a salvo.

– Como você soube que eu viria para Jeroboão? – perguntou Bert.

– Af-Aftílio, do palácio, me contou. Dei cinco ducados a ele. Ele lembrou que sua mãe contou sobre um primo dono de taberna.

– A quantas pessoas você acha que Aftílio contou? – perguntou Bert, agora preocupado.

– Provavelmente a muitas. – Rodrigo enxugou o rosto na manga do pijama. – Ele vende informações a qualquer um em troca de ouro.

– Essa é boa, partindo de você – disse Bert, enfurecendo-se. – Você ia me vender por cem ducados!

– Eu... não queria o o-ouro – disse Rodrigo. – Era por minha mã-mãe e meus irmãos. Pensei que conseguiria re-resgatá-los, se eu entregasse você. Cuspêncio os pe-pegou. Escapei pela janela do meu quarto. Por isso estou de pijama.

– Eu também fugi pela janela do meu quarto – disse Bert. – Mas pelo menos tive o bom senso de calçar sapatos. Vem, é melhor sairmos daqui – acrescentou ele, puxando Rodrigo para que ele se levantasse. – Vamos tentar roubar umas meias para você em um varal pelo caminho.

Só que eles mal deram dois passos e veio uma voz de homem de trás:

– Mãos ao alto! Os dois vêm comigo!

Os meninos levantaram as mãos e se viraram. Um homem de cara suja e má tinha saído das sombras e apontava uma espingarda para eles. Não estava uniformizado, e Bert e Rodrigo não o reconheceram, mas Daisy De Pombal poderia ter lhes contado exatamente quem era este: João Brigão, o assistente de Mãe Ranzinza, agora um adulto.

João Brigão se aproximou alguns passos, estreitando os olhos de um garoto para outro.

– É – disse ele. – Vocês dois vão servir. Me dá essa espada aqui.

Com uma espingarda apontada para seu peito, Bert não teve alternativa senão entregar a espada. Porém, não estava tão assustado como deveria, porque Bert – independentemente do que Palermo possa ter dito dele – era um garoto muito inteligente. Este homem de aparência suja parecia não notar que tinha acabado de pegar um foragido que valia cem ducados de ouro. Parecia procurar dois garotos *quaisquer*, mas, por que

motivo, Bert nem imaginava. Rodrigo, por outro lado, ficou pálido como um cadáver. Sabia que Cuspêncio tinha espiões em todas as cidades e estava convencido de que os dois seriam entregues ao conselheiro-chefe, e que ele, Rodrigo Barata, seria sentenciado à morte por se associar a um traidor.

– Andando – disse o homem de cara rude, gesticulando com a espingarda para eles saírem do beco. Com a arma em suas costas, Bert e Rodrigo foram obrigados a atravessar as ruas escuras de Jeroboão até que, finalmente, chegaram à porta do orfanato de Mãe Ranzinza.

CAPÍTULO 47

Nas masmorras

Os trabalhadores das cozinhas ficaram muito surpresos ao saber por Lorde Cuspêncio que a sra. Brilhante tinha requisitado a própria cozinha exclusiva por se achar muito mais importante do que eles. Na verdade, alguns ficaram desconfiados, porque a sra. Brilhante nunca foi esnobe em todos aqueles anos em que a conheciam. Porém, como seus bolos e tortas ainda apareciam regularmente na mesa do rei, eles sabiam que ela estava viva onde quer que estivesse e, como muitos de seus conterrâneos, os servos concluíram que era mais seguro não fazer perguntas.

Enquanto isso, a vida nas masmorras do palácio tinha sido completamente transformada. Um fogão foi encaixado na cela da sra. Brilhante, suas panelas e frigideiras foram levadas das cozinhas e os prisioneiros de celas vizinhas foram treinados para ajudar na realização de diferentes tarefas que compunham a produção dos bolos e das tortas leves como plumas que faziam dela a melhor confeiteira do reino. Ela exigiu que dobrassem as porções de comida dos prisioneiros (para garantir que eles tivessem forças para bater e sovar, medir e pesar, peneirar e despejar) e um caçador de ratos para livrar o lugar da praga, além de um servo para correr entre as celas, entregando diferentes utensílios pelas grades.

O calor do fogão secou as paredes úmidas. Cheiros deliciosos substituíram o fedor de mofo e água

estagnada. A sra. Brilhante insistiu que cada um dos prisioneiros provasse um bolo terminado, assim eles compreenderiam o resultado de seus esforços. Aos poucos, as masmorras começaram a se tornar um local de atividade, até de alegria, e os prisioneiros, que antes da chegada da sra. Brilhante estavam fracos e famintos, aos poucos ganhavam peso. Assim, ela se mantinha ocupada e tentava se distrair de suas preocupações com Bert.

Durante todo o tempo em que os demais prisioneiros preparavam bolos, o sr. De Pombal cantava o hino nacional e continuava entalhando pés gigantescos de Ickabog na cela ao lado. Sua cantoria e as marteladas enfureciam os outros prisioneiros antes da chegada da sra. Brilhante, mas agora ela encorajava a todos que se juntassem a ele. O som dos prisioneiros cantando o hino nacional em uníssono engolia o eterno barulho do martelo e do formão e, o melhor, quando Cuspêncio desceu às masmorras para dizer que parassem com aquela barulheira, a sra. Brilhante falou, com inocência: não seria traição impedir que as pessoas cantassem o hino nacional? Cuspêncio ficou com cara de idiota e todos os prisioneiros deram gargalhadas. Com um pulo de alegria, a sra. Brilhante pensou ter ouvido uma risadinha fraca e ofegante da cela ao lado.

A sra. Brilhante talvez não entendesse muito da loucura, mas sabia recuperar coisas que pareciam estragadas, como molhos coalhados ou suflês murchos. Ela acreditava que a mente alquebrada do sr. De Pombal ainda teria salvação se ele pudesse ser levado a compreender que não estava sozinho e a se lembrar de quem era. Assim, de vez em quando a sra. Brilhante sugeria outras músicas além do hino nacional, tentando

empurrar a pobre mente do sr. De Pombal a um rumo diferente, que talvez o trouxesse de volta ao seu juízo perfeito.

E enfim, para sua surpresa e alegria, ela o ouviu se juntar à cantiga dos bêbados sobre o Ickabog, que era popular mesmo bem antigamente, antes de as pessoas pensarem que o monstro existia de verdade.

"Se bebo uma garrafa, penso que Ickabog não há,
Se bebo outra garrafa, ouço o Ickabog suspirar,
Agora que bebi outra, vejo o bicho se esgueirar,
O Ickabog vem aí, bebamos antes de empacotar!"

Baixando a assadeira de bolo que tinha acabado de tirar do forno, a sra. Brilhante pulou na cama e falou suavemente pela rachadura na parede:

– Daniel De Pombal, ouço você cantar aquela música boba. Aqui é Berta Brilhante, sua velha amiga. Lembra-se de mim? Nós costumávamos cantar isso muito tempo atrás, quando as crianças eram pequenininhas. O meu Bert e a sua Daisy. Você se lembra, Dani?

Ela esperou por uma resposta e, depois de algum tempo, pensou ter ouvido um soluço de choro.

Talvez você ache isso estranho, mas a sra. Brilhante ficou feliz ao ouvir o choro do sr. De Pombal, porque o choro pode curar a mente tanto quanto o riso. E naquela noite, e por muitas noites depois daquela, a sra. Brilhante falou delicadamente com o sr. De Pombal através da rachadura na parede, e depois de um tempo ele começou a responder. A sra. Brilhante disse ao sr. De Pombal o quanto se arrependia de ter contado à copeira o que ele dissera sobre o Ickabog, e o sr. De Pombal disse a ela como ele se sentiu desprezível, depois, por sugerir

que o major Brilhante tinha caído do cavalo. E cada um deles garantiu que o filho do outro estava vivo, porque eles precisavam acreditar nisso ou morreriam.

Agora um frio de congelar invadia as masmorras através da única janela alta, pequena e gradeada. Os prisioneiros sabiam que se aproximava um inverno rigoroso, entretanto as masmorras tinham se tornado um lugar de esperança e cura. A sra. Brilhante exigiu mais cobertores para todos os ajudantes e deixava o forno aceso a noite inteira, decidida a fazer com que eles sobrevivessem.

"A vida nas masmorras do palácio tinha sido completamente transformada."

Por Luiza, 11 anos, Brasília, DF

CAPÍTULO 48

Bert e Daisy se encontram

O frio do inverno tinha caído também no orfanato de Mãe Ranzinza. As crianças vestidas em trapos, que só se alimentavam de sopa de repolho, não conseguiam resistir a tosses e gripes com a facilidade de outras crianças que eram bem alimentadas. O pequeno cemitério nos fundos do orfanato viu um fluxo constante de Joões e Joanas que morreram por falta de comida, e de calor, e de amor, e eles eram enterrados sem que alguém soubesse seus nomes verdadeiros, embora as outras crianças lamentassem sua perda.

Foi por causa da súbita onda de mortes que Mãe Ranzinza mandou João Brigão às ruas de Jeroboão, visando juntar a maior quantidade de crianças sem-teto que conseguisse encontrar para manter elevado seu número de internos. Fiscais vinham ao orfanato três vezes por ano para garantir que ela não mentia sobre quantas crianças tinha sob seus cuidados. Ela preferia pegar crianças mais velhas, se possível, porque eram mais resistentes do que as mais novas.

O ouro que ela recebia por cada criança agora tinha transformado os aposentos particulares de Mãe Ranzinza no orfanato em um dos mais luxuosos da Cornucópia, com uma lareira ardente e poltronas de veludo confortáveis, grossos tapetes de seda e uma cama com cobertores de lã macia. Sua mesa sempre era servida com a comida e o vinho mais refinados. As crianças famintas podiam sentir o cheiro do paraíso quando as

tortas de Baronópolis e os queijos de Curdesburgo eram entregues no apartamento de Mãe Ranzinza. Ela raramente saía de seus aposentos, apenas para receber os fiscais, deixando as crianças aos cuidados de João Brigão.

Daisy De Pombal deu pouca atenção aos dois garotos novos quando eles chegaram. Estavam sujos e esfarrapados, como todos os recém-chegados, e Daisy e Marta estavam ocupadas tentando manter vivas o maior número possível das crianças menores. Elas próprias passavam fome para que as menores tivessem o que comer, e Daisy tinha hematomas da bengala de João Brigão, pois costumava se meter entre ele e os pequenos que ele tentava espancar. Se ela chegou a pensar nos garotos recém-chegados, foi com desprezo, por concordarem em ser chamados de João sem nenhum tipo de resistência. Ela não sabia que convinha muito bem aos dois meninos que ninguém soubesse seus verdadeiros nomes.

Uma semana depois da chegada de Bert e Rodrigo ao orfanato, Daisy e a melhor amiga Marta deram uma festa de aniversário secreta para os gêmeos de Henriqueta Horta. Muitas crianças mais novas não sabiam quando era o próprio aniversário, então Daisy escolhia uma data para elas e sempre garantia que fosse comemorada, ao menos com uma porção dupla de sopa de repolho. Ela e Marta também sempre estimulavam os pequenos a se lembrar de seus nomes verdadeiros, embora ensinassem a chamar uns aos outros de João e Joana na frente de João Brigão.

Daisy tinha um presente especial para os gêmeos. Ela conseguira roubar dois bolos de Profiterólia de uma entrega para Mãe Ranzinza vários dias antes e os

guardou para o aniversário dos gêmeos, embora o cheiro dos bolos torturasse Daisy e tenha sido difícil resistir a comer.

– Ai, que lindo – suspirou a garotinha com lágrimas de alegria.

– Lindo – o irmão lhe fez eco.

– Esses vieram de Profiterólia, que é a capital – disse-lhes Daisy. Ela tentava ensinar às crianças menores as coisas de que se lembrava de seus dias interrompidos de estudante, e costumava descrever as cidades que elas nunca viram. Marta também gostava de ouvir sobre Curdesburgo, Baronópolis e Profiterólia, porque nunca viveu em lugar nenhum que não fosse a Terra dos Brejos e o orfanato de Mãe Ranzinza.

Os gêmeos tinham acabado de engolir os últimos farelos de seus bolos quando João Brigão apareceu de rompante no quarto. Daisy tentou esconder o prato, em que havia um vestígio de creme, mas João Brigão o havia visto.

– Você – ele berrou, aproximando-se de Daisy com a bengala acima da cabeça – andou roubando de novo, Joana Feia! – Ele estava prestes a descer a bengala nela quando de repente descobriu que fora apanhada em pleno ar. Bert tinha ouvido os gritos e veio descobrir o que estava acontecendo. Ao ver que João Brigão tinha encurralado uma menina magricela com um macacão muito remendado, Bert segurou a bengala no momento em que ela descia.

– Não se atreva – disse Bert a João Brigão em um grunhido baixo. Pela primeira vez, Daisy ouviu o sotaque de Profiterólia do garoto novo, mas ele parecia tão diferente do Bert que ela conhecera, muito mais velho, muito mais endurecido, que ela não o reconheceu.

Quanto a Bert, que se lembrava de Daisy como uma garotinha morena de tranças castanhas, ele não fazia ideia de que um dia conhecera a menina daqueles olhos ardentes.

João Brigão tentou puxar a bengala da mão do garoto, mas Rodrigo veio em auxílio a Bert. Houve uma briga rápida e, pela primeira vez na memória das crianças, João Brigão perdeu. Por fim, jurando vingança, ele saiu do quarto com um corte no lábio e cochichou-se pelo orfanato que os dois garotos novos tinham resgatado Daisy e os gêmeos, e que João Brigão saiu de fininho com cara de idiota.

Naquela mesma noite, quando todas as crianças do orfanato se preparavam para dormir, Bert e Daisy se cruzaram em um patamar da escada e pararam, meio desajeitados, para se falar.

– Muito obrigada – disse Daisy – por hoje, mais cedo.

– De nada – disse Bert. – Ele costuma se comportar daquele jeito?

– Com muita frequência – disse Daisy, com um leve dar de ombros. – Mas os gêmeos comeram os bolos. Fico muito agradecida.

Agora Bert pensava ver algo familiar no formato do rosto de Daisy e ouvia o vestígio de Profiterólia em sua voz. Depois, ele olhou o macacão antigo e muito desbotado em que Daisy tinha costurado outras extensões nas pernas.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele.

Daisy olhou em volta para saber se alguém poderia ouvir.

– Daisy – respondeu ela. – Mas você deve se lembrar de me chamar de Joana quando João Brigão estiver por perto.

– Daisy... – Bert arfou. – Daisy... *sou eu! Bert Brilhante!*

Daisy ficou boquiaberta e, antes que eles se dessem conta, estavam se abraçando e chorando, como se tivessem se transformado nas crianças pequenas daqueles dias ensolarados no pátio do palácio, antes de a mãe de Daisy morrer e o pai de Bert ser morto, quando a Cornucópia parecia o lugar mais feliz do planeta.

CAPÍTULO 49

A fuga do orfanato de Mãe Ranzinza

Em geral, as crianças ficavam no orfanato de Mãe Ranzinza até serem jogadas na rua por ela. Mãe Ranzinza não recebia ouro por cuidar de homens e mulheres adultos, e só tinha permitido a permanência de João Brigão porque ele era útil. Enquanto elas ainda valiam ouro, Mãe Ranzinza cuidava para que nenhuma criança fugisse, mantendo todas as portas trancadas e aferrolhadas. Apenas João Brigão tinha as chaves, e o último menino que tentou roubá-las passou meses se recuperando dos ferimentos que sofreu.

Daisy e Marta sabiam que a hora de serem expulsas se aproximava, mas estavam menos preocupadas consigo mesmas do que com o destino dos pequeninos depois que as duas fossem embora. Bert e Rodrigo sabiam que teriam de partir mais ou menos na mesma época, se não antes. Eles não tinham como verificar se os cartazes de *Procura-se* com a cara de Bert ainda estavam presos às paredes de Jeroboão, mas parecia improvável que tivessem sido retirados. Os quatro viviam o pavor diário de que Mãe Ranzinza e João Brigão percebessem que tinham um foragido que valia cem ducados bem debaixo de seu teto.

Nesse meio-tempo, Bert, Daisy, Marta e Rodrigo se encontravam toda noite, enquanto as outras crianças dormiam, para contar suas histórias e reunir

conhecimento sobre o que acontecia na Cornucópia. Eles faziam essas reuniões no único lugar onde João Brigão nunca entrava: a grande despensa de repolhos na cozinha.

Rodrigo, que fora criado com o hábito de fazer piada dos brejeiros, riu do sotaque de Marta durante a primeira dessas reuniões, mas Daisy deu um fora tão grande nele que o garoto não voltou a fazer isso.

Reunidos em volta de uma única vela como se fosse uma fogueira, em meio a montes de repolho duro e fedido, Daisy contou aos meninos sobre seu sequestro, Bert partilhou seu medo de que o pai tivesse morrido em algum acidente e Rodrigo explicou como a Infantaria Sombria simulava ataques nas cidades para que o povo continuasse acreditando no Ickabog. Ele também contou aos outros sobre a correspondência interceptada, como os dois lordes contrabandeavam carroças carregadas de ouro do país e que centenas de pessoas foram mortas ou, se fossem úteis para Cuspêncio de alguma maneira, presas.

Mas cada um dos meninos escondia algo, e vou contar a você o que era.

Rodrigo suspeitava que o major Brilhante tivesse sido baleado por acidente no pântano aqueles tantos anos atrás, mas não disse isso a Bert, pois tinha medo que o amigo o culpasse por não ter contado antes.

Ao mesmo tempo, Bert, que tinha certeza de que o sr. De Pombal entalhara os pés gigantes usados pela Infantaria Sombria, não contou isso a Daisy. Veja bem, ele tinha certeza de que o sr. De Pombal seria morto depois de terminá-los e não queria dar a Daisy falsas esperanças de que o pai ainda estivesse vivo. Rodrigo não sabia quem tinha entalhado os muitos pares de pés

usados pela Infantaria Sombria e Daisy não sabia da participação do pai nos ataques.

– Mas e os soldados? – perguntou Daisy a Rodrigo na sexta noite em que eles se reuniram na despensa de repolhos. – A Brigada de Defesa Contra o Ickabog e a Guarda Real? Eles participam disso?

– Acho que devem participar, um pouco – disse Rodrigo –, mas só o pessoal da alta hierarquia sabe de tudo... os dois lordes e meu... quem substituiu meu pai – disse ele, e ficou calado por algum tempo.

– Os soldados devem saber que não existe Ickabog nenhum – disse Bert –, depois de todo o tempo que passaram na Terra dos Brejos.

– Mas *existe* um Ickabog – disse Marta. Rodrigo não riu, embora talvez tivesse feito isso quando a conheceu. Daisy ignorou Marta, como costumava fazer, mas Bert falou com gentileza:

– Eu mesmo acreditava nele, até que percebi o que realmente estava acontecendo.

O quarteto foi dormir tarde naquela noite, concordando em se reunir na noite seguinte. Cada um deles ardia com o desejo de salvar o país, mas sempre voltava ao fato de que, sem armas, não poderiam combater Cuspêncio e seus muitos soldados.

Porém, quando as meninas chegaram à despensa de repolhos na sétima noite, Bert percebeu, pela expressão das duas, que algo tinha acontecido.

– Problemas – cochichou Daisy, assim que Marta fechou a porta da despensa. – Ouvimos Mãe Ranzinza e João Brigão conversarem, pouco antes de irmos para a cama. Um fiscal de orfanato está a caminho. Chegará aqui amanhã à tarde.

Os meninos se entreolharam, extremamente preocupados. A última coisa que queriam era que um estranho reconhecesse os dois foragidos.

– Precisamos ir embora – disse Bert a Rodrigo. – Agora. Esta noite. Juntos, podemos tirar as chaves de João Brigão.

– Estou nessa – disse Rodrigo, cerrando os punhos.

– Bom, Marta e eu vamos com vocês – disse Daisy. – Nós pensamos em um plano.

– Que plano? – perguntou Bert.

– Acredito que nós quatro devemos ir para o norte, ao acampamento dos soldados na Terra dos Brejos – disse Daisy. – Marta conhece o caminho e pode nos guiar. Quando chegarmos lá, contaremos aos soldados tudo que Rodrigo nos contou... sobre o Ickabog ser falso...

– Mas ele é real – disse Marta, porém os outros três a ignoraram.

– ... e sobre os assassinatos e todo o ouro que Cuspêncio e Palermo estão roubando do país. Não podemos pegar Cuspêncio sozinhos. Tem de ser com *alguns* soldados bons, que parem de obedecer a ele e nos ajudem a resgatar o país!

– É um bom plano – disse Bert lentamente –, mas não acho que vocês, meninas, devam ir. Pode ser perigoso. Rodrigo e eu faremos isso.

– Não, Bert – disse Daisy, com os olhos quase febris. – Com nós quatro, dobramos o número de soldados com quem podemos falar. Por favor, não discuta comigo. Se alguma coisa não mudar, logo a maioria das crianças deste orfanato estará naquele cemitério antes que o inverno termine.

Foi preciso alguma discussão para que Bert concordasse que as duas meninas fossem, porque, no

fundo, ele receava que Daisy e Marta fossem fracas demais para fazer a viagem, mas por fim ele concordou.

– Tudo bem. É melhor vocês pegarem seus cobertores, porque será uma longa caminhada no frio. Rodrigo e eu vamos cuidar de João Brigão.

E assim, Bert e Rodrigo entraram furtivamente no quarto de João Brigão. A briga foi curta e brutal. A sorte foi que Mãe Ranzinza havia bebido duas garrafas de vinho no jantar, porque, caso contrário, toda a pancadaria e gritaria sem dúvida a teria acordado. Deixando João Brigão ensanguentado e com hematomas, Rodrigo roubou suas botas. Depois, eles o trancaram em seu próprio quarto e os dois meninos correram para se juntar às meninas, que esperavam ao lado da porta da frente. Precisaram de cinco longos minutos para destrancar todos os cadeados e soltar todas as correntes.

Uma rajada de ar gelado os recebeu quando eles abriram a porta. Com uma última olhada no orfanato, com cobertores puídos nos ombros, Daisy, Bert, Marta e Rodrigo foram à rua e partiram para a Terra dos Brejos em meio aos primeiros e escassos flocos de neve.

CAPÍTULO 50

Uma jornada no inverno

Em toda a história da Cornucópia, não foi feita nenhuma jornada tão difícil como a caminhada daqueles quatro jovens à Terra dos Brejos.

Era o inverno mais implacável que o reino já havia visto em cem anos, e, quando a silhueta escura de Jeroboão desapareceu atrás deles, a neve caía tão densa que sua brancura ofuscava os olhos dos quatro. Suas roupas finas e remendadas e os cobertores rasgados não eram páreo para o ar congelante que mordia cada parte deles como lobinhos de dentes afiados.

Se não fosse por Marta, teria sido impossível encontrar o caminho, mas ela estava familiarizada com o norte rural de Jeroboão e, apesar da neve grossa que agora cobria cada marco da paisagem, ela reconheceu árvores antigas em que costumava subir, pedras de formatos estranhos que sempre estiveram ali e ruínas de abrigos de ovelhas que antigamente pertenciam a vizinhos. Mesmo assim, quanto mais viajavam ao norte, mais eles se perguntavam, no fundo, se a jornada os mataria, embora nunca expressassem esse pensamento em voz alta. Cada um sentia o corpo suplicar para que parassem, que se deitassem na palha gelada de algum celeiro abandonado e desistissem.

Na terceira noite, Marta percebeu que eles estavam perto, porque sentia o cheiro familiar de lodo e da água escurecida do brejo. Todos eles recuperaram alguma esperança: apuraram os olhos em busca de algum sinal

de tochas e fogueiras no acampamento dos soldados e imaginaram ouvir homens conversando e o tilintar dos arreios dos cavalos no vento que assoviava. De vez em quando, viam um brilho lá longe ou ouviam um barulho, mas era sempre a luz da lua refletida em uma poça congelada ou o rangido de uma árvore na nevasca.

Por fim, eles chegaram à beira da ampla extensão de rochas, pântano e mato sussurrante, e perceberam que não havia qualquer soldado ali.

As tempestades de inverno provocaram uma retirada. O comandante, que em seu íntimo tinha certeza de que não existia Ickabog algum, decidira que não ia deixar seus homens morrerem congelados só para agradar a Lorde Cuspêncio. Assim, dera a ordem de irem para o sul e, se não fosse pela neve grossa, que ainda caía com tal velocidade que cobria todos os rastros, os amigos teriam conseguido ver as pegadas de cinco dias dos soldados que seguiram na direção contrária.

– Olha – disse Rodrigo, apontando enquanto tremia. – Eles *estiveram* aqui...

Uma carroça foi abandonada na neve porque ficou encalhada e os soldados queriam escapar da tempestade rapidamente. Os quatro se aproximaram da carroça e viram comida, uma comida da qual Bert, Daisy e Rodrigo só se lembravam de seus sonhos, e que Marta nunca tinha visto na vida. Montes de queijos cremosos de Curdesburgo, pilhas de produtos de confeitaria de Profiterólia, linguiças e tortas de cervo de Baronópolis, tudo enviado para manter o comandante e seus soldados felizes no acampamento, pois não havia comida suficiente para eles na Terra dos Brejos.

Bert estendeu os dedos dormentes para tentar pegar uma torta, mas agora uma grossa camada de gelo cobria

a comida e seus dedos simplesmente escorregaram.

Ele virou a cara desesperada para Daisy, Marta e Rodrigo, todos de lábios azulados. Ninguém falou nada. Eles sabiam que iam morrer de frio na beira do pântano do Ickabog, e nenhum deles se importava mais. Daisy sentia tanto frio que dormir para sempre lhe parecia uma ideia maravilhosa. Ela nem sentiu o frio aumentar ao afundar lentamente na neve. Bert se afundou e a abraçou, mas ele também se sentia sonolento e estranho. Marta se encostou em Rodrigo, que tentou puxá-la para dentro de seu cobertor. Reunidos ao lado da carroça, os quatro logo estavam inconscientes, e a neve se acumulava gradualmente sobre seus corpos enquanto a lua começava a nascer.

E então uma sombra imensa ondulou sobre eles. Dois braços enormes, cobertos de pelos verdes e compridos que pareciam o mato do brejo, desceram sobre os quatro amigos. Com a facilidade de quem pega bebês, o Ickabog apanhou os quatro no colo e os levou através do pântano.

A bandeira da Cornucópia.

Por Joaquim, 12 anos, Campinas, SP

CAPÍTULO 51

Dentro da caverna

Algumas horas depois, Daisy acordou, mas demorou a abrir os olhos. Não conseguia se lembrar de ficar assim tão confortável desde a infância, quando dormia com uma colcha de retalhos costurada pela mãe e acordava toda manhã de inverno ao som de um fogo crepitando na lareira. Ela agora ouvia o crepitar do fogo e sentia cheiro de tortas de cervo no forno, então deduziu que sonhava estar de novo em casa com os pais.

Mas o som das chamas e o cheiro da torta eram tão reais que ocorreu a Daisy que, em vez de sonhar, talvez ela estivesse no céu. Será que tinha morrido congelada na beira do pântano? Sem mexer o corpo, ela abriu os olhos e viu um fogo bruxulear e as paredes escavadas do que parecia uma caverna enorme, e percebeu que ela e os três companheiros estavam deitados em um ninho grande que parecia ser feito de lã de carneiro bruta.

Havia uma pedra gigantesca ao lado do fogo, coberta por um mato comprido e marrom esverdeado, típico do brejo. Daisy ficou olhando para esta pedra até que seus olhos se acostumaram com a penumbra. Só então percebeu que a pedra, que tinha a altura de dois cavalos, olhava para ela.

Embora as velhas histórias dissessem que o Ickabog parecia um dragão, ou uma cobra, ou um demônio que flutuava, Daisy de imediato entendeu que aquilo ali era para valer. Em pânico, ela fechou os olhos de novo,

estendeu a mão pelo macio bolo da lã de ovelha, encontrou as costas de um dos outros e cutucou.

– Que foi? – sussurrou Bert.

– Já viu? – Daisy sussurrou, ainda de olhos fechados.

– Vi – cochichou Bert. – Não olhe para aquilo.

– Não estou olhando – disse Daisy.

– Eu *te disse* que existia um Ickabog – foi o sussurro apavorado de Marta.

– Acho que ele está preparando tortas – cochichou Rodrigo.

Os quatro ficaram deitados, paradinhos, de olhos fechados, até que o cheiro de torta de cervo se tornou tão irresistível que cada um deles pensou que quase valia a pena morrer só para dar um salto, agarrar uma torta e talvez engolir algumas dentadas antes que o Ickabog conseguisse matá-los.

E foi aí que eles ouviram o monstro se mexer. Sua pelagem longa arrastou fazendo barulho e os pés pesados ecoaram em pancadas altas e abafadas. Houve um baque, como se o monstro tivesse deixado cair algo pesado. Depois uma voz estrondosa e grave falou:

– Comam.

Os quatro abriram os olhos.

Você pode pensar que o fato de o Ickabog saber a língua deles seria um choque imenso, mas eles já estavam tão atordoados, porque o monstro existia de verdade, sabia fazer uma fogueira e cozinhar tortas de cervo, que nem pararam para pensar nessa questão. O Ickabog tinha colocado uma travessa de madeira rudimentar ao lado deles no chão, e eles concluíram que o monstro devia ter tirado as tortas do estoque de comida congelada na carroça abandonada.

Lenta e cautelosamente, os quatro amigos se sentaram, encarando os olhos grandes e tristonhos do Ickabog, que os olhava através do emaranhado de pelos ásperos, longos e esverdeados que o cobriam da cabeça aos pés. Com o formato aproximado de uma pessoa, ele tinha uma barriga muito grande mesmo, e imensas patas felpudas, cada uma delas com uma só garra afiada.

– O que você quer com a gente? – perguntou Bert, corajoso.

Em sua voz grave e estrondosa, o Ickabog respondeu:

– Vou comer vocês. Mas ainda não.

O Ickabog se virou, pegou dois cestos, que eram trançados com tiras de casca de árvore, e foi para a entrada da caverna. Depois, como se tivesse lhe ocorrido uma ideia repentina, o Ickabog se virou para eles e falou:

– Roar.

Não foi bem um rugido. O Ickabog simplesmente pronunciou a onomatopeia. Os quatro adolescentes olharam fixamente o Ickabog, que piscou, depois deu a volta e saiu da caverna com um cesto em cada pata. Em seguida, um rochedo com o tamanho da abertura da caverna se encaixou na entrada fazendo um estrondo, para manter os prisioneiros lá dentro. Eles ouviram os passos do Ickabog esmagando a neve do lado de fora até sumirem.

Daisy De Pombal.

Por Alícia, 9 anos, Rio de Janeiro, RJ

CAPÍTULO 52

Cogumelos

Daisy e Marta jamais se esqueceriam do sabor daquelas tortas de Baronópolis, depois de tantos anos de sopa de repolho na casa de Mãe Ranzinza. Na verdade, Marta caiu no choro quando deu a primeira mordida e disse que nunca imaginou que comida pudesse ser assim. Todos se esqueceram do Ickabog enquanto comiam. Depois que terminaram as tortas, eles se sentiram mais corajosos e se levantaram para explorar a caverna do Ickabog à luz da fogueira.

– Olhem – disse Daisy, que tinha encontrado desenhos nas paredes.

Uma centena de Ickabogs felpudos eram perseguidos por bonecos de palito com lanças.

– Olhem esse aqui! – disse Rodrigo, apontando um desenho perto da entrada da caverna.

À luz da fogueira do Ickabog, o quarteto examinou uma imagem de um único Ickabog frente a frente com um boneco de palito com capacete de plumas e uma espada na mão.

– Esse parece o rei – disse Daisy aos sussurros, apontando a figura. – Vocês não acham que ele *realmente* viu o Ickabog naquela noite, acham?

Os outros não sabiam o que responder, é claro, mas eu sei. Agora vou contar toda a verdade a você e espero que não fique chateado por eu não ter feito isso antes.

Fred realmente *teve um vislumbre* do Ickabog na neblina densa do pântano naquela noite fatal em que o

major Brilhante foi baleado. Também posso lhe dizer que na manhã seguinte o velho pastor de ovelhas, que pensava que seu cão tivesse sido devorado pelo Ickabog, ouviu um ganido e um arranhar na porta, e percebeu que o fiel Retalho tinha voltado para casa, porque, naturalmente, Cuspêncio tinha soltado o cachorro dos espinheiros em que ele estava preso.

Antes que critique precipitadamente o velho pastor de ovelhas por não informar ao rei que Retalho, no fim das contas, não tinha sido devorado pelo Ickabog, você deve se lembrar de que ele estava cansado depois da longa viagem a Profiterólia. De todo modo, o rei não teria se importado. Depois que Fred viu o monstro pela neblina, nada nem ninguém o teria convencido de que ele não era real.

– Por que será – disse Marta – que o Ickabog não comeu o rei?

– Talvez ele tenha mesmo lutado, como contam as histórias – disse Rodrigo, mas em dúvida.

– Sabe de uma coisa, é estranho – disse Daisy, virando-se para olhar a caverna do Ickabog – que não tenha nenhum osso aqui, se o Ickabog come gente.

– Ele deve comer os ossos também – falou Bert. Sua voz tremia.

Agora Daisy se lembrava de que eles, evidentemente, deviam estar enganados por pensar que o major Brilhante tinha morrido em um acidente no brejo. No fim das contas, estava claro que o Ickabog o havia matado. Ela acabara de segurar a mão de Bert, para mostrar que sabia como era horrível para ele estar na toca do assassino de seu pai, quando eles de novo ouviram passos pesados lá fora e entenderam que o monstro tinha voltado. Os quatro correram de volta à macia pilha

de lã de ovelha e se sentaram, como se não tivessem se mexido nem uma vez.

Houve um estrondo quando o Ickabog rolou de volta a pedra, deixando entrar o frio do inverno. Ainda nevava forte lá fora e o Ickabog tinha muita neve presa nos pelos. Em um dos cestos, havia uma grande quantidade de cogumelos e alguma lenha. No outro, alguns doces congelados de Profiterólia.

Enquanto os adolescentes olhavam, o Ickabog refez a fogueira e colocou o bloco de doces congelado em uma pedra achatada ao lado, onde lentamente começaram a descongelar. Depois, enquanto Daisy, Bert, Marta e Rodrigo olhavam, o Ickabog passou a comer cogumelos. Tinha um jeito curioso de fazer isso. Espetava um por vez no único espigão que se projetava de cada pata, depois os pegava delicadamente com a boca, um por um, mastigando com o que parecia um imenso prazer.

Depois de algum tempo, pareceu perceber que estava sendo observado por quatro humanos.

– Roar – ele repetiu e voltou a ignorá-los, até ter comido todos os cogumelos, depois disso pegou com cuidado na pedra quente os doces descongelados de Profiterólia e os ofereceu aos humanos em suas patas imensa e peludas.

– Ele quer nos engordar! – disse Marta num cochicho apavorado, mas ainda assim ela pegou um Capricho Disparatado e, no segundo seguinte, seus olhos se fecharam em êxtase.

Depois que o Ickabog e os humanos comeram, o Ickabog colocou os dois cestos num canto, bem arrumados, atiçou o fogo e foi para a entrada da caverna, onde a neve ainda caía e o sol começava a se pôr. Com um ruído estranho que você reconheceria caso já tenha

ouvido uma gaita de foles inflar antes de alguém começar a tocar, o Ickabog puxou o ar e começou a cantar em uma língua que nenhum dos humanos conseguia entender. A música ecoou pelo brejo enquanto caía a noite. Os quatro adolescentes ouviram e logo se sentiram sonolentos, e um por um arriaram no ninho de lã de ovelha e adormeceram.

"O Ickabog reapareceu com seus dois cestos, um cheio de cogumelos."

Por Felipe, 7 anos, Tremembé, SP

CAPÍTULO 53

O monstro misterioso

Vários dias se passaram até Daisy, Bert, Marta e Rodrigo criarem coragem para fazer outra coisa além de consumir a comida congelada que o Ickabog lhes trazia da carroça e ver o monstro comer os cogumelos que buscava para si. Sempre que o Ickabog saía (nunca deixando de rolar o enorme rochedo para a entrada da caverna, para que eles não fugissem), os quatro discutiam o jeito estranho do monstro, só que em voz baixa, para o caso de ele estar escondido do outro lado da pedra, ouvindo.

Uma coisa que eles especulavam era se o Ickabog era menino ou menina. Daisy, Bert e Rodrigo achavam que devia ser macho, por causa da voz grave e estrondosa, mas Marta, que cuidava de ovelhas antes de a família morrer de fome, achava que o Ickabog era fêmea.

– A barriga dela está crescendo – ela lhes disse. – Acho que vai ter filhotes.

A outra coisa que as crianças discutiam, é claro, era exatamente quando o Ickabog ia devorá-los e se eles seriam capazes de lutar quando o monstro tentasse.

– Acho que ainda temos um tempinho – disse Bert, olhando para Daisy e Marta, que continuavam muito magras, devido ao tempo que passaram no orfanato. – Vocês duas não dão uma boa refeição.

– Se eu conseguir me agarrar no pescoço do bicho – disse Rodrigo, fazendo a mímica do ato – e Bert bater nele com bastante força na barriga...

– Nunca conseguiremos vencer o Ickabog – disse Daisy. – Ele pode mover um rochedo do tamanho dele. Nem de longe temos tanta força assim.

– Ah, se pelo menos a gente tivesse uma arma... – disse Bert, levantando-se e chutando uma pedra na caverna.

– Não acha estranho – Daisy falou – que só tenhamos visto o Ickabog comer cogumelos? Vocês não acham que ele está fingindo ser mais feroz do que realmente é?

– Ele come ovelhas – disse Marta. – De onde viria toda essa lã, se ele não tivesse comido ovelhas?

– Quem sabe ele apenas não apanhou os fiapos de lã presos nos espinheiros e guardou? – sugeriu Daisy, pegando um punhado da felpa macia e branca. – Ainda não entendo por que não tem osso nenhum aqui, se ele tem o hábito de comer criaturas.

– E aquela música que ele canta toda noite? – disse Bert. – Me dá arrepios. Se quer minha opinião, é uma canção de batalha.

– Fico com medo também – concordou Marta.

– O que será que significa? – disse Daisy.

Alguns minutos depois, o imenso rochedo na entrada da caverna se mexeu de novo e o Ickabog reapareceu com seus dois cestos, um cheio de cogumelos, como sempre, e o outro repleto de queijos congelados de Curdesburgo.

Todos comeram sem falar nada, como sempre faziam, e, depois de arrumar os cestos e atiçar o fogo, o Ickabog foi à entrada da caverna enquanto o sol se punha, pronto para cantar sua música estranha, na língua que os humanos não conseguiam entender.

Daisy se levantou.

– O que está fazendo? – cochichou Bert, segurando-a pelo tornozelo. – Sente-se já!

– Não – disse Daisy, soltando-se. – Quero falar com ele.

E então ela foi corajosamente à entrada da caverna e se sentou ao lado do Ickabog.

“E então ela foi corajosamente à entrada da caverna e se sentou ao lado do Ickabog.”

Por Valentina, 9 anos, Rio de Janeiro, RJ

CAPÍTULO 54

A canção do Ickabog

O Ickabog tinha acabado de inspirar, com seu habitual som de gaita de foles inflando, quando Daisy perguntou:

– Em que língua você canta, Ickabog?

O Ickabog a olhou, assustado ao ver Daisy tão perto. No início, Daisy pensou que ele não fosse responder, mas por fim ele falou em uma voz lenta e grave:

– Ickaboguês.

– E a música fala do quê?

– É a história dos Ickabogs... e da sua espécie também.

– Quer dizer, as pessoas? – perguntou Daisy.

– Sim, as pessoas – disse o Ickabog. – As duas histórias são uma história só, porque as pessoas eram Desnascidas de Ickabogs.

Ele puxou o ar para dentro para cantar novamente, mas Daisy perguntou:

– O que quer dizer “Desnascida”? É o mesmo que nascida?

– Não – disse o Ickabog, olhando-a de cima –, Desnascer é muito diferente de nascer. É como os novos Ickabogs chegam ao mundo.

Daisy queria ser educada, vendo como o Ickabog era enorme, então falou com cautela:

– Isso parece um *pouquinho* com nascer.

– Mas não é – disse o Ickabog em sua voz grave. – Nascer e Desnascer são coisas muito diferentes. Quando os bebês Desnascem, quem os fez Desnascer, morre.

– Sempre? – perguntou Daisy, notando como o Ickabog passava distraidamente a pata na barriga enquanto falava.

– Sempre – disse o Ickabog. – Esse é o jeito dos Ickabogs. Viver com seus filhos é uma das estranhezas das pessoas.

– Mas isso é muito triste – disse Daisy, devagar. – Morrer quando seus filhos nascem.

– Não é nada triste – disse o Ickabog. – O Desnascimento é uma coisa gloriosa! Toda nossa vida nos leva ao Desnascimento. O que fazemos e o que sentimos quando nossos bebês Desnascem é o que dá a eles sua essência. É muito importante ter um bom Desnascimento.

– Não entendo – disse Daisy.

– Se eu morrer triste e sem esperanças – explicou o Ickabog –, meus bebês não sobreviverão. Assisti a meus companheiros Ickabogs morrerem em desespero, um por um, e seus bebês viveram apenas alguns segundos a mais que eles. Um Ickabog não pode viver sem esperança. Sou o último Ickabog que resta, e meu Desnascimento será o Desnascimento mais importante de toda a história, porque se tudo correr bem com meu Desnascimento, nossa espécie sobreviverá e, se não correr bem, os Ickabogs desaparecerão para sempre…

“Todos os nossos problemas começam com um Desnascimento ruim, entende?”

– É disso que fala a sua música? – perguntou Daisy. – De um Desnascimento ruim?

O Ickabog fez que sim com a cabeça, com os olhos fixos no brejo escuro e nevado. Depois voltou a respirar fundo com seu fôlego de gaita de foles e começou a

cantar, mas desta vez em palavras que os humanos pudessem entender.

“Na aurora dos tempos, quando viviam
Só Ickabogs, que feito rochas existiam
Não foi criado o homem, com sua frieza
E o coração cheio de torpeza,
E o mundo, perfeito e indiviso,
Refletia, radiante, o paraíso.
Não éramos caçados, nem prejudicados
Nestes dias perdidos e amados.

Oh, Ickabogs, Desnasçam outra vez,
Desnasçam outra vez, meus Ickabogs.
Oh, Ickabogs, Desnasçam outra vez,
Desnasçam outra vez, meus iguais.

E veio a Amargura, numa noite de tempestade,
Desnascida do Medo. Que fatalidade!
E a Amargura, tão alta e tão forte,
Era diferente, e não só no porte.
Tinha a voz áspera, e um jeito mau,
Nunca se viu um Ickabog igual.
E a Amargura foi expulsa bufando,
De raiva, foi embora arquejando.

Oh, Ickabogs, Desnasçam sábios,
Desnasçam sábios, meus Ickabogs.
Oh, Ickabogs, Desnasçam sábios,
Desnasçam sábios, meus iguais.

A mil quilômetros do antigo lar
Com seu Desnascer a se aproximar,

Só e no escuro, a Amargura expirou
E dela o Ódio despontou.
Era este um Ickabog pelado,
Uma fera a se vingar do passado
Com uma sede de sangue ardente
E um olho cruel e previdente.

Oh, Ickabogs, Desnasçam gentis,
Desnasçam gentis, meus Ickabogs.
Oh, Ickabogs, Desnasçam gentis,
Desnasçam gentis, meus iguais.

E o Ódio gerou a raça humana,
E é deles que o homem emana,
Da Amargura e do Ódio eles incharam
Como exércitos, e nos esmagaram.
Às centenas, nós, Ickabogs abatidos
Nosso sangue em torrentes foi vertido.
Como árvores, os ancestrais caíam
E os homens ainda nos combatiam.

Oh, Ickabogs, Desnasçam bravos
Desnasçam bravos, meus Ickabogs.
Oh, Ickabogs, Desnasçam bravos,
Desnasçam bravos, meus iguais.

Expulsos fomos do ensolarado lar,
Da relva, para no lodo e na pedra morar,
Na neblina e na chuva eternas.
E aqui ficamos, definhando nesta terra,
Até que da raça, somente um resta,
Sobrevivente da lança e da balestra
Cujos filhos terão seu recomeço

Pelo ódio e pela fúria, um apreço.

Oh, Ickabogs, matem agora os homens,
Matem agora os homens, meus Ickabogs.
Oh, Ickabogs, matem agora os homens,
Matem agora os homens, meus iguais.”

Daisy e o Ickabog ficaram sentados em silêncio depois de o Ickabog terminar a canção. As estrelas já apareciam. Daisy tinha os olhos fixos na lua ao falar:

– Quantas pessoas você comeu, Ickabog?

O Ickabog suspirou.

– Até agora, nenhuma. Os Ickabogs gostam de cogumelos.

– Você pretende nos comer quando chegar a hora do seu Desnascimento? – perguntou Daisy. – Para que seus filhos nasçam acreditando que os Ickabogs comem gente? Quer transformá-los em assassinos de pessoas, não é? Para ter suas terras de volta?

O Ickabog a olhou. Parecia que não queria responder, mas por fim fez que sim com a cabeça imensa e felpuda. Atrás de Daisy e do Ickabog, Bert, Marta e Rodrigo trocavam olhares apavorados à luz da fogueira moribunda.

– Sei o que é perder as pessoas que você mais ama – disse Daisy em voz baixa. – Minha mãe morreu e meu pai desapareceu. Por um bom tempo, depois que meu pai sumiu, eu me obriguei a acreditar que ele ainda estava vivo, porque precisei, ou acho que eu teria morrido também.

Daisy se levantou para olhar nos olhos tristes do Ickabog.

– Acho que as pessoas precisam de esperança quase tanto quanto os Ickabogs. Mas – disse ela, colocando a mão sobre o coração – minha mãe e meu pai ainda estão aqui, e sempre estarão. Então, quando você me comer, Ickabog, coma meu coração por último. Quero manter meus pais vivos pelo máximo de tempo possível.

Ela voltou pela caverna e os quatro humanos se reacomodaram em suas pilhas de lã, ao lado da fogueira.

Pouco depois disso, embora estivesse sonolenta, Daisy pensou ter ouvido o Ickabog fungar.

Lorde Cuspêncio.

Por Lina, 11 anos, Florianópolis, SC

CAPÍTULO 55

Cuspêncio ofende o rei

Depois do desastre da diligência do correio desgovernada, Lorde Cuspêncio tomou medidas para garantir que uma coisa daquelas jamais voltasse a acontecer. Foi emitido um novo decreto, sem o conhecimento do rei, que permitia ao conselheiro-chefe abrir cartas em busca de sinais de traição. O decreto relacionava prestativamente todas as coisas que agora eram consideradas traição na Cornucópia. Ainda era traição dizer que o Ickabog não existia e que Fred não era um bom rei. Era traição criticar Lorde Cuspêncio e Lorde Palermo, traição dizer que o imposto do Ickabog era alto demais e, pela primeira vez, era traição dizer que a Cornucópia já não era tão feliz e bem-alimentada como sempre tinha sido.

Agora que todos tinham medo demais de dizer a verdade em suas cartas, o correio e até as viagens à capital diminuíram e quase desapareceram, e era exatamente isso que Cuspêncio queria. Ele então deu início à segunda fase de seu plano. Esta fase consistia em enviar um monte de cartas de fãs a Fred. Como essas cartas não podiam ter todas a mesma letra, Cuspêncio trancara alguns soldados em uma sala com uma pilha de papéis e muitas penas, e lhes dizia o que escrever.

– Elogiem o rei, é claro – falava Cuspêncio, enquanto se pavoneava de um lado a outro na frente dos homens vestido em seus trajes de conselheiro-chefe. – Digam que ele é o melhor governante que o país já teve. Elogiem a

mim também. Digam que vocês não sabem o que seria da Cornucópia sem Lorde Cuspêncio. E digam que vocês sabem que o Ickabog teria matado muito mais gente se não fosse pela Brigada de Defesa Contra o Ickabog, e que a Cornucópia está mais rica do que nunca.

Assim, Fred começou a receber cartas que lhe diziam que ele era maravilhoso, que o país nunca estivera mais feliz e que a guerra contra o Ickabog ia muitíssimo bem.

– Ora, parece que tudo corre às mil maravilhas! – O rei Fred ficou radiante, agitando uma dessas cartas durante o almoço com os dois lordes. Ele estava muito mais animado desde que as falsificações começaram a chegar. O inverno implacável tinha congelado a terra, assim era perigoso sair para caçar, mas Fred, que usava um lindo novo traje de seda laranja escuro, com botões de topázio, sentia-se particularmente bonito no dia de hoje, o que aumentava sua alegria. Era mesmo um prazer ver a neve cair do lado de fora da janela, quando ele tinha um fogo ardendo e a mesa, como sempre, repleta de alimentos caros.

– Eu não sabia quantos Ickabogs tinham sido mortos, Cuspêncio! Na verdade... pensando bem agora... eu nem mesmo sabia que existia mais de um Ickabog!

– Errm, sim, Alteza – disse Cuspêncio, com um olhar furioso a Palermo, que se empanturrava de um queijo cremoso particularmente delicioso. Cuspêncio tinha tanta coisa para fazer que deu a Palermo a tarefa de verificar todas as cartas falsificadas antes que fossem enviadas ao rei. – Não queríamos alarmar Vossa Majestade, mas percebemos algum tempo atrás que o monstro tinha, err...

Ele tossiu delicadamente.

– ... procriado.

– Entendo – disse Fred. – Bom, é uma notícia extremamente boa que vocês estejam dando cabo deles nesse ritmo. Devíamos ter um deles empalhado, sabe, e fazer uma exposição para o povo!

– Err... sim, Alteza, que ideia excelente – disse Cuspêncio entre dentes.

– Mas tem uma coisa que não entendo – disse Fred, olhando a carta de novo, com uma expressão séria. – O professor Fraudevindo não disse que sempre que morre um Ickabog, outros dois crescem no lugar dele? Matando-os desse jeito, vocês não estão dobrando o número de Ickabogs?

– Ah... não, Alteza, na verdade, não – disse Cuspêncio, sua mente astuta trabalhando numa velocidade furiosa. – Na verdade encontramos um jeito de impedir que isto aconteça, com... err... com...

– Uma pancada na cabeça deles primeiro – sugeriu Palermo.

– Uma pancada na cabeça deles primeiro – repetiu Cuspêncio, assentindo. – É isso. Se conseguirmos chegar perto o bastante para bater neles antes de matá-los, Alteza, o... err... o processo de duplicação parece... parece cessar.

– Mas por que não me falou desta descoberta maravilhosa antes, Cuspêncio? – exclamou Fred. – Isso muda tudo... logo poderemos livrar a Cornucópia dos Ickabogs para sempre!

– Sim, Alteza, é *de fato* uma boa notícia, não? – disse Cuspêncio, desejando poder arrancar a tabefes o sorriso da cara de Palermo. – Porém, ainda restam alguns poucos Ickabogs...

– Mesmo assim, finalmente parece que temos um fim à vista! – disse Fred alegremente, colocando a carta de

lado e pegando novamente o garfo e a faca. – Que tristeza o major Barata ter sido morto por um Ickabog pouco antes de conseguirmos virar o jogo contra esses monstros!

– Muito triste, Alteza, sim – concordou Cuspêncio que, naturalmente, explicara o repentino desaparecimento do major Barata dizendo ao rei que ele tinha dado a vida na Terra dos Brejos, tentando impedir que o Ickabog viesse para o sul.

– Bom, isso explica algo em que estive pensando – disse Fred. – Os servos estão constantemente cantando o hino nacional, já ouviram? É animador e tudo o mais, mas está ficando meio *repetitivo*. Mas é por isso... eles estão comemorando nosso triunfo sobre os Ickabogs, não estão?

– Deve ser por isso, Alteza – disse Cuspêncio.

Na realidade, a cantoria vinha dos prisioneiros das masmorras, e não dos servos, mas Fred não sabia que havia umas cinquenta pessoas presas nas masmorras abaixo dele.

– Precisamos dar um baile para comemorar! – disse Fred. – Não damos um baile há muito tempo. Parece que faz um século desde que dancei com Lady Eslanda.

– As freiras não dançam – disse Cuspêncio, irritado. Ele se levantou abruptamente. – Palermo, uma palavrinha.

Os dois lordes estavam a meio caminho da porta quando o rei ordenou:

– Esperem.

Os dois se viraram. O rei Fred de repente parecia insatisfeito.

– Nenhum dos dois pediu permissão para deixar a mesa do rei.

Os dois lordes se entreolharam, depois Cuspêncio fez uma reverência e Palermo o imitou.

– Peço o perdão de Vossa Majestade – disse Cuspêncio. – Apenas ocorre que, para colocar em prática sua excelente sugestão de ter um Ickabog morto empalhado, Alteza, precisamos agir rapidamente. Caso contrário, ele pode... err... apodrecer.

– Dá no mesmo – disse Fred, passando os dedos na medalha de ouro que tinha pendurada no pescoço, gravada com a imagem do rei combatendo um monstro parecido com um dragão –, ainda sou o rei, Cuspêncio. O *seu* rei.

– Naturalmente, Alteza – disse Cuspêncio com outra reverência. – Vivo apenas para servir a Vossa Majestade.

– Hmm – disse Fred. – Bem, trate de se lembrar disto e seja rápido com o empalhamento desse Ickabog. Quero exibi-lo ao povo. Depois discutiremos o baile comemorativo.

Lorde Palermo.

Por Tainá, 9 anos, Barueri, SP

CAPÍTULO 56

A trama nas masmorras

Assim que Cuspêncio e Palermo ficaram fora do alcance do rei, Cuspêncio encurralou Palermo.

– Você devia verificar todas aquelas cartas antes de entregá-las ao rei! Onde é que vou encontrar um Ickabog morto para empalhar?

– Costure alguma coisa – sugeriu Palermo, dando de ombros.

– Costurar alguma coisa? *Costurar* alguma coisa?

– Bom, o que mais você pode fazer? – disse Palermo, dando uma grande dentada em uma Delícia do Duque que tinha afanado da mesa do rei.

– O que *eu* posso fazer? – repetiu Cuspêncio, furioso. – Você acha que tudo isso é problema *meu*?

– Foi você que inventou o Ickabog – disse Palermo com a voz grossa, enquanto mastigava. Ele já estava ficando farto da gritaria de Cuspêncio e do jeito mandão dele.

– E foi você que matou o major Brilhante! – rosnou Cuspêncio. – Onde você estaria agora, se eu não tivesse colocado a culpa no monstro?

Sem esperar pela resposta de Palermo, Cuspêncio virou-se e desceu às masmorras. Pelo menos, podia impedir os prisioneiros de cantar o hino nacional tão alto, assim o rei pensaria que a guerra contra os Ickabogs tinha dado uma guinada para pior de novo.

– Silêncio... SILÊNCIO! – berrou Cuspêncio ao entrar nas masmorras, porque o lugar zumbia de barulho. Havia cantoria e riso, e Aftílio, o lacaio, corria entre as celas

pegando e levando utensílios de cozinha a todos os diferentes prisioneiros, e o cheiro de Sonhos das Donzelas, recém-saídos do forno da sra. Brilhante, enchia o ar aquecido. Todos os prisioneiros pareciam muito melhor alimentados do que da última vez que Cuspêncio tinha descido ali. Ele não gostou disso, não gostou nada disso. Não gostou especialmente de ver o capitão Bueno com a aparência forte e saudável que sempre teve. Cuspêncio gostava dos inimigos fracos e desesperados. Até o sr. De Pombal dava a impressão de ter aparado a barba branca e comprida.

– Você está tomando nota, não está – perguntou ele ao ofegante Aftílio –, de todas essas panelas e facas e coisas que está repassando?

– É... é claro, milorde – disse o lacaio, arquejando, sem querer admitir que ficava tão confuso com as ordens da sra. Brilhante que não tinha ideia de que prisioneiro estava com o quê. Colheres, batedores, conchas, frigideiras e assadeiras tinham de ser passadas entre as grades, para acompanhar a demanda dos bolos e tortas da sra. Brilhante, e por uma ou duas vezes Aftílio passara acidentalmente um dos formões do sr. De Pombal a outro prisioneiro. Ele *achava* que recolhia tudo no final de cada noite, mas como diabos teria certeza? E às vezes Aftílio receava que o carcereiro das masmorras, que gostava de vinho, não ouvisse os prisioneiros trocando cochichos, caso decidissem tramar algo após o apagar das velas à noite. Contudo, Aftílio sabia que Cuspêncio não estava com humor para ouvir problemas, assim o lacaio refreou a língua.

– Não haverá mais cantoria! – gritou Cuspêncio, sua voz ecoando pelas masmorras. – O rei está com dor de cabeça!

Para falar a verdade, era a cabeça de Cuspêncio que começava a latejar. Ele se esqueceu dos prisioneiros assim que lhes deu as costas e voltou a pensar em como poderia fazer um Ickabog empalhado que parecesse convincente. Quem sabe Palermo tivesse alguma razão? E se eles pegassem o esqueleto de um touro, sequestrassem uma costureira para costurar por cima dos ossos um revestimento que lembrasse um dragão, usando serragem como enchimento?

Mentiras em cima de mentiras. Depois que você começa a mentir, é preciso continuar, como se fosse o capitão de um navio esburacado, sempre tapando vazamentos no casco para não afundar. Perdido em pensamentos sobre esqueletos e serragem, Cuspêncio não fazia a mínima ideia de que tinha acabado de dar as costas ao que prometia ser o maior problema até então: as masmorras repletas de prisioneiros conspirando, cada um deles com lâminas e formões escondidos embaixo dos cobertores e atrás de tijolos soltos nas paredes.

CAPÍTULO 57

O plano de Daisy

Na Terra dos Brejos, onde a neve ainda se acumulava alta no chão, o Ickabog não estava mais fechando a entrada da caverna com o rochedo quando saía com seus cestos. Em vez disso, Daisy, Bert, Marta e Rodrigo o ajudavam a colher do pântano os pequenos cogumelos que ele gostava de comer, e, durante essas saídas, eles também pegavam mais comida na carroça abandonada e levavam para comer na caverna.

A cada dia que passava, os quatro humanos ficavam mais fortes e mais saudáveis. O Ickabog também foi ficando mais gordo, mas isto porque sua hora de Desnascimento estava cada vez mais próxima. Como era no Desnascimento que o Ickabog tinha a intenção de comer os quatro humanos, Bert, Marta e Rodrigo não estavam muito felizes com a crescente barriga da criatura. Bert, em particular, tinha certeza de que o Ickabog pretendia matá-los. Ele agora acreditava estar enganado sobre o pai ter sofrido um acidente. O Ickabog existia de verdade, então é claro que tinha matado o major Brilhante.

Frequentemente, em suas excursões para catar cogumelos, o Ickabog e Daisy iam um pouco à frente dos outros, mantendo uma conversa particular.

– Do que você acha que eles estão falando? – cochichou Marta aos dois meninos, enquanto procuravam no lodo os pequenos cogumelos brancos de que o Ickabog gostava em especial.

– Acho que ela está tentando fazer amizade com ele – disse Bert.

– Como é, para ele nos comer, e não a ela? – disse Rodrigo.

– Que coisa horrível de se dizer – falou Marta duramente. – Daisy cuidou de todo mundo no orfanato. Às vezes ela também recebia os castigos no lugar dos outros.

Rodrigo ficou perplexo. Tinha sido ensinado pelo pai a esperar o pior de todo mundo que conhecesse e que o único jeito de se dar bem na vida era ser o maior, o mais forte e o mais cruel em cada grupo. Era difícil perder os hábitos que tinha aprendido, mas, com seu pai morto e a mãe e os irmãos certamente na prisão, Rodrigo não queria que esses três novos amigos antipatizassem com ele.

– Desculpe – disse em voz baixa, e Marta sorriu para ele.

Mas olha, por acaso, Bert tinha razão. Daisy *estava mesmo* fazendo amizade com o Ickabog, mas seu plano não era só para se salvar, nem salvar os três amigos. Era para salvar toda a Cornucópia.

Enquanto ela e o monstro andavam pelo lodo nesta manhã em particular, à frente dos outros, ela notou que algumas campânulas-brancas tinham conseguido penetrar um trecho de gelo que derretia. A primavera estava chegando, o que significava que os soldados logo voltariam à beira do brejo. Com um enjoo esquisito no estômago, por saber o quanto era importante colocar isso da melhor forma, Daisy falou:

– Ickabog, sabe a música que você canta toda noite?

O Ickabog, que levantava um tronco para ver se havia algum cogumelo escondido por baixo, falou:

– Se eu não soubesse, não poderia cantar, não é mesmo?

E deu uma risadinha ofegante.

– Bom, sabe quando você canta que quer que seus filhos sejam gentis, e sábios, e valentes?

– Sim – concordou o Ickabog, e pegou um pequeno cogumelo cinza-prata e mostrou a Daisy. – Este é bom. Não se encontra muito dos prateados no brejo.

– Lindo – disse Daisy, enquanto o Ickabog colocava o cogumelo no cesto. – Mas então, na última estrofe da sua música, você diz esperar que seus filhos matem pessoas.

– Sim – repetiu o Ickabog, estendendo a mão para arrancar um montinho de fungo amarelado de uma árvore morta e mostrando a Daisy. – Este é venenoso. Nunca coma desse tipo.

– Não vou comer – disse Daisy e, inspirando profundamente, falou: – Mas você não acredita realmente que um Ickabog gentil, sábio e valente comeria pessoas, acredita?

O Ickabog parou no ato de se abaixar para colher outro cogumelo prateado e olhou para Daisy.

– Eu não *quero* comer vocês – disse –, mas preciso fazer isso, ou meus filhos morrerão.

– Você disse que eles precisam de esperança – disse Daisy. – E se, quando chegar a hora de Desnascer, eles virem a mãe... ou o pai... desculpe, não sei bem...

– Eu serei o Icker deles – disse o Ickabog. – E eles serão meus Ickaboggles.

– Bom, então, não seria maravilhoso se seus... seus Ickaboggles vissem seu Icker cercado por pessoas que os amam, que querem que eles sejam felizes e que vivam com eles como amigos? Isso não os encheria de mais esperanças do que qualquer outra coisa?

O Ickabog se sentou em um tronco caído e por um bom tempo não disse absolutamente nada. Bert, Marta e Rodrigo pararam, olhando de longe. Eles sabiam que algo muito importante estava acontecendo entre Daisy e o Ickabog, e, embora estivessem extremamente curiosos, não se atreveram a se aproximar.

Por fim, o Ickabog falou:

– Talvez... talvez seja melhor eu não comer você, Daisy.

Era a primeira vez que o Ickabog a chamava pelo nome. Daisy colocou a mão na pata do Ickabog e, por um momento, um sorriu para o outro. Depois o Ickabog falou:

– Quando chegar meu Desnascimento, você e seus amigos devem me cercar, e meus Ickaboggles vão Desnascer sabendo que vocês são amigos deles também. Depois disso, vocês devem ficar com meus Ickaboggles aqui no brejo, para sempre.

– Bom... o problema nisso – disse Daisy com cautela, ainda segurando a pata do Ickabog – é que a comida na carroça vai acabar em breve. Acho que não tem cogumelos suficientes aqui para alimentar nós quatro e seus Ickaboggles.

Daisy achou estranho falar assim sobre um tempo em que o Ickabog não estaria mais vivo, mas o Ickabog, aparentemente, não se importou.

– Então, o que podemos fazer? – perguntou-lhe o Ickabog, com os grandes olhos ansiosos.

– Ickabog – disse Daisy com cautela –, tem pessoas morrendo por toda a Cornucópia. Elas estão morrendo de fome, algumas sendo até assassinadas, tudo porque uns homens maus obrigaram todo mundo a acreditar que você quer matar pessoas.

– Eu *queria* matar pessoas, até conhecer vocês quatro – disse o Ickabog.

– Mas agora você mudou – disse Daisy. Ela se levantou e ficou de frente para o Ickabog, segurando suas duas patas. – Agora você entende que as pessoas... a maioria das pessoas, pelo menos... não são cruéis nem maldosas. Na maioria das vezes elas são tristes e cansadas, Ickabog. E se elas conhecerem você... Se souberem como você é bonzinho, como é gentil, que só o que você come são cogumelos, elas vão entender a idiotice que é ter medo de você. Tenho certeza de que elas vão querer que você e seus Ickaboggles saiam do brejo e voltem para as campinas onde viveram seus ancestrais, onde os cogumelos são maiores e melhores, e que seus descendentes vivam conosco como amigos.

– Quer que eu saia do brejo? – disse o Ickabog. – Para ficar entre os homens, com suas armas e suas lanças?

– Ickabog, por favor, me escute – Daisy pediu. – Se seus Ickaboggles Desnascerem cercados por centenas de pessoas que só querem amá-los e protegê-los, isso não lhes daria mais esperança do que qualquer Ickaboggle teve na história? Por outro lado, se nós quatro ficarmos aqui no brejo e morrermos de fome, que esperança restará para seus Ickaboggles?

O monstro olhou fixamente Daisy, e Bert, Marta e Rodrigo assistiam, perguntando-se que diabos estava acontecendo. Por fim, uma lágrima imensa brotou no olho do Ickabog, como uma maçã de vidro.

– Tenho medo de ficar entre os homens. Tenho medo de que eles me matem e matem meus Ickaboggles.

– Não vão matar – disse Daisy, soltando a pata do Ickabog e colocando as mãos nas suas faces enormes e peludas, assim seus dedos se enterraram no pelo comprido de mato do brejo. – Juro para você, Ickabog, nós vamos protegê-lo. Seu Desnascimento *será* o mais

importante da história. Vamos trazer de volta os Ickabogs... e a Cornucópia também.

CAPÍTULO 58

Henriqueta Horta

Quando Daisy contou aos outros sobre seu plano, Bert se recusou a participar.

– Proteger esse monstro? Não vou – falou ele de maneira enfática. – Eu jurei matá-lo, Daisy. O Ickabog assassinou meu pai!

– Bert, não assassinou – disse Daisy. – Ele nunca matou *ninguém*. Por favor, escute o que tenho a dizer!

E assim, naquela noite na caverna, Bert, Marta e Rodrigo se aproximaram do Ickabog pela primeira vez, já que antes sempre sentiam muito medo, e o Ickabog contou aos quatro humanos a história da noite, anos antes, em que ele ficou frente a frente com um homem na neblina.

– ... com pelo amarelo no rosto – disse o Ickabog, apontando o próprio lábio superior.

– Bigode? – sugeriu Daisy.

– E uma espada que brilhava.

– Pedras preciosas – disse Daisy. – *Só pode* ter sido o rei.

– E quem mais você encontrou? – perguntou Bert.

– Mais ninguém – disse o Ickabog. – Eu fugi e me escondi atrás de um rochedo. Os homens mataram todos os meus ancestrais. Senti medo.

– Bom, então, como foi que meu pai morreu? – Bert exigiu saber.

– Seu Icker era aquele que foi alvejado pela arma grande? – perguntou o Ickabog.

– Alvejado? – repetiu Bert, empalidecendo. – Como sabe disso, se você fugiu?

– Fiquei olhando de trás do rochedo – disse o Ickabog. – Os Ickabogs enxergam bem através da neblina. Eu estava com medo. Queria ver o que os homens faziam no brejo. Um homem foi alvejado por outro homem.

– Palermo! – soltou Rodrigo, por fim. Ele antes tinha medo de contar a Bert, mas não conseguiu mais segurar. – Bert, uma vez ouvi meu pai dizer a minha mãe que ele devia sua promoção a Lorde Palermo e seu bacamarte. Eu era muito novo... na época, não entendi direito o que ele quis dizer... peço desculpas por nunca ter lhe contado, eu... tive medo do que você diria.

Bert passou vários minutos sem falar nada. Lembrava-se daquela noite terrível no Salão Azul, quando encontrou a mão fria e morta do pai e a puxou de baixo da bandeira da Cornucópia para a mãe beijar. Ele se lembrou de Cuspêncio dizendo que eles não podiam ver o corpo de seu pai, e se lembrou de Lorde Palermo cuspindo farelos de torta nele e em sua mãe enquanto dizia que sempre gostou do major Brilhante. Bert pôs a mão no peito, onde mantinha a medalha do pai junto à pele, virou-se para Daisy e disse em voz baixa:

– Tudo bem. Estou com você.

E assim os quatro humanos e o Ickabog começaram a colocar em prática o plano de Daisy, às pressas, porque a neve derretia rapidamente e eles temiam a volta dos soldados à Terra dos Brejos.

Primeiro, pegaram as enormes travessas de madeira vazias, usadas para servir os queijos, tortas e bolos que eles já haviam comido, e Daisy entalhou dizeres nelas. Em seguida, o Ickabog ajudou os dois meninos a desatolar a carroça da lama, enquanto Marta colhia o

máximo de cogumelos que conseguia encontrar, para manter o Ickabog bem alimentado durante a jornada para o sul.

Ao amanhecer do terceiro dia, eles partiram. Planejaram as coisas com muita atenção. O Ickabog puxava a carroça, que estava carregada do que restava da comida congelada e de cestos de cogumelos. Na frente do Ickabog andavam Bert e Rodrigo, cada um deles levando uma placa. A de Bert dizia: O ICKABOG É INOFENSIVO. A de Rodrigo dizia: CUSPÊNCIO MENTIU PARA VOCÊS. Daisy estava montada nos ombros do Ickabog. Sua placa dizia: O ICKABOG SÓ COME COGUMELOS. Marta ia na carroça junto com a comida e um grande buquê de campânulas-brancas, que faziam parte dos planos de Daisy. A placa de Marta dizia: VIVA O ICKABOG! ABAIXO LORDE CUSPÊNCIO!

Eles não encontraram ninguém por muitos quilômetros, mas, quase na metade do dia, deram com duas pessoas maltrapilhas que levavam uma única ovelha muito magra. Esta dupla cansada e faminta era composta de ninguém menos que Henriqueta Horta, a criada que entregara os filhos a Mãe Ranzinza, e o marido. Eles andavam pelo país procurando trabalho, mas ninguém tinha nada a lhes oferecer. Encontrando a ovelha faminta na estrada, eles a levaram, mas sua lã era tão rala e fibrosa que não valia dinheiro algum.

Quando o sr. Horta viu o Ickabog, caiu de joelhos em choque, enquanto Henriqueta simplesmente ficou de pé ali, boquiaberta. Quando o estranho grupo chegou mais perto e marido e esposa conseguiram ler todas as placas, eles acharam que tinham enlouquecido.

Daisy, que já esperava esta reação das pessoas, gritou para eles:

– Vocês não estão sonhando! Este é o Ickabog, e ele é bonzinho e pacífico! Nunca matou ninguém! Para falar a verdade, ele salvou as nossas vidas!

O Ickabog se abaixou delicadamente, para não desalojar Daisy, e fez um carinho na cabeça da ovelha magra. Em vez de fugir, ela baliu sem medo nenhum e voltou a pastar a relva seca e rala.

– Estão vendo? – disse Daisy. – Sua ovelha sabe que ele é inofensivo! Venham conosco... podem viajar em nossa carroça!

Os Horta sentiam tanto cansaço e fome que, embora ainda com muito medo do Ickabog, subiram ao lado de Marta, levando a ovelha também. E lá se foram, em ritmo lento, o Ickabog, os seis humanos e a ovelha, rumo a Jeroboão.

CAPÍTULO 59

De volta a Jeroboão

O crepúsculo caía quando a silhueta cinza escura de Jeroboão ficou à vista. O grupo do Ickabog fez uma breve parada em uma colina de onde era possível ver toda a cidade. Marta deu ao Ickabog um grande buquê de campânulas-brancas. Depois todos cuidaram para segurar as placas do jeito certo, e os quatro amigos trocaram um aperto de mãos, porque tinham jurado um ao outro, e ao Ickabog, que o protegeriam e nunca se afastariam, mesmo que as pessoas os ameaçassem com armas.

Assim, o Ickabog marchou colina abaixo na direção da cidade de fabricantes de vinho, e os guardas nos portões da cidade o viram se aproximar. Levantaram as armas para disparar, mas Daisy se ergueu nos ombros do Ickabog, agitando os braços, e Bert e Rodrigo seguraram as placas bem no alto. Com os fuzis tremendo, os guardas viram, temerosos, o monstro chegar cada vez mais perto.

– O Ickabog nunca matou ninguém! – gritou Daisy.

– Contaram mentiras a vocês! – gritou Bert.

Os guardas não sabiam o que fazer, porque não queriam disparar contra os quatro jovens. O Ickabog se aproximou mais, e seu tamanho e o estranho aspecto eram apavorantes. Mas havia uma expressão gentil em seus olhos enormes, e ele segurava campânulas-brancas nas patas. Por fim, chegando aos guardas, o Ickabog parou, abaixou-se e ofereceu a cada um deles uma flor.

Os guardas pegaram as flores, porque tiveram medo de não pegar. Depois o Ickabog fez um carinho delicado na cabeça de cada um deles, como tinha feito com a ovelha, e entrou em Jeroboão.

Ouviram-se gritos por toda parte: as pessoas fugiam do Ickabog ou corriam para procurar armas, mas Bert e Rodrigo marchavam resolutamente na frente dele, com as placas erguidas, e o Ickabog continuou oferecendo campânulas-brancas a quem passava, até que por fim uma jovem corajosamente aceitou uma flor. O Ickabog ficou tão satisfeito que agradeceu a ela em sua voz estrondosa, o que fez mais gente ainda gritar, mas outros se aproximaram de mansinho e logo uma pequena aglomeração de gente se reunia em volta do monstro, aceitando flores de sua pata e rindo. E o Ickabog também começava a sorrir. Nunca esperou receber alegria ou gratidão das pessoas.

– Eu disse que eles iam adorar você, se o conhecessem! – sussurrou Daisy no ouvido do Ickabog.

– Venham conosco! – gritou Bert à multidão. – Estamos em marcha para ao sul, para ver o rei!

E agora os habitantes de Jeroboão, que vinham sofrendo tanto com o governo de Cuspêncio, correram a suas casas para pegar tochas, forcados e armas, não para ferir o Ickabog, mas para protegê-lo. Furiosos com as mentiras que lhes contaram, eles se agruparam em volta do monstro e marcharam pela escuridão crescente, mas com um pequeno desvio.

Daisy insistiu em parar no orfanato. Embora a porta naturalmente estivesse bem trancada e aferrolhada, um chute do Ickabog logo deu um jeito nisso. O Ickabog delicadamente ajudou Daisy a descer e ela entrou correndo para buscar todas as crianças. Os menores

subiram na carroça, os gêmeos Horta caíram nos braços dos pais e as crianças maiores se juntaram à multidão, enquanto Mãe Ranzinza gritava, esperneava e tentava chamá-los de volta. Em seguida, viu a imensa cara peluda do Ickabog cravando nela seus olhos semicerrados através da janela e, tenho o prazer de lhe contar, Mãe Ranzinza desmaiou e caiu durinha no chão.

Depois disso, o maravilhado Ickabog continuou pela rua principal de Jeroboão, recolhendo um número cada vez maior de pessoas pelo caminho, e ninguém notou João Brigão observando de um canto enquanto a multidão passava. João Brigão, que estivera bebendo em uma taberna, não se esquecera do nariz ensanguentado que ganhou de Rodrigo Barata na noite em que os dois meninos roubaram suas chaves. Ele logo percebeu que, se esses arruaceiros chegassem à capital com seu monstro do brejo grandalhão, qualquer um que lucrava potes de ouro com o mito do perigoso Ickabog estaria encrencado. Assim, em vez de voltar ao orfanato, João Brigão roubou o cavalo de outro freguês na frente da taberna.

Ao contrário do Ickabog, que seguia lentamente, João Brigão logo galopava para o sul, para avisar a Lorde Cuspêncio do perigo que marchava em direção a Profiterólia.

“Fazia carinho na cabeça dos cachorros e dava flores às crianças, e deixava aquela

garota sentar em seus ombros: não parecia nada feroz.”

Por Tatiana, 11 anos, São Paulo, SP

CAPÍTULO 60

Rebelião

Às vezes – não sei como – pessoas que moram a muitos quilômetros de distância parecem perceber que chegou a hora de agir. Talvez as ideias se espalhem como pólen no vento. De qualquer forma, nas masmorras do palácio, os prisioneiros que esconderam facas, formões, pesadas frigideiras e rolos de massa embaixo dos colchões e atrás das pedras nas paredes das celas enfim estavam prontos. Ao amanhecer do dia em que o Ickabog se aproximava de Curdesburgo, o capitão Bueno e o sr. De Pombal, cujas celas ficavam uma de frente para a outra, estavam acordados, pálidos, tensos e sentados na beirada da cama, porque aquele era o dia em que eles juraram fugir ou morrer.

Vários andares acima dos prisioneiros, Lorde Cuspêncio também acordara cedo. Sem nenhuma ideia de que sob seus pés fermentava uma fuga da prisão, ou que um Ickabog real e vivo estava neste momento avançando para Profiterólia, cercado por uma multidão sempre crescente de cornucopianos, Cuspêncio lavou-se, vestiu seus trajes de conselheiro-chefe, depois foi a uma ala trancada dos estábulos, que ficara protegida por guardas por uma semana.

– Afastem-se – disse Cuspêncio aos soldados de guarda, e destrancou as portas.

Dentro do estábulo, uma equipe de costureiras e alfaiates exaustos esperava ao lado do modelo de um monstro. Tinha o tamanho de um touro, com a pele

coriácea, e era coberto de espigões. Seus pés entalhados tinham garras temíveis, a boca era cheia de presas e seus olhos furiosos conferiam um brilho âmbar à cara dele.

As costureiras e os alfaiates olhavam com medo enquanto Cuspêncio andava lentamente em volta da criação deles. De perto, dava para ver as costuras, dava para saber que os olhos eram de vidro, que os espigões, na verdade, eram pregos fincados através do couro e que as garras e presas não passavam de madeira pintada. Se você cutucasse a fera, um filete de serragem escorria das costuras. Ainda assim, sob a luz fraca dos estábulos, era uma obra convincente, e as costureiras e os alfaiates ficaram agradecidos quando viram Cuspêncio sorrir.

– Vai servir, pelo menos à luz de velas – disse ele. – Simplesmente terei de manter o querido rei bem afastado quando o olhar. Podemos dizer ainda que os espigões e as presas são venenosos.

Os trabalhadores trocaram um olhar de alívio. Estiveram trabalhando o dia inteiro e a noite toda durante uma semana. Agora, enfim, podiam voltar para casa e para suas famílias.

– Soldados – disse Cuspêncio, virando-se para os guardas que esperavam no pátio –, levem essas pessoas. Se gritarem – acrescentou ele com indolência, enquanto a costureira mais jovem abria a boca para fazer justamente isso –, serão executados.

Enquanto a equipe que fizera o Ickabog empalhado era arrastada dali pelos soldados, Cuspêncio subiu a escada, assoviando, aos aposentos do rei, onde encontrou Fred com seu pijama de seda e uma rede de cabelo cobrindo o bigode, e Palermo colocando um guardanapo embaixo de suas muitas papadas.

– Bom dia, Majestade! – disse Cuspêncio com uma reverência. – Espero que tenha dormido bem. Tenho uma surpresa para Vossa Majestade hoje. Conseguimos empalhar um dos Ickabogs. Sei que Vossa Majestade está ansioso para vê-lo.

– Maravilhoso, Cuspêncio! – disse o rei. – E depois disso, podemos exibi-lo pelo reino, não acha? Para mostrar ao povo o que estivemos combatendo?

– Eu não aconselharia isto, Alteza – disse Cuspêncio, que temia que se alguém visse o Ickabog empalhado à luz do dia, teria a certeza de que era falso. – Não queremos que o povo entre em pânico. Vossa Majestade é tão corajosa que pode lidar com a visão...

Mas antes que Cuspêncio pudesse terminar, as portas dos aposentos particulares do rei foram abertas e um João Brigão suado e de olhar desvairado, que na estrada fora atrasado não por um, mas por dois grupos de salteadores, entrou. Depois de se perder em uma floresta e, enquanto saltava sobre uma vala, cair do cavalo, sendo incapaz de recuperá-lo, João Brigão não conseguiu chegar ao palácio muito à frente do Ickabog. Em pânico, ele invadiu o palácio por uma janela da copa e dois guardas o perseguiram por todo o palácio, ambos dispostos a atravessar suas espadas no corpo dele.

Fred soltou um grito e se escondeu atrás de Palermo. Cuspêncio sacou o punhal e se levantou rapidamente.

– Tem... um... Ickabog – disse João Brigão, ofegante, caindo de joelhos. – Um... Ickabog... real... vivo. Vem para cá... com milhares de pessoas... o Ickabog... existe mesmo.

Naturalmente, Cuspêncio não acreditou nem por um segundo na história.

– Levem-no às masmorras! – rosnou ele aos guardas, que arrastaram o briguento João Brigão da sala e voltaram a fechar as portas. – Peço minhas desculpas, Alteza – disse Cuspêncio, que ainda segurava o punhal. – O homem será açoitado, assim como os guardas que deixaram que ele invadisse o palá...

Mas, antes que Cuspêncio pudesse terminar a frase, outros dois homens entraram intempestivamente nos aposentos particulares do rei. Eram os espiões de Cuspêncio em Profiterólia que souberam, do norte, sobre a aproximação do Ickabog, mas como o rei nunca tinha posto os olhos nesses homens, ele soltou outro gritinho apavorado.

– Mi... lorde – disse ofegante o primeiro espião, com uma mesura a Cuspêncio –, tem... um... Ickabog... vindo... para... cá!

– E ele tem... uma multidão... com ele – arquejou o segundo. – Ele é *real*!

– Mas é claro que o Ickabog é real! – disse Cuspêncio, que não poderia dizer outra coisa na presença do rei. – Notifiquem a Brigada de Defesa Contra o Ickabog... eu me juntarei a eles em breve no pátio, e vamos matar a fera!

Cuspêncio conduziu os espiões para a porta e os empurrou de volta ao corredor, tentando abafar os cochichos de “Milorde, ele existe e as pessoas gostam dele!” e “Eu o vi, milorde, com meus próprios olhos!”.

– Mataremos este monstro como matamos todos os outros! – Cuspêncio falou alto, para que o rei ouvisse, depois, à meia-voz, acrescentou: – *Fora daqui!*

Cuspêncio fechou a porta firmemente na cara dos espiões e voltou à mesa perturbado, mas se esforçando para que isso não transparecesse. Palermo ainda

devorava um presunto de Baronópolis. Tinha um vago palpite de que Cuspêncio devia estar por trás de todas essas pessoas entrando às pressas e falando de Ickabogs vivos, então não ficou nem um pouquinho assustado. Fred, por outro lado, tremia da cabeça aos pés.

– Imagine o monstro aparecendo em plena luz do dia, Cuspêncio! – ele choramingou. – Pensei que ele só saísse à noite!

– Sim, ele está ficando ousado demais, não acha, Majestade? – disse Cuspêncio. Ele não fazia a mínima ideia do que poderia ser o suposto Ickabog real. A única coisa em que conseguia pensar era que algum plebeu forjara um monstro, possivelmente para roubar comida ou arrancar ouro dos vizinhos; mas, ainda assim, isto teria de acabar, é claro. Só existia um Ickabog verdadeiro, e era aquele inventado por Cuspêncio. – Vamos, Palermo... precisamos impedir que esta fera entre em Profiterólia!

– Você é tão corajoso, Cuspêncio – disse o rei Fred numa voz entrecortada.

– Que bobagem, Majestade – disse Cuspêncio. – Eu daria minha vida pela Cornucópia. Vossa Majestade a essa altura deveria saber disso!

Cuspêncio tinha a mão na maçaneta quando outros passos apressados, desta vez acompanhados por gritos e estrondos, acabaram com a sua paz. Assustado, Cuspêncio abriu a porta para ver o que acontecia.

Um grupo de prisioneiros maltrapilhos corria em sua direção. À frente deles estava o sr. De Pombal de barba branca, de machado na mão, e o corpulento capitão Bueno, que portava uma arma claramente tirada à força das mãos de um guarda do palácio. Logo atrás deles vinha a sra. Brilhante, com o cabelo esvoaçando,

brandindo uma enorme frigideira, e bem em seus calcanhares vinha Marilda, a criada de Lady Eslanda, que segurava um rolo de massa.

Cuspêncio bateu e trancou a porta bem a tempo. Segundos depois, o machado do sr. De Pombal atravessava a madeira.

– Palermo, venha! – gritou Cuspêncio, e os dois lordes correram pela sala até a outra porta, que levava a uma escada para o pátio.

Fred, que não sabia o que estava acontecendo, que nunca sequer percebeu que havia cinquenta pessoas presas nas masmorras do palácio, teve uma reação lenta. Vendo os rostos dos prisioneiros furiosos aparecendo no buraco aberto na porta pelo sr. De Pombal, ele deu um salto para seguir os dois lordes, mas estes, interessados apenas em salvar a própria pele, tinham trancado a porta pelo lado de fora. O rei Fred ficou ali, de pijama, de costas para a parede, vendo os prisioneiros fugitivos abrirem caminho para seus aposentos.

“Na frente do Ickabog andavam Bert e Rodrigo, cada um deles levando uma placa.”

Por Helena, 11 anos, São Paulo, SP

CAPÍTULO 61

Palermo dispara outra vez

Os dois lordes correram para o pátio do palácio para encontrar a Brigada de Defesa Contra o Ickabog já montada e armada, como havia ordenado Cuspêncio. Porém, o major Altivo (o homem que sequestrou Daisy anos antes e foi promovido depois de Cuspêncio balear o major Barata) estava nervoso.

– Milorde – disse ele a Cuspêncio, que montava às pressas seu cavalo –, tem algo acontecendo dentro do palácio... Ouvimos um tumulto...

– Não ligue para isso agora! – estourou Cuspêncio.

Um barulho de vidro quebrado fez todos os soldados olharem para o alto.

– Tem gente nos aposentos do rei! – exclamou Altivo. – Não devemos ajudá-lo?

– Esqueça o rei! – gritou Cuspêncio.

O capitão Bueno agora apareceu na janela do quarto do rei. Olhando para baixo, ele gritou:

– Não vai escapar, Cuspêncio!

– Ah, não vou, é? – rosnou o lorde e, esporeando seu cavalo amarelo, forçou-o a galopar e desapareceu pelos portões do palácio. O major Altivo tinha medo demais de Cuspêncio para não o seguir, assim ele e o restante da Brigada de Defesa Contra o Ickabog partiram atrás de Sua Senhoria, junto com Palermo, que mal havia conseguido subir em seu cavalo quando Cuspêncio partiu, quicando na traseira, segurando-se na crina como

se sua vida dependesse disso e tentando encontrar os estribos.

Alguns homens podiam se considerar derrotados, com prisioneiros fugindo e tomando o palácio e um Ickabog falso marchando pelo país e atraindo multidões, mas não Lorde Cuspêncio. Ele ainda tinha um esquadrão de soldados bem treinados e bem armados cavalgando atrás dele, montes de ouro escondidos em sua mansão no campo, e seu cérebro astuto já elaborava um plano. Primeiramente, ele atiraria nos homens que forjaram esse Ickabog, e apavoraria as pessoas para que voltassem a obedecer. Depois mandaria o major Altivo e seus soldados de volta ao palácio para matar todos os prisioneiros fugitivos. É claro que a essa altura os prisioneiros talvez tivessem matado o rei, mas, na verdade, talvez fosse mais fácil governar o país sem Fred. Enquanto galopava, Cuspêncio pensava com amargura que, se não tivesse dedicado tanto esforço a mentir para o rei, talvez não tivesse cometido determinados erros, como permitir que aquela confeiteira-chefe desprezível tivesse facas e frigideiras. Ele também se arrependia de não ter contratado mais espiões, porque talvez assim tivesse descoberto que alguém fazia um Ickabog falso – um Ickabog falso que, pelo visto, era muito mais convincente do que aquele que ele vira pela manhã nos estábulos.

E assim, a Brigada de Defesa Contra o Ickabog avançou pelas ruas calçadas de pedras de Profiterólia e foi para a estrada que levava a Curdesburgo. Para fúria de Cuspêncio, agora ele via por que as ruas de Profiterólia estavam surpreendentemente vazias. Depois de ouvir o boato de que um Ickabog de verdade andava para a capital com uma grande multidão, os cidadãos de

Profiterólia foram correndo ver a criatura com os próprios olhos.

– Saiam do caminho! SAIAM DO CAMINHO! – gritou Cuspêncio, dispersando a plebe diante dele, furioso por ver que estavam animados, e não assustados. Ele esporeou o cavalo para a frente até seus flancos sangrarem, e Lorde Palermo foi atrás, agora com a cara verde, porque não tinha tido tempo para digerir o café da manhã.

Por fim, Cuspêncio e os soldados localizaram a enorme multidão que avançava ao longe, e o lorde puxou as rédeas do pobre cavalo para que ele parasse numa derrapada na estrada. Ali, no meio de milhares de cornucopianos que riam e cantavam, estava uma criatura gigantesca, com a altura de dois cavalos, olhos brilhando feito lampiões, coberta de um pelo comprido e marrom esverdeado como mato do brejo. Em seus ombros vinha uma jovem e na frente dele marchavam dois rapazes segurando no alto placas de madeira. De vez em quando, o monstro parava e – sim – parecia distribuir flores.

– É um truque – resmungou Cuspêncio, tão chocado e assustado que nem sabia o que dizia. – Deve ser um truque! – disse ele mais alto, esticando o pescoço magricela para ver como o truque era feito. – É evidente que tem gente de pé em cada ombro, dentro de um traje de mato do brejo... Preparem as armas, homens!

Mas os soldados demoraram a obedecer. Durante todo o tempo em que supostamente estariam protegendo o país do Ickabog, os soldados nunca viram um deles, nem esperavam ver, e ainda assim ninguém estava convencido de que assistia a um truque. Ao contrário, para eles, a criatura parecia muito real. Ela fazia carinho na cabeça dos cachorros e dava flores às crianças, e

deixava aquela garota sentar em seus ombros: não parecia nada feroz. Os soldados também tiveram medo da multidão de milhares de pessoas que marchavam ao lado do Ickabog, todos parecendo gostar dele. O que essas pessoas fariam se o Ickabog fosse atacado?

E então um dos soldados mais novos perdeu completamente a cabeça.

– Isso não é um truque. Estou fora.

Antes que alguém pudesse impedi-lo, ele galopou para longe.

Palermo, que enfim tinha encontrado os estribos, agora tomava seu lugar ao lado de Cuspêncio.

– O que vamos fazer? – perguntou Palermo, vendo o Ickabog e a multidão alegre e cantante chegando cada vez mais perto.

– Estou pensando – rosnou Cuspêncio –, estou pensando!

Mas parecia que as engrenagens do cérebro agitado de Cuspêncio enfim tinham emperrado. Eram as fisionomias alegres que mais o incomodavam. Ele passou a pensar no riso como um luxo, como os bolos e as tortas de Profiterólia e os lençóis de seda, e ver essa gente esfarrapada se divertindo o assustava mais do que se todos estivessem portando armas.

– Vou atirar – disse Palermo, levantando a arma e fazendo mira no Ickabog.

– Não – disse Cuspêncio –, veja, homem, não consegue entender que estamos em menor número?

Mas neste exato momento o Ickabog soltou um grito ensurdecedor e horripilante. A multidão que se agrupava a sua volta recuou, com a expressão subitamente assustada. Muitos deixaram cair as flores. Alguns desataram a correr.

Com outro guincho terrível, o Ickabog caiu de joelhos, quase soltando Daisy, mas ela se agarrou com força.

E então uma fenda escura e imensa apareceu na parte de baixo da barriga enorme e inchada do Ickabog.

– Você tinha razão, Cuspêncio! – berrou Palermo, levantando seu bacamarte. – Tem homens escondidos dentro dele!

E enquanto as pessoas da multidão começavam a gritar e fugir, Lorde Palermo apontou a arma para a barriga do Ickabog e disparou.

CAPÍTULO 62

O Desnascimento

E agora várias coisas aconteciam quase ao mesmo tempo, então ninguém que assistia poderia acompanhar, mas, por sorte, eu posso contar a você tudo que ocorreu.

A bala de Lorde Palermo foi voando para a barriga que se abria do Ickabog. Bert e Rodrigo, que juraram proteger o Ickabog, custasse o que custasse, voaram para o caminho do projétil, que atingiu Bert em cheio no peito e, enquanto ele caía no chão, sua placa de madeira, com a mensagem O ICKABOG É INOFENSIVO, se espatifou.

E então um bebê Ickabog, que já era mais alto que um cavalo, saiu com esforço da barriga de seu Icker. Seu Desnascimento tinha sido pavoroso, porque ele veio ao mundo tomado pelo medo de armas sentido por seu Icker, e a primeira coisa que viu foi uma tentativa de matá-lo, assim ele correu diretamente a Palermo, que tentava recarregar o bacamarte.

Os soldados que podiam ter ajudado Palermo ficaram tão apavorados com o novo monstro investindo contra eles que galoparam para longe de seu caminho sem nem mesmo tentar atirar. Cuspêncio foi um dos que cavalgaram mais rápido, e logo o perdemos de vista. O bebê Ickabog soltou um rugido terrível que ainda assombra os pesadelos daqueles que testemunharam a cena, depois se atirou em Palermo. Segundos depois, Palermo jazia morto no chão.

Tudo isso aconteceu com muita rapidez; as pessoas gritavam e choravam, e Daisy ainda se segurava no

Ickabog moribundo, que estava prostrado na rua ao lado de Bert. Rodrigo e Marta estavam recurvados sobre Bert que, para assombro dos dois, tinha aberto os olhos.

– Eu... acho que estou bem – sussurrou ele, e apalpou por baixo da camisa e pegou a imensa medalha de prata do pai. A bala de Palermo estava enterrada nela. A medalha salvou a vida de Bert.

Vendo que Bert estava vivo, Daisy agora voltou a enterrar as mãos nos pelos da cara do Ickabog.

– Não vi meu Ickaboggle – sussurrou o Ickabog moribundo, em cujos olhos havia de novo lágrimas como maçãs de vidro.

– Ele é lindo – disse Daisy, que também começava a chorar. – Olhe... ali...

Um segundo Ickaboggle se contorcia para fora da barriga do Ickabog. Este tinha uma cara amistosa e um sorriso tímido, porque seu Desnascimento acontecera enquanto o genitor olhava no rosto de Daisy e vira suas lágrimas, e entendeu que um humano podia amar um Ickabog como se fosse da sua própria família. Ignorando o barulho e o clamor a toda volta, o segundo Ickaboggle se ajoelhou ao lado de Daisy na estrada e acariciou o rosto do grande Ickabog. Icker e Ickaboggle se entreolharam e sorriram, depois os olhos do grande Ickabog se fecharam delicadamente e Daisy entendeu que ele tinha morrido. Ela enterrou o rosto em seu pelo felpudo e chorou.

– Não deve ficar triste – disse uma voz familiar e estrondosa, enquanto algo fazia um carinho em sua cabeça. – Não chore, Daisy. Isto é o Desnascimento. É uma coisa gloriosa.

Piscando, Daisy ergueu a cabeça para o bebê, que falava com uma voz igualzinha a de seu Icker.

– Você sabe meu nome – disse ela.

– Ora essa, claro que sei – disse o Ickaboggle, com gentileza. – Desnasci sabendo tudo sobre você. E agora temos de encontrar meu Ickabob. – Que, Daisy entendeu, era como os Ickabogs chamavam seus irmãos.

Daisy se levantou e viu Palermo morto na estrada e o Ickaboggle primogênito cercado por pessoas que portavam forcados e armas.

– Suba aqui comigo – disse Daisy com urgência ao segundo bebê e, juntos, os dois subiram na carroça. Daisy gritou para a multidão ouvir. Como era a menina que tinha atravessado o país montada no ombro do Ickabog, as pessoas mais próximas deduziram que ela devia saber de coisas que mereciam ser ouvidas, então fizeram os outros se calarem, e por fim Daisy conseguiu falar.

– Não devem machucar os Ickabogs! – foram as primeiras palavras a saírem de sua boca, quando, por fim, a multidão fez silêncio. – Se vocês forem maus com ele, eles terão bebês que nascerão ainda mais cruéis!

– Desnascerão cruéis – corrigiu o Ickaboggle a seu lado.

– Sim, Desnascerão cruéis – confirmou Daisy. – Mas se eles Desnascerem na bondade, eles serão bons! Só comem cogumelos e querem ser nossos amigos!

A multidão murmurou, insegura, até que Daisy explicou sobre a morte do major Brilhante no brejo, que ele tinha sido baleado por Lorde Palermo, e não morto por um Ickabog, e que Cuspêncio tinha usado a morte para inventar uma história de um monstro assassino nos brejos.

Então a multidão decidiu que queria ir falar com o rei Fred, e os corpos do Ickabog e de Lorde Palermo foram

colocados na carroça, e vinte homens fortes a puxaram. Depois, toda a procissão partiu para o palácio, com Daisy, Marta e o Ickaboggle bonzinho de braços dados na frente, e trinta cidadãos com armas ao redor do feroz Ickaboggle primogênito que, se não fosse por isso, teria matado mais humanos, porque tinha Desnascido temendo e odiando os homens.

Mas, depois de uma discussão rápida, Bert e Rodrigo desapareceram, e para onde eles foram, você vai descobrir já, já.

“O feroz Ickaboggle primogênito que tinha Desnascido temendo e odiando os homens.”

Por Maria Cecília, 10 anos, Campinas, SP

CAPÍTULO 63

O último plano de Lorde Cuspêncio

Quando entrou no pátio do palácio, à frente da procissão de pessoas, Daisy ficou admirada de ver o pouco que havia mudado. As fontes ainda jorravam e os pavões ainda desfilavam, e a única mudança na frente do palácio era uma única janela quebrada, no segundo andar.

Em seguida, as grandiosas portas douradas foram abertas e a multidão viu duas pessoas maltrapilhas vindo a seu encontro: um homem de barba branca com um machado e uma mulher segurando uma frigideira enorme.

E Daisy, olhando fixamente o homem de barba branca, sentiu os joelhos vergarem e o Ickaboggle bonzinho a apanhou e a levantou. O sr. De Pombal avançou, trôpego, e não acho que ele tenha chegado a notar que havia um Ickabog vivo e de verdade ao lado da filha há muito desaparecida. Enquanto os dois se abraçavam e choravam, Daisy viu por cima do ombro do pai a sra. Brilhante.

– Bert está vivo! – ela gritou à confeiteira-chefe, que procurava o filho freneticamente. – Mas ele tinha uma coisa para fazer... ele vai voltar logo!

Agora mais prisioneiros saíam correndo do palácio, e houve gritos de alegria quando os entes queridos se

encontraram e muitas crianças do orfanato acharam os pais que julgavam mortos.

E então aconteceram muitas outras coisas, como os trinta homens fortes que cercavam o Ickaboggle feroz arrastando-o para longe antes que ele matasse mais alguém, e Daisy perguntando ao sr. De Pombal se Marta podia morar com eles, e o capitão Bueno aparecendo em uma sacada com um rei Fred choroso, ainda de pijama, e a multidão dando vivas quando o capitão Bueno disse que achava que era hora de experimentar a vida sem um rei.

Porém, agora precisamos deixar esta cena feliz e seguir o homem que era o maior culpado pelas coisas horríveis que aconteceram na Cornucópia.

Lorde Cuspêncio estava a quilômetros de distância, galopando por uma estrada rural deserta, quando seu cavalo de súbito ficou manco. Quando Cuspêncio tentou obrigá-lo a avançar, o pobre cavalo, que estava farto de ser maltratado, empinou e atirou Cuspêncio no chão. Quando Cuspêncio quis chicoteá-lo, o cavalo lhe deu um coice, depois trotou para uma floresta onde, tenho o prazer de lhe contar, mais tarde foi encontrado por um fazendeiro bondoso, que o alimentou e restaurou sua saúde.

Lorde Cuspêncio, portanto, teve de correr sozinho pelas estradas rurais até sua propriedade no campo, suspendendo os trajes de conselheiro-chefe para não tropeçar e olhando por cima do ombro a tantos e tantos metros, por medo de ser seguido. Ele sabia muito bem que sua vida na Cornucópia estava acabada, mas ainda tinha aquela montanha de ouro escondida na adega do porão e pretendia abastecer sua carruagem com a maior

quantidade de ducados de ouro que coubesse ali, depois atravessar furtivamente a fronteira para a Pluritânia.

A noite tinha caído quando Cuspêncio chegou à mansão, e seus pés doíam terrivelmente. Mancando até entrar, ele chamou aos berros o mordomo, Trajano, que muito tempo atrás tinha fingido ser a mãe de Norberto Botões e o professor Fraudevindo.

– Aqui embaixo, milorde! – respondeu uma voz no porão.

– Por que não acendeu os lampiões, Trajano? – gritou Cuspêncio, tateando o caminho escada abaixo.

– Pensei que era melhor dar a impressão de que não tinha ninguém em casa, senhor! – disse Trajano.

– Ah – falou Cuspêncio, estremecendo ao mancar escada abaixo. – Então você soube, foi?

– Sim, senhor – disse a voz com eco. – Imaginei que Vossa Senhoria ia querer partir, não, milorde?

– Sim, Trajano – disse Lorde Cuspêncio, mancando até a luz distante de uma única vela –, certamente quero.

Ele abriu a porta do porão, onde esteve guardando seu ouro por todos aqueles anos. O mordomo, que Cuspêncio só conseguia distinguir vagamente na luz da vela, mais uma vez estava com a roupa do professor Fraudevindo: a peruca branca e os óculos grossos que encolhiam seus olhos a quase nada.

– Achei que talvez fosse melhor se viajássemos disfarçados, milorde – disse Trajano, mostrando o vestido preto e a peruca ruiva da velha viúva Botões.

– Boa ideia. – Cuspêncio tirou seus trajes às pressas e vestiu a fantasia. – Está gripado, Trajano? Sua voz está estranha.

– É só a poeira aqui embaixo, milorde – disse o mordomo, afastando-se mais da luz da vela. – E o que

Vossa Senhoria quer fazer com Lady Eslanda? Ela ainda está trancada na biblioteca.

– Deixe onde está – disse Cuspêncio, depois de refletir por um momento. – E bem-feito para ela por não se casar comigo quando teve a chance.

– Muito bem, milorde. Carreguei a carruagem e uma parelha de cavalos com a maior parte do ouro. Vossa Senhoria poderia ajudar a levar este último baú?

– Espero que não tenha pensado em partir sem mim, Trajano – disse Cuspêncio, desconfiado, imaginando se teria encontrado Trajano desaparecido, se tivesse chegado minutos depois.

– Ah, não, milorde – Trajano lhe garantiu. – Eu nem sonharia em partir sem Vossa Senhoria. Garrote, o cavalariço, vai conduzir, milorde. Ele está preparado, aguardando no pátio.

– Excelente – disse Cuspêncio, e juntos eles levaram o último baú de ouro escada acima, atravessaram a casa deserta e foram para o pátio dos fundos, onde a carruagem de Cuspêncio esperava no escuro. Até os cavalos tinham sacas de ouro penduradas no lombo. Havia mais ouro amarrado no alto da carruagem, em engradados.

Enquanto ele e Trajano colocavam o último baú no teto, Cuspêncio disse:

– Que barulho esquisito é esse?

– Não estou ouvindo nada, milorde – disse Trajano.

– É um grunhido estranho – disse Cuspêncio.

Uma lembrança voltou a Cuspêncio enquanto ele estava parado ali, no escuro: de estar na neblina branca como gelo do brejo todos aqueles anos atrás, e os ganidos do cachorro lutando contra os espinheiros em que estava emaranhado. Este era um barulho parecido,

como se uma criatura estivesse presa, incapaz de se libertar, e deixou Lorde Cuspêncio tão nervoso quanto da última vez, quando, naturalmente, o barulho foi seguido por Palermo disparando seu bacamarte e colocando os dois no caminho da riqueza e o país na estrada para a ruína.

– Trajano, não gosto desse barulho.

– Não espero que goste, milorde.

A lua deslizou de trás de uma nuvem e Lorde Cuspêncio, virando-se rapidamente para seu mordomo, cuja voz de repente ficara muito diferente, viu-se encarando o cano de uma de suas próprias armas. Trajano tinha tirado a peruca e os óculos do professor Fraudevindo, revelando que não era o mordomo, mas Bert Brilhante. E só por um momento, visto à luz da lua, o menino era tão parecido com o pai que Cuspêncio teve a ideia louca de que o major Brilhante havia ressuscitado para castigá-lo.

Ele então olhou loucamente em volta e viu, pela porta aberta da carruagem, o verdadeiro Trajano amordaçado e amarrado no chão, local de onde vinha o estranho lamento – e Lady Eslanda sentada ali, sorridente, segurando uma segunda arma. Abrindo a boca para perguntar a Garrote, o cavalariço, por que ele não fazia alguma coisa, Cuspêncio percebeu que aquele não era Garrote, mas Rodrigo Barata. (Quando viu os dois garotos galopando pela entrada, o verdadeiro cavalariço corretamente pressentiu problemas e, roubando os cavalos preferidos de Lorde Cuspêncio, partiu noite adentro.)

– Como conseguiram vir para cá tão rápido? – Foi só o que passou pela cabeça de Lorde Cuspêncio.

– Pegamos uns cavalos emprestados com um fazendeiro – disse Bert.

Para falar a verdade, Bert e Rodrigo eram cavaleiros muito melhores do que Cuspêncio, assim seus cavalos não ficaram mancos. Eles conseguiram ultrapassá-lo e chegaram com muito tempo para libertar Lady Eslanda, descobrir onde estava o ouro, amarrar Trajano, o mordomo, e obrigá-lo a contar toda a história de como Cuspêncio tinha enganado o país, incluindo seu próprio papel como o professor Fraudevindo e a viúva Botões.

– Rapazes, não vamos nos precipitar – disse Cuspêncio com a voz fraca. – Tem muito ouro aqui. Vou dividir com vocês!

– Não é seu para ser dividido – disse Bert. – Você voltará a Profiterólia e teremos um julgamento justo.

“Sentiu os joelhos vergarem e o Ickaboggle bonzinho a apanhou e a levantou.”

Por Rosa Flor, 8 anos, Porto Seguro, BA

CAPÍTULO 64

Cornucópia outra vez

Era uma vez um país pequenininho chamado Cornucópia, que era governado por uma equipe de conselheiros recém-nomeados e um primeiro-ministro, que na época em que escrevo esta história se chamava Bóris Bueno. O primeiro-ministro Bueno fora eleito pelo povo da Cornucópia porque era um homem muito honesto, e a Cornucópia era um país que tinha aprendido o valor da verdade. Houve uma comemoração em todo o país quando o primeiro-ministro Bueno anunciou que iria se casar com Lady Eslanda, a gentil e corajosa mulher que fornecera provas importantes contra Lorde Cuspêncio.

O rei, que permitira que seu pequeno reino feliz fosse levado à ruína e ao desespero, foi a julgamento junto com o conselheiro-chefe e várias outras pessoas que se beneficiaram das mentiras de Cuspêncio, inclusive Mãe Ranzinza, João Brigão, Aftílio, o lacaio, e Oto Trajano.

O rei simplesmente chorou durante todo o seu interrogatório, mas Lorde Cuspêncio respondeu com uma voz fria e orgulhosa, e contou tantas mentiras, e tentou culpar tantas outras pessoas por sua maldade, que tornou seu problema muito pior do que se simplesmente tivesse chorado, como Fred. Os dois homens foram presos nas masmorras abaixo do palácio, com todos os outros criminosos.

Posso entender muito bem, aliás, se você quisesse que Bert e Rodrigo tivessem atirado em Cuspêncio. Afinal, ele provocou a morte de centenas de outras pessoas. Mas

deve servir de consolo a você que Cuspêncio realmente teria preferido morrer a ficar sentado nas masmorras dia e noite, onde comia comida simples e dormia entre lençóis ásperos e tinha de passar horas e horas ouvindo Fred chorar.

O ouro que Cuspêncio e Palermo roubaram foi recuperado, então todas aquelas pessoas que tinham perdido suas lojas de queijos e suas padarias, suas leiterias e criações de porcos, seus açougues e seus vinhedos, puderam recomeçar e voltaram a produzir os famosos vinhos e alimentos da Cornucópia.

Porém, durante o longo período de pobreza na Cornucópia, muitos tinham perdido a oportunidade de aprender a fazer queijo, linguiça, vinho, bolos e tortas. Alguns tornaram-se bibliotecários, porque Lady Eslanda teve a excelente ideia de transformar todos os agora inúteis orfanatos em bibliotecas, que ela ajudou a abastecer. Mas ainda restava muita gente sem emprego.

E foi assim que nasceu a quinta grande cidade da Cornucópia. Seu nome era Ickália e ficava entre Curdesburgo e Jeroboão, às margens do rio Flume.

Quando o Ickaboggle caçula soube do problema do povo que nunca aprendera um ofício, sugeriu timidamente que podia lhes ensinar a cultivar cogumelos, coisa de que ele entendia muito bem. Os cultivadores de cogumelos tiveram tanto sucesso que uma nova e próspera cidade brotou em volta deles.

Talvez você pense que não gosta de cogumelos, mas eu garanto que, se você provasse as sopas cremosas de cogumelos de Ickália, iria amar cogumelos pelo resto de sua vida. Curdesburgo e Baronópolis desenvolveram novas receitas que incluíam os cogumelos de Ickália. Na verdade, pouco antes de o primeiro-ministro Bueno se

casar com Lady Eslanda, o rei da Pluritânia ofereceu a Bueno a mão de qualquer uma de suas filhas em troca de um ano de fornecimento das linguiças de carne de porco e cogumelos da Cornucópia. O primeiro-ministro Bueno mandou as linguiças de presente, junto com um convite para seu casamento, e Lady Eslanda acrescentou um bilhete sugerindo que o rei Porfírio talvez quisesse parar de oferecer suas filhas às pessoas em troca de comida, deixando que elas escolhessem os próprios maridos.

Mas Ickália era uma cidade incomum, porque, ao contrário de Profiterólia, Curdesburgo, Baronópolis e Jeroboão, era famosa por três produtos, e não por um só.

Primeiro, tinha os cogumelos, cada um deles com a beleza de uma pérola.

Segundo, tinha o glorioso salmão e a truta prateados que os pescadores pegavam no rio Flume – e talvez você vá gostar de saber que uma estátua da velhinha que estudou os peixes do Flume erguia-se orgulhosamente em uma das praças de Ickália.

Terceiro, Ickália produzia lã.

Veja bem, foi decidido pelo primeiro-ministro Bueno que os poucos brejeiros que sobreviveram ao longo período de fome mereciam pastos melhores para suas ovelhas do que aqueles que podiam ser encontrados no norte. Bom, quando receberam alguns campos exuberantes às margens do Flume, os brejeiros mostraram o que realmente podiam fazer. A lã da Cornucópia era a mais macia e mais sedosa do mundo, e os suéteres, meias e cachecóis que ela produzia eram mais bonitos e confortáveis do que podiam ser encontrados em qualquer outro lugar. A criação de ovelhas de Henriqueta Horta e sua família produzia uma lã excelente, mas preciso dizer que as roupas mais

refinadas de todas vinham da lã de Rodrigo e Marta Barata, que tinham uma próspera fazenda nos arredores de Ickália. Sim, Rodrigo e Marta se casaram, e tenho a satisfação de contar que foram muito felizes, tiveram cinco filhos e que Rodrigo começou a falar com um leve sotaque da Terra dos Brejos.

Outras duas pessoas se casaram também. É com grande prazer que conto a você que ao deixar as masmorras, embora não fossem mais obrigados a viver lado a lado, aqueles velhos amigos, a sra. Brilhante e o sr. De Pombal, descobriram que não podiam viver um sem o outro. Assim, tendo Bert como padrinho e Daisy como dama de honra, o carpinteiro e a confeiteira-chefe se casaram, e Bert e Daisy, que se sentiram por muito tempo como irmãos, agora eram irmãos de verdade. A sra. Brilhante abriu a própria e esplêndida confeitaria no centro de Profiterólia, onde, além dos Berços das Fadas, Sonhos das Donzelas, Delícias do Duque, Caprichos Disparatados e Esperanças do Paraíso, ela produzia Ickapufes, os bolinhos mais leves e fofos que se podia imaginar, com a delicada cobertura de lascas de chocolate com hortelã, que faziam parecer serem cobertos do mato do brejo.

Bert seguiu os passos do pai e entrou para o exército da Cornucópia. Sendo um homem justo e corajoso, não seria surpresa nenhuma se ele acabasse chefiando esta força armada.

Daisy tornou-se a maior autoridade em Ickabogs do mundo. Escreveu muitos livros sobre seu comportamento fascinante, e foi graças a ela que os Ickabogs se tornaram protegidos e amados pelo povo da Cornucópia. Nas horas de folga, Daisy tocava uma carpintaria bem-sucedida com o pai, e um de seus produtos mais

populares eram os Ickabogs de brinquedo. O Ickaboggle caçula morava no que antes era o parque dos cervos do rei, perto da oficina de Daisy, e os dois continuaram grandes amigos.

No centro de Profiterólia, foi construído um museu que atraía muitos visitantes o ano todo. Este museu foi criado pelo primeiro-ministro Bueno e seus conselheiros, com a ajuda de Daisy, Bert, Marta e Rodrigo, porque ninguém queria que o povo da Cornucópia esquecesse os anos em que o país acreditou em todas as mentiras de Cuspêncio. Os visitantes do museu podiam ver a medalha de prata do major Brilhante, com a bala de Palermo ainda encravada nela, e a estátua de Norberto Botões, que fora substituída na maior praça de Profiterólia por uma estátua daquele bravo Ickabog que saiu da Terra dos Brejos carregando um buquê de campânulas-brancas e, ao fazer isso, salvou sua espécie e o país. Os visitantes também podiam ver o modelo de Ickabog que Cuspêncio tinha feito com um esqueleto de touro e alguns pregos, e o imenso retrato do rei Fred combatendo um Ickabog que parecia um dragão e que nunca existiu fora da imaginação do artista.

Mas existe uma criatura de que ainda não falei: o Ickaboggle primogênito, a criatura selvagem que matou Lorde Palermo e fora vista pela última vez sendo arrastada para longe por muitos homens fortes.

Bom, a verdade é que essa criatura representava um problema. Daisy tinha explicado a todos que o Ickaboggle selvagem não devia ser maltratado nem atacado, ou ele odiaria as pessoas mais do que já odiava. Isto significava que em seu Desnascimento, ele geraria Ickaboggles ainda mais selvagens do que ele e a Cornucópia acabaria por ter o problema que Cuspêncio fingiu existir. No início,

este Ickaboggle precisou ser mantido em uma jaula reforçada para que não matasse pessoas, e era difícil encontrar voluntários que lhe dessem cogumelos, porque ele era muito perigoso. As únicas pessoas de quem o Ickaboggle gostava um pouquinho eram Bert e Rodrigo, porque no momento de seu Desnascimento eles tentavam proteger seu Icker. O problema, naturalmente, era que Bert estava longe, no exército, e Rodrigo cuidava de uma fazenda de ovelhas, e nenhum dos dois tinha tempo para ficar sentado o dia todo com um Ickaboggle selvagem a fim de mantê-lo calmo.

De um lugar muito inesperado, enfim chegou uma solução para o problema.

Nesse tempo todo, Fred esteve chorando desconsoladamente nas masmorras. Apesar de sem dúvida nenhuma ter sido egoísta, fútil e covarde, Fred não teve a intenção de prejudicar ninguém – mas é claro que ele prejudicou, e muito. Por um ano inteiro depois de ter perdido o trono, Fred afundou em um desespero sombrio e, embora parte do motivo sem dúvida fosse agora morar em uma masmorra e não em um palácio, ele também estava profundamente envergonhado.

Ele pôde perceber que rei horrível tinha sido, como se comportou mal, e desejava mais que qualquer coisa ser um homem melhor. Então, um dia, para espanto de Cuspêncio, que estava sentado taciturno na cela do outro lado do corredor, Fred disse ao carcereiro que gostaria de ser voluntário para cuidar do Ickabog selvagem.

E foi o que ele fez. Embora estivesse pálido como um cadáver e com os joelhos tremendo na primeira manhã, e por muitas manhãs depois desta, o antigo rei entrou na jaula do Ickabog selvagem e falou com ele sobre a Cornucópia, e sobre os erros terríveis que cometera, e

sobre como era possível aprender a ser uma pessoa melhor e mais bondosa, se você realmente quisesse ser assim. Embora tivesse de voltar a sua cela toda noite, Fred pediu que o Ickabog fosse colocado em um lindo campo, e não em uma jaula e, para surpresa de todos, isto funcionou muito bem, e a criatura até agradeceu a Fred em uma voz ríspida na manhã seguinte.

Aos poucos, com o passar dos meses e anos, Fred ficou mais corajoso e o Ickabog mais gentil e, por fim, quando Fred já estava idoso, veio o Desnascimento do Ickabog, e os Ickaboggles que saíram dele eram bondosos e gentis. Fred, que lamentou a perda do Icker deles como se tivesse perdido um irmão, morreu pouco tempo depois. Embora não existissem estátuas erigidas ao seu último rei em nenhuma cidade da Cornucópia, de vez em quando as pessoas colocavam flores em sua sepultura, e ele teria ficado feliz em saber disso.

Se realmente Desnasceram pessoas de Ickabogs, não sei dizer a você. Talvez passemos por uma espécie de Desnascimento quando mudamos, para melhor ou para pior. Só o que sei é que os países, como os Ickabogs, podem se tornar bons pela bondade, e foi por isso que o reino da Cornucópia viveu feliz para sempre.

“Aqueles velhos amigos, a sra. Brilhante e o sr. De Pombal, descobriram que não podiam viver um sem o outro.”

Por Gabriel, 10 anos, São Paulo, SP

Pelas maravilhosas ilustrações, um agradecimento a:

Alícia Fleury Cunha Rego Monteiro

Ana Carolina Castro Ribeiro

Anita Pereira de Barros

Bruna Bezerra Karam Delbim

Carolina Gontijo Guedes

Elisa Alfonso de Carvalho Vanderlinde

Felipe Rodrigues Vasconcellos

Gabriel Guilherme Abrahão

Gabriel van Zeeland de Souza

Helena Bortolin Vieira

Isabela dos Santos Barros

Isadora Vasques Aldado

Joaquim de Almeida Fábio Garboggini

Lina Alves de Araújo

Lis Salvo Zagui

Luiz Guilherme Crusoé Souza Dourado

Luiza Rodrigues Langone

Maitê Andrade Camargo Penteado

Maria Cecília Granados Mota Boarati

Maria Clara Bandeira Verschoore Burlamaque

Maria Clara Silva de Queiroz

Maria Clara Trindade Brilhante

Mariana Costa Nogueira

Marina Galdino Santana Almeida Lima

Nina Yukie Taira

Pedro Augusto Barros Barbosa Mota

Rosa Flor Moncau Pimentel

Suzana Curcino Rodrigues Bispo

Tainá Capacla Szilagyi

Tatiana dos Santos Spineva Bokhonok

Theo Maieski Rodrigues

Valentina Fantti Davilla Rodrigues

Valeska Valentina Ferreira Centena

Vinícius de Vasconcelos Tinoco

Título original
THE ICKABOG

EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R788i
Rowling, J. K., 1965-
O Ickabog [recurso eletrônico] / J. K. Rowling ; ilustrado pelos vencedores do concurso de ilustrações O Ickabog ; tradução Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2020.
recurso digital

Tradução de : The Ickabog
ISBN 978-65-5595-042-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Fábulas. 3. Fantasia. 4. Aventura e aventureiros - Literatura infantojuvenil. 5. Literatura infantojuvenil inglesa. 6. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

20-67598 CDD: 808.899282
CDU: 82-93(410.1)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

J.K. Rowling é mais conhecida como a autora da série de sete livros Harry Potter. As aventuras de Harry, Rony e Hermione na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts venderam mais de 500 milhões de cópias no mundo todo, foram traduzidas para mais de 80 idiomas e adaptadas para 8 sucessos de bilheteria no cinema.

Ao longo da série, J.K. Rowling também escreveu 3 pequenos volumes curtos complementares para fins beneficentes, incluindo *Animais fantásticos & onde habitam*, que, mais tarde, inspirou uma nova série de filmes, também escrita por ela. A autora deu sequência à história de Harry Potter, já adulto, em uma peça teatral, *Harry Potter e a criança amaldiçoada*, que escreveu com

o dramaturgo Jack Thorne e o diretor John Tiffany, exibida com estrondoso sucesso na Europa, EUA e Austrália.

J.K. Rowling recebeu muitos prêmios e homenagens por serviços prestados à literatura. Ela também apoia várias causas por meio de seu fundo filantrópico, Volant, e é fundadora da organização internacional Lumos, sem fins lucrativos, que trabalha pelo fim da institucionalização de crianças e reúne famílias.

Desde que se lembra, J.K. sempre quis ser escritora e fica mais feliz em uma sala, inventando coisas. Ela mora na Escócia, com a família.

O Ickabog é o seu primeiro livro para crianças desde a série Harry Potter. Foi primeiramente publicado on-line, para o entretenimento familiar durante o isolamento suscitado pela pandemia da Covid-19. Está ressurgindo agora lindamente ilustrado pelos jovens vencedores do concurso de ilustrações *O Ickabog*.

Eragon

Eldest

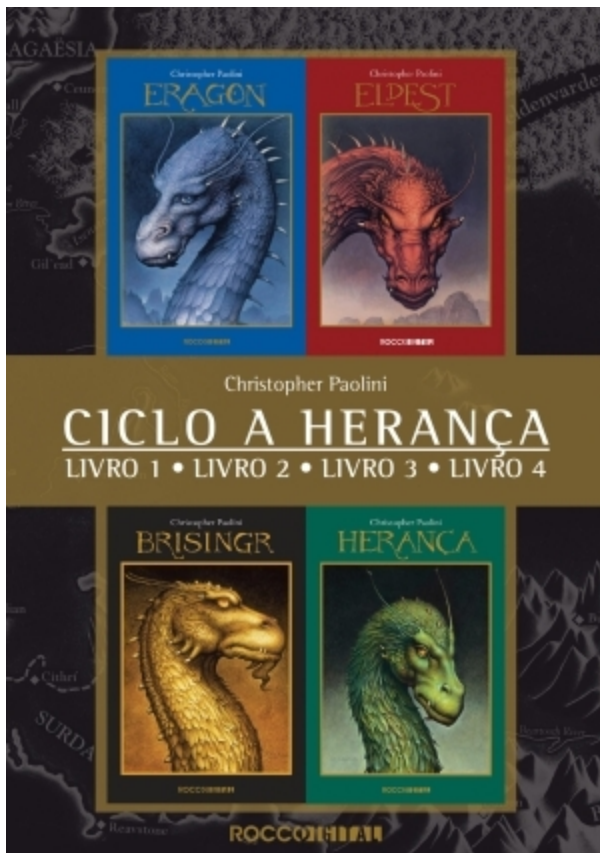
Christopher Paolini

CICLO A HERANÇA

LIVRO 1 • LIVRO 2 • LIVRO 3 • LIVRO 4

Brisingr

Herança

ROCCO DIGITAL

Ciclo A Herança

Paolini, Christopher
9788581227009
2612 [illegible]

Compre agora e leia

Coleção Aventuras Encantadas
Com mais de 25 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, traduzidos em mais de 50 idiomas, os quatro livros do **Ciclo A Herança** foram reunidos num ebook que reflete a grandiosidade da saga de fantasia assinada por Christopher Paolini.
Eragon é um jovem camponês que, ao encontrar na floresta uma pedra azul polida, se vê da noite para o dia no centro de uma antiga disputa de poder. A pedra azul é, na realidade, um ovo de dragão. Quando ele se rompe, nascendo Saphira, Eragon é forçado a se converter em herói para salvar o reino da Alagaësia.
Em quatro volumes de tirar o fôlego – *Eragon, Eldest, Brisingr* e *Herança* – Eragon conhece seres e lugares diferentes, faz amigos e inimigos, se apaixona, enfrenta desafios difíceis e trava perigosas batalhas. Ao lado de Saphira, seu dragão fêmea e companheira leal, Eragon soma muitas vitórias, mas também coleciona as dores de perdas muito difíceis. Sua jornada, que também é uma caminhada para a maturidade, alia ação, aventura e

fantasia à tradição dos melhores romances de formação. A Eragon foi dada a responsabilidade de alcançar a glória dos lendários heróis da Ordem dos Cavaleiros de Dragão. Será que conseguirá vencer os obstáculos que o destino lhe reservou? Agora as suas escolhas poderão salvar - ou destruir - o mundo em que vive.

As Valentinas

Trigo, Luiza
9788581223926
24 [illegible]

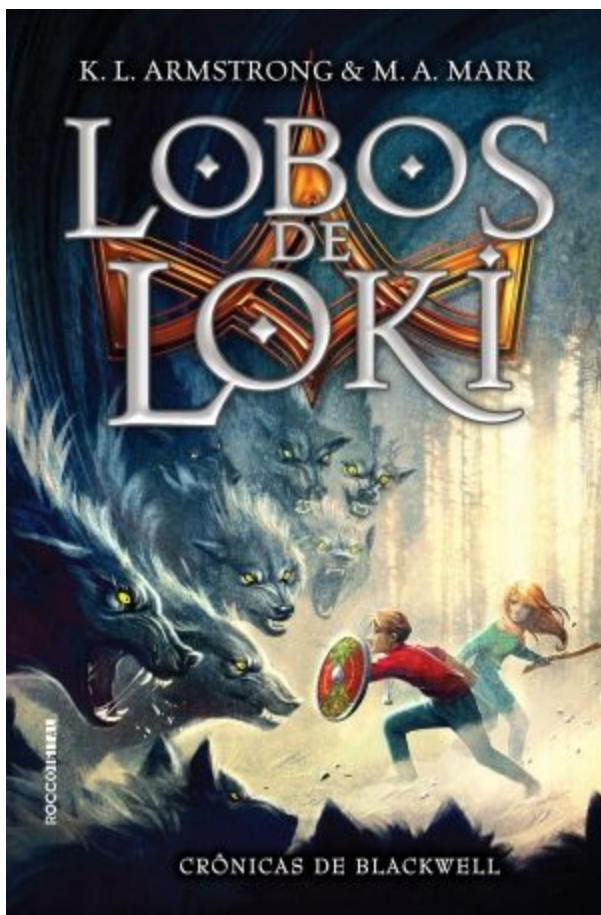
Compre agora e leia

Bia é uma menina de catorze anos que detesta o dia dos namorados. Ela implica com a data, diz que é apenas um dia comercial, sem nenhuma razão histórica para existir, uma desculpa para se comprar presentes. Porém, Bia, no fundo, não gosta desse dia apenas porque nunca teve um namorado para comemorar a data. Ela e suas amigas são as nerds da escola e acham que nunca irão namorar. No dia dos namorados ela acorda de mau humor e TPM, mas ainda assim decide fazer uma surpresa romântica para seus pais: preparar, com a ajuda da melhor amiga, uma jantar para os dois, com direito à decoração romântica.
Na ida para o colégio ela é surpreendida por seu melhor amigo, Bruno, que a entrega uma rosa de presente. Ela fica irritada com a provocação e eles discutem sobre a irritação dela. Bia explica por que gosta do Dia de São Valentim e conta a história do santo. Ela não vê sentido em comemorar o dia dos namorados, mas gosta do Dia de São Valentim.
Na escola, Bia e suas melhores amigas – Amanda, Priscila, Carol e Roberta – decidem afogar as mágoas do dia dos namorados fazendo uma "noite das solteiras". Ou seja, passar a noite juntas jogando jogos, comendo muitos doces e conversando.

As meninas se reúnem, se divertem, falam de garotos e acabam conversando sobre a festa de 15 anos de Bia, que será realizada dentro de um mês. Todas querem saber os detalhes da grande festa, mas Bia mantém segredo e vai dormir feliz e de bom humor por ter a amizade de suas "valentinas".

K. L. ARMSTRONG & M. A. MARR

LOBOS DE LOKI

CRÔNICAS DE BLACKWELL

Lobos de Loki

Marr, Melissa
9788581225692
320 [illegible]

Compre agora e leia

Coleção Aventuras Extraordinárias
Lobos de Loki é o primeiro volume da série **Crônicas de Blackwell,** assinada pela dupla K. L. Armstrong e M. A. Marr. Com carreiras consagradas na literatura fantástica – Armstrong é autora de *Darkest Powers* e Melissa Marr publicou, entre outras, a série Wicked Lovely – as duas juntam o que têm de melhor para criar uma obra impactante e frenética para o público juvenil, considerada "o Percy Jackson da mitologia nórdica".
Para Matt Thorsen, o fato de ser um dos descendentes de Thor, o deus do Trovão, não fazia muita diferença. Junto com vários outros descendentes de Thor ou seu meio-irmão, Loki, o garoto levava uma vida normal em Blackwell, pequena cidade em Dakota do Sul.
Matt conhece cada deus, história e detalhes dos mitos nórdicos. Mas conhecer cada lenda é um coisa, acreditar é outra completamente diferente. Quando as runas revelam que o Ragnarok, ou fim do mundo, está próximo, e que Matt deve lutar pelos deuses para evitar o fim do mundo, o garoto tem uma certa dificuldade em acreditar.

Afinal, entre todos os Thorsen, Matt é o mais novo e até hoje nunca demonstrou o mesmo potencial dos seus irmãos mais velhos.
Porém, seu avô parece acreditar que o garoto pode cumprir seu destino, e mais: depois da vitória, Matt deve ser sacrificado para o surgimento de uma nova era dominada pelos descendentes de Thor. Agora, Matt sabe que tem de encontrar os outros descendentes e se preparar para a batalha definitiva. Com a ajuda relutante dos primos Fen e Laurie, descendentes de Loki, o jovem parte em uma incrível aventura para salvar o mundo.
Seguindo a linha de Rick Riordan e seu *Percy Jackson,* K. L. Armstrong e M. A. Marr trazem as incríveis lendas nórdicas para nosso tempo em uma aventura fantástica cheia de surpresas e com personagens cativantes. Um início arrasador para uma saga única.

THALITA REBOUÇAS

Por que só as princesas se dão bem?

ilustrações
Fabiana Salomão

Por que só as princesas se dão bem?

Rebouças, Thalita
9788581223148
32 [illegible]

Compre agora e leia

Por que só as princesas se dão bem? é um conto de fada às avessas que vai conquistar as leitoras mirins. O livro traz o estilo bem-humorado da escritora que conquistou os adolescentes, agora contando a história de Bia, uma garota apaixonada por princesas... até se tornar uma!
A história começa com a mãe de Bia lendo um livro para ela antes de dormir. Depois do tradicional "..E a princesa se casou com o príncipe, e eles foram felizes para sempre", vem a primeira de muitas perguntas: "Mãe... Só as princesas são felizes para sempre?" Daí pra frente, é um tal de querer saber por que só as princesas se dão bem nas histórias, por que elas são as mais bonitas, por que só elas arrumam um príncipe no final, que a mãe desiste de responder a tantas dúvidas. E não adianta nada arriscar um "Mas você é a princesa da mamãe", afinal, princesas vivem em lindos castelos, e a Bia não é menina de se deixar enganar: "Não adianta nada ser a sua princesa. Nem castelo você tem."
O que Bia não esperava é que, antes de pegar no sono,

ela fosse levada para dentro do livro que estavam lendo. E de uma hora para outra, se tornasse uma princesa de verdade! Mas é justamente aí que a tão sonhada vida de princesa começa a se tornar um verdadeiro pesadelo. Regras, regras e mais regras. Do cabelo aos sapatos, Bia descobre que não pode escolher o que usar, comer ou fazer. Escola, amigos, brincadeiras? Nada disso, princesas estudam em casa e cumprem uma exaustiva agenda de eventos (chatos). E o pior de tudo: nada de perguntas. "Princesas não fazem mil perguntas. Princesas cumprem seu papel e olhe lá", diz Fedegunda, a assistente número 3 da princesa Bia.
Repleto de situações inusitadas, tiradas e diálogos engraçados, não é preciso dizer que o dia de princesa de Bia foi um completo desastre. Mas será que agora ela pode voltar a ser uma menina comum? Embarque nessa divertida viagem ao mundo das princesas na estreia de Thalita Rebouças na literatura infantil e descubra.

THALITA REBOUÇAS

FIQUEI COM UM FAMOSO

ROCCO